RODRIGO N. ALVAREZ

autor de *Jesus – O homem mais amado da História*

O PRIMEIRO IMORTAL

O que acontece com a alma quando o coração para de bater?

ARQUEIRO

O PRIMEIRO IMORTAL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

RODRIGO N. ALVAREZ

O PRIMEIRO IMORTAL



preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Hermínia Totti e Luis Américo Costa

pesquisa de apoio: Marcos di Genova

consultoria em temas alemães: Luciana Rangel

projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Raul Fernandes

foto do autor: Chris Costa

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A475p

Alvarez, Rodrigo N.
O primeiro imortal [recurso eletrônico]/ Rodrigo N. Alvarez. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-306-0054-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

19-59409 CDD: 869.3
CDU: 82-3(81)

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A Audrey, Rafo e Hector –
na imortalidade do meu amor

"De tanto ler e pouco dormir se lhe secou o cérebro de tal maneira que chegou a perder o juízo."

– Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*

Sumário

Nota do autor

O acadêmico americano Robert Ettinger publicou em 1962 o livro *A perspectiva da imortalidade* e passou a ser considerado o pai do movimento de hibernação criônica, a preservação de corpos em temperaturas muito abaixo de zero para reanimação futura. Ettinger morreu em julho de 2011, aos 92 anos, meses depois de receber este autor em sua casa, no estado americano do Michigan. Seu corpo está preservado num tanque de nitrogênio no Cryonics Institute.

O transumanismo é um movimento atual e tem cada vez mais adeptos. Um dos projetos mais ambiciosos nesse campo é o Iniciativa 2045: o grupo de cientistas liderado pelo bilionário russo Dmitry Itskov pretende atingir a imortalidade já em 2035, com a transferência da personalidade de um ser humano para um avatar com cérebro artificial.

O Museu do Homem fica diante da Torre Eiffel, em Paris, e abriga uma vasta coleção sobre a Pré-História. Entre as peças mais importantes do museu estão crânios de Cro-Magnon, pertencentes a alguns dos primeiros humanos modernos, nascidos mais de 20 mil anos atrás.

A história do mamute Yuri, contada nos primeiros capítulos do livro, é inspirada na descoberta do mamute-fêmea Lyuba, feita em 2007 por um criador e caçador de renas de origem Nenet chamado Yuri Khudi. Lyuba está hoje no Museu Shemanovsky, em Salekhard, na Sibéria, onde pode ser vista pelo público. É o fóssil de mamute mais bem preservado em todo o mundo.

A estatueta do Homem-Leão (Löwenmensch em alemão), de fato, é a mais antiga da história da humanidade. Foi esculpida no Paleolítico, aproximadamente 40 mil anos atrás. Está hoje no Museu de Ulm, na Alemanha, bem próximo à catedral de Ulm, a igreja mais alta do mundo. A cidade de Ulm fica às margens do rio Danúbio, a uma hora de viagem de carro para quem sai de Stuttgart.

A Caverna Stadel (Stadel-Höhle) fica na mesma região e faz parte de um grupo de seis cavernas onde foram feitos achados arqueológicos de valor

inestimável. Além do Homem-Leão, os cientistas alemães encontraram ali a Vênus de Hohle Fels – a imagem de uma mulher de seios fartos e vulva protuberante.



Para onde vai a alma quando o coração humano já não tem forças para bater?

Se a morte durar apenas alguns instantes... a alma voltará ou irá procurar outro corpo? E se o corpo ficar esperando por anos e anos antes de renascer... será possível que um outro espírito venha expulsar nosso espírito para ocupar nosso corpo?

Será razoável pensar que a alma humana jamais poderá se separar do corpo pelo simples motivo de que não há diferença entre o que é corpo e o que é alma?

Caro A., envio-lhe, finalmente, o manuscrito que prometi em nosso último encontro. Não foi fácil. Me acabei de chorar, pensei em desistir, gargalhei e sorri muitas vezes revivendo a história de Ignatius, que, em parte, como lhe falei, é também a história de papai.

Mesmo depois de tudo o que compreendi, ainda perco o sono quando penso no que pode acontecer quando minha alma se desconectar do meu corpo. Lembra quando viramos a noite conversando sobre isso?

E você, já entendeu o que vai acontecer se você precisar de um novo corpo? Acha que seu espírito vai se lembrar de tudo o que experimentou em sua primeira morada?

Foram essas inquietações, somadas ao desejo de entender como a nossa existência se tornou o que é agora, que levaram papai a investigar o assunto, mesmo sabendo que iria enfrentar forças contrárias, pois a humanidade, você

sabe, ainda não está pronta para conhecer a verdade por inteiro.

Na história que papai me contou (e que organizei neste manuscrito, tirando alguns detalhes que me pareceram muito íntimos), quase todos os protagonistas dariam a vida para encontrar respostas às questões mais profundas sobre o espírito e a consciência.

Bem, eles não dariam a vida, você sabe... isso é mera força de expressão.

Se pudessem escolher, se tivessem um destino parecido com o de papai (e alguns de fato tiveram), não importando qual fosse o tempo de espera por uma nova chance, eles viveriam para sempre, independentemente do corpo que lhes coubesse habitar.

Me perdoe, caro A., por tantas folhas de papel, mas a verdade é que estou eufórica com um implante em meu córtex (me deu habilidades incríveis, até de escrever à mão). Você não vai ter problemas para digitalizar tudo isso rapidamente, não é mesmo?

Acho importante que destaque aos nossos leitores que absolutamente TODOS os fatos aqui citados são verdadeiros e que os lugares mencionados, por sorte, não desapareceram com o avanço dos mares. É preciso que as pessoas saibam que o acontecido foi muito, muito tempo atrás; quando a existência humana ainda não tinha assumido as dimensões que conhecemos agora.

Foi só quando tudo isso já havia realmente se tornado um passado longínquo que papai resolveu me contar a história que ele conhece como ninguém, e que, conforme nossa conversa naquela noite incrível, sugiro que tenha como título "O Primeiro Imortal". O subtítulo poderia ser algo como "A incrível saga contada por Yuri Pudako Temzrisovich, transcrita e revisada por sua filha Yulia", mas isso eu deixo a seu critério.

Já estou ansiosa pelo primeiro volume!

Yulia

– Carta de Yulia Temzrisovich a seu editor,

encontrada junto do manuscrito do Primeiro Imortal

1

Península de Yamal, norte da Sibéria
Primavera de 1987

Mais uma vez, errei o tiro e a rena saiu correndo como se fosse apenas um pontinho castanho desaparecendo na imensidão da neve. Corri um pouco pela planície branca para ver se ainda podia alcançá-la. Não vi mais nada. Só neve e um pouco de lama onde o gelo começava a derreter. Fui ajeitar a bota, deixei a alça da espingarda escorregar do meu ombro, fui apanhá-la no chão e levei um susto.

Que diabo é isso?

Fiquei estático ao ver um pedaço de corpo cinzento saindo do gelo, parecendo uma rena abatida, abandonada por algum caçador.

Aproximei-me e pude ver melhor.

Um fóssil?

Se fosse mesmo um fóssil, não seria o primeiro a aparecer na minha frente. Em outras caçadas, eu já havia tropeçado em presas de mamute e até mesmo numa ossada de rinoceronte. Sabia que brotavam como se fossem fetos abortados pela camada permanente de gelo.

O permafrost tinha, em alguns trechos, centenas de metros de profundidade, e havia ficado ali, congelado, intacto, por muitos milênios. Naqueles últimos anos, no entanto, com primaveras menos frias e verões em que a temperatura passava dos 30 graus, o gelo tinha começado a derreter lentamente. E volta e meia a planície expelia um corpo.

Nos vilarejos da península siberiana de Yamal, já estávamos acostumados à ideia de que vivíamos sobre um cemitério de animais e humanos, que era também o paraíso dos cientistas.

O que eu sabia sobre esse assunto era o que havia aprendido nas diversas vezes em que fui contratado como guia, especialmente nos muitos dias em que

acompanhei a equipe da Academia de Ciências da União Soviética, quando mais de vinte paleontólogos de Leningrado foram até a península escavar um esqueleto humano. Ajudei-os a localizar a ossada, mas de uma coisa você pode ter certeza: eu não me atreveria a tocá-la! Da mesma forma, não toquei no corpo do animal congelado que apareceu diante de mim.

Depois de conviver com os cientistas durante as expedições, comecei a questionar a tradição dos nossos ancestrais. Lá em Yamal, sempre me ensinaram que animais saídos do gelo eram monstros que viviam em túneis debaixo da neve e morriam ao ver a luz do Sol ou da Lua. Mas para mim não era mais possível, racionalmente, acreditar naquelas coisas. Para os antigos, e também para algumas pessoas de nossa família e muitos dos nossos vizinhos, só isso poderia explicar o fato de que os gigantes do gelo jamais eram vistos com vida.

"São espíritos maus!", eu ouvia quando criança, e tinha pesadelos com aquilo. Pensava que a pessoa que tocasse num daqueles corpos seria amaldiçoada.

Mas que espírito coisa nenhuma!, foi o pensamento que me ocorreu, talvez pela primeira vez com tanta clareza, quando vi aquele corpo cinzento.

Os mitos tinham ficado para trás. E eu sabia que os tais monstros eram animais pré-históricos que o gelo engolira milhares de anos antes. Tinha certeza de que era apenas isso.

Enquanto observava o cadáver, pensava no que poderia fazer para tirá-lo dali. Sabia que, se fosse realmente um fóssil pré-histórico, teria um valor científico enorme. Ainda mais se chegasse inteiro a um museu.

– Vladimir! Vladimir! Vem aqui ver isso! – gritei para o primo.

Ele caçava um pouco afastado e veio correndo, afobado.

O primo Vladimir tinha o rosto escaveirado, um bigode amarelo, um cavanhaque ralo igualmente amarelo que descia pelo queixo pontudo, dentes escurecidos pelo cigarro e um jeito de falar arrastado.

– Tá me parecendo um mamute... um filhote – ele especulou, colocando a mão sobre o meu ombro, muito interessado no que via.

Largamos nossas mochilas e fomos escavar ao redor daquele animal. Passamos um bom tempo suando dentro das nossas roupas grossas até que conseguimos expor uma parte considerável do corpo, deixando à mostra as patas dianteiras e também uma tromba que não deixava dúvida de que se tratava de um mamute.

– Tão perfeito... parece que morreu há poucos dias – eu disse, fascinado com a descoberta.

– Vamos vender isso, Yurochka, vale uma fortuna! – sugeriu o primo

Vladimir, usando um de meus apelidos só para fazer-se mais próximo de mim.

É claro que ele já estava pensando em faturar alguma coisa. Queria negociar o mamute com contrabandistas de fósseis. Tinham lhe prometido um snowmobile se algum dia lhes entregasse um esqueleto completo.

Se conseguissem mandar o esqueleto para fora da União Soviética, os contrabandistas da cidade portuária de Novy Port o venderiam a algum milionário excêntrico, ou a um dos muitos atores de Hollywood que colecionavam fósseis nos salões de suas casas.

– Não vamos vender, não, Vladimir, vamos avisar os cientistas!

– Mas você não vai ganhar nada entregando esse negócio àqueles aproveitadores. Eles vêm aqui, usam a gente pra pegar no pesado e depois vão a Moscou receber promoções e recompensas. Vamos vender o bicho, Yurochka... com um snowmobile a gente não vai mais sofrer no lombo dos cavalos!

– Me ajuda, por favor, Vladimir! Vamos colocar alguma coisa em volta pra não perder ele de vista.

Vladimir ficou impaciente e bufou com as mãos na cintura. Era um gesto típico do primo, o sinal mais evidente de que estava irritado. E é verdade que ele estava cansado de andar a cavalo. Vivia reclamando da vida. "Uma vidinha de burro de carga com os olhos tapados", costumava dizer. O primo ficava ainda mais nervoso quando íamos caçar a pé, coisa de que eu gostava, pois sempre gostei de caminhar. Ele, no entanto, sentia-se humilhado e vivia dizendo que se tivesse uma motocicleta de neve sua vida ficaria muito melhor.

Percebi o momento exato em que o primo pensou em me enfrentar. Senti sua respiração na minha nuca quando me olhou pelas costas, aproximando-se, enfurecido. Senti claramente também que ele pensou melhor e se controlou.

Fingindo que não tinha notado nada, com pressa de sair dali, joguei algumas pedras grandes ao redor do mamute para ter certeza de que o encontraria quando voltasse e já fui logo me afastando.

– Vou ao vilarejo tentar contato com o museu, você vem comigo? – perguntei, pensando que talvez o primo preferisse ir jogar dardos em alguma taverna.

– Não vou não, Yurochka, tô cansado, você vai. Eu te espero aqui.

Num primeiro momento, tive medo de que o primo pudesse sumir com o mamute. Não esperava que ele fosse querer ficar justamente ali, sem fazer nada. Mas logo pensei melhor e concluí que sozinho, no lombo de um cavalo, ele não conseguiria levar o mamute a lugar nenhum.

Desde que estivera no Exército soviético, e principalmente depois dos anos

de convivência com trabalhadores ucranianos numa plataforma de exploração de gás, o primo Vladimir não era mais como os nativos lá de Yamal. Só pensava em dinheiro, bebia muito, irritava-se facilmente e vivia arrumando briga. Seu sonho era enriquecer e, como ele vivia dizendo, "aproveitar a vida numa cidade grande".

– Volto o mais rápido que puder – eu disse enquanto ajeitava minhas coisas no cavalo para ir embora.

Joguei a mochila nas costas, montei e saí em disparada pela neve.

Tive receio de olhar para trás. Cavalguei sozinho por mais de uma hora sem me virar uma única vez.

Chegando ao vilarejo, entrei no edifício da Administração Estatal e fui até a Sala de Comunicações procurar o Sacha, um vizinho com quem de vez em quando eu pescava. Pedi que ele usasse o rádio para entrar em contato com a Academia, em Leningrado. Um operador respondeu e, depois de convencê-lo a chamar o diretor, finalmente contei sobre a minha descoberta. Você precisava ter ouvido o grito de alegria que o diretor deu do outro lado do rádio!

Depois que nós acertamos as coisas, fui me sentar numa taverna para finalmente aquecer a barriga com uma sopa de repolho.

2

Quando o paleontólogo que comandava o museu soviético de Salekhard desceu do helicóptero acompanhado de outros cinco cientistas, eu já estava com a mochila nos ombros, preparado para guiá-los. O primo Vladimir saiu da tenda atordoado e mal nos enxergou. O sol esgarçava seus olhos e ele não entendia o que era aquele bando de gente à sua volta. Só quando me viu é que a cara de espanto se desfez e ele ficou com cara de ódio.

O tempo havia mudado naquela manhã.

Enfrentamos uma ventania que o primo Vladimir não vira chegar enquanto dormia na tenda.

Quando fui procurar o mamute, só o encontrei porque consegui enxergar as pontas de algumas pedras que tinham ficado para fora da neve. O bicho estava praticamente coberto outra vez. Se eu não estivesse ali, os cientistas dificilmente o encontrariam. Estou certo de que ninguém jamais veria aquele mamute de novo.

Quando começamos a nos movimentar com as pás, precisamos de muito esforço e equilíbrio para não sermos levados pelo vento. Mesmo naquelas condições, o primo exigiu que os cientistas lhe pagassem pela ajuda e conseguiu alguns rublos, que para a sorte dele não saíram voando.

Cavamos em silêncio, com muito cuidado para não danificar o fóssil. Depois de umas boas duas horas, a ventania parou e os cientistas enfim conseguiram admirá-lo: estava praticamente inteiro, mas a expressão era triste pois ele não tinha olhos. O corpo pareceu-me intacto, até que alguém da equipe percebeu que não estava.

– Tem uma parte cortada aqui – constatou o cientista que o examinava agachado.

– Ele estava inteiro! Eu tenho certeza! – exclamei com espanto, falando alto, indignado, virando-me na direção do primo com um olhar de reprovação.

– Eu não tinha opção, Yurochka – ele murmurou covardemente, sem levantar a cabeça.

Logo depois, olhando para o diretor, o primo voltou àquela postura desrespeitosa que sempre me incomodara.

– Ou eu comia alguma coisa ou vocês iam ter dois corpos pra carregar... O que é que vocês preferiam?

Passamos mais de seis horas escavando o gelo ao redor do mamute, irritados por descobrir que o primo havia metido a faca no fóssil. E tudo por preguiça de cavalgar até o vilarejo! Ele não viu o menor problema em comer aquela carne seca. E, quando eu falo seca, é seca mesmo. Nem sei como foi que ele conseguiu cortar um pedaço da barriga tão dura. Posso apostar que, enquanto comia a carne escura e fibrosa, o primo sentia uma dor na barriga. Mas não porque a carne estivesse estragada, não era isso, não, era o arrependimento que o corroía por dentro. Estava escrito na testa dele que ele se arrependia de não ter lutado comigo para vender o mamute.

Estávamos exaustos quando demos o trabalho por encerrado.

– Comprimento 2,07 metros, altura 98 centímetros – disse o cientista que fazia as medições.

– Não tem muitos pelos porque é bem novinho, mas... é um mamute lanoso – um outro cientista concluiu.

– Não teve mais do que um ano de vida... E pode ter passado mais de 30 mil anos no permafrost esperando por nós – o diretor do museu comemorou. – Olhem essa tromba!

Depois de passar algum tempo analisando um longo pedaço mumificado no meio das pernas do bicho, os cientistas concluíram o que eu já tinha percebido: era um macho.

– Vamos chamá-lo de Yuri, em homenagem ao homem honesto que o encontrou. – O diretor virou-se para mim. – Em homenagem a você, camarada! Podem se arrumar para a fotografia porque é o maior achado arqueológico do século na União Soviética!

Sem jeito nem paciência com a Polaroid dos pesquisadores, o primo Vladimir tirou uma fotografia que me pareceu completamente sem foco. Eles envolveram o corpo do mamute com cobertores e o colocaram numa rede para içá-lo com o helicóptero.

Você vai estranhar, eu sei, mas o primo e eu quisemos ficar. Mesmo irritados um com o outro, praticamente sem comunicação entre nós, decidimos que iríamos voltar à caçada que tínhamos interrompido no dia anterior. O dia ainda estaria claro até as onze da noite, e nosso objetivo era matar pelo menos uma rena para levar às nossas mulheres.

– Não posso acreditar que você comeu o mamute – eu reclamei, começando a caminhar, deixando-o para trás.

Avançando com seu cavalo para me alcançar, achando ridícula a minha irritação, o primo Vladimir continuava contrariado por não ter trocado o mamute por um snowmobile. Eu sentia nele um enorme despeito. Confesso que ali, sozinho com ele, temia seu gênio intempestivo e evitava entrar muito fundo naquela conversa.

Mais adiante, no entanto, ele voltou a me provocar.

– Não entendo por que você tá revoltadinho comigo. Fiquei te esperando quase um dia inteiro, e ainda comi aquela carne dura pra te ajudar.

Não respondi.

Avançamos mais um pouco.

E, como era esperado, o primo resmungou mais uma vez:

– Não sabia que você era tão mal-agradecido!

3

O gelo da Sibéria tinha recuado uns 20 centímetros naquela primavera. Em 1987, o assunto ainda não era uma preocupação mundial, mas nós, moradores de Yamal, já tínhamos percebido que as temperaturas estavam aumentando e que as coisas estavam mudando. O descongelamento, a cada ano maior, era o que fazia com que mamutes e outros fósseis continuassem aparecendo diante de nós.

Depois de algum tempo naquela situação desconfortável, com o primo folgado no cavalo e eu cansado de tanto andar, vimos um grupo de renas selvagens.

Senti um grande alívio pois daquela vez estávamos bem perto dos animais e eu teria facilidade para matar ao menos um deles.

Vladimir disparou três vezes seguidas e saiu galopando.

Eu mirei numa rena que fugia, dei só um tiro e vi direitinho quando ela tombou para o lado.

Finalmente!

Mas, antes que eu pudesse alcançar a rena, quando as coisas pareciam ter voltado ao normal, uma cratera abriu-se violentamente no solo abaixo de mim. Senti um vazio sob meus pés e fui batendo por muitos metros nas paredes do abismo. Quando cheguei ao fundo, a última coisa de que me lembro é minha cabeça batendo na neve, e um estalo agudo nos ouvidos que não durou mais que alguns instantes. E tudo ficou escuro e silencioso.

Não saberia dizer quanto tempo fiquei desacordado.

Quando recuperei a consciência, senti uma dor muito forte nas costas, e também abaixo do peito, nas costelas.

Achei que tivesse quebrado algum osso.

Limpei a neve do rosto.

A cabeça latejava, e ainda zunia.

Só depois de um tempo meus olhos conseguiram enfrentar o clarão. Alguns blocos pequenos continuavam caindo sobre minha cabeça. Apoiei-me na montanha de gelo e neve. Levantei-me com dificuldade e ainda com muita dor.

Foi quando finalmente percebi que uma caverna havia se aberto diante de mim.

Não vi alternativa.

Gritei o nome do primo, pois só ele poderia me ajudar. Esperei mais um pouco ali na clareira, ele não respondeu e eu pensei que, se não podia escapar por cima, pois não tinha forças para a escalada, era melhor entrar na caverna e procurar uma outra saída. Não ia ficar esperando mais um desabamento na minha cabeça.

As paredes da caverna eram brancas e cobertas de cristais de gelo. Era como num sonho, tudo muito, muito brilhante. Cheguei a pensar que tivesse morrido e que aquilo fosse a visão do paraíso, mas era só confusão. Logo comecei a imaginar que aquelas estalactites eram espadas e que ameaçavam me matar. A cabeça não estava lá muito boa, e em tudo eu via a morte.

O abismo que se abrira de repente havia me colocado no interior do permafrost. E aquele frio me fazia lembrar os piores dias do pior inverno. Entrei pela caverna com dificuldade, pois tudo doía. Tive a impressão de que havia animais à minha volta, mas outra vez era minha cabeça que me traía.

Devia ter muito tempo que aquela caverna subterrânea estava fechada. Não era possível que algum animal vivesse ali dentro. Sabendo o que sei agora, penso que o abismo só se abriu debaixo de mim porque a temperatura do planeta estava aumentando. O aquecimento libera gases e o acúmulo de gases provoca explosões. Mas, naquele dia, essas explicações científicas jamais me passariam pela cabeça. O que eu sentia era um frio atordoante e um ar pesado que parecia travar em meu peito. Eram as costelas espremendo-me os pulmões.

Afastando-me ainda mais do vão onde eu havia caído, tive que acender a lanterna para enxergar. E o que vi foram compartimentos ainda mais bonitos no interior do permafrost. Meu pensamento se alternava agora entre o sonho e a morte.

Mais uma vez senti uma presença estranha.

Não, não tem animal nenhum aqui dentro!

Vi no chão algo que me pareceu uma machadinha de madeira com uma ponta de pedra. Tive de novo a sensação de que estava correndo perigo. Logo à frente, vi uma passagem estreita, um pequeno túnel com cristais de gelo nas paredes. Pensei ter visto uma luz lá no fundo. Delírio? Imaginei que tivesse encontrado uma saída, ou pelo menos um caminho que pudesse me levar até a saída.

Deitei-me e entrei um pouco no túnel para enxergar do outro lado. Não vi nada, nem a luz, pois ela só existia em minha cabeça. Até hoje não sei direito por

que resolvi entrar. Acho que meu instinto me dizia que minha salvação estava ali dentro, e o instinto da gente não costuma errar.

O buraco era apertado e os cristais se prendiam no meu casaco, faziam pressão no meu corpo e apertavam minhas costelas doídas. Com muito esforço, cravando as unhas nas entranhas do gelo, arrastei-me e consegui passar.

Cheguei a um compartimento que era como um universo dentro do universo da caverna. Com a lanterna pude ver que havia alguma coisa no fundo, um volume grande. Pareceu-me um amontoado de pele animal, ou coisa do tipo. Talvez fosse outro filhote de mamute.

Esses monstros estão me perseguindo?

Chegando mais perto, percebi que aquela coisa não tinha tromba nem presas e, apesar da cobertura de lã típica dos animais da era glacial, a forma que eu estava vendo não tinha nada a ver com a de um mamute.

Que diabo é isso?

Atordoado, batendo os dentes, temeroso por causa de toda a crendice que inconscientemente voltava a me atormentar, fui me aproximando devagar e percebi que não havia apenas um, mas diversos corpos amontoados.

Criaturas tão pequenas? E peludas?

Quando me agachei diante do primeiro corpo, percebi que o que estava vendo eram roupas de pele sobre corpos de humanos. Não eram roupas muito diferentes das que a nossa gente nativa usava em Yamal. Não eram pesadas, mas eu estava muito debilitado e tive dificuldade para desgrudá-las e ver o que havia embaixo. Meu corpo doía muito e meus ossos pareciam congelar.

Fiquei algum tempo agachado sobre os calcanhares e senti o ar ainda mais áspero cortando meu peito. Quando recuperei o fôlego, livrando-me daquela sensação de asfixia, levantei-me e consegui finalmente mover aquelas peles enrijecidas pelo frio. Pedaços de gelo e de pele caíram no chão da caverna.

Fiquei assustado, pensando que, sem dúvida, era gente o que havia ali dentro.

É gente... mas não é daqui.

Pelo que eu podia ver, aquelas pessoas não tinham semelhança alguma com os povos da Sibéria. O primeiro corpo que eu parei para examinar era de um menino. Tinha o olhar estático... Era uma coisa estranha o jeito como ele me olhava. Parecia amedrontado. Parado no tempo.

Não tem cara de morto... mas vivo é que não está.

Além das roupas de couro com muitos pelos, usava um bracelete de osso e um colar com um dente que parecia arrancado de um cachorro.

Retirei as peles de cima de outro corpo e vi uma menina de cabelos

emaranhados. Fiquei impressionado com o rosto assustado, que parecia vivo, me olhando fundo no olho. Calculei que ela tivesse uns 10 anos no dia em que morreu e ficou congelada.

– Tão frágil! – sussurrei para mim mesmo, sentindo um medo terrível de jamais voltar a me encontrar com você.

Yulia...

Eu só pensava em você.

Vocês duas deviam ter a mesma idade.

Percebi que a menina tinha ornamentos delicados nos braços.

Depois, descobri o corpo de uma mulher e, logo ao lado dela, o de um homem. Os dois também tinham olhos grandes e expressivos que, à luz da lanterna, brilhavam muito, parecendo azuis.

Calculei que tivessem morrido com uns 20 anos, mas acho que era um pouco menos.

Percebi que as peles que envolviam a mulher estavam rasgadas, ou quebradas, e cheias de gelo. Empurrei alguns pedaços para ver melhor o corpo dela. O ventre pareceu-me inchado. Havia sangue congelado embaixo da perna esquerda.

O homem estava em condições aparentemente perfeitas. Não vi nele nenhum ferimento. A barba era curta e rala como a de um jovem pastor. Os cabelos, na altura dos ombros, misturavam-se ao gelo. A testa e as bochechas estavam franzidas, e os dentes, à mostra, como se ele tivesse tentado lutar contra a morte.

A morte... um dia ela chega pra todo mundo. Mas essas pessoas nem puderam negociar com ela.

E eu sentia mesmo a presença da morte. Estava tão fraco que não acharia nada estranho se ela aparecesse vivinha diante de mim no fundo da caverna: um bando de ossos dentro de um agasalho de neve, rifle na mão, dizendo que estava ali para me buscar.

Será que a morte é mesmo uma coisa viva que escolhe a hora da gente?

Espantei logo esse pensamento para não enlouquecer ali dentro e voltei a me ocupar dos corpos. Pensei que fossem uns viajantes estranhos, gente de algum lugar distante que havia morrido de frio numa nevasca.

Mas quanto tempo faz que estão aqui?

Talvez fossem corpos antigos, como o do mamute. Era possível que camadas e camadas de gelo tivessem coberto aquela caverna ao longo de muitos anos.

Era estranho, no entanto, pensar que humanos antigos pudessem ser parecidos conosco, ainda que qualquer cientista soubesse que em mais de 200 mil anos a aparência do *Homo sapiens* havia mudado pouca coisa. Mas eu não

era cientista e não sabia de nada disso naquele dia.

Aquelas pessoas eram muito pequenas. E, voltando a olhar para o rosto delas, calculei que não poderiam ter vivido na mesma época do pequeno mamute.

Se fossem tão antigos teriam cara de macaco.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som de alguma coisa batendo no interior da caverna.

Quem mandou mexer com os espíritos!

Encolhi-me.

Mas logo pensei que poderia ser também o som de passos.

Eu já não era capaz de controlar meus pensamentos. Mais uma vez, eles voltavam às crenças ancestrais do nosso povo de Yamal, e aquilo me confundia e assustava.

Até que vi uma luz de lanterna entrando pela passagem estreita. Entendi o que era. E logo em seguida ouvi a voz arrastada do Vladimir.

– Yurochka, você tá aí dentro?

A voz do primo reverberou no vazio e me arrepiou a espinha. Ele chamava meu nome sem parar.

– Yuuuriiiiii... Yuri!!!

Minhas costelas latejavam.

E eu precisei fazer mais esforço para respirar.

– Yurochka...

A fala arrastada do primo me incomodava muito mais do que antes. Fiquei completamente atormentado e comecei a tremer, sentindo que, se precisasse enfrentá-lo, não teria força. Foi quando deixei a lanterna cair que ele teve certeza de que eu estava lá.

– Yurochka, eu tô te ouvindo... Você passou por esse túnel apertado?

Demorei a responder.

– Estou aqui dentro – finalmente falei.

– Tá magrinho, hein!

Se nós já tínhamos nos desentendido por causa do mamute, como seria agora com corpos humanos? E como, machucado e exaurido, eu teria alguma força para argumentar com ele?

Vi o primo se espremer pela passagem que levava à galeria onde eu estava. Ao ficar de pé outra vez, enquanto limpava o gelo grudado em sua roupa, me viu ali, imóvel. Eu o encarava, querendo me defender com o olhar.

Ele se aproximou de mim.

E não acreditou quando viu o que eu tinha encontrado.

– Corpos humanos, Yurochka? E ainda por cima inteiros! São horríveis, mas isso vale uma fortuna em Novy Port!

Desviei o olhar para os corpos e nesse momento de distração o primo se aproximou de mim. Colocou o braço sobre meu ombro, como se quisesse olhar os corpos junto comigo. Ele costumava fazer isso, era seu jeito pegajoso de se relacionar com as pessoas. Mas dessa vez o primo respirou fundo, olhou-me nos olhos muito de perto e, sem que eu tivesse tempo de pensar, enterrou uma faca na minha barriga.

Um americano que viera numa excursão com cientistas estrangeiros havia ficado amigo do primo Vladimir e, depois de ouvir histórias sobre fósseis intactos, prometera pagar-lhe dois snowmobiles se ele algum dia lhe entregasse um corpo humano inteiro, preservado no gelo "exatamente na hora da morte". O primo tinha me falado muitas vezes sobre isso. E foi pensando na recompensa que ele me atacou. Poderia vender quatro corpos.

Posso imaginá-lo contando nos dedos quanto iria ganhar se vendesse os quatro corpos e não apenas um. Sua matemática era sempre nos dedos. Mas ele estava com as mãos ocupadas, ainda segurando-me em seus braços. Deixou-me cair no chão, tirou a faca da minha barriga e começou a me sufocar. Acho que o primo queria que eu parasse de sofrer.

– Eu te dei uma chance, Yurochka, mas você é muito cabeça-dura – eu ainda o ouvi dizer enquanto me arrastava para longe dos outros corpos, na certa temendo que o sangue que escorria de mim pudesse estragá-los.

De repente, senti minha alma sair de mim.

O primo ficou um instante em silêncio e encomendou meu espírito ao deus do nosso povo de Yamal. Ou foi ao diabo que habitava sua alma? Por mais que eu tenha tentado, nunca consegui descobrir.

Ele voltou aos corpos congelados e começou a analisá-los como quem avalia pela primeira vez as joias de um tesouro roubado. Passou os dedos pelo rosto da mulher jovem e depois por seus cabelos desgrenhados. Inebriou-se com os olhos, que, mesmo congelados, eram encantadores. Tocou tudo com as mãos: o colar, os braceletes, o corpo. Foi quando raspou um pouco de gelo do ventre e reparou que ela estava nua. O que posso lhe dizer é que o primo Vladimir nunca teve escrúpulos.

Quando finalmente se deteve no corpo do rapaz, muito menos interessado nos pormenores, notou que ele trazia um colar no pescoço. Agachou-se para vê-lo de perto e encontrou algo que eu não tinha visto. O rapaz tinha queimaduras no ombro. Mas não eram queimaduras de fogo. Não eram aleatórias. Eram

linhas paralelas, nove linhas, que pareciam uma tatuagem.

– Será que esse camarada lutou antes de cair duro? – o primo perguntou a si mesmo.

Deixou os corpos do jeito que estavam para ter certeza de que continuariam inteiros e congelados. Fez um esforço enorme para escalar as paredes de gelo. Chegou à superfície e atirou-se no chão de barriga para cima, respirando um ar menos cortante e sentindo o sol no rosto. Recuperou-se, montou no cavalo e foi embora apressado para falar com o americano.

4

Depois de me matar, o primo Vladimir não foi para casa. Morria de medo de aparecer no vilarejo sem mim e ser descoberto. Cavalgou alguns quilômetros mais até chegar a uma pequena cidade na beira do mar. Foi a uma pensão onde costumávamos ficar quando guiávamos algum cientista. Lá havia também uma taverna e um telefone que podíamos pagar para usar.

O primo telefonou à mulher e disse que havíamos nos perdido enquanto caçávamos, que passaríamos mais uma noite fora de casa pois não tínhamos conseguido matar sequer uma rena. Pediu que ela avisasse sua mãe que nós iríamos continuar caçando no dia seguinte. Yulia, minha filha... eu posso imaginar o desespero de sua mãe! Eu nunca deixaria de telefonar se não fosse voltar para casa. Ela deve ter logo percebido que alguma coisa não estava bem, porque também não confiava nele.

Depois, o primo tirou da mochila uns pedaços de papel amassados e encontrou o que procurava. Não preciso nem dizer que o telefonema seguinte foi para o tal americano, Danny Pearce, e que ele logo o convenceu a viajar para a Sibéria.

– Podemos conseguir um avião e uma equipe de resgate com a ajuda de associados que temos aí na União Soviética, mas não a essa hora da noite. – Danny Pearce estava eufórico e cauteloso ao mesmo tempo. – Mas você tem certeza de que os corpos estão inteiros, não é?

– Alguma vez menti, camarada? Tão mais inteiros que peito de moça... como você queria.

O primo falava um inglês capenga, mas conseguia que Danny Pearce o entendesse.

– Não têm marcas de luta, absolutamente nada, tem certeza? Essa operação vai nos custar uma fortuna!

– Eles tão perfeitos, já falei. Tão no gelo, dentro do permafrost. Do jeito que você queria. Não têm cara de macaco, não... Têm olhos azuis, camarada!

Pela descrição – humanos de olhos azuis que não pareciam macacos,

enterrados no permafrost –, o americano imaginou que fossem nômades, como os que ele havia conhecido na expedição que fizera à Sibéria. Mas... e se Vladimir tivesse razão e fosse mesmo uma gente antiga? Seria possível devolver a alma a um corpo depois de muitos milhares de anos?

Qualquer coisa que Danny Pearce pensasse naquele momento era só especulação. O que interessava era que eles pareciam vivos, pois aquilo que o primo dizia trazia à mente do americano uma das ideias principais do manual de imortalidade do famoso professor Robert Ettinger: VIDA SUSPENSA.

– Fique nessa mesma pensão até amanhã de tarde, ou talvez mais uns dias. Não sei exatamente quando, mas vou fazer o resgate. Estou lhe garantindo isso!

– Vem logo, camarada! Ou alguém vai encontrar esses corpos antes de você.

Vladimir sabia como era longa a viagem entre os Estados Unidos e a Sibéria, e queria ter certeza de que o americano não iria desistir nem demorar demais.

– A caverna pode fechar, e aí, adeus! E não esquece: dois snowmobiles pra cada defunto. Em dinheiro.

O primo encheu a cabeça de vodca e não dormiu direito. Revirava-se na cama sabendo que, se fosse descoberto, seria acusado de traição à União Soviética por entregar os corpos a um americano. Mas já estava planejando uma forma de contrabandeá-los. E, quando pensava no pagamento, esquecia-se do resto.

Na manhã seguinte, enquanto lavava os olhos no banheiro coletivo da pensão, o primo riu sozinho diante do espelho imaginando a vida boa que levaria se ganhasse todo aquele dinheiro. Voltou à taverna e, logo cedo, começou a jogar dardos. Comeu um prato enorme de gulache, ganhou carinhos de uma atendente gordinha que eu sempre soube que era apaixonada por ele e ficou enchendo a cara a tarde inteira, conversando com um outro bêbado.

5

Depois de três dias e três noites de espera, às onze da manhã um avião aproximou-se do vilarejo onde o primo Vladimir ficara por todo aquele tempo. O Antonov era um orgulho soviético fabricado nos anos 1950. Chegou feito um mosquito zunindo desorientado sobre as casas.

Assim que ouviu o barulho, o primo deixou a bebida e os dardos na mesa, jogou a mochila nas costas, largou algumas notas amassadas em cima do balcão e, sem sequer se lembrar do cavalo que deixara amarrado a uma árvore, saiu correndo da taverna. Muita gente do vilarejo foi até a rua e teve gente também esticando o pescoço pela janela para ver aquele monomotor com suas asas de dois andares, vermelho como os comunistas gostavam.

O primo subiu apressado no avião, exigiu um adiantamento em dinheiro e foi explicando o caminho ao piloto. Se o que ele dizia fosse mesmo verdade, Danny Pearce estaria perto de realizar um sonho de mais de duas décadas, uma ideia que parecia insensata, mas que tinha adeptos no mundo inteiro.

Desde o começo dos anos 1960, quando Robert Ettinger publicou seu livro profético nos Estados Unidos, havia pessoas como Danny, obcecadas pela imortalidade.

Em Holbrook, no estado americano do Arizona, uma das maiores diversões das senhorinhas da vizinhança era fofocar sobre Danny Pearce.

“Você viu a cara de zumbi que ele tem?”

“Sim, desde que começou a mexer com corpos ele ficou esquisitão.”

“Pois é... só pensa em cadáver!”

Danny Pearce queria cadáveres, sem dúvida, mas só aqueles que tivessem sido congelados exatamente na hora da morte. Depois de assistir a muitas entrevistas de Robert Ettinger pela televisão, depois de ler e reler o manual de imortalidade do professor, ele passou a se dedicar ao projeto secreto de ressuscitação de corpos.

Desde que se juntara à Sociedade, frequentando reuniões em que uns integrantes ensinavam aos outros suas técnicas, Danny Pearce aprendera muito

sobre congelamento de corpos e reanimação, fizera testes razoavelmente bem-sucedidos em animais e começara a receber financiamento para os seus projetos. Estava tão envolvido com tudo aquilo que não se relacionava mais com ninguém que não fosse, como eles diziam na época, "imortalista".

Numa hierarquia organizacional complexa que envolvia milionários e poderosos, Danny Pearce não passava de um operário. Mas sua dedicação era incomum: ia a todos os encontros, organizava convenções secretas e sempre ajudava nos experimentos dos outros integrantes. Por isso, passara a ser um dos queridinhos da Sociedade e alguns imortalistas endinheirados apostariam de olhos fechados em qualquer projeto que aquele eletricista trouxesse.

Amber Jones, a namorada dele, tinha caído naquela história meio de paraquedas. Desde que fora apresentada a Danny num jogo de boliche, interessou-se por seu jeito de nerd aventureiro e ficou fascinada com a ideia de ver um morto renascer. Com seus cabelos pretos escorridos e as sardas no rosto, ela se tornou uma presença marcante na vida do imortalista. E, desde que começaram os experimentos mais ousados com cadáveres, os dois não se desgrudavam.

Costumavam passar madrugadas em claro, frequentemente com alguns poucos amigos imortalistas, discutindo novas possibilidades de ressuscitação ou métodos alternativos de preservação de corpos. Imaginavam como seria o dia em que trouxessem o primeiro morto de volta à vida.

Fosse na cama ou no porão, Amber só queria adrenalina.

Você entende o que eu quero dizer... A moça ou estava mexendo com corpos ou estava... transando com Danny. E ele também. Mesmo quando fazia o possível para satisfazer a namorada, ele logo voltava a pensar em corpos, acendendo um cigarro na cama, sonhando com a possibilidade de ser o primeiro imortalista a ressuscitar um ser humano.

Mas até ali, apesar de terem conseguido ressuscitar um rato por dezessete segundos e um pequeno macaco por mais de um minuto, o sonho ainda lhes parecia extremamente distante. Danny pensava que seria preciso congelar uma pessoa em condições ideais e esperar pelos avanços da ciência para que pudesse tornar-se o verdadeiro pai da imortalidade.

– Agora, sim, estamos a um passo da eternidade! – Danny Pearce disse à namorada quando eles chegaram a um pequeno aeroporto particular da Finlândia, na terceira escala daquela viagem que começara no Arizona.

No saguão vazio, os dois encontraram-se com um soviético que tinha os cabelos ruivos e uns fiozinhos de barba que só lhe cresciam no queixo. Era um

adolescente alto e muito rico que um diretor da Sociedade Secreta Imortalista apresentara a Danny como “um menino genial para a missão gloriosa que o destino lhe concedeu”.

– Muito prazer, Demetrius. Sou Danny Pearce e essa é Amber Jones.

– O prazer é meu – o jovenzinho respondeu com certa frieza.

– Você trouxe o refrigerador? E o telefone móvel?

Danny Pearce estava ansioso para usar o aparelho que havia sido lançado naquele ano por uma empresa finlandesa e que, em seus planos, seria fundamental para manter o contato com a Sociedade durante a operação.

– O refrigerador Dewar está no avião que papai nos conseguiu emprestado. E o telefone está comigo, mas por enquanto vamos deixá-lo aqui na minha bolsa. Aliás, meu nome é *Dimitri*.

Seu nome completo era Dimitri Sergeievich Fedorov. Sim, o grande Dimitri... Mas, naquela época, ele ainda era um jovem de peito magro e quase sem musculatura. Estudava Economia na universidade estatal de Leningrado e era conhecido por ser o filho de um famoso enxadrista, orgulho da União Soviética, o velho Sergei Fedorov, que, apesar de secretamente ansiar pelo fim do comunismo, era muito bajulado, amado pelo Politburo. O velho Fedorov costumava disputar partidas no exterior, verdadeiros duelos de cérebros em que os comunistas desejavam, como diziam, “provar a superioridade da inteligência soviética”.

Pai e filho eram obcecados pela ideia de imortalizar seres humanos. E o velho Fedorov usava parte do dinheiro que ganhava com o xadrez para financiar o projeto.

Dimitri era responsável pelo funcionamento dos tanques no laboratório que os dois haviam construído num anexo da casa em que moravam, nos arredores de Leningrado. Mas tudo o que havia nos tanques eram alguns gatos de rua que ele tinha congelado enquanto ainda estavam vivos.

Os Fedorov eram membros anônimos da Sociedade Secreta Imortalista. Só revelavam a verdadeira identidade aos líderes da Sociedade. Faziam tudo às escondidas para que os comunistas jamais descobrissem as atividades ilegais de seu estimado enxadrista. Muito menos que Dimitri andava trocando informações cifradas com os integrantes de uma entidade clandestina nascida no capitalismo – ainda que o velho Fedorov já tivesse feito uma matriz matemática prevendo que a queda do regime soviético aconteceria no Natal de 1991.

O piloto pousou numa planície nevada, o mais perto que conseguiu do ponto para onde Vladimir apontava pelo vidro do avião.

Danny Pearce pediu que os três o ajudassem a retirar a bagagem guardada no compartimento de carga. Um peso enorme. A máquina que Dimitri construíra com o pai era o que se conhecia naquela época como refrigerador Dewar, também chamado de cápsula criônica. Parecia um caixão de aço inoxidável, só um pouco mais largo que os caixões para enterrar os mortos, ainda comuns naquela época.

– Essa máquina tem que funcionar até que a gente chegue com os corpos à Romênia – disse Danny, preocupado. – Você pode garantir isso, Dimitri?

– O refrigerador tem a marca Fedorov, não se preocupe!

Danny, Amber e Dimitri caminharam pelo gelo e, seguindo as instruções do primo Vladimir, usaram cordas para fazer uma espécie de rapel naquele mesmo abismo em que eu tinha caído. Um por um, e com bastante dificuldade por causa do frio, eles desceram algumas dezenas de metros até o interior do permafrost. Quando enfim se espremeram pela passagem de cristais de gelo, os imortalistas ficaram admirados com o estado de conservação do primeiro corpo que viram.

Era o meu corpo, você acredita?

Eu estava de bruços e eles logo viram que debaixo de mim havia uma pequena mancha de sangue.

– Não foi isso que você me prometeu! – exclamou Danny, muito nervoso.

– *Ni za chto*... realmente não, camarada! Esse é o corpo de um outro sujeito.

O primo Vladimir passou a falar em russo, desleixado como sempre foi. Ao mesmo tempo, sem que ninguém visse, colocou o dedo no gatilho da espingarda.

– Meu primo... o Yuri... ele não me deixaria entregar nem um osso a vocês.

Se eu não estivesse imóvel naquele chão frio, teria dado um jeito de levar aqueles quatro corpos valiosíssimos a um museu. Mas, obviamente, eu não estava em condições.

Dimitri traduziu as palavras do primo Vladimir para o inglês, para que Danny Pearce e Amber Jones pudessem entender o que tinha acontecido.

Os dois não perguntaram mais nada e, finalmente, no fundo da caverna, viram os quatro corpos prometidos. Eles ficaram impressionados, da mesma forma que eu fiquei quando vi a cena pela primeira vez.

– Como é que podem gostar tanto de cadáver? – o primo Vladimir murmurou enquanto se sentava sobre um bloco de gelo, dando tempo para que os imortalistas terminassem de se admirar com algo que para ele não valia nada, a não ser, certamente, os rublos que iriam lhe render.

– Vamos começar logo! – Danny Pearce seguia preocupado. – Vamos levar dois...

– Impossível – Dimitri disse.

– Acho que podemos encaixar o rapaz, que está perfeito, e mais um outro corpo menor – Danny ainda insistiu. – Podemos levar o menino, que é menorzinho.

– Impossível! Nosso refrigerador foi projetado para um corpo. Se levarmos dois, vamos acabar sem nenhum.

– Mas e se a gente apertar?

– A máquina não aguenta. Eles vão descongelar.

– Me ajude a levar esse aqui então!

Danny Pearce escolheu o corpo do rapaz porque lhe pareceu o mais forte, e, de fato, era o que tinha mais chance de aguentar o processo de ressuscitação. Eles calcularam que media pouco mais do que sete palmos, perto de 1,60 metro, mas nem precisavam se preocupar, pois o refrigerador dos Fedorov podia acomodar até um gigante como Dimitri. Mediram também a temperatura na caverna, e Danny Pearce ficou impressionado.

– Inacreditável! Sempre nos disseram que a temperatura do permafrost jamais se compararia à do gelo seco, mas estamos quase lá... 68 graus negativos!

Os imortalistas envolveram o corpo num lençol. Precisaram escavar para aumentar a largura daquele túnel apertado, pois sem isso o corpo, duro daquele jeito, jamais passaria por ali. Amarraram as pontas do lençol para carregá-lo sobre os ombros pelas galerias da caverna e, depois de muita dificuldade, usando cordas, conseguiram erguê-lo à superfície.

Transferiram o corpo para o refrigerador e Danny Pearce ajustou o termostato para a mesma temperatura do permafrost. Não podia haver nenhuma mudança de temperatura durante a viagem.

– Temperatura a 68 graus negativos! – gritou.

– Não, não... esse botão nunca funcionou – Dimitri avisou, um pouco envergonhado. – A gente não teve tempo de consertar isso... A temperatura vai subir minimamente durante a viagem, mas não se preocupe, não vai ser nada importante.

Lacraram o refrigerador e o colocaram no compartimento de carga do Antonov.

– Sabia que o nosso Dewar teria seu dia de glória. Papai é um gênio! – Dimitri falava sozinho, e só se referia ao pai daquele jeito, como se fosse um deus. Mas até isso... bem, quase tudo nele mudaria mais tarde.

O primo Vladimir finalmente saiu da caverna. Como ele era ardiloso! Tinha comprado uma granada no vilarejo durante os dias em que ficou esperando pelos

imortalistas e a atirou para dentro do gelo. A explosão provocou um novo desabamento na entrada. Ficou tudo lá dentro: a mulher, as duas crianças e, bem... o meu corpo também.

– Preciso receber o resto do dinheiro agora. Não vou voltar com vocês – o primo anunciou. – Têm que me pagar por quatro corpos!

– Mas só estamos levando um – Amber Jones finalmente disse alguma coisa.

– O problema é de vocês... Eu entreguei quatro.

– Não vamos discutir, Amber! – Danny Pearce falava ao mesmo tempo que contava o dinheiro. – Seis, sete mil... oito mil e oitocentos rublos. Dá pra você comprar oito snowmobiles, se quiser. Você vai até esquecer que matou seu primo! E vamos todos ficar de bico calado, certo? Lembre-se: nós nunca estivemos aqui, você nunca ouviu falar nos imortalistas, nunca viu aqueles corpos... e nós não vimos a prova do assassinato.

O primo tinha tantos motivos para ficar em silêncio que nem deu atenção aos pedidos de Danny Pearce. Naquele momento a coisa mais importante era garantir que meu corpo jamais fosse encontrado pela polícia. Ele era tão oportunista que conseguiu que Danny lhe deixasse um pequeno trenó que trouxera no Antonov.

– *Prochai*, camaradas... tchau pra vocês! – Vladimir saiu acenando, andando de costas como um dançarino que encerra o show e girando nos calcanhares sobre o gelo.

Já distante, ele ouviu o barulho de patas no gelo, disparou e acertou uma rena em cheio. Precisava voltar ao vilarejo com alguma coisa nas mãos para que sua mentira fizesse sentido.

Quando éramos moços, Vladimir não era bom atirador, mas preciso admitir que ele estava muito melhor depois do exército. Correu até a rena e passou a faca na barriga do animal. Era o que fazíamos durante as caçadas para matar a fome e deixar a carga mais leve. Retirou as vísceras com uma habilidade rara. Nisso ele sempre foi muito bom!

O primo Vladimir comeu o coração e os rins da rena assados numa fogueira. Era muito gostoso, especialmente quando a gente não tinha pressa e podia deixar o coração defumando por algumas horas. Depois amarrou a carcaça do animal no trenó e começou a arrastá-lo na direção de casa. Precisava pensar bem na história que contaria no vilarejo para explicar o meu desaparecimento.

6

Quando o avião pousou em Voronej, ao sul de Moscou, um homem esperava pelos imortalistas para entregar-lhes um furgão. O velho Fedorov estava o tempo todo trabalhando nos bastidores para garantir o sucesso da expedição e Dimitri sabia muito bem disso, e se orgulhava. Mas quem tagarelava eram os americanos.

– Como eu queria que o professor Ettinger estivesse aqui para viver esse momento com a gente.

Enquanto Dimitri dirigia o furgão até a estrada, certo de que o verdadeiro cérebro por trás de tudo era seu pai, Danny falava como se os Fedorov nem existissem, mais uma vez lembrando-se do homem que para ele era o grande inventor do imortalismo.

– Incrível pensar agora na nossa estupidez... Imagine só, atravessar o deserto com um paciente naquele saco preto, sem gelo nem nada... – Amber Jones riu, e, de fato, ela não parava de dar sinais de ser meio delirante.

– Lembro do cheiro terrível quando abri o saco no laboratório... a gente não tinha a mínima chance – falou Danny. – E lembro também do dia em que congelamos o Dr. Meirhof pensando que estávamos inaugurando a era da imortalidade. Quanto erro, Amber! Mas agora é diferente... estamos seguindo exatamente o que o livro nos ensina, e temos mais experiência.

– E pensar que fizemos tudo aquilo na garagem da casa do Tim. – Amber ria e se divertia.

– Lembra do ataque que a mulher dele deu quando viu o corpo?

Danny e Amber gargalharam lembrando que a mulher queria expulsá-los da casa junto com o corpo que eles tinham congelado na garagem.

– Ela queria chamar a polícia – disse Danny.

– E só desistiu quando você prometeu deixar seus primos de plantão para segurar o monstro se ele resolvesse ressuscitar.

Na saída da Ucrânia, conforme o velho Fedorov havia previsto, a polícia de fronteira mandou o furgão encostar. Dimitri teve que ir para uma sala reservada convencer os policiais a liberá-los. Deixou um pacote cheio de rublos em cima da

mesa.

Os imortalistas atravessaram a Moldávia e seguiram para o sul. Pararam algumas vezes para comer, encher o tanque e trocar de motorista. Sempre que tinha uma oportunidade, Danny ligava o celular enorme que Dimitri levara. Conseguiu sinal uma vez, tentou ligar para o professor Ettinger e, depois, para um dos diretores da Sociedade Imortalista. Mas naquele tempo quase não havia antenas e aquele bloco de quase um quilo não completava nenhuma ligação.

Quando já tinham passado mais de 24 horas na estrada, quase mortos de cansaço, Danny, Amber e Dimitri chegaram com o corpo à Romênia e começaram a ver as placas avisando que estavam entrando na região dos Cárpatos.

– A gente vai pra Sighisoara. Guardem isso pra colocar no livro de memórias de vocês: Sighisoara vai ser a terra natal do primeiro imortal!

Sighisoara era uma cidade medieval no coração dos Cárpatos. Naquelas ruas estreitas, não era fácil encontrar o endereço do Dr. Tepes Flamel, o homem que seria fundamental para toda esta história.

Depois de errarem o caminho muitas vezes, finalmente, quando o sol começou a descer, o furgão subiu uma ladeira de paralelepípedos e entrou por um portão entreaberto. Dentro da propriedade, os visitantes apreensivos, e o corpo congelado que levavam no refrigerador, atravessaram um pequeno cemitério.

– Quem pode morar do lado desses túmulos? – perguntou Amber Jones, espantada.

Mais à frente, o caminho de paralelepípedos fez uma curva, levando-os pelos fundos de uma igreja. Por fim, quando começou o chão de terra, os imortalistas viram algumas roupas brancas num varal. Logo depois havia uma casa de telhado preto com uma torre coberta de musgos e flores nos parapeitos.

7

Antes daquela viagem, quando os diretores da Sociedade Secreta Imortalista sugeriram que Danny procurasse o Dr. Tepes, disseram que ele era um imortalista extremamente capacitado, obcecado pela ressuscitação de corpos. Era apenas uma curiosidade que fosse descendente longínquo do francês Nicolas Flamel, o famoso inventor do elixir da vida que jamais funcionou. Danny nem sequer falara por telefone com o Dr. Tepes. Tudo tinha sido acertado pelos líderes imortalistas. Mas era assim mesmo que a coisa funcionava: naquela época, congelar corpos era uma atividade obscura em quase todo o planeta, e a Sociedade era uma rede secreta em que todos se ajudavam.

Eles estacionaram o furgão e ficaram esperando, ouvindo os assovios do vento que balançava as árvores, tentando se certificar de que era aquele mesmo o lugar.

Até que o Dr. Tepes apareceu na porta da casa.

– Venham, entrem! – ele disse, gesticulando.

Os três desceram do furgão e o Dr. Tepes disparou a falar. Quem conhece o Tepes sabe que ele é daquelas pessoas que só conseguem pensar enquanto os lábios e as mãos estão se mexendo.

– Antes de me contarem o que pretendem fazer, vamos comer alguma coisa, porque eu trabalhei o dia inteiro e estou morrendo de fome – ele falou com um sorriso no canto da boca e logo gritou para a mulher: – Shimeka, meu amor... traz a sopa pras nossas visitas!

Shimeka apareceu trazendo pratos e colheres. Era uma mulher robusta que, como fiquei sabendo depois, apesar de ter sempre um sorriso no rosto, levava um grande vazio no coração. Jamais tivera filhos. Procurava acreditar que era porque Deus não queria, mas frequentemente se sentia terrível, como se seu corpo fosse imprestável. Acompanhava Tepes em tudo o que ele fazia e, além de cozinhar muito bem, tinha feito um curso de enfermagem para tornar-se assistente do marido no laboratório.

Danny Pearce ficou olhando para aquela sopa sem a menor vontade de

experimentá-la. Não conseguia comer. Nem mesmo quando chegou a carne moída com cogumelos, prato de que ele tanto gostava. Não via o menor sentido em ficar adiando o descongelamento do corpo que os esperava no furgão. E a ideia de comer carne, naquele momento, o deixava enjoado.

– Já terminaram? Amber, Dimitri... podemos baixar a cápsula?

– Espere, garoto... espere mais um pouco – o Dr. Tepes cortou. – Shimeka, meu amor, traz um café pras nossas visitas!

O café, que chegou soltando fumaça, era mais um incômodo, pois lembrava a Danny que, se o refrigerador não estivesse bem lacrado e um mínimo de calor entrasse, o corpo poderia sofrer danos irreversíveis. Danny estava irritado, mas o Dr. Tepes não tinha a menor pressa.

– Então, meninos, contem-me o que os trouxe a estas montanhas!

– Encontramos o paciente numa caverna de gelo na Sibéria, em condições inacreditavelmente perfeitas – Danny começou a explicar, de certa forma aliviado pois finalmente parecia que a coisa iria adiante. – Estava numa parte profunda e muito escura, a 68 graus negativos.

– Impossível! As geleiras naturais não são tão frias. Algo deve...

– Não, não, não, Dr. Tepes Flamel... deixe que eu lhe diga... não há nada de errado! Medimos e conferimos a temperatura. Além disso, se não estivesse tão gelado, o paciente não estaria no estado de perfeição que o senhor vai ver.

– E o transporte? Como vocês o tiraram da Sibéria?

– Fizemos tudo certo! Amber e eu nos preparamos por muito tempo para este momento. Dimitri foi treinado pelo pai, um sábio soviético de primeira linha. Bem, o senhor sabe perfeitamente quem ele é. Enfim, o paciente foi logo acondicionado num refrigerador Dewar com temperatura ajustável que... na verdade, não está funcionando.

– Como assim?

– É só o ajuste que não funciona.

Shimeka retirou as xícaras de café da mesa e deixou uma garrafa de conhaque de ameixa com alguns copinhos. Tepes serviu-se e bebeu num único gole.

– Bem – Danny prosseguiu, também servindo-se do conhaque –, o paciente saiu da caverna para o refrigerador e jamais foi descongelado. Mas, como o senhor pode imaginar, o equipamento feito pelos Fedorov nunca passou por um teste como este. Por isso não gostaria de esperar nem mais um minuto para tirar o rapaz do estado de vida suspensa em que se encontra, talvez, há milhares de anos.

Enquanto eles discutiam o que fazer, Amber os observava em silêncio,

bebendo o conhaque de ameixa, copinho depois de copinho.

– Estou curioso para ver o paciente. – O Dr. Tepes parecia finalmente pronto.

– Tenho certeza de que ele também não aguenta mais esperar para abrir os olhos e conhecê-lo, doutor!

– Então vamos logo levantar esse defunto! – Amber falou alto, dando um tapa na mesa, sentindo os efeitos da mistura do conhaque de ameixa com o cansaço extremo que tomava conta dos três.

Surpreendendo mais uma vez com sua gentil indiferença, o Dr. Tepes os levou um pouco mais ao fundo da propriedade, afastando-se do cemitério e da igreja, chegando a um casarão de tijolos quase completamente verdes por causa dos musgos, onde funcionava um asilo.

– Esse gordo tá enganando a gente – Amber sussurrou ao ouvido de Danny. – Acho que vai nos matar pra alimentar os velhinhos!

– Quieta!

Idosos à espera de uma eternidade que nunca lhes chegaria zanzavam por um pátio com pedrinhas, vasos de flores e algumas árvores quase sem folhas. O Dr. Tepes sugeriu que os visitantes se sentassem ao redor de uma mesa de pedra debaixo de uma figueira.

Eles ficaram observando os velhos e velhas como se assistissem a um desfile de almas. Danny sempre pensava sobre aquelas questões, era inevitável para ele.

O que será que vai acontecer com a alma desses velhinhos? Vão mesmo subir ou descer para algum lugar? Ou vão sair correndo à procura de um outro corpo? E o que vai acontecer se um deles morrer justamente agora e quiser tomar o corpo do nosso imortal?

A realidade é que eram todos pacientes em potencial, e o Dr. Tepes jamais se esquecia disso.

– Oitenta e três anos, acredita?

– Acredito... Quem? Aquele velhote decrépito? – Amber falou ao mesmo tempo que apontou para um deles, rindo de um modo muito deselegante. – Claro que acredito!

– É o meu velho – prosseguiu o Dr. Tepes sem se alterar, virando-se para Danny. – O tempo todo tem alguém de olho nele.

– A verdade é que, se o senhor quiser dar a seu pai o benefício de se tornar imortal, precisará congelá-lo no momento de sua morte – Dimitri ponderou. – Vou fazer o mesmo com o velho Fedorov.

– Claro! Foi por isso que eu não pude ir até a Sibéria com vocês, apesar da boa grana que seu pai me ofereceu. Era uma viagem muito longa e sei que, se eu

vacilar, posso acabar perdendo o *velhote*. – Nesse momento o Dr. Tepes sorriu, olhando com ironia para Amber Jones. – Aliás, ninguém aqui me chama de senhor! Meu nome é Tepes Flamel e só me conhecem como Dr. Tepes.

Fez uma pausa para alisar os cabelos com um pente de plástico e voltou a falar.

– No futuro, espero que a gente possa regenerar algumas células pra recauchutar aquela cabecinha, e aí poderemos transplantar o cérebro de papai pra um corpo mais jovem! – O Dr. Tepes, em muitos sentidos, era um visionário. – Foi também por isso que vim pra esta parte da Romênia. Aqui em Sighisoara papai respira ar puro, e temos temperaturas amenas durante o verão.

Tepes sempre pensara que o clima das montanhas lhe daria um pouco mais de tempo para agir e injetar glicerol no pai antes que suas células começassem a morrer de vez. Naquela época, esse era o único método conhecido para não destruir as veias dos adormecidos enquanto eles esperavam pelo dia de renascer.

– Está tudo acertado com os cuidadores do asilo. Se por acaso eu não estiver por perto, eles o colocarão no freezer a 10 graus e eu ainda terei algumas horas para retirar seu sangue e fazer o congelamento de forma adequada.

– Eu soube do caso de um menino que se recuperou depois de passar 22 minutos afogado numa piscina e ficar morto por duas horas e meia e...

Quando Danny ia se aprofundar no caso, o Dr. Tepes o interrompeu.

– Não posso contar com milagres, meu garoto! O tempo de morte cerebral definitiva é de cinco minutos, a menos que a temperatura seja logo reduzida, como fazem em cirurgias de peito aberto. Normalmente é isso, o cérebro morre e... pif! Fechou-se a janela da imortalidade.

Naquela época, o conhecimento ainda era muito limitado. Ninguém recorria aos procedimentos cerebrais preventivos, nem sequer se cogitava que seria possível fazer download de todas as nossas memórias. Mas Dimitri já pensava em algo do tipo.

– Eu acredito que um dia, com a ajuda da computação, não vamos mais morrer – ele disse.

– E como seria isso? – Danny perguntou, fazendo pouco de Dimitri. – Você por acaso vai recriar a alma no computador?

– Quando chegar a hora, você vai ver...

Dimitri achava que os computadores enormes com que seu pai vinha trabalhando em simuladores de xadrez poderiam um dia conectar-se aos humanos para dar-lhes poderes e até mesmo recriar um cérebro degenerado. Ele já estava antevendo todas essas coisas que temos agora. Mas naquele momento

decidiu não falar sobre suas ideias, e hoje eu entendo bem por quê. O Dimas não seria compreendido por aquelas pessoas, nem mesmo pelo Tepes. E, na verdade, tenho a impressão de que ele já podia prever tudo o que aconteceria. Ele sempre dizia as coisas com exatidão, como se tivesse vivido muitos anos e voltado no tempo para fazer o passado se encaixar no futuro. Mas isso pode ser coisa da minha cabeça.

– Eu acredito que a ciência do futuro poderá resolver problemas que hoje consideramos insolúveis – Danny disse, querendo retomar o raciocínio do Dr. Tepes. – Se as células da pele, por exemplo, sobrevivem por muito mais do que cinco minutos, é possível que algo possa remover o excesso de ácido lático nas células mortas do cérebro ou ajustar o equilíbrio dos fluidos, não sabemos. Mas pode ser que um dia os cientistas sejam capazes de fazer renascer até mesmo os pacientes que nós consideramos perdidos.

– Papai não vai depender disso, não... Papai vai pra câmara de nitrogênio líquido assim que fechar os olhos. Vai descansar confortavelmente, de pé e a 196 graus negativos! – Pela primeira vez, o Dr. Tepes riu com eles, e riu alto como sempre gostou de fazer.

Dimitri sorriu timidamente. Apesar de enxergar o futuro com muita clareza, ainda era um jovem cheio de insegurança e algumas espinhas no rosto. Amber gargalhou, alheia ao que realmente importava. Mas Danny não conseguia esconder sua impaciência com aquela conversa que considerava fora de hora. Para sorte dele, os risos foram interrompidos pela chegada de Shimeka.

– Pode vir, meu bem! Os equipamentos estão quase prontos.

– Era o que eu estava esperando, vamos lá! – disse Tepes.

Ele guardou o pente no bolso, bateu na calça para tirar a poeira e saiu apressado, pedindo aos visitantes que o seguissem.

8

A única entrada do laboratório era por uma espécie de labirinto que começava nos fundos da casa do Dr. Tepes, no mesmo lugar onde os visitantes o haviam visto pela primeira vez. Ele foi na frente levando uma lamparina a gás e fez sinal para que o seguissem. Desceu pela escada de pedras e chegou a um corredor subterrâneo com paredes de tijolos enegrecidos, um lugar que na melhor das hipóteses parecia um mausoléu.

O anfitrião e os imortalistas visitantes andaram naquele lugar escuro por algumas dezenas de metros até chegar a um outro corredor em que começaram a ver nichos profundos nas paredes. Em cada um daqueles nichos havia pedaços muitos velhos de madeira. Eram restos de caixões apodrecidos, algo como fósseis de caixões, se é que isso existe. Havia, em todos eles, pequenos amontoados de ossos.

– São os pastores luteranos que um dia cuidaram dessa igreja. É pra que vocês não se esqueçam: ninguém se ocupa dos mortos. Se não formos congelados, vamos ser abandonados e apodrecer como esses pobres cristãos – falou o Dr. Tepes enquanto ajeitava uns ossos em seu nicho, por puro hábito de mexer nas coisas enquanto falava.

Quando chegaram ao fim do corredor, os imortalistas viram um lugar iluminado por lâmpadas frias, com luminárias metálicas ameaçando cair do teto, tapetes velhos pelo chão, um sofá de couro puído e uma mesa de escritório simples, de aglomerado pintado de branco. As paredes da antessala do laboratório eram decoradas com retratos onde estavam escritas as datas de nascimento e morte de cada pessoa, pois era esse o costume dos imortalistas, que esperavam um dia acrescentar às fotos a data de ressuscitação. Havia também retratos de gatos e cachorros, todos mortos, com uma cruz e a data de falecimento de cada um.

Danny estava duvidando das qualificações do Dr. Tepes, desconfiando até mesmo do que tinham lhe dito os líderes da Sociedade. Não sabia se aquele médico de hábitos estranhos seria capaz de fazer um procedimento tão complexo

para devolver a consciência, o espírito, ou talvez as duas coisas, ao corpo que ele trazia no refrigerador. Até que, finalmente, viu os tanques altos que qualquer imortalista acreditava serem as moradias temporárias de seres imortais e respirou aliviado. Amber Jones fez um daqueles comentários vagos, mas às vezes necessários para quebrar o gelo.

– Uau! Tudo aqui é de primeira...

Dimitri Fedorov parecia oprimido diante da complexidade do laboratório, com todos aqueles equipamentos modernos. Sempre tinha pensado que o laboratório que construíra com o pai nos arredores de Leningrado fosse o maior e mais completo do mundo imortalista, ainda que ele e o velho Sergei Fedorov não tivessem por lá um médico capaz de tudo o que diziam que Tepes Flamel sabia fazer.

– Aqui está a mamãe – disse o doutor, passando a mão suavemente pelo tanque número um. – A pobrezinha espera pelo avanço das pesquisas com rins artificiais.

O Dr. Tepes acompanhava atentamente os desdobramentos do trabalho iniciado pelo Dr. Scribner. Naquela época, em 1987, já havia hospitais filtrando o sangue dos pacientes num equipamento que ficava fora do corpo e retirava a sujeira que normalmente seria filtrada pelos rins.

– A hemodiálise parece funcionar – Tepes disse, desconfiado e dramático. – Mas ainda não estou seguro, mamãe!

– Seu laboratório é surpreendentemente grande e bem equipado. – Danny parecia ter recuperado a confiança. – Não esperava nada disso. Confesso que estou impressionado, Dr. Tepes.

– Você ainda não viu nada, garoto!

– Podemos trazer o paciente? – Danny perguntou, ansioso.

– Ah, sim... agora podem ir buscá-lo enquanto eu termino de preparar os medicamentos. Levem esta lamparina, e tenham cuidado com os degraus!

Antes da mudança radical que acontecera em sua vida, o Dr. Tepes trabalhara na emergência do maior hospital público de Belgrado. Orgulhava-se de ter feito ressuscitação cardiopulmonar em mais de cem vítimas de acidentes de trânsito nas duas décadas que passara na emergência. Chegou a ser chefe do setor de ortopedia e, conforme diziam, fez milagres nas mesas de cirurgia. Veja você que já naquela época, quando ainda estava em Belgrado, o Dr. Tepes começou seus experimentos com corpos congelados e filiou-se à Sociedade Secreta Imortalista! Quando seu pai completou 80 anos, temendo não estar por perto no dia decisivo, mudou-se para Sighisoara para dedicar-se ao novo projeto.

Enquanto viam os velhinhos zanzando pelo jardim do asilo, Tepes e Shimeka ficavam horas sentados nos bancos de pedra, fumando cigarros de palha, planejando quando e como fariam a primeira ressuscitação de um ser humano congelado.

Contavam que certa vez tinham chegado perto de ressuscitar uma velhinha do asilo. Quando ela estava quase morrendo, eles a puseram num tanque de nitrogênio e a mantiveram nele por uma noite inteira. Na noite seguinte conseguiram reanimá-la, mas a doença era muito grave e ela acabou morrendo.

Tepes e Shimeka haviam feito também uma tentativa com um gato de rua, congelado enquanto ainda estava vivo e mantido no gelo seco por duas semanas. Ele chegou a miar, mas fechou os olhos para sempre algumas horas depois. "Por falta de uma alma como a nossa", o Dr. Tepes costumava dizer.

– Cuidado, Dimitri, está escorregando! – Danny gritou, esforçando-se para que o refrigerador não caísse ao sair do furgão.

Os visitantes tropeçaram algumas vezes quando desceram pela escadaria de pedra, lutando para carregar o refrigerador pesado, e, extremamente cansados, atravessaram o longo túnel onde ficavam as ossadas dos pastores luteranos. Quando chegaram ao laboratório, sem perceber um outro degrau, tropeçaram novamente. Desceram sem freio e bateram num tanque metálico pequeno, o número treze.

– Meu Deus! Vocês quase derrubaram a Sophia!

O Dr. Tepes desesperou-se e correu na direção do tanque onde estava congelada uma sobrinha morta ainda criança. Certificou-se de que o tanque continuava lacrado e voltou a falar. Ele nunca parava de falar.

– Deixa eu aproveitar pra conhecer o rapaz...

Ele foi abrir o refrigerador, mas Danny já estava meio cansado daquele jeito mandão do Tepes e se sentou sobre a tampa.

– Um instante de descongelamento e perdemos esse corpo!

– Calma, garoto, eu só ia dar uma olhadinha... Mas está bem, vamos prosseguir!

Danny estava seguro sobre o que deveria ser feito para ressuscitar o corpo encontrado na Sibéria. Lera e relera o livro do professor Ettinger, ouvira dezenas de palestras dos maiores imortalistas dos Estados Unidos e tinha certeza de que as teorias só precisavam ser bem aplicadas para trazer uma pessoa de volta à vida.

Os visitantes vestiram os jalecos grossos que o Dr. Tepes lhes dera e continuaram seguindo suas instruções. Tepes podia ser doce num instante e, logo em seguida, demasiadamente cru, quase bruto. Sob sua orientação, os jovens

imortalistas levaram o refrigerador com o corpo para uma sala menor onde havia uma placa com os dizeres: CÂMARA GELADA.

– Preparem os ouvidos. A pressão atmosférica vai subir – ele avisou, e logo apertou um botão vermelho.

O laboratório era mesmo muito avançado para a época. Tinha sido construído com uma doação deixada à Sociedade Secreta Imortalista no testamento de um milionário romeno. Era equipado com máquinas, instrumentos e medicamentos, como se fosse uma sala de cirurgia de hospital adaptada ao projeto de congelamento e ressuscitação. Ao mesmo tempo, parecia algo muito caseiro, com esculturas, fotografias e, ao lado da mesa cirúrgica, um sofá preto rasgado onde Shimeka foi se sentar.

Querendo concentração para realizar o que naquela época seria o maior feito de sua vida, o Dr. Tepes abriu os braços e respirou fundo. Logo começou a dar ordens, como nos tempos em que comandava a emergência em Belgrado. Mandou que Danny e Dimitri colocassem o refrigerador sobre uma bancada. Abriu a tampa e revelou o corpo.

– Que per...fei...ção!

Tepes sorria, eufórico, acariciando aquele rosto ainda congelado. E dá para imaginar a sensação que ele teve ao ver pela primeira vez um corpo em condições tão ideais, prontinho para renascer. Bem... ele dificilmente abandonava sua famosa ironia.

– Mas o que são esses braceletes? E essas bilhas azuis! Onde vocês acharam esse aborígene?

O Dr. Tepes praticamente gritava, esforçando-se para falar mais alto que o som das máquinas. Estava empolgado, mas, aparentemente, sem pressa.

– Vamos logo, doutor. – Danny seguia angustiado. – O paciente não pode esperar!

Amber Jones sentia o álcool se transformar num cansaço cada vez mais profundo e demorou a reagir. Mesmo um pouco atrasada, quis dar uma resposta ao Dr. Tepes.

– Ele não tem nada de aborígene. Como seria possível, se pegamos ele na Sibéria? O senhor não tem ideia do que é um aborígene!

Danny e Dimitri colocaram o corpo sobre o tampo metálico da mesa de cirurgia. E o Dr. Tepes foi operando a máquina que se encarregava de esquentar o ambiente com precisão.

De 22 graus negativos para 19 negativos...

16 negativos...

12...

5...

2 e...

Zero.

A temperatura da sala foi estabilizada em 5 graus. Depois de uma longa espera para que a temperatura do corpo também subisse, quando os músculos se tornaram menos rígidos Shimeka o entubou e ligou o respirador. Injetou uma agulha no braço e começou o procedimento de transfusão para trocar o sangue que tinha ficado parado por tanto tempo naquelas veias. Era preciso oxigenar o sangue, e o Dr. Tepes sabia disso perfeitamente.

– Shimeka, mantenha o controle da temperatura do paciente! Não deixe passar de 30 graus! Jamais! – ele gritou.

– Está subindo, Tepes... 15 graus.

Shimeka sabia exatamente o que fazer.

– 17 graus.

Ela media a temperatura ao mesmo tempo que segurava a mão do paciente como se quisesse tranquilizá-lo no momento em que ressuscitasse. *Caso* ele ressuscitasse.

– 23!

O Dr. Tepes começou a fazer massagem, colocando pressão sobre o coração, mas nada acontecia. Grudou eletrodos no peito do paciente e deu-lhe o primeiro choque.

– Temperatura a 27 graus.

– Não deixa subir mais! – o Dr. Tepes ordenou. – Alguém pegue aquelas bolsas com gelo seco e coloque debaixo dos braços dele!

Se a temperatura passasse dos 30 graus, o cérebro do paciente incharia e ele perderia qualquer chance de renascer.

O Dr. Tepes deu-lhe outro choque.

E nada aconteceu.

Pediu a Shimeka que continuasse a massagem cardíaca e mandou os jovens se afastarem.

– Com vocês em cima de mim eu não consigo pensar... Andem, saiam, preciso de espaço!

9

Danny Pearce saiu da sala chorando, atordoado, pois tudo se confundia em sua mente. Foi andando sem rumo e acabou chegando ao corredor das ossadas luteranas. Naquele lugar sombrio, esforçando-se para acreditar que ainda seria possível ressuscitar o corpo resgatado na Sibéria, lembrou-se da única vez em que estivera com o professor Ettinger.

Danny era ainda um aprendiz de eletricista e tinha ido a um congresso sobre imortalidade querendo descobrir se era mesmo possível ressuscitar pessoas ou se aquilo não passava de um delírio coletivo. Jamais se esqueceria do que ouvira naquele encontro.

“Ainda há muitos segmentos da população mundial que não admitem que é melhor ser rico do que pobre, inteligente do que burro, forte do que fraco, livre do que governado, ou mesmo que é melhor viver do que morrer”, foram algumas das palavras marcantes de Robert Ettinger durante o congresso.

Na única vez em que ficou sozinho com o professor, depois de enfrentar uma fila de autógrafos, fazendo questão de ser o último para que ninguém o perturbasse, Danny perguntou sobre algo que o preocupava profundamente, e ele tinha razão de se preocupar: o que acontece aos espíritos dos corpos congelados?

O ano era muito, muito distante do nosso. E, naquela época, em 1968, Danny Pearce ainda era pouco mais que um adolescente.

“Professor, não consigo imaginar o que vai acontecer com meu espírito quando eu estiver dentro do tanque de nitrogênio. Será que minha alma vai ficar presa numa espécie de purgatório?”

“Meu caro, pergunte a um religioso o que é a alma!”, o professor respondeu com um sorriso sereno que só os sábios conseguem ter. “Perceba como ele lhe dará uma explicação vaga e logo mudará de assunto. Alguns até desistem de falar em alma quando entendem um pouco melhor a ciência. Não existe céu nem inferno... e o templo é nosso corpo!”

Danny contou a Ettinger que tinha pesadelos por causa daquelas dúvidas.

“Sonho que estou congelado e, no momento em que reanimam meu corpo, um outro espírito me expulsa e encarna em meu lugar.”

Já em 1968, Danny falava de algo muito parecido com o que eu experimentaria mais tarde no dia em que o primo Vladimir me enfiasse aquela faca. Eu tive a sensação de ficar flutuando sobre meu corpo, temendo justamente isso, que algum outro espírito aparecesse por lá para roubá-lo de mim.

“Não queime seus neurônios com isso, meu caro!”, disse Ettinger. “Alguém por acaso já provou a existência da alma?”

Ele ensinava que a ressuscitação de um corpo não deveria ser vista como o começo de uma nova vida.

“É uma extensão da vida! Posso lhe garantir uma coisa: quando o Novo Tempo chegar e todos tivermos a chance de prolongar nossa existência nos congeladores, seremos reanimados como super-homens e a duração de nossas vidas será indefinida.”

O professor era um visionário, antecipava muitas das coisas que mais tarde nós veríamos acontecer. Mas não sabia de tudo, especialmente sobre as coisas da alma. E, naquele momento, ainda que Ettinger soubesse que a imortalidade era um futuro inevitável para a espécie humana, sua pregação era vista por muitos como uma forma de feitiçaria. Acusavam-no de necrolatria, xamanismo, voduísmo, coisas assim.

“Eu aprendi a acreditar que a eternidade é uma coisa de Deus”, Danny dissera a Ettinger. “E quando o senhor fala em Novo Tempo eu sempre me lembro disso, o reino dos céus prometido por Cristo. O senhor acha que será mesmo possível vivermos quase eternamente, como Matusalém?”

Na cabeça de Danny Pearce, estava tudo ainda muito enevoado, pois naquele tempo não se tinha a clareza que temos agora sobre as nossas origens e as inúmeras possibilidades para o nosso destino.

“Esqueça os mitos da Antiguidade!”, dissera-lhe Ettinger. “Esqueça também qualquer promessa religiosa de vida após a morte! Pense apenas na interrupção da morte... A imortalidade... a vida eterna vai ser aqui na Terra!”

Ettinger, de fato, era um homem à frente de seu tempo, e Danny Pearce, sendo apenas um aprendiz de eletricista inculto do Sul dos Estados Unidos, não poderia jamais ser culpado por carregar tantas dúvidas na cabeça. A realidade é que, mesmo com toda a sua ignorância, devemos muito a Danny. Não fosse por ele ter acreditado no primo e viajado até a Sibéria, não estaríamos aqui para contar esta história.

Mesmo depois de entrar em contato com toda a sabedoria de Ettinger, o

pobre Danny teve muitas noites de insônia pensando por onde sua alma ficaria vagando enquanto seu corpo estivesse congelado à espera do dia de sua ressuscitação. Quando 1987 chegou, ele estava um pouco mais amadurecido. Mas as dúvidas e os medos sobre o destino da alma voltavam com uma frequência maior do que ele gostaria.

Será que eu vou para o corpo de uma outra pessoa?

E se minha alma se perder do meu corpo?

Ao ouvir passos brutos ecoando pela escuridão do túnel dos luteranos, Danny finalmente voltou a pensar no corpo que ele queria ressuscitar.

Se o coração dele começar a bater outra vez, o espírito que o habitava antes vai voltar a viver? Ele vai se lembrar de tudo o que experimentou em sua primeira vida?

Danny sentiu-se fraco e tonto, e precisou apoiar-se num dos nichos para não desabar no chão.

10

– Danny Pearce, volta pro mundo!

Aquela voz que ecoava pelos tijolos negros terminou de despertá-lo. E Amber Jones chegou esbaforida, com uma vela na mão.

– Vem, Danny, vamos entrar! O Dr. Tepes encontrou os vidros de adrenalina! Vai dar a primeira injeção.

Danny saiu cambaleante do purgatório por onde sua cabeça andara. Para não cair, deu a mão a Amber e os dois foram caminhando juntos pelo corredor escuro até chegar à mesa de cirurgia.

Ao vê-los, o Dr. Tepes reclamou.

– Vamos, Danny, onde você estava? Prenda esse tubo de oxigênio, está saindo da boca do paciente! – Apesar de nervoso, ele sorria. – Desistiu, garoto? Eu não desisti, não!

Shimeka não largava o termômetro nem a mão do paciente.

– Temperatura a 28 graus, estável há 12 minutos.

O Dr. Tepes deu um novo choque no corpo imóvel, mas, como nada aconteceu outra vez, começou a murmurar para Shimeka.

– Já fizemos mais de quatro mil compressões no coração dele, demos seis choques e ele ainda parece morto... Não sei mais o que fazer.

O Dr. Tepes não desiste facilmente quando quer uma coisa. Naquele momento em que o laboratório parecia uma capela em dia de velório, com todos cabisbaixos, ele tirou o tubo que entrava pela boca do paciente, encostou seu nariz no dele, fixou o olhar naqueles olhos estáticos, respirou fundo e soltou o ar dentro dele. Ficou ali por alguns segundos, olhando-o e respirando, como se quisesse ensinar ao morto o que era preciso fazer para renascer. Estavam todos concentrados, assistindo à cena, quando, subitamente, o Dr. Tepes levantou a cabeça e gritou.

– Mais adrenalina, Shimeka!

O suor de Tepes escorria sobre o corpo do paciente enquanto Shimeka lhe dava a injeção.

– Tá batendo, porra! O coração tá batendo!

Ele berrou tão alto que sua voz reverberou pelos tanques de nitrogênio na sala vizinha. Depois, aproximou-se do paciente e falou baixinho.

– Seu coração renasceu, menino!

As lágrimas misturaram-se ao suor e escorreram pelo rosto de Tepes.

– Está vivo... nosso imortal está vivo! – Danny Pearce gritou, chorando de alegria enquanto se aproximava para vê-lo.

Dimitri cerrou os punhos num gesto vitorioso, mas se conteve. Pelo que conheço dele, queria guardar aquela sensação e seus pensamentos para dividi-los depois com o pai.

– O projeto dos Fedorov está dando certo! – ele murmurou entre dentes.

O jovem Dimitri viu naquela ressuscitação a prova de que era possível criar seres imortais. Naquele momento, prometeu a si mesmo que, se aquele paciente realmente vivesse, mesmo que só por algum tempo, ele, Dimitri Sergeievich Fedorov, dedicaria sua vida ao projeto da imortalidade. Veja como as sementes brotam! Quem diria que tudo o que conhecemos agora estava nascendo ali, naquela sala? Mas é bom que fique claro que aquele renascimento não foi tão fácil quanto pode nos parecer agora, tantas décadas depois.

– A temperatura subiu: 32 graus!

Shimeka segurava o pulso do paciente e chegou a ficar eufórica também. Mas, no meio de toda aquela alegria, buscou, buscou e não sentiu mais nenhum batimento.

– O menino parou de respirar.

– Tragam mais gelo! Esfriem mais o ambiente! – ordenou Tepes.

Shimeka o obedeceu imediatamente e os jovens imortalistas ficaram em volta do paciente, sem saber o que fazer, esperando que ele reagisse outra vez.

– Tem muita gente aqui dentro. Vocês estão nervosos, esquentando a câmara gelada! Por favor, afastem-se um pouco. – Tepes estava com a camisa encharcada de suor. – O paciente precisa voltar a 30 graus, senão o cérebro vai ficar inchado e aí é que ele vai morrer de vez!

Danny encostou-se num canto e voltou aos pensamentos de antes.

Será que a alma dele está agora rondando esta sala? Será que está procurando um jeito de reencarnar em seu corpo e não consegue? Estará numa batalha mortal com algum outro espírito???

Dimitri e Amber ficaram sozinhos, sentados no sofá da antessala. Ela o olhou de perto, de um jeito estranho, entre bêbada e sedutora, e sorriu.

Tepes pediu que Shimeka parasse a massagem cardíaca. Sentou-se à beira da

cama cirúrgica, exausto. Os dois também precisavam respirar.

– Ele chegou a renascer na minha mão – lamentou Tepes, enquanto as lágrimas escorriam sobre suas bochechas rosadas.

Exatamente naquele instante, o equipamento de respiração artificial parou de funcionar. É assim mesmo: quando uma coisa dá errado na vida da gente, parece que vem uma desgraça atrás da outra. Mas, se é certo que cientistas precisam de sorte, em 1987, naquele laboratório clandestino nos Cárpatos, era preciso muito mais do que isso. E o Dr. Tepes jamais compreenderia de onde lhe saíra aquela ideia. Fato é que, sem pensar, fez um pedido a Shimeka:

– Meu amor, faça você a respiração. Sopre nele, por favor. – Tepes virou-se para a porta. – Voltem, Danny, Dimitri, Amber... tragam suas energias pra cá!

Tepes nunca foi um homem ligado nas coisas espirituais. Pelo contrário. Mas, por alguma razão que até agora não consigo explicar, ele quis formar uma espécie de corrente energética. Bem, em energia ele acreditava. Shimeka achou a ideia muito boa. Acreditava que a alma do rapaz se sentiria acolhida se percebesse que todos ali desejavam que ele voltasse a viver. Assim, todos ficaram em volta da cama, enviando suas melhores energias, ou talvez seja mais apropriado dizer, criando um escudo de almas em volta do corpo.

Shimeka fez o que Tepes lhe pedira: deitou-se sobre o rapaz, deu-lhe as mãos, encostou os olhos nos olhos dele e começou a soprar lentamente em sua boca, inflando seus pulmões ao mesmo tempo que esquentava seu corpo.

Dimitri lembrou-se do mito da criação do ser humano pelo sopro divino. Mesmo sem acreditar em nada, tinha decorado, com sua memória de mamute, trechos inteiros da Bíblia apenas para passar o tempo enquanto acompanhava a mãe nas missas ortodoxas em Leningrado. Começou a recitar trechos das Escrituras do jeito que lhe vinham à mente.

– “No princípio, criou os Céus e a Terra... E formou o Senhor Deus o homem... e soprou-lhe o hálito da vida... e o homem tornou-se alma vivente.”

No momento em que Dimitri parou de falar, enquanto Shimeka soprava seu hálito quente na boca do rapaz, a mistura de gás carbônico com oxigênio começou a desobstruir-lhe as veias, como se criasse avenidas para abrir passagem para o sangue e incutir-lhe vida novamente.

O paciente espirrou sete vezes.

Seu coração bateu mais ritmado que antes.

– “E o homem tornou-se alma vivente outra vez” – prosseguiu Dimitri, ainda recitando as Escrituras.

Shimeka e Tepes, um de cada lado do corpo, encostaram o ouvido no peito

do rapaz e confirmaram.

– Ele está vivo – sussurrou Tepes, com um sorriso larguíssimo, olhando nos olhos serenos de Shimeka.

Os dois ainda ficaram algum tempo naquela posição, os ouvidos colados no peito do rapaz, querendo ter certeza de que ele continuaria respirando.

Quando não houve mais dúvida, Tepes levantou-se aos gritos.

– Nós ressuscitamos o primeiro homem! – Foi até o outro lado da mesa cirúrgica e quase esmagou Shimeka num abraço enorme e molhado de suor. – Puta que pariu, Shimeka, criamos o primeiro imortal!

Tepes berrava de um jeito que não fazia desde o tempo em que comandara a emergência em Belgrado.

Danny e Amber abraçaram-se e beijaram-se na boca de um modo muito deselegante, pois ela estava completamente embriagada. Dimitri virou o rosto para o outro lado. Nesse momento, viu o Dr. Tepes dar um tapa no respirador artificial e, como por mágica, religá-lo. Dimitri estava mesmo num dia inspirado. Levantou as mãos e agradeceu, dessa vez falando alto.

– Obrigado, meu pai... derrotamos a morte pela primeira vez!

Enquanto Danny e Amber seguiam abraçados, Dimitri recitou mais um trecho da Bíblia.

– “Por que estás agitado e por que surgem dúvidas em teu coração? Bem-aventurados os que não viram e acreditaram!”

Shimeka pensou que Dimitri fosse uma espécie de padre ou diácono. Ajoelhou-se ao lado da cama, beijou a mão do paciente ressuscitado, colocou um crucifixo sobre a testa dele e sussurrou em seu ouvido.

– Se Deus quiser, vou cuidar de você, meu filho.

O Dr. Tepes sentiu que sua sala de cirurgia tinha se tornado uma quermesse e voltou a ficar impaciente.

– Podem ficar quietos agora? Precisamos estabilizar esse coração. Se não fizermos o procedimento correto, daqui a cinco minutos ele vai morrer outra vez e não vai ter sopro nenhum que o levante!

Passaram-se cinco, dez, trinta minutos... e o coração do rapaz continuou batendo. Ainda assim, era cedo para chamá-lo de imortal. Como podia ser, se o rapaz não abria os olhos, se não mexia um único músculo voluntariamente? Naquele momento, era apenas um coração batendo e pulmões respirando com a ajuda de aparelhos.

Ainda que Danny Pearce e Amber Jones estivessem animadíssimos, Dimitri não se iludia. Sempre teve consciência de que a busca da imortalidade era algo

muito maior do que apenas a ressuscitação de um corpo. Sabia que ainda seria preciso inventar uma forma de evitar o envelhecimento das células e, finalmente, construir órgãos humanos artificiais para transplantá-los. Eram sonhos muito distantes naquela primavera, mas ele já os profetizava.

– Ninguém pode ter certeza de que esse rapaz não vai morrer amanhã – Dimitri murmurou.

Os imortalistas visitantes encostaram-se pelo chão do laboratório, entre um tanque e outro, querendo finalmente dormir. Somando a viagem e o tempo que haviam ficado com Tepes e Shimeka, tinham passado quase três dias insones.

O Dr. Tepes ainda ficou algumas horas monitorando os sinais vitais do paciente, até que foi se sentar num sofá. Dormiu meio torto, de boca aberta, e roncou profundamente enquanto a baba lhe escorria pelo queixo. Shimeka jogou um cobertor sobre o marido e foi para casa descansar. Não havia mais nada que eles pudessem fazer a não ser esperar que o paciente se recuperasse. Só depois poderiam avaliar se seria necessário fazer uma intervenção cirúrgica ou qualquer outro procedimento médico.

Era cedo, afinal, para saberem o tamanho do estrago que aqueles muitos anos de congelamento poderiam ter feito ao corpo adormecido do rapaz. Era preciso também descobrir a causa da morte, se é que ele havia mesmo morrido ou apenas parado no tempo por algum fenômeno que o tivesse surpreendido no frio da Sibéria.

Danny acordou, viu que Amber e Dimitri dormiam muito próximos e puxou o braço dela para afastá-los. Saiu da sala e tentou mais uma vez usar o telefone móvel. Queria contar a novidade ao professor Ettinger e fazer um comunicado oficial à Sociedade Secreta Imortalista. Só que o aparelho não funcionava, e ele o atirou no chão.

Estava claro, no entanto, que, de uma forma ou de outra, a notícia chegaria aonde precisava chegar. E Danny Pearce começou a fantasiar: os homens e as mulheres que estavam naquele laboratório em Sighisoara haviam escrito seus nomes na história da humanidade, seriam para sempre lembrados como os primeiros a ressuscitar um ser humano, fariam fama internacional, congressos, palestras, e talvez fortunas, pois haviam criado "o primeiro imortal".

11

No escuro de seu laboratório subterrâneo, algumas horas depois de cair no sofá preto como se estivesse morto, o Dr. Tepes acordou agitado, sem saber se era dia ou noite. Verificou que o paciente seguia vivo e começou a despertar os visitantes, mandando que fossem embora. Não havia mais nada que eles pudessem fazer a não ser atrapalhar. Shimeka e ele ficariam de plantão para cuidar do rapaz renascido.

– Andem... andem – ele disse, enxotando os visitantes com chutinhos nas pernas. – Vão procurar um lugar pra dormir direito!

Os jovens imortalistas levantaram-se meio trôpegos, claramente sem saber onde estavam, e foram dormir num hotel. Haviam sido dias intermináveis e eles não tinham condição de fazer coisa alguma que não fosse dormir.

À noite, quando despertou e telefonou para a casa do Dr. Tepes querendo novidades, Danny Pearce foi informado de que os batimentos cardíacos do paciente continuavam estáveis e que ele ainda respirava com dificuldade. Tepes seguia sem paciência e disse que não receberia ninguém.

– Seria uma perda de tempo, garoto. Aproveite para descansar!

Foi só no terceiro dia que a respiração do rapaz melhorou. Os sinais vitais dele tinham sido estabilizados, ainda que ele não mexesse os olhos, não respondesse a nenhum estímulo e continuasse em coma profundo. Danny, Amber e Dimitri foram visitá-lo, mas o Dr. Tepes só permitiu que ficassem alguns minutos no cômodo para onde o havia transferido, um quartinho de pedras escuras e com pouca luz, aquecido por uma lareira. O estalar da lenha em chamas misturava-se aos bipes dos aparelhos, e era tudo o que se ouvia ali dentro.

No jardim, sentados no mesmo banquinho de pedra em que tinham se sentado na noite em que chegaram, mais uma vez olhando a movimentação dos velhinhos no asilo, os imortalistas visitantes começaram a pensar numa forma de seguir viagem com o ressuscitado.

– Precisamos de um passaporte falso pra ele poder entrar nos Estados Unidos

– disse Amber.

– Mas como vamos passar pela imigração com um homem nesse estado? Ele tem ao menos que andar com as próprias pernas – Danny argumentou.

– Podemos levá-lo a Leningrado, meu pai tem como nos ajudar – propôs Dimitri.

– De jeito nenhum! – exclamou Danny. – A sede da Sociedade fica nos Estados Unidos e é para lá que vamos levá-lo. Precisamos da ajuda de alguém influente para chegar ao Arizona. Talvez o melhor seja chamar a imprensa e contar nosso feito. Quem vai ousar colocar em risco a vida do primeiro imortal da história?

– Não gostaria muito de passar meus dias com dois americanos numa prisão na Romênia. Ou, pior ainda, numa prisão na Sibéria. Se apresentarmos o ressuscitado à imprensa, vão nos prender por prática ilegal de medicina, vilipêndio a cadáver, feitiçaria e necrolatria – ponderou Dimitri, aparentemente convencendo Danny.

– Podemos então levá-lo à Alemanha Ocidental ou a algum outro lugar onde a gente possa receber apoio de um governo capitalis...

Amber Jones não chegou a terminar o raciocínio. Uma picape branca freou bruscamente diante deles. Dois homens saltaram do carro de armas na mão e falaram numa língua que só Dimitri entendeu.

– Onde está o corpo?

– Que corpo? Não tem corpo nenhum.

– Anda! Me leva até o corpo – ordenou um dos homens, apontando um fuzil Kalashnikov para Dimitri.

Eram dois mercenários contratados por um laboratório iugoslavo. Falavam em russo, mas tinham um sotaque carregado.

Sob a mira da arma, os imortalistas não tiveram alternativa a não ser levar os homens pelo túnel dos esqueletos luteranos, passando pelos tanques de nitrogênio, até o quartinho escuro onde estava o rapaz.

Os mercenários viram que o corpo estava deitado na cama, cheio de tubos, mas tinham uma ordem a cumprir.

– Vamos levá-lo assim mesmo. Arranquem tudo! Enrolem o corpo num lençol – ordenou o que parecia ser o chefe. Em seguida virou-se para o comparsa. – Encoste a picape lá na frente da escada!

O comparsa saiu e o chefe voltou a falar com os jovens imortalistas.

– Andem logo! Vamos colocar a encomenda no carro!

O homem ficou ainda algum tempo ali dando ordens e ameaçando os

imortalistas, até que o Dr. Tepes entrou na sala com sua machadinha na mão, surpreendendo o invasor. E ele não teve chance de dizer mais nada, pois a última coisa que viu foi aquele pedaço de ferro aproximando-se de seus olhos.

Ficaram todos em silêncio vendo o mercenário ensanguentado caído no chão.

– Vamos, me ajudem a arrastar esse corpo pra geladeira! – ordenou o Dr. Tepes. – O outro tá caído lá fora.

Os visitantes foram encarregados de cavar uma cova funda na entrada da mata. Dimitri estava tão contrariado fazendo aquele trabalho braçal que aquele dia quase se apagou de sua memória.

À noite, quando os velhinhos do asilo foram dormir, os quatro imortalistas retiraram os corpos dos mercenários da câmara frigorífica, os embrulharam em lençóis e os levaram até a mata.

O Dr. Tepes ajudou Danny e Dimitri a arrastar os corpos para a cova e os dois jovens começaram a jogar terra sobre eles.

– Como foi que esses caras nos encontraram aqui? Aquela droga de telefone não funcionou... eu não falei com ninguém... – disse Danny ao mesmo tempo que enterrava os corpos, ofegante, sujo de terra e ainda muito assustado.

– Achei muito estranho... eles falavam em russo – disse Amber Jones, olhando para Dimitri com desconfiança.

– E isso quer dizer alguma coisa? – Dimitri reagiu, irritado, limpando a terra dos olhos. – Você está louca! Entre eles, eles falavam em sérvio... eram iugoslavos, posso garantir a vocês.

Danny e Dimitri continuaram jogando terra até cobrir os dois corpos.

– A única coisa que eu sei é que encontrei este maço de cigarros na calça de um deles. Olha aqui – disse o Dr. Tepes, entregando a caixinha a Dimitri. – Tem alguma coisa escrita, mas tá escuro. O quarentão aqui tá precisando de óculos. Você que é mais moço... consegue enxergar?

Dimitri limpou as mãos na própria calça, acendeu o isqueiro que estava guardado junto dos cigarros e começou a ler. Danny aproximou-se querendo ler também.

– Tem um nome e um telefone...

Dimitri ainda tentava decifrar os garranchos quando Danny gritou no ouvido dele.

– Russo filho da puta!

Danny começou a bater com a pá em cima da cova, com raiva.

– Por que é que eu sou filho da puta, seu americano estúpido? – esbravejou

Dimitri, empunhando a pá como se fosse partir para a briga com Danny.

– Tá escrito “russo filho da puta” aí? – o Dr. Tepes perguntou, irônico como de costume, empurrando os dois pelo peito para afastá-los.

– Vlad...j...k...o. Está escrito Vladjko! – Danny continuou gritando e batendo com a pá na terra, furioso.

– Vladjko é o apelido de Vladimir em sérv...

Dimitri não conseguiu terminar a frase, porque Danny jogou a pá no chão e o interrompeu.

– Aquele russo filho da puta nos entregou!

Danny Pearce queria denunciar o primo Vladimir às autoridades da Sibéria. Sabia detalhes do meu assassinato, tinha inclusive visto o meu corpo ensanguentado no chão da caverna, e poderia levar o primo à prisão. Mas logo percebeu que, se o entregasse, mesmo que o fizesse anonimamente, a polícia poderia acabar descobrindo os outros corpos e, pior ainda, poderia chegar a eles da mesma forma que os mercenários haviam chegado. O primo ainda poderia denunciar toda a operação ilegal que eles haviam feito e o problema seria muito maior.

Quando teve certeza de que não poderia fazer absolutamente nada contra o Vladimir, Danny gritou ainda mais alto, assustando os pombos que dormiam em cima da árvore.

– Russo filho da puta!

12

Depois de terminar mais uma partida de dardos, Vladimir foi ao balcão da taverna perguntar se alguém havia lhe telefonado.

– Volódya, querido, faz três dias que esse telefone não toca.

A atendente dava sempre uma resposta parecida, chamando o primo por um apelido carinhoso, demonstrando uma intimidade incomum com aquele ex-petroleiro que tinha fama de caçador incansável.

Terminava mais uma partida, Vladimir bebia mais um copo e voltava para ouvir mais uma doce negativa.

– Volódya, meu amor... ninguém ligou.

O primo estava ansioso, mais que isso, angustiado, querendo notícias dos mercenários iugoslavos a quem vendera a informação sobre o corpo resgatado na caverna. Eles tinham mandado apenas trezentos rublos, prometendo pagar o que faltava depois de concluída a missão.

Vladimir encheu a cara de vodca, dormiu estatelado num canto do bar e acordou horas mais tarde, quando a atendente charmosa acariciou sua cabeça.

– Vai pra casa, Volódya... tua mulher tá te esperando.

Passaram-se três dias, e mais três longas semanas, e o primo finalmente aceitou que jamais veria aquele dinheiro. Meses mais tarde, já na primavera, ele foi chamado à sede da Administração Estatal.

Dois policiais tinham viajado de Moscou até Yamal para interrogá-lo. Eram agentes da Militsiya, a polícia da nossa extinta União Soviética. Eles sentaram-se atrás da mesa do diretor da Administração Estatal e mandaram o primo se colocar de pé diante deles, deixando-o de frente para a pintura enorme de Lênin que ficava pendurada na parede branca, a mesma que eu havia visto quando fui até lá avisar sobre o mamute.

Perguntaram se ele sabia alguma coisa sobre o meu desaparecimento.

– Você sabe onde foi parar seu primo Yuri Pudako Temzrisovich?

Vladimir disse que tinha se perdido de mim durante a caçada, que estava ventando muito, que ainda tentou me procurar... Ele ficou todo enrolado,

escolhendo as palavras, e depois falou sem parar. Disse que sonhara que eu tinha sido atacado por lobos, e que tinha muita saudade de mim, pois éramos grandes amigos e costumávamos sair juntos para caçar.

– É só perguntar pra mulher do Yurochka que ela vai confirmar o que eu tô dizendo.

Os policiais passaram pouco mais de uma hora anotando aquelas mentiras e se levantaram.

– Vladimir Timofei Temzrisovich, esperamos que o senhor tenha dito a verdade. Se descobrirmos algo, ou se precisarmos de mais alguma informação, voltaremos a procurá-lo.

– Venham quando quiserem, senhores!

– Ah, sim, uma última pergunta: o senhor por acaso conhece Dimitri Sergeievich Fedorov?

– Dimitri...

– Sim, recebemos um alerta. Curiosamente, ele desapareceu na mesma semana em que você e o seu primo saíram pra caçar. A família diz que ele saiu de Leningrado, veio fazer pesquisas aqui na península e nunca mais foi visto.

– Conheço apenas o Dimitri que joga dardos comigo – o cara de pau respondeu –, mas ele é um velho careca e ainda pensa que Leningrado se chama São Petersburgo. Não deve ser o mesmo, né?

– Obrigado por sua disponibilidade, camarada. Como disse, se precisarmos, voltaremos a procurá-lo.

– Tenham um bom dia, senhores. *Prochai*!

13

Houve um período em que pouca coisa aconteceu, um tempo de pouca esperança entre os imortalistas, pois o rapaz que alguns pensavam ser imortal parecia vegetar e ninguém, além de Shimeka, tinha muita esperança de que ele um dia saísse dali. Os cabelos cresceram tanto que chegaram à altura do tornozelo. A barba era aparada cada vez que passava do umbigo. O Dr. Tepes e Shimeka cuidavam dele como se fosse o filho que nunca tiveram. Esperavam que um dia saísse do coma e lhes contasse algo de seu passado. Assim como os outros imortalistas, Tepes esperava que seu renascimento pudesse convencer o mundo de que a imortalidade era possível.

A Sociedade Secreta Imortalista continuava mandando dinheiro para manter o que havia sido batizado de Projeto Primeiro Imortal. Mas, ainda que os líderes imortalistas tivessem muito interesse no caso, as doações haviam diminuído e não eram suficientes. O Dr. Tepes precisou vender um apartamento em Belgrado para manter funcionando os aparelhos e também os tanques de nitrogênio onde guardava pouco mais de uma dezena de corpos e cabeças.

Dimitri nunca mais mandou notícias, o que fez com que Tepes pensasse que ele tinha morrido ou perdido o interesse no assunto. Amber Jones saltava de curso em curso querendo desenvolver uma técnica própria de autoconhecimento que definia como "espiritualidade imortalista". Danny Pearce seguia em seu trabalho como eletricista. Abrira uma pequena empresa de reparos em Holbrook e, com a ajuda de Amber, nas horas vagas mantinha alguns projetos imortalistas de menor importância na garagem de casa. Ao menos uma vez por mês, ele telefonava para saber notícias do rapaz. E ouvia Tepes dizer-lhe mais ou menos a mesma coisa.

– Nosso rapaz tá ótimo. Coração batendo firme! Na mesma posição em que você o deixou em 1987.

– Mas ele não dá nenhum sinal de melhora, Dr. Tepes?

– O que posso lhe garantir, Danny Pearce, é que o rapaz está vivo... e respirando sem aparelhos. Mas é um mortinho-vivo, como você sabe.

Danny Pearce não chegou a ser informado disso, pois o Dr. Tepes nunca quis intromissões, mas, naquela cama, por diversas vezes, o rapaz havia quase morrido depois de pegar uma infecção atrás da outra. Não é difícil imaginar que seu sistema imunológico não estivesse preparado para os vírus e bactérias do século XX, que logo deu lugar ao XXI. Para salvá-lo, o Dr. Tepes precisou aplicar doses muito fortes de antibióticos em suas veias. Houve um momento, inclusive, em que Shimeka ficou de joelhos ao lado da cama encomendando o corpo do rapaz, pois estava segura de que seu destino era ir ficar ao lado de Jesus Cristo.

Mas, coisas da vida... o imortal não morreu.

Nos primeiros anos, ele apenas movimentava os olhos azuis acompanhando os movimentos de Shimeka pelo quarto. Não reagia a nada, a nenhum comando. Mais tarde, Shimeka percebeu que ele piscava os olhos lentamente quando ela lhe fazia certas perguntas. Naquela época, o Tepes concluiu que o rapaz havia entrado no que a ciência conhecia como "estado de mínima consciência".

Seus olhos azuis não o haviam visto, nem teriam sido capazes de entender, mas o mundo também mudara muito naqueles últimos anos. O muro de Berlim fora derrubado, a União Soviética partira-se em diversas repúblicas e o Dr. Tepes havia comemorado o fim do comunismo na Romênia. Tepes só não chegara a ver nem a revolução nem os confrontos que mataram milhares de pessoas nas ruas de seu país porque estava sempre cuidando dos velhinhos e, especialmente, de seu projeto secreto.

Depois de todos aqueles acontecimentos, quando parecia que a monotonia tomaria conta do planeta, um ataque terrorista modificou o mundo outra vez. Duas torres gigantes foram derrubadas em Nova York e as coisas estavam novamente estranhas. O Dr. Tepes não se importava com nada daquilo, pois tinha muito que fazer em seu laboratório. Lamentava profundamente o erro imperdoável de um enfermeiro que só percebera a morte de seu pai quando já era de madrugada, com cinco horas de atraso, diminuindo bastante as esperanças de que um dia ele pudesse ressuscitar. A solução que Tepes encontrou para aquele problema foi cortar a cabeça do pai para evitar o congelamento de partes degeneradas. É incrível... incrível pensar que o Tepes sempre soube aonde as coisas chegariam!

"Sua cabecinha vai descansar em paz aí dentro, papai, à espera da ciência", ele murmurou no dia do congelamento, abraçado ao pequeno tanque de nitrogênio, aliviado por ter salvado ao menos o cérebro do velho Flamel.

Todos os dias, Shimeka atravessava o túnel das ossadas luteranas, passava pelos tanques com os corpos imersos em nitrogênio e ia até o fundo do

laboratório para cuidar do paciente que parecia imortalizado em seu estado de consciência mínima. Sem jamais conseguirem dar-lhe um nome, ela e Tepes só o chamavam de “filho” ou “nosso menino”.

O menino de Tepes e Shimeka ficava naquele quarto muito pequeno e sem janelas. Acho que já contei sobre isso.... havia um único e velho quadro pendurado diante da cama... contei, não foi?... uma pintura a óleo sobre uma tela esgarçada, com a imagem de um homem montado num cavalo.

De tempos em tempos, Shimeka acendia um foguinho para aquecer o rapaz. Ela passava horas penteando os cabelos dele e acariciando-lhe a cabeça. Ora contava-lhe as fofocas da vizinhança, ora discorria sobre as taradices do marido. Às vezes, o rapaz piscava os olhos para dar sinal de que acompanhava o que ela dizia. Shimeka costumava também ler livros em voz alta. Cantarolava enquanto tricotava um cobertor. E, quando se cansava, voltava a seus monólogos muito íntimos, confidenciados apenas àquele rapaz silencioso.

– Meu filho, se dependesse de mim você já teria ido descansar. O Tepes é obcecado pela imortalidade, mas eu não sou. Eu acredito em vida após a morte. E você não precisa... pode ir logo pra junto de Jesus. Se você quiser, eu desligo esses aparelhos. Basta piscar os olhos três vezes seguidas. Quer que eu faça isso?

Mas o rapaz ficava com aqueles olhos azuis tão abertos que Shimeka sentia um alívio imenso por ele não piscar nem uma única vez.

Com o passar dos anos, o cobertor azul que Shimeka tricotava foi ficando enorme e, conforme os novelos terminavam, foi ganhando outras cores. Havia momentos tristes, mas logo eles davam lugar a uma grande esperança. Shimeka acreditava que não demoraria a chegar o dia em que o rapaz poderia sair andando de seu quarto escuro para conviver com eles.

Tepes descia cedo para monitorar os sinais vitais de seu paciente. Trocava a bolsa de soro e checava o funcionamento do equipamento que injetava analgésico por um tubo conectado à medula. Era uma técnica novíssima que o próprio Tepes desenvolvera para poder administrar com frequência o Baclofeno e para que o medicamento chegasse imediatamente aonde deveria.

Depois de cumprir suas funções de médico, Tepes ia cuidar dos tanques de nitrogênio, checando a pressão e a temperatura em cada um dos pacientes congelados. Ficava algum tempo em silêncio diante do pequeno tanque onde guardava a cabeça do pai. No fim da tarde, refazia o percurso.

Shimeka movimentava o corpo do rapaz para que ele não criasse feridas, esforçava-se para movimentar braços e pernas querendo estimular os músculos dele e, sempre que trocava suas roupas, olhava intrigada para as listras grossas

em seu ombro esquerdo. Mas logo voltava a pentear-lhe os cabelos, a tricotar o cobertor e conversar com aquele que, pelo que o Tepes contava a Danny Pearce pelo telefone, era "um imortal quase morto".

– Nenhuma novidade mesmo? – Danny insistia.

– Ele saiu do coma, mas segue num estado de mínima consciência. Responde a alguns estímulos quando está com Shimeka, mas infelizmente não é nada que justifique você entrar num avião.

Foi assim por todos aqueles anos, até que, numa manhã, quando chegou para visitá-lo, Shimeka percebeu que o braço do rapaz não estava na mesma posição da noite anterior e sorriu.

Ela percebeu que os olhos dele piscavam mais rapidamente do que o normal, como se estivesse nervoso, angustiado. Perguntou-lhe o que sempre perguntava.

– Meu filho, você quer que eu desligue esses aparelhos, é por isso que você tá agitado?

Bastaria piscar os olhos três vezes, conforme ela sempre lhe dissera, e não desordenadamente como estava fazendo.

Os lábios dele começaram a se mexer e o rosto foi ficando vermelho. Shimeka estava agora muito nervosa, pensando que ele fosse morrer. Mas logo, pela primeira vez, o rapaz começou a emitir sons com a boca. Eram incompreensíveis, mas parecia realmente que ele estava tentando falar.

– O que você quer, meu filho? Vamos, me diz!

– *Naaan...* – ele finalmente balbuciou.

Shimeka ficou eufórica, ainda que não entendesse o que ele tentava dizer.

– *Naaan... naaani... naaaniia.*

Depois de repetir aquilo por diversas vezes, o rapaz finalmente disse algo que Shimeka entendeu.

– *Áaa...pa.*

Era estranho que ele falasse alguma língua que não fosse a de um homem das cavernas. Mas o que supomos é que ele passara a compreender a língua romena naqueles anos em que ficou em estado de consciência mínima ouvindo as confissões de Shimeka.

– Você quer água? Você disse *ápa!* Minha Nossa Senhora! Você tá vivo, meu filho...

Shimeka segurou a mão do rapaz, apertou seu corpo com força contra o dele, deu-lhe um beijo estalado na testa e saiu correndo atrás do marido.

– Tepes! Tepes! Ele acordou!

14

Como haviam se passado muitos anos e a investigação sobre meu desaparecimento aparentemente não daria em nada, o primo Vladimir estava de novo destemido, às voltas com um plano que o deixava eufórico. Queria voltar à caverna do permafrost e resgatar os três corpos ancestrais que haviam ficado lá dentro. Fazia tempo que o primo andava na pior. Tivera até que vender o snowmobile que comprara com o dinheiro de Danny Pearce, pois, se não pagasse umas dívidas de jogo, poderia acabar enforcado numa árvore na frente de casa. E, sem dúvida, aqueles corpos valeriam alguns milhares de rublos.

Mas o primo ainda precisava encontrar um bom cliente, alguém que pudesse levar até lá uma máquina para perfurar o gelo e abrir caminho pela caverna que ele havia implodido quando precisou esconder meu corpo lá dentro. O primo trabalhara um bom tempo com exploração de gás e sabia que isso era possível. De certa forma, era até uma operação simples, desde que se conseguisse dinheiro para alugar um equipamento de perfuração que normalmente só as petroleiras tinham.

Além de tudo, o desgraçado tinha medo de encontrar meu corpo ensanguentado, que por certo estaria intacto naquele pedaço de mundo onde as temperaturas ficavam permanentemente negativas. Tinha medo de que meu espírito pudesse se apoderar de seu corpo ou alguma coisa parecida. Sempre tivera medo também que, ao remexer na história, meu assassinato pudesse ser descoberto. E, toda vez que aquela ideia aparentemente estúpida latejava em sua cabeça, ele ia à taverna para esquecê-la.

Foi numa dessas tardes de embriaguez, quando finalmente acertou um dardo no centro do alvo e ganhou cinquenta rublos de um camarada, que ele teve a grande ideia. Sentindo-se invencível e poderoso, Vladimir deu uma desculpa qualquer para sair do jogo e voltou apressado para casa.

15

No setor de pesquisas paleontológicas do Museu do Homem, em Paris, no fim de mais um dia que passara trancado naquele subsolo cinza em que tudo que via era um pedaço de Torre Eiffel atrás de uma árvore, ainda terminando de revisar o inventário, ordenando cabeças de homens pré-históricos esculpidas em cera, catalogando ferramentas de pedra lascada, o paleontólogo Fabrice Jacquemont estava tão entretido que demorou a atender o telefone. Quando resolveu descobrir quem o atrapalhava tão insistentemente, demorou mais ainda para acreditar na história mirabolante que o primo Vladimir lhe contava.

Fabrice segurava o gancho do telefone com uma das mãos e, com a outra, mexia impacientemente em seus óculos de armação grossa, ora tirando-os, ora colocando-os de volta no rosto, quase tendo um ataque de ansiedade.

– Como assim, Vladimir? Três corpos inteiros de homens das cavernas? E você por acaso sabe diferenciar um *sapiens* moderno de um antigo?

Fabrice Jacquemont disparava perguntas, nervoso, desconfiado e ao mesmo tempo curioso com o que o primo lhe dizia do outro lado da linha.

– Monsieur Jacquemont, eu o levei até aquele rinoceronte de 20 mil anos. Lembra que você o encontrou exatamente como eu prometi?

O primo sempre foi observador. Ainda era capaz de lembrar-se da expressão de espanto no rosto de Jacquemont no dia em que os dois escavaram juntos a cabeça de um rinoceronte, durante uma expedição de cientistas franceses, mais ou menos um ano antes daquele telefonema.

E ele continuou com sua típica rasgação de seda.

– Nosso rinoceronte... ele não tá bonito no seu museu de Paris?

– Escute, se você achou corpos humanos, isso é uma coisa completamente diferente! Nunca ninguém encontrou nada além de ossadas, unhas e fios de cabelo de seres humanos do período Paleolítico. Três corpos com cabelos, pele, olhos... Bem, talvez sejam novos Ötzi, completamente desidratados. Mas o Ötzi viveu na Idade do Cobre, tem só cinco mil e poucos anos. E além de tudo é uma múmia amaldiçoada! Bom, isso já seria uma enorme descoberta. Você encontrou

múmias, talvez?

– Camarada, estou te falando que os corpos tão inteiros, não tão estragados não. Só têm uma carinha de manga chupada, mas o que é que você queria?

Vladimir debochou do paleontólogo francês. Era parte do jogo dele mostrar que não se importava com nada. Era justamente aquilo que deixava o cliente afoito.

– Eles têm até umas roupas de pele com umas coisas penduradas – continuou. – Não sabia que faraós usavam essas roupas horríveis, nem temos... como é o nome daquilo? Pirâmide... não temos pirâmides com múmias aqui na Sibéria. Desse fim de mundo eu entendo, monsieur, e escuta uma coisa: eles não têm cara de macaco. São gente mesmo!

– Isso é o esperado, é óbvio! – Fabrice Jacquemont continuava duvidando do primo. – Os *sapiens* têm essa mesma estrutura há pelo menos 200 mil anos. Você deve ter encontrado turistas ou caçadores com roupas exóticas e está pensando que eles são homens pré-históricos.

– Você vai acreditar em mim ou vai deixar passar a maior oportunidade da sua vida? Isso aqui é a Sibéria, *chéri*! Eles têm até umas marcas estranhas pelo corpo... umas caras de espantados. São trogloditas mesmo!

Vladimir dava o máximo de detalhes para provar que falava a verdade, mas, ainda que a descrição fizesse sentido, ainda que a Sibéria fosse um congelador gigantesco, Fabrice Jacquemont achava extremamente improvável que os corpos humanos pudessem resistir intactos a tantos anos de congelamento. Mais difícil ainda era acreditar num caçador que, durante a expedição dos cientistas franceses, passara as noites bebendo vodca e contando piadas de mau gosto.

Jacquemont lembrava-se muito bem de como Vladimir extorquira seu grupo durante uma nevasca, dizendo que, se não lhe pagassem o dobro do prometido, não poderia garantir que ninguém chegasse vivo a Paris. Por outro lado, no Museu do Homem circulavam rumores sobre um corpo de neandertal achado na Sibéria.

Vladimir podia estar falando ao menos uma meia verdade. Eu sei bem como o primo é ardiloso... Enganei-me muitas vezes com ele também.

Se caísse numa armadilha, Jacquemont poderia ser exposto a uma terrível vergonha diante de seus colegas pesquisadores do museu, e especialmente do Instituto Francês de Paleontologia, ao qual era afiliado. Por outro lado, se Vladimir estivesse falando a verdade, Jacquemont poderia finalmente ser respeitado como cientista. Ele pediu ao primo que deixasse seu número, pois iria pensar no assunto e, conforme fosse, telefonaria de volta. Tomou três xícaras de

café para agitar os pensamentos e sentiu-se mais livre para fantasiar.

– E se esse russo escroto estiver falando a verdade? – murmurou pelos corredores. – E se os corpos forem mesmo de “trogloditas”?

Os corpos poderiam ser de neandertais como os que haviam habitado a Europa algumas dezenas de milhares de anos antes. Poderiam também ser *sapiens* mais recentes, talvez do período Neolítico. Era difícil saber.

– Vão colocar minha estátua no Jardim das Tulherias! – Jacquemont seguia falando sozinho.

Se fossem do Paleolítico, isso significava que tinham milhares de anos de idade, como tantos animais pré-históricos que já haviam sido encontrados na Sibéria. Nos anos 1990, quando Fabrice Jacquemont ainda era apenas um universitário, lera com interesse um artigo científico sobre um pequeno mamute descoberto por russos, batizado de Yuri. Sim, eu sei o que você está pensando: era exatamente o mesmo mamute que eu e o primo achamos na nossa caçada.

Enfim, uma descoberta de tal magnitude envolvendo seres humanos seria extremamente importante para a carreira de Jacquemont. A pesquisa daria inúmeras respostas sobre a história da humanidade. E, afinal, havia sido por isso que Jacquemont escolhera uma carreira tão difícil, ainda que sua ocupação como pesquisador do museu estivesse longe da que ele sonhara.

Se o primo estivesse falando a verdade, a vida de Jacquemont mudaria radicalmente. E a paleontologia no mundo, graças a ele, jamais seria a mesma.

– Vou desse porão pra Champs-Élysées num passe de mágica! – ele dizia pelos corredores.

Os corpos embalsamados poderiam ser expostos dentro de caixas de vidro na entrada do Museu do Homem, com outdoors anunciando a exposição pelas ruas, pelas estações de trem, dentro dos metrôs. Jacquemont publicaria um artigo científico que teria destaque na capa na revista americana *Science*, ou na francesa *La Recherche*, e haveria também reportagens, ao menos uma delas com o título pomposo que ele começou a rabiscar num papel sobre a mesa.

HOMENS DAS CAVERNAS EM EXIBIÇÃO NA FRANÇA

Talvez seu nome aparecesse num subtítulo.

Pesquisador francês Fabrice Jacquemont é o responsável pela

descoberta de seres humanos pré-históricos.

Se fossem corpos recentes, no entanto, seria perda de tempo viajar até a Sibéria. E isso era o mais provável.

A insegurança sempre perseguira Jacquemont, e fazia algum tempo que sua autoconfiança tinha sido definitivamente corroída. As discussões terríveis que o haviam levado a um divórcio doloroso, em especial a humilhação a que sua ex-mulher o expusera na frente de amigos no Natal anterior... tudo aquilo latejava em suas têmporas cada vez que ele colocava a cabeça no travesseiro.

Mas às vezes precisamos chegar ao fundo do abismo para concluir que está na hora de matar o monstro. E foi isto que Jacquemont decidiu: iria matar o monstro.

– Quando Fabrice Jacquemont virar um nome internacional você vai se ajoelhar pedindo pra voltar... e aí a gente vai ver quem é o "bosta de homem"! – Ele não parava de falar sozinho, eufórico, claramente pensando que só algo grandioso poderia apagar a tragédia de sua memória.

Aos 38 anos, recém-divorciado, sem filhos, sem grandes perspectivas na carreira, parecia ser o homem certo no lugar certo.

Terminou o café e saiu correndo para telefonar ao Vladimir.

– Digamos que eu decida ir atrás desses corpos. Como vamos chegar até eles?

– Ah, bom, *chéri*... agora, sim, vamos falar de negócios!

– Eu não tenho condições de passar com três corpos humanos pelas fronteiras, ainda mais com essa polícia de vocês. Você consegue transportá-los até algum país mais amigo da França?

Naquele instante, o primo percebeu que Jacquemont não teria condições de perfurar o permafrost para resgatar os outros corpos que ele deixara lá dentro. Venderia o corpo do rapaz outra vez.

– Deposite 30 mil rublos na conta da minha mulher e eu te dou as instruções.

– Como assim?

– São só 30 mil, isso não é nada pro teu governo. Ainda mais agora com essa crise toda e o petróleo vendido a preço de água... nossa moeda não vale nada! Aliás, ninguém vai se importar se a gente exportar um corpinho. *Prochai*, camarada!

Uma semana depois, Fabrice ligou para Vladimir novamente.

– Pegou o dinheiro?

– Tá na mão. Quer dizer, tava. Paguei umas dívidas. A coisa aqui não tá fácil.

Agora, é o seguinte, *chéri*... o corpo não tá comigo.

– *Connard!* – Fabrice Jacquemont perdeu a linha. Xingou Vladimir e, sem perceber, de tanta raiva, continuou falando em francês. – *Où sont les corps?*

– Eu não falo francês, *chéri*, nem gosto que gritem comigo.

– Eu perguntei a você, Vladimir – Jacquemont respirou fundo, querendo se acalmar –, cadê os corpos?

– Não são três. É só um. E ele mudou de país.

– Como assim? Você vendeu os outros dois?

– Nunca foram três. E não vou mentir... já vendi esse corpo duas vezes. Numa delas, me pagaram. Na outra, levei um cano. E eu entreguei a todos o que prometi. Você é o terceiro comprador. Mas tá com sorte, porque vai ter muito menos trabalho. O corpo já tá descongelado, inclusive parece que tá vivo! E eu tenho informações quentinhas pra você: ele tá fora da Rússia, num país mais ou menos amigo da França.

– Como assim, vivo? Não faz sentido... Onde é que ele está?

– Parece que eles ressuscitaram o corpo, camarada. Acredita? Mas... quer saber onde ele tá? Por essa informação eu vou te cobrar 100 mil rublos.

– Impossível! São quase quatro mil euros, não vou pagar... Você deve estar bêbado, pra variar.

Fabrice desligou o telefone na cara do Vladimir e, no instante seguinte, olhou assustado para uma estante cheia de artefatos que ele deveria numerar e catalogar. Ficou alguns segundos ainda com a mão sobre o telefone.

Uma colega tão magra que parecia uma ossada ambulante entrou em sua sala pedindo ajuda para colocar umas pastas com documentos numas prateleiras que ficavam no alto. Jacquemont estava tão transtornado que abandonou sua habitual gentileza. Disse àquela mulher de costas arqueadas para esperar e deu uns bons socos na mesa. Derramou o café em cima do computador, fez um show na frente dela e, quando finalmente se envergonhou, percebendo o silêncio que tinha tomado conta da sala, levantou-se, subiu numa escada e foi ajudar a mulher. Enquanto arrumava as pastas na estante, sentindo um cheiro fortíssimo de mofo, ele começou a imaginar pesquisadores americanos e alemães anunciando a descoberta na sua frente. Ainda em cima da escada, decidiu que usaria todo o dinheiro que tivesse no banco para pagar Vladimir.

Telefonou de novo para a taverna.

O próprio Vladimir atendeu, tomando a garrafa de vodca das mãos da atendente, que andava cada vez mais encantada por ele.

– *Helloooo, monsieur!*

O primo serviu-se de mais uma dose, fez um gesto brusco mandando que a moça saísse de perto e, enquanto escutava os planos de Jacquemont, sorriu triunfante.

– Um brinde ao *monsieur* Jack! – Vladimir gritou ao fim do telefonema, de um jeito que lhe era bem típico, enquanto chamava a atendente para devolver-lhe o telefone sem fio. – Toma uma você também! Quem tá pagando é o Vlado, o novo tsar da Sibéria.

Dois dias depois, o dinheiro entrou na conta da mulher do primo. E, como ele tinha recebido uma intimação para depor novamente sobre o caso do meu assassinato, começou a temer que os investigadores pudessem ter grampeado o telefone da taverna ou, pior ainda, que pudessem estar rastreando sua conta bancária.

No telefonema seguinte, o primo falou em código. Bem... pelo menos ele achava que aquilo era um código.

– Quem fala aqui é o Volódya. Anota aí: o nome do médico que tá com aquela coisa é Tepes Flamel. Ele cuida de um asilo em Sighisoara, na Romênia. Outra vez: Tepes Flamel. Sighisoara. Romênia. Anotou direito?

O nosso querido primo caçador de rublos repassou ao paleontólogo francês as informações que Danny Pearce lhe confidenciara ingenuamente na época do resgate do corpo e que lhe havia confirmado num telefonema recente. É inacreditável, mas o primo era tão ardiloso que havia convencido Danny de que não tinha nada a ver com os mercenários iugoslavos!

"O imortal está renascendo, Vladimir", Danny lhe dissera. "Agradeço muito a sua colaboração, mas vamos abortar aquela missão."

"Mas e os três corpos fresquinhos? Eles não vão ficar pra sempre lá dentro", o primo ainda tentara insistir com Danny.

"Não tem jeito... a qualquer momento eu posso ter que ir para Sighisoara e não vou precisar dos outros corpos." Danny encerrou a conversa, sem imaginar como aquelas informações haviam excitado o primo Vladimir.

Por incrível que pareça, Danny Pearce dissera-lhe que o homem das cavernas estava exatamente na mesma cidade da Romênia para onde o primo mandara os mercenários iugoslavos muitos anos antes. Vlado não sabia se aquilo daria em alguma coisa ou se Fabrice Jacquemont acabaria desaparecendo como os mercenários. Vlado... e eu ainda chamo aquele crápula pelo apelido da infância... apague isso, minha filha!

16

Naqueles dias tensos no subsolo do Museu do Homem, entre telefonemas para a Sibéria e pesadelos atormentados, Fabrice Jacquemont ficava imaginando como era possível que os romenos tivessem ressuscitado um corpo pré-histórico. Não fazia mesmo muito sentido, você não acha? Confesso que, se eu não tivesse visto os corpos na caverna com meus próprios olhos, não acreditaria em nada daquilo que o primo Vladimir contou ao ingênuo Jacquemont. Mas o instinto do paleontólogo francês lhe dizia que havia algo de grandioso em tudo o que o primo dizia. E o instinto, sabemos bem disso, raramente erra!

Fabrice Jacquemont conseguiu marcar uma reunião com o diretor do Instituto Francês de Paleontologia e, depois de muitas explicações, conseguiu convencê-lo a levar o caso ao conhecimento do ministro da Ciência, que terminou o telefonema informando que consultaria a presidente da República.

– Deixe comigo, Fabrice – disse-lhe o diretor. – Vou fazer o assunto tramitar o mais rapidamente possível, mas já o advirto de que direi a meus chefes exatamente o que penso: que o que você propõe tem um potencial enorme para o sucesso... e igualmente enorme para o fracasso.

Duas semanas depois, quando a presidente deu sinal verde para o pedido do Ministério da Ciência, a estratégia de ação foi discutida com o ministro da Defesa, que convocou uma reunião com o alto escalão das Forças Armadas e com o chefe do serviço de inteligência da França. Decidiu-se montar uma operação secreta, batizada de *Suspicatus Immortalem*. E o nome até que fazia sentido, afinal, tudo o que se podia afirmar era que Jacquemont estava em busca de um "suposto imortal".

Mas, antes de qualquer coisa, o governo francês queria confirmar as informações que Fabrice Jacquemont obtivera de seu informante na Sibéria. E, como havia ordem para que não enviassem um único cidadão francês à Romênia sem autorização expressa, a primeira medida foi a contratação de uma espiã em Bucareste, enviada imediatamente ao asilo do Dr. Tepes em Sighisoara.

17

Mihaela Maria passou algumas semanas atravessando o cemitério, parando inúmeras vezes na frente da igreja fingindo que rezava e visitando o asilo. Às enfermeiras, dizia ser a sobrinha de um velho mudo que não tinha recebido uma única visita em mais de dez anos. Mas, nas muitas vezes em que fingiu dar atenção ao velho, ouvindo e vendo o que podia no asilo do Dr. Tepes, Mihaela não percebeu absolutamente nenhuma movimentação estranha.

Estava cansada de bisbilhotar velhinhos em seus passeios pelo jardim e chegou ao limite do desespero no dia em que viu Tepes e Shimeka decorando um pinheiro com enfeites de Natal.

– Isso me deprime – ela resmungava. – Me sinto o pior dos mortais!

Mihaela lamentava-se naqueles dias frios, e continuaria deprimida ao longo de todo o tempo em que ficasse escondida na caminhonete observando a rotina do casal com seu binóculo camuflado. Esperava que eles pudessem dar algum sinal do corpo que supostamente guardavam. Cansou-se de ver Shimeka estendendo roupas no varal. E riu sozinha quando viu Tepes de joelhos correndo atrás da mulher no quarto do casal. Chegou a pensar em avisar os franceses que a informação não procedia, que aquilo ali não passava de um asilo monótono comandado por um médico tarado.

A espiã não via a hora de voltar a conviver com seus gatos. Mas estava sendo muito bem paga e não iria abandonar o serviço. Até que, num dia gelado de janeiro, viu entrar no pátio um carro velho, de onde saiu um velhinho de jaleco branco.

O velho enfermeiro juntou-se ao Dr. Tepes e a um funcionário do asilo. Eles começaram a movimentar um tanque de aço inoxidável enorme pelo jardim, levando-o em direção à casinha que a espiã havia identificado em seus desenhos como "residência do diretor do asilo".

Mihaela Maria começou a desconfiar que o mistério não estava no asilo, e sim na casa do diretor.

– O que eles vão fazer com um tanque daquele tamanho numa casinha de

pedras caindo aos pedaços? – murmurou.

Ela acendeu um cigarro dentro da caminhonete e tomou notas apressadamente em seu caderninho.

Os três homens desceram com o tanque por uma escadaria que se ocultava atrás de uma balaustrada e que até então não havia sido notada pela espiã. Seguramente o estavam levando ao subsolo.

Pela placa do carro, Mihaela conseguiu detalhes sobre o enfermeiro visitante e, sem qualquer autorização legal, grampeou seu telefone. Descobriu que ele telefonara para um número que não constava na lista. E aí, finalmente, chegou à linha secreta do Tepes.

Alguns dias depois, exausta de tanto ouvir as conversas de Shimeka com as amigas, Mihaela rastreou um telefonema de Danny Pearce. Sim, o Danny... ele não tinha desistido.

– Como vai meu imortal, tudo normal?

As palavras daquele americano ainda não identificado fizeram a espiã derrubar a sopa de batata dentro da caminhonete.

– Danny, meu querido, as notícias são fenomenais! Eu já ia mesmo lhe telefonar. Ele fez uns sons estranhos... e falou algumas palavras. Falou em romeno, acredita? Não fala tudo, claro, mas já pede água e comida pra Shimeka.

O Dr. Tepes disse tudo aquilo rindo baixinho, daquele jeito que ele faz quando está satisfeito com alguma coisa. E depois falou muito orgulhoso:

– Shimeka ensinou o rapaz a falar nossa língua, você pode acreditar nisso?

– Então, peraí... o imortal tá pronto para ser apresentado à Sociedade!

– Calma lá, garoto – disse o Dr. Tepes, imediatamente estancando a simpatia –, que sociedade coisa nenhuma!

– A Sociedade Secreta Imortalista... Você sabe muito bem que foram eles que financiaram o resgate, financiaram também a construção do seu laboratório... e faz mais de vinte anos que mandam dinheiro a você. Estão ansiosos pelo resultado!

– De jeito nenhum... Seria muito precipitado. Aquele mocinho russo também gastou o dinheiro do pai dele, não foi? E você nunca se preocupou com ele. Aliás, ele sumiu do mapa! Então, vamos com calma... a saúde do menino imortal ainda é frágil como a de um recém-nascido. Você não ficou sabendo? Ele quase morreu de tantas infecções! Ou você acha que o homem viaja das cavernas pros Cárpatos e sai andando por aí?

– Mas, Dr. Tepes...

– Fica tranquilo, Danny Pearce! O rapaz tá quase do mesmo jeito que você

viu na última visita. Vive deitado na cama, quase não se mexe, não sabe de onde veio nem faz ideia de que viveu milhares de anos atrás... – Tepes começou a falar com sua conhecida doçura. – Aliás, é importante que você saiba, a Shimeka tem me ajudado muito. Que alma, a minha Shimeka! Danny, garoto, não tenha dúvidas de que, na hora certa, vamos fazer um espetáculo pro mundo, como você deseja, e pode deixar que os créditos da descoberta do corpo serão seus. Mas ainda é cedo!

– Viajo no primeiro avião que conseguir!

Mihaela Maria arregalava os olhos dentro da caminhonete. E continuava fazendo anotações.

– Não, não venha agora! O menino não pode receber visitas. Vai ficar doente de novo. Sem falar que ele só se comunica realmente com Shimeka. Na maior parte do tempo, eu o observo por um espelho falso que colocamos no quarto. Estou gravando as coisinhas que ele fala e estudando sua evolução.

– Já estou me arrumando pra viajar.

– Você está me ouvindo, Danny Pearce? Estou dizendo para você não vir! É muito cedo e você pode criar um trauma nele. Aliás, quando sonha, ele faz uns barulhos com a boca e se debate como se estivesse lutando. Outro dia começou a tremer... Você tinha razão, o rapaz é primitivão, não faz ideia da bosta que virou esse mundo! – Tepes gargalhou, e ficou sério outra vez. – Me escute, Danny Pearce... Se você vier, vai destruir o trabalho cuidadoso que estamos fazendo.

Danny já não estava mais ouvindo. Tinha desligado o telefone e já se dirigia para o aeroporto. Compraria lá mesmo as passagens para ele e para Amber Jones.

Mihaela Maria terminou de transcrever a conversa, anotou o número de onde partira a ligação nos Estados Unidos e telefonou para os agentes franceses, que resolveram avisar a Interpol, que avisou o FBI, e se armou o circo.

18

Danny Pearce foi preso no aeroporto de Phoenix, no Arizona, a poucos minutos de embarcar. Os agentes americanos prenderam também Amber Jones, sob a justificativa de que, assim como o namorado, ela era fundamental para uma investigação de interesse internacional e que os dois, soltos, poderiam atrapalhar o trabalho da Interpol.

Mihaela Maria já estava com a namorada no apartamento que as duas dividiam em Bucareste quando o celular tocou e ela ficou sabendo que precisaria voltar a Sighisoara. Os franceses tinham decidido agir imediatamente.

No dia seguinte, um helicóptero militar com bandeira da França pousou no jardim do asilo. Minutos depois, desceu um helicóptero igualmente enorme, uma UTI móvel que era usada como hospital em áreas de difícil acesso. A polícia romena já havia cercado a propriedade, e a espiã Mihaela Maria estava de novo em ação, com um walkie-talkie no ouvido, dando apoio aos policiais romenos.

A operação fora montada pelas Forças Armadas francesas com apoio do Departamento de Polícia Investigativa da Romênia. Em mais uma tentativa de ganhar apoio político na Europa Ocidental, o presidente romeno se curvara aos franceses e enviara sua tropa policial de elite para ajudar na operação.

Fabrice Jacquemont acompanhou o resgate. Viajou ao lado dos enfermeiros no helicóptero UTI, com o propósito de registrar cada movimento da missão *Suspicatus*. Não tinha permissão para sair do helicóptero. Mas, aproveitando-se da confusão, desobedeceu à ordem dos militares e acompanhou os enfermeiros e o médico quando eles desceram vestidos com roupas plásticas e máscaras à prova de contágio.

O Dr. Tepes, coitado, não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Saiu do porão com sua machadinha na mão, atordoado com o ruído estrondoso dos helicópteros. Assim que chegou ao alto da escada de pedra, foi detido. Os soldados exigiram que ele levasse a equipe médica até o paciente. Fabrice Jacquemont foi atrás.

– Tenham cuidado com ele, pelo amor de Deus! – Tepes falou enquanto

caminhava apressado. – Ele ainda tá se recuperando de um trauma terrível! Não entrem! Vocês podem passar algum vírus pra ele... Por favor, esperem aqui, vou trazê-lo!

Sem que nada pudesse pará-lo, o Dr. Tepes conseguiu livrar-se dos soldados e injetou uma superdose de Baclofeno na medula do paciente. Ele já estava meio apagado e entrou em sono profundo.

Jacquemont vasculhou a sala e encontrou um baú de madeira com roupas de pele.

Na sala onde ficavam os tanques de nitrogênio, o velho enfermeiro que vinha colaborando com Tepes estava com fones no ouvido, analisando dados sobre o paciente em monitores monocromáticos, e só percebeu que alguma coisa acontecia no momento em que foi arrancado pelos policiais romenos.

Shimeka vestiu o corpo adormecido do rapaz que passara a ver como filho e jogou sobre ele o cobertor de muitas cores que o aquecera nos últimos anos. Ficou aos prantos enquanto os enfermeiros abriam a maca para transportá-lo.

– A senhora está presa por prática ilegal da medicina – disse-lhe um dos policiais.

Shimeka foi algemada e levada até uma das caminhonetes da polícia junto com o Dr. Tepes e o enfermeiro. Os três teriam que responder a uma série de acusações na Justiça da Romênia.

Tepes ainda estava entrando na caminhonete quando viu os dois helicópteros passarem sobre sua cabeça. Shimeka chorava compulsivamente. Olhando pela janela, balbuciou seu adeus.

– *La revedere, baiete!*



Caro A.,

Papai ficou muito emocionado quando me contou o estado em que o pobre homem estava antes de ser levado àquele hospital militar. Ele sofreu muito durante a viagem de helicóptero, pois, ao contrário do que se pensava, não estava completamente apagado. E a análise computadorizada de suas memórias confirma isso!

Fato é que fiquei profundamente tocada ao descobrir como foi que a história da humanidade começou a mudar para sempre. Foi por isso, e para respirar um pouco, que resolvi parar para tomar um café e lhe escrever.

Bem, vamos lá: sobre a próxima parte da história, acho importante você saber que papai não conheceu corporalmente a maioria dos envolvidos. Ele teve, no entanto, acesso privilegiado às suas memórias, conforme lhe explicarei num momento oportuno. Enfim, como você sem dúvida vai notar, ele não faz os comentários pessoais que normalmente faria, exceto quando fala do desgraçado do Vladimir.

Decida e altere o texto como achar conveniente!

Yulia.

P.S.: Enquanto fazia a revisão, recebi umas mensagens estranhas de alguém que parece saber (e não gostar nem um pouco) do nosso livro.

– Carta de Yulia Temzrisovich a seu editor,
encontrada entre as páginas 88 e 89
do manuscrito do Primeiro Imortal

19

Ao desembarcar do helicóptero, Fabrice Jacquemont ficou sabendo que teria que defender sua hipótese diante do Conselho Nacional de Arqueologia e enfrentar uma sabatina em que até mesmo suas qualificações como paleontólogo seriam avaliadas.

Enquanto os franceses não decidiam seu destino, o corpo frágil que haviam arrancado do laboratório do Dr. Tepes, aquele a quem, assim como Danny Pearce, Jacquemont só se referia como "imortal", ficaria temporariamente num hospital militar num subúrbio de Paris.

Quando o helicóptero pousou no terraço do hospital, foi preciso fechar o acesso ao último andar para que o novo paciente entrasse sem ter contato com ninguém. Ele foi registrado com o nome de Khaled M., apenas porque o sistema do hospital precisava de um nome, e passou a ser tratado como um imigrante à beira da morte.

O diretor do hospital disse aos médicos e enfermeiros que o homem em coma era um tunisiano de grande interesse nacional cuja identidade deveria ser mantida em segredo. Nada muito fora da rotina de um país tomado por imigrantes.

Para explicar o estado de saúde do paciente, o ministério informou ao hospital que o tal Khaled M. havia passado fome num deserto, que o barco onde ele estava havia naufragado no Mediterrâneo, que sua família inteira havia morrido e que era por essas e outras razões que ele estava imóvel na cama. Era preciso colocá-lo imediatamente em quarentena, numa unidade de tratamento intensivo, numa ala isolada do hospital.

– O tratamento que vamos dar a ele é o mesmo que daríamos a um paciente com uma doença infectocontagiosa – disse o diretor do hospital militar numa reunião com os encarregados do caso.

Quando foram ver o paciente misterioso, os médicos e enfermeiros estavam vestidos com roupas anticontágio e respirando através de tubos e tanques de oxigênio.

Na primeira vez em que despertou naquele ambiente frio e com cheiro de éter, o rapaz imortal olhou com medo para os seres estranhos que o analisavam como se fosse um animal semimorto. E viu um rosto magro e barbado refletido na máscara de um deles. Assustou-se. Depois piscou por algumas vezes seguidas e percebeu que via o próprio rosto.

Sunt eu...

Ele não tirava os olhos da máscara, tentando analisar o rosto refletido na curva do vidro. Lembrou-se de quando Shimeka dizia que, se ele piscasse os olhos três vezes, ela desligaria as máquinas e o deixaria morrer.

Imediatamente, parou de piscar.

Ma va ucide...

Achava que, por uma ou outra razão, iriam matá-lo.

Ma va ucide.

Aquele pensamento o atordoava cada vez que um enfermeiro se aproximava para colher amostras de sangue ou mesmo para colocar-lhe um estetoscópio no peito e ouvir seu coração disparar.

Ficou contraído na cama, muito mais do que na Romênia, sem emitir um único som e sem entender nada do que os franceses diziam.

Assim, algumas semanas se passariam até que os médicos do hospital militar considerassem o misterioso Khaled M. livre de doenças e, aliviados, autorizassem sua remoção.

20

Na sede do Instituto Francês de Antropologia, no sexto andar de um edifício pomposo no Boulevard Haussman, a poucos metros da Ópera de Paris, dezenove cientistas reuniram-se ao redor de uma mesa de mármore para decidir o futuro de Khaled M. – ainda que todos ali soubessem que ele jamais se chamara Khaled M.

Fabrice Jacquemont um dia sonhou que pudesse fazer parte daquele Conselho. Era a elite da pesquisa que se fazia na França sobre a história da humanidade. Mas seu trabalho como paleontólogo, ainda mais porque ele passava a maior parte do tempo enfurnado no subsolo do museu, jamais tinha merecido destaque. Jacquemont sentia-se um estranho no ninho dos doutores. Especialmente diante do grande nome da paleontologia francesa, um sujeito calvo que exalava perfume, sempre com uma gravata-borboleta, e que o assombrava: o Dr. Antoine Lautrec.

Fazia poucas semanas que o nome de Lautrec havia sido estampado na capa da revista *Science* com a divulgação mundial de sua última descoberta: as ossadas praticamente completas de três *sapiens* enterrados numa caverna exatos 13 mil anos antes. E tudo o que se ouvia naquela sala de reuniões eram elogios ao trabalho de Lautrec e de sua equipe.

– Foi como achar três agulhas num palheiro, incrível!

– Um orgulho para a França!

Quando as exclamações já estavam se tornando repetitivas e demasiadamente melosas, o diretor do Instituto, que era também presidente do Conselho, pediu que os cientistas se calassem para começar a reunião.

– Os senhores e as senhoras leram os relatórios, viram os vídeos e fotografias do *Suspicatus immortalem* e estão todos cientes de que temos uma decisão importante a tomar. Repito aqui o que disse aos ministros: podemos estar diante de um fiasco, mas podemos também estar escrevendo um capítulo único na história da pesquisa sobre a humanidade.

– Meu caro presidente do Conselho, o relatório da espiã é contundente –

disse um jovem conselheiro, levantando-se para falar. – Mostra que aqueles loucos da Romênia de fato acreditavam estar diante de um homem pré-histórico, a quem, de maneira um tanto quanto ingênua, referiam-se como "imortal". Mas, como os senhores deverão concordar, isso é pouco... quase nada!

– Temos que tirar o chapéu para o jovem paleontólogo do Museu do Homem! – exclamou teatralmente um espeleólogo, levantando-se da cadeira, gesticulando e provocando risos. – Passamos anos e anos de nossas vidas escovando fósseis... e o Sr. Fabrice Jacquemont, num passe de mágica, encontra um corpo pré-histórico intacto e, ainda por cima – ele fez uma pausa dramática – vivo?

Antoine Lautrec mantinha uma expressão séria no rosto. Enquanto ajeitava a gravata-borboleta, pensava que poderia haver uma grande oportunidade na hipótese levantada pelo jovem conselheiro cujo nome ele não fizera questão de se lembrar.

– Estimados conselheiros, por mais improvável que nos pareça toda essa hipótese batizada com a estranha alcunha de *Suspicatus Immortalem*, e eu concordo que é uma hipótese improvável, sugiro que guardem suas ironias para outra oportunidade, pois vocês podem acabar rindo de seus próprios infortúnios.

Antoine Lautrec estava de pé, com uma caneta de ouro entre os dedos, e seguiu defendendo seu ponto de vista.

– Podemos ter nas mãos um caso raríssimo de um *sapiens* ancestral que viajou no tempo, e não acredito que a França possa abrir mão dessa investigação. Deixo registrado aqui, caro presidente, que pretendo influir diretamente nos rumos dessa pesquisa.

Depois de apresentar um currículo detalhado de Fabrice Jacquemont, relatando o que ele fizera em cada um dos doze anos de sua vida profissional, ressaltando seu diploma de mestrado em Paleontologia e "um belo trabalho de pesquisa no Museu do Homem", o presidente do Conselho perguntou se, além de Lautrec, algum outro conselheiro desejava candidatar-se a chefe da pesquisa.

Começou um burburinho e, como ninguém se pronunciou, o presidente pediu a Jacquemont e Lautrec que saíssem da sala pois iria colocar os dois nomes em votação.

– Isso é ridículo – Lautrec saiu murmurando.

No corredor, enquanto via cientistas indo e vindo, Fabrice Jacquemont servia-se de café numa bela mesa preparada para os conselheiros. Sentia um nervosismo incomum. Andava de um lado para outro enquanto a máquina moía mais café. Seria praticamente impossível vencer a disputa contra o monstruoso

Lautrec.

– Você saberia o que fazer se tivesse a chance de conduzir essa pesquisa?

Fabrice Jacquemont demorou a entender que aquela pergunta era para ele. Olhou para trás e viu que Lautrec estava sentado numa poltrona de veludo, com uma xícara de chá na mão e um olhar desafiador.

– Perdão, o que o senhor disse?

– Perguntei se o senhor é capaz...

Enquanto o gigante da paleontologia francesa fazia sua provocação, Fabrice Jacquemont sentiu-se fraco e desligou-se do mundo. Suas angústias misturavam-se ao café e tudo se revolvia em seu estômago. Saíra humilhado do casamento. Jamais se esqueceria do dia em que a ex-mulher o chamara de "um bosta que não serve nem pra fazer filho". A insegurança aumentava quando ele lembrava que jamais havia publicado um artigo científico e que continuava naquilo que via como um "empreguinho insignificante no museu". Tudo aquilo se revolvia e se transformava numa dor lancinante na barriga de Fabrice Jacquemont enquanto ele ouvia a afronta de Lautrec.

– Então me diga: como você comprovaria a origem do *Suspicatus*?

Jacquemont chegou a ensaiar uma resposta, abriu a boca, encheu os pulmões de ar, mas, antes que pudesse falar, uma jovem cientista parou na frente de Lautrec para pedir que ele autografasse um de seus livros.

– Desde a universidade o senhor é uma inspiração pra mim, Dr. Lautrec. Obrigada por seu trabalho magnífico!

Sentindo a barriga embrulhar, Fabrice Jacquemont correu desesperado até o primeiro banheiro que viu.

Enquanto isso, na sala de reuniões, uma integrante do Conselho argumentava que Jacquemont não tinha as qualificações necessárias para liderar uma pesquisa tão promissora que chegara, inclusive, ao conhecimento da presidente da República.

– Ele não tem sequer um artigo publicado!

– Cuida de uma pesquisa irrelevante no Museu do Homem!

– Até recentemente era arquivista!

Mas o que há de errado em ser arquivista? Confesso que me incomodou ver o desprezo dos outros cientistas por Fabrice Jacquemont. Existe coisa mais fascinante do que o arquivo de nossas memórias? Devo dizer que, desde que comecei a investigar esses acontecimentos, pareceu-me que aquele desprezo generalizado por ele era uma tremenda covardia. Sem falar que os cientistas que o esnobavam ignoravam que o trabalho de um arquivista de memórias humanas

seria imensamente importante no futuro. Eles não faziam ideia de como aquela pesquisa com o rapaz chamado imortal era promissora.

O presidente do Conselho perdeu a paciência e pediu que os cientistas votassem novamente para decidir se quem deveria chefiar a pesquisa era Lautrec ou Jacquemont.

Quando os dois candidatos voltaram à sala e foram informados do resultado, as veias que encobriam o crânio de Lautrec quase explodiram.

– Ingratos! Quem foram os invejosos que votaram nesse iniciante? – ele murmurou, raivoso.

– Caríssimo Dr. Lautrec – o presidente interveio – entendo sua frustração. Apenas peço que o senhor respeite o cientista sério que está aqui para servir à humanidade e à França. Fabrice Jacquemont não tem um histórico de grandes realizações em sua pesquisa científica, é verdade, mas foi ele o responsável pela descoberta.

Fabrice chegou a pensar que seria melhor metamorfosear-se num inseto monstruoso e desaparecer daquela sala. A responsabilidade pesava sobre suas articulações, curvava suas costas e rasgava ainda mais seu estômago. Ele já podia antever que Antoine Lautrec não o deixaria nem respirar durante a pesquisa. O que não imaginou foi que Lautrec estivesse pronto para esmagá-lo, ainda naquela sala, naquele momento.

Como era o decano do Conselho, Lautrec exigiu que seus colegas votassem uma nova proposta, e de última hora: a pesquisa de Fabrice Jacquemont deveria ser submetida a um orientador.

Como o regulamento não exigia que emendas simples fossem votadas secretamente, a proposta de Antoine Lautrec foi aprovada por unanimidade, na frente de todos.

– Penso que não há nome mais indicado para orientar essa pesquisa, Dr. Lautrec – disse, muito aliviado, o presidente do Conselho. – Que bom que o senhor se ofereceu para orientar o trabalho de Fabrice Jacquemont.

Antoine Lautrec acertara na mosca!

E a mosca estava estatelada na mesa de mármore, botando o estômago para fora.

Lautrec tornava-se responsável por qualquer sucesso que Fabrice Jacquemont pudesse ter. E, se algo desse errado, seria sempre fácil lavar as mãos.

21

Algumas semanas depois daquela reunião, parado na beira da estrada, esticando as pernas, e ainda com as costas doídas depois de sete horas de viagem, Fabrice Jacquemont admirava uma montanha monumental em forma de arco. A escultura natural parecia ter modificado sua arquitetura para que o rio Ardèche corresse a seus pés, e aquilo aguçava ainda mais a imaginação fértil de Fabrice.

Ele respirou fundo querendo que o ar frio entrasse em seus pulmões. Fechou os olhos e se esforçou para imaginar como teria sido a vida naquele lugar alguns milhares de anos antes.

Cavalos selvagens corriam pela parte rasa do rio.

Leões cercavam uma hiena deixada para trás pelo bando.

Jacquemont imaginou também um grupo de mamutes. Eram os animais que mais o interessavam, extintos do planeta, mas nunca de sua memória afetiva.

Naqueles mesmos campos verdes e naquelas mesmas colinas, disputando alimento e moradia com seus contemporâneos do período Paleolítico, viveram alguns dos primeiros *Homo sapiens* do continente europeu. Foi logo depois de emigrarem da África. E era bem possível que o *Suspicatus immortalem* também tivesse caminhado por ali.

Jacquemont sentia que sua vida começava de novo naquele dia de sol. O destino dava-lhe uma segunda chance. E ele acreditava que, finalmente, seria capaz de fazer um arco em sua história. Entrou de novo no carro e foi seguindo as placas azuis que indicavam o caminho até o hospital Nouvelle Vie.

Ao entrar no edifício e passar pelo saguão que parecia o de um hotel cinco estrelas, o jovem paleontólogo teve a sensação de que aquele lugar o afastaria de tudo o que o atormentara até então. O afastaria, especialmente, do desgosto e da humilhação que sentira nos últimos anos vendo os sapatos dos parisienses passando apressados pela calçada e só os pés da Torre Eiffel lá no fundo, enquanto olhava pela metade de janela que lhe cabia no subsolo do museu.

Caminhando ainda meio perdido pelos corredores envidraçados do hospital, vendo pacientes sem qualquer percepção do mundo real, dementes ou delirantes,

Jacquemont sentia o estômago embrulhar. Seria possível que o *Suspicatus* estivesse daquele jeito? Era comum que, depois de sair de um coma, pacientes ficassem anos sem se comunicar com o mundo até que de repente morressem. Máquinas sofisticadas tentavam dizer aos músculos daqueles infelizes, e especialmente a seus cérebros, que vencer a morte era possível. Mas, ainda que pudesse parecer uma fábrica de esperanças falsas, o hospital Nouvelle Vie tinha fama de milagroso. Orgulhava-se de ter alguns dos maiores especialistas franceses em neurociência e equipamentos de última geração que o colocavam entre os melhores do mundo. Fazia poucas semanas que uma mulher renascera e saíra andando dali depois de dezenove anos sem mexer nada além das pálpebras e dos globos oculares.

Ao finalmente encontrar a sala da diretoria, Jacquemont apresentou-se a uma secretária e foi levado até a Dra. Charlotte Dimanche, responsável pelo setor de neurologia.

– Já o estava esperando. Venha!

Os dois desceram pelo elevador, caminharam algumas centenas de metros pelos corredores, entraram num edifício anexo, de novo subiram de elevador e chegaram a uma ala completamente nova, com as paredes branquíssimas ainda cheirando a tinta, no terceiro e último andar do hospital.

A Dra. Charlotte digitou uma senha e a porta de ferro abriu-se para que os dois entrassem.

– Esta porta foi um pedido do Dr. Lautrec.

– Parece um cofre de banco – comentou Jacquemont, impressionado.

Antoine Lautrec havia exigido que o hospital tomasse uma série de medidas de segurança para se certificar de que o *Suspicatus immortalem* ficaria completamente isolado. A ordem, que tinha a chancela de três ministérios da República, era que o paciente especial só fosse visto por algumas poucas pessoas indicadas pela Dra. Charlotte e aprovadas pelo Dr. Lautrec.

– A pedido dele, designei um fisioterapeuta e um enfermeiro exclusivos para o paciente.

– Entendo.

– Combinamos que esses dois profissionais ficarão internados na ala nova.

A realidade é que o enfermeiro e o fisioterapeuta passariam mais de um ano praticamente trancados ali dentro para cuidar do novo paciente. Dormiriam em quartos que no futuro serviriam a outros pacientes, ao lado das acomodações do próprio Fabrice e perto de onde, um pouco mais ao fundo, seria o laboratório. E quando um dos dois precisasse sair – afinal de contas, poderiam querer respirar

ar puro ou fumar um cigarro – o outro ficaria de prontidão.

– E a segurança é só a porta do cofre? – perguntou Jacquemont.

– Teremos vigias em tempo integral, mas eles ficarão sempre do lado de fora para não saberem nada do que acontecer aqui dentro. Só o senhor, o fisioterapeuta, o enfermeiro e eu teremos acesso ao código para entrar.

– A senhora também?

– Sim, o Dr. Lautrec fez uma requisição ao meu ministério e eu fui liberada de algumas funções na diretoria para cuidar do nosso paciente.

Subitamente, a Dra. Charlotte interrompeu a caminhada, forçando Jacquemont a parar para ouvi-la com atenção.

– Agora deixe-me fazer uma pergunta, porque preciso tirar uma coisa da minha cabeça. Me sinto até um pouco envergonhada, Sr. Jacquemont, mas vamos lá: nosso paciente, o tal *Suspicatus*, ele é um ser humano parecido conosco ou está mais próximo de um neandertal?

– O Ignatius? Ah, não, ele não parece com aqueles homens das cavernas do cinema, de jeito nenhum!

– Ignatius?

– Sim. Passei muitos dias pensando em um nome pra ele e acabei escolhendo Ignatius. Não podemos ficar chamando o nosso paciente de Khaled M. a vida inteira. Muito menos de *Suspicatus immortalem*. Então, como há uma suspeita de que ele tenha nascido no período Aurignaciano...

– Como é o nome do período?

– Aurignaciano – ele repetiu lentamente, e explicou à médica que os aurignacianos tinham recebido aquele nome por causa do achado arqueológico em Aurignac, no sul da França. – A paleontologia moderna entende que o período Aurignaciano ocorreu entre 35 mil e 43 mil anos atrás, durante o Paleolítico Superior. Foi quando nasceu a cultura moderna, inclusive a música. Os primeiros *sapiens* da Europa faziam esculturas e também desenhavam nas cavernas. Foram os Caravaggios e Michelangelos da Pré-História.

– E a linguagem? O senhor pensa que ele vai conseguir usar alguma forma de linguagem para se comunicar conosco?

– Ninguém sabe que tipo de linguagem havia no Paleolítico, doutora. Meu sonho é que ele fale alguma coisa que nós sejamos capazes de codificar.

– Venha, Dr. Jacquemont, quero que veja o quarto que reservamos ao paciente.

A neurologista parou diante de uma porta de vidro que se abriu automaticamente e os dois entraram. Para o que existia na época, pode-se dizer

que era uma belíssima unidade semi-intensiva.

– Temos aqui os melhores equipamentos que alguém pode querer num hospital. Não vai faltar nada ao... Ignatius?

– Sim, Ignatius... como o santo!

A Dra. Charlotte sorriu e começou a ligar alguns equipamentos quando seu celular tocou.

– Ele chegou. Venha!

22

Escoltados por quatro carros da polícia, os enfermeiros do hospital militar haviam atravessado meia França com a ambulância onde estava o paciente ainda identificado como Khaled M. Percorreram mais de 600 quilômetros, de Paris até Ardèche, para levar aquele corpo imóvel até o hospital neurológico Nouvelle Vie.

Quando Ignatius foi colocado em seu novo leito, pouca gente saberia dizer a diferença entre ele e uma das muitas vítimas de derrame que estavam na outra parte do hospital apenas esperando o momento da despedida. Mas ao finalmente ver de perto aquele ser pequeno, magro e cabeludo, Jacquemont sentiu um gosto amargo na boca. Ficou desnorteado, andando de um lado para outro do quarto, indo e voltando para ver o paciente outra vez. Até que a Dra. Charlotte o puxou pelo braço.

– Saia de perto! Ele está nesse estado catatônico porque lhe tiramos alguns medicamentos. Vamos lá fora respirar!

A neurologista levou Jacquemont para um quarto vizinho e colocou uma máscara de oxigênio em seu rosto. Ele respirava fundo, ofegante, e sentia algo arder na barriga.

– Estou com uma dor aqui. – Jacquemont colocou a mão um pouco abaixo do umbigo. – Uma dor que me corta feito navalha.

A neurologista deu-lhe uma cápsula de Omeprazol. Pensou que aquelas dores podiam ser a somatização de muitas angústias, ainda que ela não imaginasse quais. A maior angústia de Fabrice Jacquemont naquele momento era pensar que o *sapiens* que ele trouxera da Romênia estava em situação muito pior do que imaginara, que era praticamente um vegetal, com as pernas encolhidas, os braços enrijecidos e o olhar perdido.

Artigo científico, promoção, capa de revista, fama, estátua nas ruas de Paris... aquela nova realidade acabava, de uma vez só, com todos os sonhos de Jacquemont.

A Dra. Charlotte voltou ao quarto de Ignatius e encontrou Antoine Lautrec lá dentro, de máscara e luvas, perscrutando-o como se estivesse diante de um de

seus fósseis.

– O estado dele é bem ruim, não é, doutora? – disse Lautrec, tentando mover o braço esquerdo de Ignatius com uma grande pinça.

– O que estamos vendo não reflete a realidade. Antes de chegar aqui o paciente recebeu medicamentos em excesso e agora, como cortamos quase todos, está sofrendo os efeitos da abstinência. Posso lhe garantir que o estado real dele é um pouco melhor.

– A senhora notou alguma anomalia? Algo que corrobore a tese de que ele veio do Paleolítico?

– Dê-me três meses para recuperá-lo e lhe daremos as respostas.

Antoine Lautrec saiu convencido de que, antes que a medicina fizesse sua parte, tudo o que a paleontologia poderia fazer seriam alguns exames laboratoriais e certos estudos comparativos. Isso Fabrice Jacquemont poderia conduzir praticamente sozinho, sendo orientado a distância por ele. O Dr. Lautrec decidiu que só voltaria a Ardèche depois que o *Suspicatus immortalem* estivesse melhor. Afinal, a viagem era longa e ele não podia se ausentar de Paris com muita frequência. Nem tanto por causa de seu laboratório, mas, principalmente, para não ficar longe dos gabinetes governamentais por onde circulava fazendo costuras políticas.

Quando enfim ficou só, a Dra. Charlotte chamou o fisioterapeuta e o enfermeiro e começou a explicar-lhes como seria o tratamento. Ainda estava intrigada, perguntando-se por que os médicos militares haviam deixado Ignatius com as unhas enormes, a barba longa e cabelos imensos, emaranhados, que agora se arrastavam pelo chão ao redor da cama.

– Assim, apenas pela aparência, é difícil dizer se ele veio mesmo da Idade da Pedra ou se é só alguém maltratado pela vida. O que você acha, Pierre?

O enfermeiro Pierre era um francês magro e alto com sardas claras no rosto.

– Quando a senhora me convidou para esse trabalho, pensei que ele teria uma cara mais de macaco, doutora. Mas, agora que o vi direito, parece um daqueles imigrantes de Montreuil, ou mesmo um daqueles mendigos que ficam nas praças em Paris.

O fisioterapeuta Yoan era um argelino jovem, musculoso e sorridente.

– Ele ainda tá enrugadinho, doutora, mas nós vamos dar um jeito nisso. Logo, logo ele vai sair andando por esses corredores. Deixa comigo!

Repetindo o que Antoine Lautrec lhe apresentara, a Dra. Charlotte disse aos dois que o paciente havia sido encontrado numa caverna de gelo na Sibéria e reanimado num centro clandestino na Romênia, onde passara mais de vinte anos

adormecido antes de ser resgatado pela França.

Pierre olhou para a médica sem entender absolutamente nada.

– Mas o governo da Romênia não podia ter cuidado dele?

Ela ainda pensava na resposta quando Yoan começou a falar:

– Se me permite, doutora, se tudo isso aconteceu de maneira tão incrível como a senhora nos diz, ele é um vencedor. Deve ter lutado muito pra sobreviver!

– É uma forma de entender a história recente de Ignatius, sem dúvida – disse a Dra. Charlotte.

Pierre olhou mais uma vez para a doutora com aquela cara de dúvida.

Yoan foi movimentar o corpo de Ignatius para ajeitá-lo melhor em sua nova cama. Por exigência do governo, todos da equipe médica haviam assinado um contrato de confidencialidade.

No dia seguinte, Ignatius saiu do estado vegetativo em que permanecera nas semanas anteriores e começou a vomitar sobre o travesseiro. Se a overdose de medicamentos havia sido por muito tempo um alívio às suas dores, a abstinência gerava uma série de reações indesejáveis.

– Venha, Yoan! Rápido! – gritou a doutora. – Me ajude a virar o corpo dele.

Yoan trocou os lençóis e Ignatius ficou imóvel na cama, fechado em seu próprio corpo como animal acuado, olhando confuso para os seres estranhos que se debruçavam sobre ele.

Jacquemont não foi vê-lo porque ainda se recuperava da crise gástrica.

Quando a Dra. Charlotte foi analisar as queimaduras no ombro esquerdo do paciente, percebeu que ele tremia.

– Ignatius, você me vê? Me ouve? Pode ficar tranquilo – ela disse baixinho, querendo acalmá-lo. – Eu sou a Dra. Charlotte, sua médica. Vou cuidar de você.

A neurologista concluiu que o nível de oxigênio no sangue do paciente estava dentro do aceitável e que seu coração batia perfeitamente. Ele se acalmava quando Charlotte estava por perto.

– É inacreditável, mas você está muito bem, moço!

Depois de respirar fundo como quem cria coragem para subir uma montanha, ela prometeu a si mesma que faria o possível para que seu paciente pudesse se levantar daquela cama e seguir seu caminho, ainda que não tivesse a menor ideia de que caminho pudesse ser.

23

No dia seguinte, a Dra. Charlotte visitou Ignatius pela manhã e passou o resto do tempo resolvendo problemas na administração do hospital. Como ainda não era possível começar a fisioterapia, Yoan aproveitou para resolver umas questões pessoais e fumar seus cigarros à vontade.

Fabrice Jacquemont ficou sozinho com Pierre na ala secreta do terceiro andar. Pediu ajuda ao enfermeiro para finalmente cortar aqueles cabelos e também a barba, que, mesmo esparsa, passava do umbigo.

Ficou admirado ao ver que Ignatius tinha uma aparência mais moderna do que lhe parecera. Ele certamente não tinha cara de macaco, como Pierre fantasiara, nem de neandertal, como suspeitara Charlotte, nem de manga chupada, como Vladimir lhe dissera num daqueles telefonemas.

Jacquemont reuniu os sacos plásticos com os pelos cortados e foi guardá-los junto das roupas ancestrais de Ignatius, num armário na sala onde montara seu laboratório, no fundo do corredor. Na porta do armário, escreveu: RELÍQUIAS DO IMORTAL.

– São pelos históricos... – murmurou consigo mesmo. – Um dia ainda vamos precisar disso. No mínimo vão expor tudo no Museu do Homem!

Ao voltar, Jacquemont pediu a Pierre que segurasse Ignatius enquanto ele fazia medições.

Mediu os ossos das pernas.

A bacia e o tórax.

Mãos e pés.

Braços e ombros.

Mediu tudo.

E ficou algum tempo analisando as marcas paralelas que pareciam uma tatuagem no ombro esquerdo de Ignatius.

– O que você acha que essas linhas significam?

– Não faço ideia, chefe, talvez ele tenha se queimado numa grelha.

– Tudo é possível, Pierre... até isso! Mas eu tenho certeza de que essa marca foi feita intencionalmente e nos diz algo sobre o clã em que Ignatius vivia. Agora venha me ajudar com as radiografias.

Antes de ser promovido a pesquisador, enquanto trabalhava como arquivista da reserva técnica no Museu do Homem, Jacquemont entrou em contato com muitos estudos sobre descobertas arqueológicas importantes. Lembrando-se das réplicas de crânios que um dia catalogara, percebeu que a cabeça de Ignatius era mais larga do que a dos humanos modernos.

– Você vai ser o primeiro a saber de algo inacreditável, Pierre: o cérebro do Ignatius é maior do que o nosso!

– Isso quer dizer que nós ficamos mais burros com o passar dos anos, chefe?

– Bem, acredito que sim, Pierre. Você me faz acreditar que sim... mas não por causa do tamanho do cérebro. Agora me diga uma coisa: se Ignatius saísse andando pelas ruas de Paris, você acha que ele chamaria a atenção?

– Acho que ia dar até polícia! Com essa carranca esquelética e essas olheiras... as pessoas sairiam correndo.

– Sei... Mas e quando ele se recuperar, ficar um pouco mais gordinho e estiver vestido com roupas modernas?

Jacquemont não teve paciência de esperar a resposta e retomou o raciocínio.

– Enfim, acho que ele não é muito diferente de algumas pessoas que vemos por aí. Apesar da cabeça um pouco maior e mais achatada que a nossa, acredito que ninguém notaria que ele tem idade pra ser o tataravô do tataravô de Jesus Cristo!

– Foi para descobrir essas coisas que o senhor dissecou o paciente daquele jeito? Eu não acho ele parecido comigo, de jeito nenhum.

– Com você, certamente não. O cérebro dele é bem diferente – Jacquemont sentenciou, antes de sair do quarto e voltar a seu laboratório, seguido de perto por Pierre.

O paleontólogo achou o crânio de Ignatius parecido com o dos fósseis de Cro-Magnon, importantes referências no estudo dos primeiros *sapiens*, exibidos em destaque no Museu do Homem.

Muitas vezes, durante seu expediente no museu, o paleontólogo trocava o subsolo pelo salão principal e ficava diante daqueles fósseis com quase 30 mil anos de idade, protegendo-se dos esbarrões de turistas afoitos, sonhando com o dia em que faria uma descoberta importante o suficiente para estar naquelas vitrines.

Agora em seu novo laboratório ali no hospital, desfrutando a luxuosa vista

para a floresta, Fabrice Jacquemont olhava para as radiografias do crânio de Ignatius e fazia rabiscos num papel, e sonhava alto.

– Agora vai ser "doutor" pra cá, "professor" pra lá...

Ele recriou as linhas da testa, que eram retas como as dos homens modernos, desenhou o osso lacrimal, desceu pela cavidade do nariz, fez cuidadosamente as curvas acentuadas do osso zigomático que sustenta as bochechas e desceu pela mandíbula, chegando finalmente ao queixo largo. Estava cada vez mais certo de que Ignatius e o homem de Cro-Magnon eram parentes próximos.

– Numa coisa eu concordo com você, Pierre: debilitado desse jeito, ele parece o Cro-Magnon ressuscitado!

Depois, Fabrice Jacquemont escreveu uma carta de apresentação, escreveu também um relatório técnico e preparou três caixas com cópias das radiografias, amostras dos cabelos e das unhas e também pequenas amostras da pele animal usada na confecção das roupas e dos sapatos de Ignatius. Pierre se encarregaria de levar tudo ao correio para que cada caixa fosse despachada para um laboratório diferente: um em Paris, outro em Zurique e o terceiro na Pensilvânia.

Ao abrirem as caixas, cientistas sem qualquer conhecimento sobre a existência de Ignatius analisariam aquele material pensando que havia sido extraído de uma múmia.

– Não vou entregar meu tesouro à concorrência, Pierre. Jamais!

24

Nos primeiros meses, a Dra. Charlotte submeteu Ignatius a três cirurgias, uma delas para implantar nele um sistema de bombeamento que mandava um analgésico ininterruptamente para a medula. Era um método parecido com o que o Dr. Tepes usara, com a diferença de que o aparelho novo ficava dentro do corpo, debaixo da pele do abdômen, e era controlado por um aplicativo de celular.

Sem tantas dores, Ignatius passou a se movimentar mais e prestar mais atenção no que acontecia à sua volta. O ambiente, no entanto, lhe era estranho e opressor: tudo muito branco, com muito metal, muitos equipamentos eletrônicos e produtos químicos com cheiros fortes sem qualquer registro em sua memória pré-histórica.

As outras duas cirurgias foram para reparação de músculos e articulações. Como Ignatius passara mais de vinte anos em coma, sem falar nos milênios em que estivera congelado, muita coisa estava atrofiada, especialmente em seus braços e pernas.

Fato é que, depois das cirurgias, a vida dele melhorou bastante. Seus membros ficaram mais ágeis e flexíveis, e isso permitiu que Yoan usasse um equipamento eletrônico que erguia o corpo do paciente para exercitar os músculos sem que ele fizesse esforço. Era como se Ignatius caminhasse parado com a ajuda do aparelho.

Ele continuava em silêncio, mas, conforme as dores iam diminuindo, descontraía os membros e relaxava a mente, e descontraía também os músculos da face, parecendo menos carrancudo que nos primeiros dias.

Quando, sem a ajuda de aparelhos, ele ficou de pé pela primeira vez, Yoan chorou.

– Agora tenho certeza... Um dia você vai sair andando desse hospital – profetizou o fisioterapeuta, sorrindo e enxugando as lágrimas no próprio rosto. – Eu tô te prometendo isso, irmão! Você passou sei lá quantos mil anos deitado, mas eu vou te fazer andar pelo mundo.

25

Os músculos de Ignatius foram ficando mais fortes e, de braços dados com Yoan, ele conseguiu dar os primeiros passos pelo corredor da ala secreta onde vivia. Ao sentir que seu paciente podia caminhar sozinho, o fisioterapeuta pediu autorização à Dra. Charlotte para avançar para uma nova etapa. E, assim, Ignatius começou a usar um equipamento que na época era uma grande novidade: o exoesqueleto.

Agora que já se passaram muitos anos o exoesqueleto é quase uma banalidade, como sabemos. Tomou o lugar das antigas cadeiras de rodas, fazendo com que todos os descapacitados físicos possam andar de pé pelas ruas. Mas o que Ignatius usava ainda era uma versão primitiva. Como o próprio nome diz, tratava-se de um esqueleto externo que se encaixava no corpo, um robô ligado a um computador que interpretava as vontades dele, reagia aos movimentos de suas pernas e o fazia andar.

É curioso ver como, de repente, o *sapiens* da Idade da Pedra tornou-se um homem biônico. Passava os dias caminhando sozinho pelos corredores, e se divertia andando a passos rápidos, apavorando Yoan.

Até que, num desses dias, depois de algumas semanas sem vê-lo, Antoine Lautrec chegou de Paris e o encontrou no corredor.

– É você mesmo, *Suspicatus*?

Ignatius olhou para ele com desconfiança e seguiu caminhando.

– Você parece um atleta... está muito melhor.

Ignatius ficou um pouco atrapalhado, pois acompanhava Lautrec com olhos desconfiados enquanto o paleontólogo o perseguia e continuava falando.

– Você está indo muito bem, rapaz, preciso admitir isso. Está mais corado, os olhos brilhando... O tratamento fez nascer um novo *sapiens*.

Sem tirar os olhos de Lautrec, Ignatius se desequilibrou, esbarrou numa maca que estava parada no corredor e caiu. Ficou deitado no chão enquanto o exoesqueleto desgovernado movia seus braços e pernas. Lautrec agachou-se querendo ajudá-lo, mas Yoan apareceu correndo, desligou o equipamento e

retirou aquele peso das costas de Ignatius antes de levantá-lo em seus braços.

Lautrec passou um bom tempo reunido com a Dra. Charlotte, informando-se sobre a saúde de Ignatius, e depois foi ao laboratório de Jacquemont para saber sobre os avanços da pesquisa.

– Apenas pela forma física do *Suspicatus immortalem* não temos como afirmar que ele seja um *sapiens* ancestral. – Lautrec falava pausadamente, confortavelmente ocupando a cadeira de Jacquemont. – Por mais que eu perceba alguma anomalia no formato do crânio, uma rara distribuição dos pelos ao longo do corpo e uma também rara combinação entre a cor da pele e a dos olhos, ele pode ser um espécime humano incomum como muitos que vemos por aí. E afinal, já temos as análises laboratoriais?

– Nada ainda.

– Você ao menos já estudou as marcas que ele tem no ombro? Penso que a tatuagem é uma das principais pistas que temos – disse Lautrec.

– Só posso ver nisso uma marca trib...

– Há uma espécie de simetria partindo do centro para as extremidades – interrompeu Lautrec. – E isso tem que significar alguma coisa. Pesquise a forma, veja se há semelhança com algo do período Paleolítico. Talvez a pegada de um animal, uma impressão digital... é preciso investigar. Isso nos dará uma informação valiosa.

– Quero que o senhor veja umas fotos que recebi do museu de arqueologia de Bolzano. É incrível como as tatuagens nas costas da múmia Ötzi têm semelhanças com as de Ignatius. Me dê um minuto.

Jacquemont ficou procurando as fotos no armário, meio atrapalhado, nervoso com a presença de Lautrec.

– Aqui estão. E esse é o desenho que eu fiz. Veja como as tatuagens são parecidas!

Ele mostrou um desenho em que reproduzira a tatuagem de Ignatius para compará-la com as muitas marcas espalhadas pelo corpo de Ötzi.

– Não vejo razão para achar que elas são da mesma época, nem para dizer que tinham o mesmo propósito – Lautrec sentenciou. – As tatuagens de Ötzi não são orgânicas como a do *Suspicatus*. Parecem uma marcação... Há indícios de que as tatuagens de Ötzi fossem parte de um tratamento médico, uma forma de acupuntura inventada nos Alpes cinco mil anos atrás.

– Mas eu imaginei que...

– Pare de imaginar, Fabrice Jacquemont. Você sonha demais! O que você tem de concreto sobre a origem do *Suspicatus*?

– Ignatius.

– Como?

– Eu chamo ele de Ignatius, e todos aqui nos referimos a ele por esse nome. Não dava pra continuar chamando um ser humano com um nome científico.

– Está bem. E o que você sabe sobre a origem do *Suspicatus* Ignatius?

– Fiz as medições e concluí que o crânio dele tem um formato parecido com o dos homens de Cro-Magnon.

– Peça aos alemães para analisarem isso!

– Como? Eu já mandei as radiografias a três laboratórios! Mandei até para os Estados Unidos...

– Mande para a Alemanha, Jacquemont! O paleontólogo Franz Fuchs conhece esses crânios como poucos. É um dos maiores especialistas do mundo em Aurignaciano e Gravetiano. Conhece esses períodos do Paleolítico com mais profundidade até do que eu. Anote o telefone dele, por favor!

Jacquemont sentiu um líquido espesso subir por sua garganta, deixando um gosto terrivelmente amargo em sua língua. Pensava que a qualquer instante uma espuma amarela sairia de sua boca e se esparramaria pelo chão. Ao mesmo tempo, era como se a ponta de uma navalha riscasse seu estômago. E ele precisou se sentar. Esquecera-se de tomar o Omeprazol.

Os alemães de novo, não é possível!

Jacquemont estava tão abalado que sentia novamente o gosto amargo que o acompanhara durante uma temporada muito difícil, alguns anos antes, quando fizera parte de seu mestrado em Berlim. Sentira-se vítima de preconceito por parte de alguns professores e colegas. Aquela ferida não estava cicatrizada de jeito nenhum. Pensar que teria que lidar com os alemães de novo o apavorava.

Mas Lautrec não sabia de nada disso, nem concordaria, se soubesse. Ele adorava os alemães.

– Você quer que eu chame um médico? Vamos até a outra parte do hospital ver o que você tem! O que é que você vai arrumar agora, Fabrice Jacquemont?

– Não é nada, Dr. Lautrec, não se preocupe. É só uma gastrite. Mas, enfim, voltando: podemos ao menos esperar a resposta dos três laboratórios antes de mandar qualquer coisa aos alemães?

– Vamos ser muito francos aqui: você sabe que eu não teria votado em você naquela reunião do Conselho, não sabe? O ministro está cobrando resultados. A presidente da República já me telefonou querendo saber se temos ou não temos uma grande descoberta arqueológica para mostrar à França antes das eleições. E você sabe o que eu disse a ela? – Lautrec fez uma voz fina, irônica. – “Desculpe-

me, senhora presidente, mas o paleontólogo Fabrice Jacquemont ainda não me enviou um único relatório que comprovasse porcaria nenhuma."

Jacquemont estava pálido e sentia que aquele líquido amargo invadia sua boca outra vez.

– Me desculpe, Dr. Lautrec...

– Você tem mais três meses, Jacquemont! Três meses para me dar uma resposta contundente... ou vou tomar uma atitude drástica – Lautrec o ameaçou, já de pé, saindo do laboratório.

Jacquemont foi até a janela se recuperar, segurou-se no parapeito para não cair e viu o Bugatti de Lautrec sair do estacionamento do hospital. Foi tomar um copo de leite. Por alguma razão inexplicável, achava que o leite curava suas dores e amansava as angústias. Tomou, finalmente, o Omeprazol. Mas aquele amargo não saía de sua boca.

26

Yoan imaginou que estivesse no meio de um pesadelo quando ouviu uma voz grave e rouca repetindo uma palavra que ele não conhecia. Ainda tentou mudar de posição no sofá para voltar a dormir. Os sons, no entanto, não paravam.

– *Naaaan... naaaan...*

Havia tempo que a garganta de Ignatius não tremia daquele jeito, querendo dar vazão à sua voz. Quando foi arrancado do laboratório do Dr. Tepes, ele sentiu muito medo e se fechou tanto que nunca mais conseguira falar. Nem mesmo aquelas poucas palavrinhas que dizia a Shimeka. Nada. E isso é perfeitamente compreensível. Era muita mudança na cabeça de alguém que despertara depois de milhares de anos congelado numa caverna.

Pois, naquele momento em que as coisas haviam melhorado, com todo o tratamento médico que recebera no hospital Nouvelle Vie, e especialmente com a dedicação de Yoan e da Dra. Charlotte, ele se sentia seguro outra vez. Era preciso apenas relembrar a sensação em sua garganta, reaprender a mexer os músculos que faziam o som chegar até a boca.

– *Naaaan... naaaniiiii...*

Yoan finalmente acordou, assustado.

Estava amanhecendo.

– Você precisa de alguma coisa, irmão? Tá com fome?

Parecendo compreender o que Yoan lhe perguntava, Ignatius acabou encontrando outras palavras:

– *Vreeeeau... áaapa.*

O fisioterapeuta não entendeu.

– *Mi-e sete.*

Yoan esforçou-se por mais algum tempo, gesticulando e falando pausadamente, mas concluiu que não seria compreendido nem se falasse esperanto ou aramaico. Pegou na mão de Ignatius querendo que ele se sentisse acolhido.

Ignatius tirou a mão e apontou para a própria boca.

Yoan quase grudou o rosto no dele.

– É sede o que você tem? É isso, irmão?

– *Ápa...*

Yoan buscou um copo d'água e Ignatius bebeu com tanta vontade que se molhou.

– Quando eu atravessei o deserto na África, ainda criança, quase morri de sede também – disse Yoan. – Sei como você se sente. Agora, espera quieto aqui! Vou chamar a doutora.

A Dra. Charlotte tinha acabado de sair do elevador e ficou assustada quando viu que Yoan estava fora da ala secreta do hospital.

– O que aconteceu?

No quarto de Ignatius, ao ouvir aquela voz rouca e profunda, a neurologista teve certeza de que algo muito importante estava acontecendo. A literatura científica mostrava que, quando um paciente saía de um estado de consciência reduzida, era assim, com a voz rouca e arrastada, que ele falava pela primeira vez.

– *Áaapa... vreau ápa... mi-e sete* – Ignatius repetiu.

– Pelo que entendi, doutora, essas palavras significam que ele quer água.

– Então dê água pra ele!

Yoan deu-lhe mais um copo e Ignatius bebeu novamente.

– Pode confiar na gente, Ignatius. Não sei o que você está dizendo, mas isso não é o mais importante neste momento.

Charlotte sabia que, mais do que fazê-lo compreender suas palavras, era preciso dar a elas um tom agradável, que fizesse Ignatius se sentir seguro.

Em alguns minutos, ele começou a respirar em ritmo mais lento e pareceu mais tranquilo.

– Que bom que você está se acalmando – ela disse, virando-se para Yoan. – Vá chamar o Jacquemont, por favor!

Quando o fisioterapeuta saiu da sala, Ignatius olhou para Charlotte com ternura e repousou as pontas de dois dedos na palma de sua mão. Ela sorriu com ternura também.

– Você é tão humano quanto nós, eu sei disso! E você também precisa se sentir acolhido. Fique tranquilo, estou do seu lado e nada vai acontecer. Eu sou a Dra. Charlotte, sua médica. Quer me dizer seu nome?

Ignatius pressionou os dedos com um pouco mais de força na palma da mão de Charlotte e os olhos da neurologista encheram-se de lágrimas.

Alguns segundos depois, Jacquemont entrou abruptamente, interrompendo o silêncio.

– Por que vocês demoraram pra me avisar? Num momento tão crucial, não acharam importante o paleontólogo estar presente?

Ignatius virou-se para Jacquemont e ficou ofegante outra vez.

Charlotte olhou furiosa para o paleontólogo, mas ele nem percebeu.

– Ignatius, como vai? Eu me chamo Fabrice Jacquemont. Você me conhece, não é? Pode falar comigo. Você está bem?

Yoan colocou a mão sobre o peito de Ignatius, esforçando-se para fazê-lo repetir o que dissera mais cedo.

– Me diga, irmão... *vous... reaux... apá?*

Ignatius respirava fundo, sem falar.

Jacquemont insistiu.

– O que você quer, afinal? Comida? Água? Me diga, fale alguma coisa!

– Ele já bebeu bastante água – disse a Dra. Charlotte, querendo acabar com aquela tortura. – Está ficando nervoso. Vamos deixá-lo em paz, Dr. Jacquemont!

– Eu não sou doutor...

– Está bem, venha comigo então, *professor* Jacquemont!

Ele também não era professor, mas dessa vez ficou calado. Charlotte o pegou pelo braço e fez com que ele se afastasse de Ignatius.

– Por favor, professor, compreenda: ele está renascendo depois de muito tempo num estado de consciência reduzida. E antes disso estava congelado. Não podemos pressioná-lo dessa forma. Venha comigo, por favor!

Pierre entrou no quarto, apressado.

– Me desculpe o atraso, doutora.

– Que bom que você chegou. Cuide de Ignatius. Venha, professor, vamos deixar o enfermeiro tomar conta do paciente – Charlotte falou em voz alta.

À noite, Fabrice Jacquemont não conseguia dormir. Sentia-se diminuído pelo gesto da Dra. Charlotte, ressentido com todos por não o terem chamado a tempo de ver o paciente falar. Ele só conseguiria ouvir a voz de Ignatius no dia seguinte. Mas, antes que isso acontecesse, mais uma vez Charlotte e Yoan ficariam algum tempo sozinhos com o paciente, tentando transmitir confiança a ele, até decidirem chamar o paleontólogo.

– Professor, nosso paciente... ele está falando. – Yoan media o tom de cada palavra. – O senhor quer... poderia vir?

– E por que você não me chamou antes?

Jacquemont saiu pisando firme pelo corredor. Yoan foi atrás, explicando-se.

– Vim na hora em que a doutora me pediu. Sugiro que o senhor entre lentamente no quarto e não fale muito alto pra não assustar o Ignatius.

– Não acredito que um fisioterapeuta vai me dar ordens...

– Faça como o senhor quiser, chefe – disse Yoan, desistindo de argumentar e decidindo ficar no corredor.

Jacquemont respirou fundo. Entrou calmamente para não assustar Ignatius.

– *Shmeeék... unde shmék.*

– Você tem alguma ideia do que isso signifique, doutora? – Jacquemont sussurrou no ouvido de Charlotte, respirando fundo para se acalmar.

– Me parece que ele tenta falar hebraico, italiano ou até mesmo alguma outra derivação do latim – ela respondeu sussurrando. – Não acho que seja uma língua do Paleolítico, infelizmente.

Jacquemont virou-se para Ignatius e falou baixo, considerando pela primeira vez a possibilidade de que ele não fosse um homem pré-histórico.

– Pode falar comigo? Italiano? Russo? *What… are… you… trying… to…. tell… us*? – ele tentou, em inglês.

Ignatius demorou a reagir.

– *Vreau dorm* – ele disse lentamente, virando-se para o outro lado, desejando que Jacquemont o deixasse.

– Como você viu, professor Jacquemont, ele disse algo parecido com "dormir" – Charlotte sussurrou. – Parece francês, e parece espanhol também. Ele pode estar misturando línguas. Mas precisamos ter paciência para não confundir a cabeça dele.

Jacquemont insistiu.

E a Dra. Charlotte perdeu a paciência mais uma vez.

– Vamos deixar que ele descanse? Por favor, vamos fazer silêncio!

– Muito bem... Imagino que a senhora seja a paleontóloga que comanda esta pesquisa e que este senhor de roupa verde seja seu assistente, o subdiretor do laboratório, certo? E eu sou um serviçal de vocês.

Charlotte achou tudo muito sem propósito, mas continuou falando suavemente, para não perturbar Ignatius.

– De fato, eu sou a médica e tenho responsabilidade pelo paciente. Inclusive ele tem evoluído muito neste hospital, onde comando o setor de neurologia, caso o senhor não se lembre. E o Dr. Lautrec está muito satisfeito com meu trabalho. Agora venha, professor Jacquemont, vamos sair.

– Precisamos deixar uma câmera gravando o que acontece aqui dentro!

Jacquemont falou de impulso, vomitando sua raiva, sem que ficasse claro se queria usar a câmera para analisar os movimentos e as falas de Ignatius ou para monitorar a equipe. O fato é que ele realmente mandaria instalarem câmeras por

todos os lados, inclusive dentro do quarto de Ignatius.

A Dra. Charlotte ignorou o comentário e voltou-se para Ignatius. Percebendo que ele estava exausto, pediu que Yoan lhe desse um pouco de sopa.

– É sopa de batata, irmão. So...pa de ba...ta...ta – Yoan repetia, olhando nos olhos de Ignatius, mastigando as palavras como quem ensina uma criança a falar.

Ignatius captou alguma coisa.

– *Cartofi.*

E Jacquemont deu um salto.

– *Cartofi?* Merda! Isso é alemão? Você quis dizer *Kartoffel... Kartoffelsuppe?*

– *Cartofi* – Ignatius repetiu com sua voz profunda, tomando mais um pouco da sopa que Yoan lhe dava.

Quando o paciente dormiu, Jacquemont saiu do quarto profundamente frustrado. Ignatius sabia falar algumas palavras. Mas seria possível que ele falasse justamente alemão? Se fosse isso mesmo, não haveria a menor chance de ele ser um homem pré-histórico!

O conhecido gosto amargo começou a passear por seu esôfago, passou lentamente pela garganta e logo se espalhou pela boca.

Temendo o fim precipitado de sua gloriosa carreira científica e sem a menor ideia do que fazer para salvar a própria pele, Jacquemont foi até a geladeira do laboratório pegar uma garrafa de leite. Bebeu num único gole, esperou o gosto amargo passar e telefonou para Antoine Lautrec. Precisava relatar os acontecimentos, compartilhar suas angústias e, quem sabe, encontrar alento nas palavras daquele cientista que ele admirava e detestava.

– A notícia que você está me dando parece boa. Se o *Suspicatus* Ignatius é capaz de falar algo, mesmo que pareça incompreensível, nós já temos condições de investigar suas origens.

– Sim, Dr. Lautrec, mas tem um problema. Parece que ele fala um pouco de alemão...

– Hein?

– Sim. Ele disse algo parecido com *Kartoffel*, "batata"... bem, o senhor fala alemão... e disse também algumas palavras que lembram italiano... e francês... enfim, alguma língua com origem no latim. O que eu faço se ele não for o que a gente imaginava?

– Se ele fala algo parecido com alemão e uma língua latina, talvez a descoberta arqueológica que você fez seja outra – disse Lautrec, irritado. – Talvez o nosso *sapiens* tenha vindo do tempo em que o Império Romano dominava a Saxônia! Pode ser um centurião, um senador... quem sabe um César perdido no

tempo?

– Dr. Lautrec, por favor... eu estou tentando descobrir, mas ainda não tenho as respostas.

– Já passou da hora, Fabrice Jacquemont! Já passou da hora de mandar outros cientistas para trabalhar com você. Pessoas qualificadas... E talvez o ideal seja mesmo alguém da equipe alemã de Franz Fuchs, pois eles estudam especificamente o período Aurignaciano que nos interessa, ou melhor, no qual suspeitamos que talvez haja uma mínima possibilidade de estar a origem do *Suspicatus*. Ainda mais agora que você me diz que ele fala alemão. Bem, em breve vou tomar uma decisão. Mas, enquanto isso, siga investigando o que puder!

Ouvindo em sua cabeça o eco das palavras daquele que se transformara novamente num monstro, Fabrice Jacquemont sentiu aquele amargo tentando subir do esôfago para a boca. Correu para beber mais leite. E, quando enfim sentiu que se acalmava, foi rabiscar num papel as palavras que ouvira de Ignatius.

Vreau

Dorm

Shimecá

Kartoffel?

Cartofi?

Quando finalmente se deitou para dormir, um pensamento martelava em sua cabeça. E se Ignatius fosse um imortal alemão?

27

O corpo incompleto esculpido em presa de mamute estava numa pequena caixa de madeira nas mãos de Franz Fuchs. Ao lado do pesquisador renomado estava Hannah Schneider, a diretora do Museu de Ulm, que era também uma restauradora famosa, especialmente conhecida por seu trabalho impecável na reconstrução de túmulos de princesas celtas. Os dois estavam no palco do auditório da sede regional do Escritório Nacional de Preservação da Alemanha, em Stuttgart, preparando-se para começar uma apresentação.

– *Frau* Dr. Hannah Schneider, *liebe Kollegin*, foi um exagero terem escolhido este lugar imenso. Estão querendo transformar nossa pesquisa num show? – o Dr. Fuchs murmurou ao ouvido de Hannah, certo de que um espaço pequeno, como uma das cavernas que passara os anos anteriores escavando nos Alpes Suábios, ou mesmo seu escritório apertado na universidade, seria mais apropriado a uma reunião decisiva como aquela.

Fuchs não fazia ideia de que era justamente Hannah quem queria transformar aquela pesquisa num show.

– *Damen und herren* – ele disse, iniciando a apresentação –, queridos colegas, estou certo de que nosso encontro seria muito mais produtivo se estivéssemos na caverna onde Robert Wetzel começou sua escavação nos anos 1930. Mas a formalidade estatal, ou a megalomania de alguém, nos trouxe a este lugar enorme, de paredes cinzentas, sem significado. Enfim, aqui explicaremos a missão árdua que teremos nos próximos meses.

Na plateia, onde nove pessoas escolhidas a dedo ocupavam os assentos da primeira fileira, havia uma jovem inquieta numa cadeira mais atrás. Ela não via o menor problema em dizer o que pensava, mesmo diante de pesquisadores respeitadíssimos, mesmo que quebrasse as normas de conduta da educação alemã.

– Eu li sobre Robert Wetzel. Era um *Nazi-Schwein*. Me desculpem, senhoras e senhores, mas por que precisamos começar nosso encontro falando de um porco que serviu a Hitler?

Fuchs não conseguiu esconder seu incômodo. Virou-se de costas, coçou seu bigode de estilo imperial e falou baixo para que apenas Hannah o ouvisse.

– Quem é essa moça sem educação?

– É uma jovem bioantropóloga com excesso de confiança. Utta Prida é o nome dela. Acaba de concluir o doutorado. Queria estar num outro projeto – Hannah murmurou, sem mexer os lábios, mostrando à plateia de cientistas o sorriso simpático que a fizera famosa nos meios arqueológicos da Alemanha. – Não lhe dê tanta importância, professor!

Fuchs virou-se novamente para a plateia e voltou a falar alto.

– Robert Wetzel pode ter sido um porco nazista, como diz *Frau* Prida, mas sem ele não estaríamos diante desta estatueta que talvez seja a obra de arte mais antiga e enigmática da história da humanidade.

Fuchs era um tanto fechado e sem carisma, e não conseguiu causar muito impacto quando abriu a caixa com a estatueta de marfim.

– A tecnologia que temos hoje nos permite estimar que esse teriantropo tenha ao menos 35 mil anos de existência – Hannah acrescentou.

– E qual foi o grande feito do nosso querido nazista? – Utta insistiu, criando novo incômodo na plateia, mas dessa vez sem resposta de Fuchs.

Recuperando-se do mal-estar, o paleontólogo respirou fundo e fez um silêncio prolongado, querendo gerar expectativa em relação ao anúncio que faria em seguida. Abriu um sorriso quase imperceptível.

– Gostaria de dizer a todos que sejam bem-vindos ao projeto "Vida, cultura e morte do *Homo sapiens* artista do Vale da Solidão".

Enquanto ouvia os aplausos da plateia, alguns mais fortes, outros quase inaudíveis, além, é claro, dos aplausos sempre entusiasmados de Hannah, ele voltou a falar.

– Muitos ainda não sabem, mas vocês foram convocados para esse projeto porque temos duas missões importantíssimas: primeiro, queremos fazer uma nova restauração da estatueta a partir de fragmentos que, de uma forma ou de outra, continuam chegando até nós. Além disso, queremos também determinar seu sexo e, com sorte, conhecer seu rosto. Só assim poderemos saber sua história e entender como pensava o humano que a esculpiu naquela época de prosperidade, quando os *Homo sapiens* estavam ocupando o lugar dos homens de Neandertal sobre a Terra, praticamente inventando o que era ser um humano moderno, com arte, música, rituais sagrados e uma liberdade que jamais voltaremos a ter.

Fuchs finalmente colocou a estatueta diante da câmera que estava à sua

frente. E pela imagem no telão ficou tudo mais claro aos que estavam no auditório.

A peça de quase 30 centímetros representava o corpo de um ser humano com a cabeça incompleta, sem olhos, nariz nem boca. A única parte bem definida acima do pescoço era uma orelha alongada que parecia pertencer a um urso, leão ou mesmo uma hiena. Certo é que fora esculpida em marfim, numa presa de mamute. Depois da primeira montagem que haviam feito daquele quebra-cabeça tridimensional, mesmo faltando muitos pedaços, era possível ver uma postura humana bastante expressiva, como se aquele ser estivesse em movimento, na ponta dos pés. Dava para ver também um detalhe que ninguém conseguia explicar: nove linhas esculpidas no ombro esquerdo, como uma tatuagem.

– Foi para dar vida a essa estatueta que requisitamos biólogos, paleontólogos, arqueólogos e antropólogos – Hannah completou.

Pela primeira vez o Dr. Fuchs olhou diretamente para Utta, e o que disse em seguida foi apenas para provocá-la.

– Também convocamos alguns aprendizes. Precisamos manter a tradição do nosso departamento de sempre trazer sangue novo e compartilhar o conhecimento com as novas gerações.

Fuchs disse isso e voltou para o centro do palco querendo retomar a apresentação. Contou que Robert Wetzel encontrara muitos fragmentos da estatueta, mas nunca tivera certeza do que exatamente tinha nas mãos.

– Um de seus grandes méritos foi ter se apressado em guardar aqueles fragmentos. Ele colocou tudo numa caixa de charutos. Teve que largar as escavações no meio. Sete dias depois de encontrar os primeiros pedaços do que mais tarde se revelaria um dos maiores achados arqueológicos do século, começou a Segunda Guerra Mundial!

– É verdade, professor, que Wetzel mandou hastear uma bandeira nazista e esculpiu uma suástica na entrada da caverna? – A pergunta era de Mathias Rotenberg, um paleontólogo jovem que acabava de se juntar à equipe.

– Lamentavelmente, sim – o Dr. Fuchs respondeu. – Wetzel via nas escavações do Vale da Solidão uma forma de afirmar a suposta superioridade daquilo que os nazistas chamavam de "raça ariana". Queria comprovar que as raízes germânicas vinham dos primeiros caçadores de ursos e mamutes que habitaram essa região. Era de fato um projeto racista e por isso foi financiado e acompanhado de perto pelo departamento científico da SS.

– Himmler, que, como todos sabem, era um dos principais homens de Hitler – Hannah completou – andava tão interessado no projeto que pretendia visitar a

caverna, mas abortou a viagem porque a guerra se aproximava rapidamente. Wetzel escreveu uma carta a um subordinado de Himmler, que só recentemente encontramos. Essa carta, que vocês podem ver no telão, confirma que ele teve plena consciência de que havia encontrado um tesouro.

– Sim, dá pra ver na parte destacada: "*Was sie darstellen sollte*... o que ela representa... não está claro, mas as marcas talhadas são claramente intencionais" – observou uma antropóloga, lendo a carta pela imagem no telão.

– *Perfekt!* – Hannah Schneider entusiasmou-se. – Vocês devem ter notado que a carta foi enviada a um alto comandante da SS, o *Kamerad* Schleif, e assinada em 28 de agosto de 1939, quatro dias antes que os exércitos nazistas invadissem a Polônia e começassem a guerra.

– Reparem bem no cuidado que teve Robert Wetzel! – o Dr. Fuchs retomou a palavra. – Mesmo depois de ver todo o seu time de pesquisadores ser chamado a combater no Exército nazista, ainda jogou o material escavado de volta na caverna para proteger o sítio arqueológico. Não foi à toa que o homenagearam depois de sua morte, em 1962. E foi isso que salvou a estatueta, pois muitos fragmentos de marfim foram encontrados justo no meio da terra que a equipe do professor cuidadosamente devolveu à caverna.

– De certa forma, a Segunda Guerra salvou a escultura mais antiga da história da humanidade – disse Hannah, aproveitando a pausa, sempre buscando o lado positivo das coisas.

– Mas depois disso – prosseguiu Fuchs – a estatueta, ainda indecifrada, passou trinta anos adormecida. Foi o professor Joachim Hahn, no fim dos anos 1960, que resolveu mexer nos arquivos do Museu de Ulm e descobriu os fragmentos dentro da caixa que guardava o que foi achado de importante no último dia das escavações de Wetzel. Vocês podem ver ali no telão.

Na tela via-se uma fotografia de uma caixa de charutos cubanos com uma numeração que, estava claro, fazia referência à data em que tudo fora guardado.

– O incrível dia 25 de agosto! Foi quando a estatueta começou a ressuscitar de seus mais de 30 mil anos de sono. Falamos muito sobre isso na universidade – disse Mathias, excitadíssimo com a possibilidade de colocar as mãos naquela peça rara.

– Exatamente – prosseguiu Fuchs. – Joachim Hahn e dois estudantes que o visitavam pararam tudo o que estavam fazendo e se debruçaram sobre o que encontraram na caixa. Um tesouro!

– Pronto – interrompeu Utta. – Depois disso eles montaram a estatueta sem cabeça e foram fumar charutos. Já vimos a fotografia, muito interessante mesmo.

E o que mais nos resta a fazer?

A jovem Utta Prida continuava pensando que poderia sair daquele projeto para participar da restauração das vênus, esculturas menores, mas também importantíssimas, de mulheres sem cabeça, peitudas e gordinhas, com vulvas enormes simbolizando fertilidade, sensualidade, e que, afinal, ela tinha certeza, eram as primeiras manifestações de feminismo na história do *Homo sapiens*.

Fuchs prosseguiu.

– Antes de falarmos do que você viu nas fotografias, prezada bioantropóloga, você precisa saber o que aconteceu depois que o professor Joachim Hahn e seus alunos montaram aquela figura esquisita que parecia ser a união de um *sapiens* com um animal selvagem.

– O Cavaleiro sem Cabeça – disse Hannah, provocando risos discretos ao lembrar o famoso conto dos irmãos Grimm.

– O destino estava a nosso favor – prosseguiu o Dr. Fuchs. – Em 1972, um ex-aluno do professor Wetzel apareceu numa conferência e fez uma revelação surpreendente: tinha guardado alguns pedaços muito finos de marfim, restos que encontrara no escritório de Wetzel ao fazer uma limpeza.

– Muito gentil... Limpou o escritório do professor e levou algumas lembranças para casa! – Era Hannah, sorridente aproveitando a pausa do Dr. Fuchs, querendo descontrair os ouvintes mais uma vez.

– Tem alguma coisa hipnotizante nessa estatueta... – disse Mathias, com os olhos fixos na tela.

– Sim! – Hannah concordou, pensando que a estatueta não era só a escultura mais antiga da história humana, mas também uma das mais misteriosas. – Não consigo parar de olhar para ela. Fico imaginando como será o seu rosto.

Hannah acreditava que, depois que fizesse a nova restauração, a estatueta, que até então ficava num canto desimportante do museu, poderia ganhar destaque internacional.

– Enfim – Fuchs prosseguiu – aqueles fragmentos deram um pouco mais de forma à estatueta. Até que, dois anos depois, houve mais um acontecimento surpreendente: uma mulher anônima foi ao museu levando uma pequena caixa com algumas peças que o filho dela havia encontrado enquanto brincava na Caverna Stadel, a mesma onde o professor Wetzel encontrou os primeiros fragmentos da estatueta. Fez-se uma nova restauração, cheia de erros.

– Incrível essa série de acasos! Quanta gente cuidadosa que gosta de guardar pó de marfim em seus armários. – Utta Prida não perdoava. – E vocês acreditam nisso?

– É uma história bastante improvável – admitiu o Dr. Fuchs. – Faz tempo que a caverna está trancada com barras de ferro, é mais segura que uma prisão. Só eu e Hannah temos a chave, e o cadeado jamais foi quebrado.

– Aliás, eu sempre achei incrível essa imagem ficar exposta no Museu de Ulm sem qualquer segurança – disse um paleontólogo.

– Encomendamos uma caixa de vidro blindado a um fabricante de Berlim especializado na proteção de tesouros. Eles estão demorando mais do que o previsto – Hannah justificou-se. – Mas... por gentileza, deixemos o Dr. Fuchs terminar.

Era a primeira vez que Hannah perdia um pouco de sua quase eterna paciência. O museu era sua responsabilidade e fazia tempo que ela tentava conseguir a tal caixa blindada para proteger a estatueta.

Fuchs explicou a cada um qual seria sua função no projeto. Hannah Schneider faria uma nova restauração, tentando finalmente formar o rosto da estatueta a partir de pedaços que não estavam disponíveis na época das primeiras montagens. O grupo liderado por ela se encarregaria de montar um grande plano para apresentar ao mundo "A Obra de Arte mais Antiga da História". Já o grupo do próprio Dr. Fuchs teria a missão de revelar as características do escultor ou escultora daquela estatueta, além de descobrir por que ela havia sido abandonada no fundo de uma caverna, numa parte onde não havia fósseis humanos.

Seria uma manifestação artística feita num momento de lazer? Teria funções religiosas e por isso estava numa caverna menor, uma espécie de templo dentro da grande caverna? E o que ela representava? Um homem vestido de animal, como se fosse um xamã num ritual mágico? Ou era parte homem, parte animal, como o Minotauro da mitologia grega?

Apesar de sua rebeldia, Utta iria se juntar ao Dr. Fuchs, Mathias e outros paleontólogos com a missão de descobrir a história, a religião, a idade, o sexo, as características artísticas, os pensamentos, os desejos, enfim, revelar ao mundo quem era o Leonardo da Vinci da Idade da Pedra.

28

Fabrice Jacquemont dormia em seu quarto na ala secreta do hospital Nouvelle Vie quando se levantou abruptamente, no meio de um sonho. Lembrou-se do diálogo que ouvira entre um policial romeno e o Dr. Tepes durante o resgate de Ignatius. Não conseguiu mais dormir e ficou esperando que o ponteiro do relógio girasse até as nove. Deu um telefonema e destrancou a porta de ferro para ir ao escritório da Dra. Charlotte na administração do hospital.

– Doutora, bom dia! Tenho uma grande notícia.

– É?... – ela murmurou, meio descrente.

– A língua estranha que Ignatius fala é romeno.

– Você está cem por cento seguro? Se for isso mesmo, de onde saiu aquela batata alemã? – ela reagiu com espanto, equilibrando uma xícara de café na mão.

– *Cartofi*? Sim, é muito parecido com *Kartoffel*. Mas não é alemão. Acabo de telefonar para a embaixada da Romênia em Paris. Eles fizeram a tradução de todas as palavras. Ignatius pediu água, disse que a sopa era de batata e, depois, que queria dormir.

– E o que você está pensando? Acha então que ele não veio do Paleolítico? Teve algum retorno da análise do DNA?

– Os exames ainda não chegaram, e esses burocratas não me antecipam o resultado por telefone. Mas veja, doutora: Ignatius passou muito tempo na Romênia, naquele asilo com o médico louco e a mulher estranha. Foi por isso que ele aprendeu romeno. Continuo afirmando que ele é um descendente dos primeiros *sapiens* que saíram da África e vieram povoar a Europa.

Naquela mesma semana, uma tradutora de romeno teve seu nome aprovado por Antoine Lautrec e começou a frequentar a ala secreta do hospital.

– Me diga logo, professora, o que é que Khaled M. está dizendo? – Jacquemont só se referia a Ignatius por aquele nome falso, para que a mulher não soubesse de nada.

Apesar da insistência, logo ficaria claro que Ignatius não sabia mais do que sete ou oito palavras em romeno e que sentia falta de uma certa mulher com

quem convivera na Romênia.

– Me parece que o paciente de vocês tem uma relação muito próxima com uma mulher – disse a tradutora. Ele diz “Shmek”, mas suponho que seja “Shimeka”, um nome razoavelmente comum em meu país.

– É a mulher do médico! – Jacquemont concluiu, eufórico.

Logo a professora de romeno foi dispensada e, sem que ninguém lhe pedisse, Yoan assumiu naturalmente a missão de ensinar francês a Ignatius. Estava decidido a se comunicar com o paciente, de quem já se sentia próximo, a quem só chamava de irmão. Mostrava-lhe objetos simples. Uma cadeira. Sapatos. Óculos. E também algumas coisas complexas: livros de fotografias, um canivete suíço, um liquidificador.

Quando Yoan fez uma *selfie* dos dois e a mostrou a Ignatius, ele ficou espantado, achando que algo mágico acontecera ali dentro. Com o tempo, começou a dizer palavras e passou a formar frases imperfeitas em francês. Era submetido a sessões de fonoaudiologia com uma jovem que vinha do outro lado do hospital para atendê-lo sem a menor ideia de quem se tratasse. Diariamente, ele saía pelos corredores desertos da ala secreta para passear com seu exoesqueleto.

Certo dia, com autorização da Dra. Charlotte, o fisioterapeuta e seu paciente saíram pela porta dos fundos do hospital e foram caminhar perto da floresta. O dia ainda estava amanhecendo, azulado. Ignatius ficou completamente absorvido pelo cheiro das plantas. E, depois de algum tempo passeando, deparou com uma família de javalis. Ficou tão maravilhado que nunca mais parou de sonhar com plantas e javalis.

Seu peso subia rapidamente. Desde que chegara ao hospital, saltara de 43 para 60 quilos.

Num dia chuvoso, saiu da cama sem o exoesqueleto.

Deu um passo, depois mais um... e começou a andar com os próprios músculos.

Yoan chorou novamente.

– Você tá quase pronto, irmão!

A Dra. Charlotte também se emocionou ao vê-lo caminhar pela primeira vez sem a ajuda do exoesqueleto. Jacquemont pegou seu caderno e foi desenhar aquela cena marcante, ainda sem saber o que faria agora que seu imortal estava ganhando asas.

Nenhum deles tinha visto os dias passarem. Fazia mais de um ano que estavam ali tentando ao mesmo tempo recuperar e decifrar Ignatius. Durante

aquele período, cada vez mais adaptado à rotina no hospital, ele jamais pronunciara alguma palavra que pudesse ter vindo de seu passado distante, jamais balbuciara alguma expressão que os profissionais que o acompanhavam não identificassem como sendo em romeno ou francês. E a falta de elementos antigos em sua fala fazia com que a Dra. Charlotte seguisse desconfiada.

– Professor, você repara que ele não dá qualquer sinal sobre sua vida anterior ao coma?

– Tenha um pouco de paciência, doutora, uma hora isso vai acontecer – Jacquemont disse, tentando esconder quanto aquilo também o angustiava. – Aliás, o ansioso aqui não sou eu?

Numa tarde de inverno, Yoan percebeu que Ignatius se debatia muito enquanto dormia e que novamente produzia alguns sons incompreensíveis. Colocou mais um cobertor sobre seu corpo e telefonou para a Dra. Charlotte pedindo que ela fosse correndo até o quarto.

Os dois logo tiveram certeza de que Ignatius estava no meio de um pesadelo e não quiseram despertá-lo.

Quando ele acordou, Charlotte pediu que Yoan lhe desse água e comida. E, depois de certificar-se de que os sinais vitais do paciente estavam como sempre, deu-lhe papel e alguns pedaços de carvão.

– Tome, Ignatius. Bote para fora o que estiver em sua cabeça!

Ele olhou para a médica confuso, ainda sonolento.

Charlotte pediu que Pierre lhe trouxesse uma pequena mesa e disse a todos que saíssem. Ignatius não pareceu interessado em nada daquilo e preferiu ficar vendo um livro de fotografias de animais que Yoan lhe dera.

À noite, no entanto, quando o hospital ficou em silêncio absoluto, ele se sentou no sofá, diante da mesa, e ficou ali rabiscando por horas e horas até ver o dia nascer, e resolveu se deitar.

Quando voltou, no dia seguinte, a Dra. Charlotte ficou maravilhada com o que viu.

– Ignatius... foi você mesmo quem desenhou isso? É impressionante!

Ele tinha desenhado uma mulher nua, com os seios à mostra, numa paisagem deserta, com algumas rochas e cavalos ao seu redor. Seus traços eram rudimentares, mas a anatomia da mulher era perfeita.

Charlotte resolveu levar o desenho até o laboratório de Jacquemont, querendo desfazer o mal-estar que se criara por conta das vezes em que ele fora o último a saber dos acontecimentos.

– Ele desenha como um homem do Paleolítico! – Jacquemont sentiu uma

autoconfiança rara ao dizer essas palavras. – Posso garantir isso, Dra. Charlotte. Ele desenhava nas cavernas!

– Agora eu volto a acreditar nessa possibilidade...

Jacquemont pegou o celular e mostrou a ela.

– Veja estas fotografias! Essa caverna é na Espanha... essa é na Alemanha... e essa é aqui na França... Os traços de Ignatius são muito parecidos com os das pinturas rupestres.

– Sim, mas ele não desenhou mamutes nem leões.

– A meu ver até isso é coerente! – A autoconfiança de Jacquemont normalmente vinha acompanhada de conclusões apressadas, ainda que às vezes fizessem sentido. – O cérebro dele está absorvendo as novidades! Ele desenha o que vê.

– Mas ele não viu mulher nua nenhuma... a menos que esteja fantasiando. Será que essa mulher não é a tal Shimeka?

Não seria possível. A mulher que Ignatius desenhara parecia jovem e tinha um corpo delgado, com seios firmes, e um cabelo comprido, bem diferente da mulher corpulenta que Jacquemont vira na Romênia.

– A fonoaudióloga? – Charlotte continuava tentando descobrir.

Sem chegar a conclusão alguma, mas certos de que os desenhos eram a melhor forma possível para conhecerem a mente de Ignatius, Charlotte e Jacquemont pediram que Pierre fosse comprar uma caixa com bastões de carvão e um bloco com folhas grandes de papel. Se Ignatius começasse a desenhar o que sentia, pensava e sonhava, talvez pudesse desvendar seu passado.

No dia seguinte, quando foi levar o café da manhã, Yoan tomou um susto.

– Caramba! O que foi que você fez, irmão? Você sujou as paredes todas, não deixou nem um pedaço em branco!

– Desenhar... eu pode, a doutora deixa – respondeu Ignatius.

Ele nunca tinha falado com tanta clareza, mas Yoan estava tão preocupado que nem percebeu.

– Vamos apagar isso logo porque o professor Jacquemont vai ficar uma fera! – Yoan caminhou até a pia. – Anda, me ajuda com essa esponja! Imagina se ele vê a sujeira que você fez, irmão?

Yoan e Ignatius levaram quase uma hora para limpar a primeira parede. Estavam quase terminando quando a Dra. Charlotte entrou gritando.

– Não, não, não! Parem, por favor! Yoan, querido, você não vê que esses desenhos são um tesouro?

– Agora que a senhora está falando... é claro que vejo, doutora. Mas tudo o

que eu vi quando entrei aqui foi a cara de ódio do professor Jacquemont.

– Não, ele não reclamaria, de jeito nenhum! Esses desenhos são as primeiras informações contundentes que nos chegam da mente de Ignatius. É incrível, absolutamente incrível!

A porta de vidro se abriu e Jacquemont já entrou gritando.

– Meu Deus do Céu! Está comprovado! Está tudo comprovado! Não há mais quem possa duvidar: Ignatius é um pré-histórico. – Virou-se para Ignatius: – Você é o primeiro imortal! Consegue entender o que isso significa? Nenhum homem moderno poderia reproduzir pinturas rupestres com tamanha perfeição.

De fato, os murais que Ignatius havia pintado mereceriam estar num museu. Numa das paredes, ele criara uma paisagem montanhosa, com diversos mamutes, todos do mesmo tamanho, seguindo na mesma direção. Na mesma cena, desenhara novamente uma mulher nua, dessa vez de costas, como se estivesse correndo para algum lugar distante. Na parede em que ficava a porta do banheiro, fizera um desenho também muito expressivo: um homem e uma mulher, os dois muito jovens, ao lado de uma árvore cheia de frutos, que pareciam águas-vivas penduradas nos galhos. Por fim, na parte que estava quase apagada, ainda dava para ver que Ignatius tinha desenhado um grupo de homens vestidos com roupas de pele, parecendo caçadores ao redor de uma fogueira.

– Eu jamais duvidei de você, Ignatius – disse Jacquemont. – Você é um artista! E esses desenhos um dia vão estar no Louvre. Tenha certeza disso!

Ignatius ficou em silêncio, sem saber como reagir a tantas exclamações. Mas, naquele momento, conheceu um sentimento novo, um sentimento que não saberia descrever em francês, romeno ou em qualquer outra língua, mas que Yoan traduziu muito bem.

– Orgulho... Você tem que ficar orgulhoso! E eu tô com o maior orgulho de você, irmão! Como foi que eu pensei em apagar essas obras-primas? Me perdoe por ser tão ignorante! Mas você pode refazer a parte que apagamos, não pode?

Ignatius entendia apenas algumas daquelas palavras pois faltava-lhe vocabulário, e quando se empolgava Yoan falava rápido demais. Mas ele compreendeu que algo muito importante havia acontecido.

Naqueles dias, o estômago resolvera deixar Fabrice Jacquemont em paz. A verdade é que fazia algum tempo que ele não sentia nenhum gosto estranho na boca.

Sentindo-se muito forte e confiante, o paleontólogo reuniu-se com Charlotte, Yoan e Pierre em seu laboratório. Pediu que ninguém tocasse nos desenhos, pois encontraria uma forma de preservá-los. Por precaução, foi ao quarto de Ignatius,

fotografou as paredes nos mínimos detalhes e enviou as fotografias para Antoine Lautrec, que, assim que as recebeu, lhe telefonou.

– Estou profundamente impactado, Fabrice Jacquemont. Essas fotografias são um indício fortíssimo de que estamos, de fato, com um tesouro antropológico nas mãos. Estávamos certos desde o começo!

Estávamos?, Jacquemont pensou, indignando-se.

– Sim, sim... estávamos. Mas agora eu quero ir mais longe. Quero levar Ignatius à Caverna de Chauvet para estudar sua reação diante das pinturas rupestres.

– Faça isso, Fabrice Jacquemont. Organize a visita com os administradores do sítio arqueológico. Mas mantenha o sigilo! Só você e eu podemos saber dos resultados dessa pesquisa. Antes de fazermos uma apresentação em grande estilo, precisamos reunir também os resultados dos exames laboratoriais, as análises científicas e todas as outras provas. Você já mandou o material para o laboratório alemão?

– Não, não, realmente não tive tempo, mas vou ver isso já, pode deixar, Dr. Lautrec.

– Ande logo, mande hoje mesmo! Isso tudo será importantíssimo no segundo semestre, quando chegarem as eleições.

– Mas o que Ignatius tem a ver com as eleições?

– Nada, absolutamente nada. Esqueça... Continue a nossa pesquisa... continue em silêncio e seu futuro estará garantido nesta república!

Jacquemont notou uma mudança em Lautrec. Ele parecia muito menos interessado em suas pesquisas do que nas tais eleições. Mas estava tão empolgado com os acontecimentos que não quis perder tempo com isso. Mandou e-mails e deu alguns telefonemas para preparar a visita à Caverna de Chauvet. Ao terminar, foi ao quarto de Ignatius. Encontrou-o sentado no chão, de pernas cruzadas, como se admirasse as pinturas que havia feito nas paredes. Pierre dormia no sofá.

Depois de tanto convívio, Ignatius estava finalmente se acostumando com Jacquemont. Olhou-o nos olhos, pegou um pedaço de carvão e fez alguns rabiscos numa parte ainda branca da parede. Era o rosto de um homem de óculos.

– Esse narigudo das cavernas... sou eu? Incrível!

– Professor – Ignatius falou com esforço, e então sorriu como Jacquemont jamais havia visto.

– Quem diria! Fabrice Jacquemont imortalizado pelo talento do primeiro

imortal.

O sorriso do paleontólogo era igualmente novo e parecia ser o sinal de um novo tempo naquele hospital.

Ignatius não entendeu todas as palavras, mas sentiu que eram gentis, e continuou sorrindo. Aprendera com Yoan que sorrisos são uma maneira sincera de conquistar o coração das pessoas.

A Dra. Charlotte acompanhara a cena inteira pelo vidro. Esperou que o encontro terminasse e foi falar a sós com Jacquemont.

– Eu fiquei olhando vocês de longe, Fabrice, e vi em você uma doçura que eu desconhecia.

Era raro que ela o chamasse pelo primeiro nome, e ele respondeu também sem qualquer formalidade.

– Há muita coisa em mim que você desconhece, Charlotte.

– É verdade, acho que só agora estamos começando a nos conhecer.



No dia seguinte, a Dra. Charlotte entrou no laboratório de Jacquemont com um envelope branco na mão.

– Entramos na temporada de boas notícias. Olha só o que chegou pra você!

Estava escrito: ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL.

As análises feitas pelo laboratório da Pensilvânia mostravam que o fóssil analisado era “de um *Homo sapiens* que tinha, provavelmente, 37 anos no momento de sua morte”.

Enquanto lia, como sempre, Jacquemont tirava conclusões um tanto apressadas.

– Será que mandei as medidas erradas? Será que mandei os cabelos de Yoan por engano?

– Calma, leia tudo...

Até que ele finalmente chegou ao fim do relatório.

– Claro, está aqui! Eles calcularam a idade a partir das radiografias dos ossos e da arcada dentária de Ignatius! Isso quer dizer que *hoje* ele tem aproximadamente 37 anos.

Na segunda parte do relatório, os cientistas americanos apresentavam uma análise feita a partir do carbono 14 de amostras da roupa de pele animal que

Ignatius vestia quando foi encontrado no gelo da Sibéria.

– Eu sempre soube, Charlotte. Ignatius é um *Homo sapiens* aurignaciano. As roupas dele têm entre 35 e 38 mil anos!

– Confesso que duvidei muito disso tudo – ela admitiu, emocionada. – Aceitei o trabalho porque não me nego a atender quem precisa de mim. Mas parece mesmo um sonho: Ignatius faz desenhos rupestres na parede do quarto... aprende a falar praticamente de um dia para outro... e agora temos uma confirmação laboratorial de que ele é um homem pré-histórico. O que mais podemos querer?

29

Quando finalmente chegou ao laboratório com aquela caixa de madeira e colocou a estatueta sobre a mesa, Hannah Schneider sentiu uma solidão profunda. Era como se estivesse num deserto, sem a menor ideia de como sobreviver num ambiente profundamente hostil.

Viu o edifício do museu se esvaziar no fim do expediente. A colega da sala ao lado lhe disse *Tschüss* e Hannah logo trancou a porta. Passou um bom tempo acariciando a estatueta incompleta, que parecia dizer-lhe, docemente: "E agora, *Frau* Schneider?"

A restauradora havia tomado duas canecas de café e se esforçava para não fechar os olhos quando alguém entrou na sala sem pedir licença.

– Você acha que consegue?

– Preciso desmontar tudo para descobrir o que vou ter pela frente... São trezentas partes novas – ela respondeu sonolenta.

– Você não vai conseguir!

– Eu preciso... Minha carreira depende disso.

– Eu fiz a primeira restauração. Tornei-me uma heroína em toda a Alemanha por causa disso. Desista, *Frau* Schneider! Ou você quer apagar meu nome da história?

– Mathilda?

A velha só podia ser a famosa Mathilda Gräfin von Reimann, a primeira restauradora da estatueta que agora estava em suas mãos.

– Eu vim apenas lhe dizer que não vai conseguir, *Frau* Schneider! Você ainda é muito jovem para uma responsabilidade tão grande.

A velha restauradora desapareceu e, logo em seguida, entrou Utta Prida.

– Se você vai perder seu tempo juntando toda essa poeira, querida, pelo menos seja honesta! Mostre ao mundo o que você realmente pensa! Você sabe muito bem que esse volume entre as pernas é uma vulva avantajada. Essa estatueta é uma fêmea, um *sapiens* do sexo feminino, como eu e você, querida Schneider.

Hannah bateu com o queixo na mesa, mordeu a língua e só então despertou, aliviada por descobrir que Utta Prida e Mathilda Gräfin von Reimann eram criações de sua mente. Olhou para o relógio na parede e viu que passava das quatro da manhã. Sem perceber, tinha dormido por muitas horas. Apagou as luzes e foi se deitar num sofá. Às oito da manhã deveria voltar ao trabalho na administração do museu.

Durante aquelas semanas em que quase não dormiu, Hannah fez um trabalho meticuloso. Derreteu a cola antiga e desmontou o trabalho de Mathilda peça por peça. Sentiu como se a velha do pesadelo a estivesse vigiando o tempo todo. Ouvia a respiração ofegante e sentia um bafo quente vindo de trás do pescoço. Espalhou os pedacinhos de marfim em sua mesa de trabalho enorme. Catalogou tudo e descobriu que seu quebra-cabeça tridimensional tinha mais de setecentas peças irregulares, nem sempre encaixáveis, e com o agravante de que estava incompleto.

Depois de muita observação, a restauradora entendeu que as peças mais escuras vinham das partes externas da presa de mamute: era evidente que haviam sido polidas com muito cuidado pelo artista pré-histórico. As peças mais claras vinham do centro da presa, que com o passar dos milênios havia se despedaçado como uma cebola que se abre em diversas camadas.

Hannah separou as peças de acordo com suas cores, digitalizou tudo num escâner tridimensional e passou a fazer a montagem virtualmente no computador. Ensaiou muito. Testou, errou e acertou. E, quando finalmente descobriu o que se encaixava com que, começou a montar o quebra-cabeça mais complexo de que se tinha notícia no mundo arqueológico. E era ainda mais difícil porque, ao contrário do que acontece com os quebra-cabeças normais, Hannah Schneider não tinha uma fotografia do original como referência. Usava apenas uma réplica feita por um artesão com base na montagem anterior. E que Mathilda Gräfin von Reimann por favor não fosse atordoá-la outra vez!

Como diretora do museu e responsável por aquela missão, Hannah pediu que instalassem uma porta de metal para proteger a sala de restauração. Isso afastaria ladrões e curiosos, mas não impediria que Mathilda e Utta aparecessem algumas outras vezes. Quando se cansava de bater com o queixo na mesa, quando o sono tornava o trabalho impossível, depois de duas ou três da manhã, Hannah telefonava para o segurança do prédio para que ele a acompanhasse até o cofre onde a estatueta passaria o dia guardada ao lado de joias medievais e outras relíquias.

À noite, quando novamente trocava a rotina na administração do museu pela

obra de arte mais antiga da história, Hannah tentava imaginar o que se passava na cabeça do artista que a esculpira mais de 30 mil anos antes. Devia ter passado horas observando a natureza. Como um humano tão antigo havia feito uma obra tão genial? Tinha que ter sido alguém muito, muito sensível.

Analisando o corpo perfeito, Hannah tinha a sensação de que a qualquer momento ele poderia criar vida e sair correndo por uma floresta. Pelo formato das orelhas, do nariz e do focinho, ela concluiu que a cabeça era de um leão... ou de uma leoa.

Ele... ou ela... estava sorrindo.

E a restauradora teve certeza de que o que tinha nas mãos era a Mona Lisa da Pré-História!

No momento em que encaixou a peça volumosa na região pubiana, ela ficou com a impressão de que Utta poderia ter razão e que aquilo talvez fosse mesmo uma “vulva avantajada”, o púbis gigante de uma mulher pré-histórica, como ela dissera.

Com o passar dos dias, Hannah acabou mudando de ideia e viu ali o volume de um pênis. A decisão definitiva sobre a suposta masculinidade da estatueta seria tomada mais tarde, em conjunto com o respeitadíssimo Franz Fuchs.

Hannah passaria alguns meses naquela rotina de privação de sono, sonhos e pesadelos, recusando qualquer convite das amigas ou do namorado para sair. Na última vez em que os dois saíram, quando estavam no meio de um jantar romântico, ela começou a ver o rosto do namorado se desencaixando em inúmeros pedaços de marfim.

30

Trancado no escritório, Fabrice Jacquemont percebeu que não era mais possível ficar adiando o contato com os alemães. Viu-se, finalmente, obrigado a atender o pedido que Antoine Lautrec lhe fizera várias vezes, mas que naquele dia se tornara uma ordem da qual ele não poderia escapar.

“Estamos no caminho, Jacquemont”, Lautrec lhe dissera por telefone ao saber dos resultados das análises feitas pelo laboratório americano. Mas, para confirmar o relatório dos americanos e conhecer detalhes sobre o passado de Ignatius, era obrigatório ouvir a opinião dos especialistas alemães. “Mande tudo que você tiver para eles, tudo! Não apenas algumas amostras.”

Jacquemont retirou as roupas ancestrais de Ignatius do armário das relíquias, colocou-as, uma por uma, em sacos plásticos e organizou tudo aquilo em grandes caixas de papelão. Escreveu o nome do destinatário e, depois, o seu... sem perceber que estava assinando a própria sentença. Ainda escreveu numa caixa algo que considerava fundamental, em letras bem grandes:

A/C Doktor Fuchs
Este pacote só pode ser aberto por você!

– Eu entreguei as caixas a uma moça de cabelo laranja e ela não disse nem obrigado – o enfermeiro Pierre contou, desapontado, ao voltar da longa viagem de carro até a Alemanha.

Ninguém fazia ideia, mas a união forçada entre Fabrice Jacquemont e o grupo de cientistas liderado por Franz Fuchs mudaria drasticamente o rumo dos acontecimentos. Isso, no entanto, seria algumas semanas mais tarde, depois que o paleontólogo alemão finalmente abrisse aquelas caixas.

31

A única novidade que havia surgido naquelas semanas em Ardèche era que o inverno estava terminando, que os dias começavam a ficar mais longos e que os narcisos amarelos se espalhavam pela planície ao redor do hospital Nouvelle Vie. As flores cobriam até mesmo o morro que ficava um pouco mais adiante do pedaço de floresta que Jacquemont via de sua janela.

Mesmo no sul da França, onde não faz tanto frio quanto em Paris, a mera proximidade da primavera costuma ser o suficiente para animar os corações mais românticos. Vendo aquele sol, cansada depois de meses sem passar uma única noite longe do hospital, Charlotte aceitou o convite de Jacquemont para trocar os corredores com cheiro de éter pelo ar puro da floresta.

– Fico imaginando Ignatius caminhando por esses mesmos campos verdes quando eles estavam cheios de mamutes – ele disse enquanto os dois entravam por uma trilha dentro da floresta. – Devia ser uma vida de sonho, não acha?

Charlotte reforçou a impressão de que Fabrice Jacquemont era um homem nostálgico, uma daquelas pessoas que, por não estarem bem adaptadas à modernidade, ou simplesmente por não serem bem-sucedidas, fantasiam uma vida de sonho em algum tempo que jamais voltará.

– Deve ter sido uma época de menos angústias – ela concordou. – Os primeiros *sapiens* não tinham a cabeça confusa com nossos problemas modernos nem tomavam antidepressivos para suportar o fardo da existência. Mas isso não quer dizer que habitavam um paraíso, né? Se os homens primitivos não tivessem problemas, não viveriam matando e sendo mortos pelos clãs vizinhos, não acha?

Pela expressão no rosto de Jacquemont, ela percebeu que sua visão pragmática era conflitante demais com a nostalgia dele. Ao longo de mais de um ano de convivência, Charlotte entendera que o paleontólogo depositava todas as energias naquele projeto e que esperava que a chegada do sucesso, talvez até mesmo a fama internacional, mudasse sua vida, apagando um passado que claramente não havia sido feliz. Se já tivessem inventado os métodos de implante de sentimentos e seleção de memórias que temos agora, minha querida Yulia,

tenho certeza de que Jacquemont desejaria fazer ao menos um desses procedimentos.

Charlotte resolveu, então, desviar a conversa para um assunto que os aproximava: os desenhos cada vez mais impressionantes que Ignatius fazia em paredes e folhas de papel.

– O que você acha que significa aquela mulher nua diante da árvore com frutas em formato de água-viva?

– Me parece algo que ele deseja e que não pode alcançar.

Jacquemont poderia estar falando de si mesmo, pois finalmente aceitava que estava sentindo algo por Charlotte.

– Talvez a árvore represente a própria memória de Ignatius – ela sugeriu. – As frutas podem simbolizar alguma coisa do passado distante que ele deseja acessar.

– Freud diria que frutas são seios ou vaginas. Como se Ignatius estivesse com a libido à flor da pele, desejando alguma mulher.

Mais uma vez, Jacquemont poderia estar falando de si mesmo.

– Que mulher? A fonoaudióloga ou a neurologista? – Charlotte perguntou, sorrindo.

Aquela provocação fez as coisas começarem a se mexer na barriga de Jacquemont. Ele tentou disfarçar. Foi juntar galhos secos para acender uma fogueirinha. E, ao perceber que sua brincadeira caíra no vazio, Charlotte voltou ao tema da memória.

– O que eu entendo é que os neurônios de Ignatius estão refazendo suas conexões. É como alguém que fica nas redes sociais buscando pessoas de seu passado. Amigos de escola, vizinhos, parentes distantes... Assim trabalha o cérebro dele: reconectando-se.

– O cérebro dele é versátil, doutora – Jacquemont falou, sem sequer olhar para Charlotte. – Mais versátil que o nosso!

Ele havia acabado de juntar os galhos para a fogueira e agora tentava acendê-la. Dissera aquilo sobre versatilidade do cérebro porque havia lido um estudo científico que demonstrara que humanos de comunidades que ainda caçavam e colhiam frutos na natureza tinham o cérebro mais ágil e adaptável do que o dos jovens que passavam o tempo grudados nas redes sociais ou nos video games.

Charlotte concordava e, justamente por perceber que as conexões neurais de Ignatius avançavam num ritmo acelerado, pensava que era preciso planejar um término para as pesquisas.

– Você deveria pedir mais cientistas ao Lautrec. Há muito que fazer e não

podemos manter Ignatius aqui pra sempre.

– Não é necessário – ele respondeu, entretido com o fogo.

– Há muita coisa ainda para ser descoberta... Ele é um tesouro em todos os campos da ciência! Precisamos pesquisar, por exemplo, como foi possível o sangue dele não ter se cristalizado durante o congelamento. E faltam cientistas para isso.

– É um projeto sigiloso demais para ser aberto a outros cientistas. – Jacquemont franziu a testa e limpou as cinzas que haviam grudado em seus óculos. – Mas você tem razão: em qualquer estudo sobre imortalidade, do ponto de vista da medicina, a cristalização do sangue é a grande questão.

– Ignatius pode ter alguma característica genética que impeça a formação de cristais. Algo TEM que ter acontecido!

A conversa definitivamente não havia seguido o rumo planejado por Jacquemont. E ele acabou forçando uma volta à sua zona de conforto.

– Vamos chegar lá. Tenha paciência, doutora! Ainda vamos estar na capa da *Science* com um grande artigo sobre a imortalidade.

Charlotte ficou decepcionada com aquele comentário que lhe parecia infantil.

– Por acaso, professor, o artigo vai se chamar “A morte da modéstia”?

– Não, doutora... vai ser “O funeral da empatia”!

Os dois ficaram em silêncio, ouvindo o crepitar do fogo. Jacquemont sentiu uma queimação percorrer seu estômago, como uma lesma que deixa seu rastro e vai subindo pelo esôfago. Queria tomar um copo de leite, mas, lamentavelmente, deixara sua mochila no hospital.

– Me perdoe, Fabrice. Era pra ser uma brincadeira. A verdade é que somos diferentes... em tudo.

– Estou em pleno desacordo com isso, Dra. Charlotte – ele disse, esforçando-se para ser bem-humorado, apesar da queimação que sentia.

– Hein?

Ela de fato não havia entendido que aquilo era uma brincadeira.

– De qualquer forma, eu só quero que o mundo saiba sobre Ignatius no momento em que tivermos esgotado as pesquisas. – Jacquemont estava sério e preocupado outra vez. – Você pode imaginar o assédio no dia em que ele sair do hospital?

– Que bom que você diz isso! Não gosto de pensar que somos dois carcereiros.

– Como assim?

– Um dia o Ignatius tem que ser libertado pra fazer o que quiser da vida dele.

– Ele não é um prisioneiro, mas não teria condições de sobreviver. Ignatius é como um leão de zoológico, doutora! Se o abandonamos, morre no mesmo dia.

– Será mesmo? Vai que ele encontra uma leoa por aí...

Charlotte finalmente dera a Jacquemont a oportunidade que ele tanto procurava para dizer ao menos uma frase mais romântica naquele fim de tarde.

– E você... nunca gostou de ninguém?

– Não sei, Fabrice. Eu namorei um cara quando trabalhei com os Médicos Sem Fronteiras, na África, mas não era amor.

– E depois da África?

Jacquemont deixou os lábios abertos, como quem espera uma resposta agradável para poder sorrir. Mas, ao perceber o rumo que a conversa tomava, Charlotte encontrou uma boa razão para quebrar o clima.

– Olha quem está ali!

Fabrice Jacquemont sentiu a espuma que subira do estômago chegar à garganta e, só depois de engolir aquele amargor, olhou para a trilha por onde ele e Charlotte haviam chegado. E foi como se todas as flores de Ardèche murchassem ao mesmo tempo. Uma família de javalis grunhia, assustada com aqueles seres estranhos.

32

A equipe alemã liderada pelo Dr. Fuchs fizera progressos. Depois que Hannah Schneider terminou a restauração, os cientistas finalmente puderam conhecer o rosto da estatueta de marfim encontrada aos pedaços por Robert Wetzel, aquele a quem Utta continuava se referindo como porco nazista. A estatueta ficara ainda mais bonita e impressionante. E eles aprenderam muito sobre o artista.

Foi Hannah quem fez a apresentação, no mesmo auditório frio do Escritório Nacional de Preservação, em Stuttgart, falando praticamente ao mesmo grupo de pesquisadores que estivera reunido alguns meses antes, quando Fuchs lançara o projeto de reconstituição da história do *sapiens* que ele chamava de "artista do Vale da Solidão".

– A estatueta que vocês veem agora já tem sexo definido – disse Hannah, tremendo, com a estatueta na mão. – É um macho. Ou, se considerarmos a parte inferior do corpo, um homem. O pedaço avolumado na região pubiana confirma isso.

– Mas, Hannah, como foi que você concluiu que esse volume é um pênis? – O pesadelo da restauradora se materializava. Utta estava ali para desafiá-la. – A meu ver, esse púbis enorme pode ser, perfeitamente, uma vulva avantajada, como as das vênus produzidas na mesma época e encontradas na mesma região. Ou seria difícil demais para o mundo aceitar que a escultura mais antiga da história humana seja de uma mulher?

– Me parece improvável. Conversei bastante sobre isso com o Dr. Fuchs. Estudamos profundamente a estatueta e... O que eu posso dizer, Utta?

– Pode dizer que um macho decidiu por você!

– A forma é de um pênis, Utta. E, se fosse uma mulher, onde estão os seios? – Hannah continuava tremendo, e falava sem convencer. – Não se esqueça de que a cabeça é de leão, mas o corpo é humano.

– Temos certeza de que esse peito retilíneo é mesmo a parte correta da estatueta? – Utta insistia. – Será que não vamos encontrar seios volumosos nas próximas escavações? Bem... e ela pode ser uma tábua de passar roupa, como eu.

Me pergunto se por acaso não vamos descobrir que a estatueta é andrógina, bissexual... Ou isso também não é possível?

Sentado numa das cadeiras do auditório, falando num microfone sem fio, o Dr. Fuchs tentou acalmar os ânimos e organizar o debate.

– Não há dúvida, Utta. A nova restauração deixou evidente a intenção do artista, ou *da* artista... de colocar um pênis em sua estatueta.

Fuchs pensava que não havia motivo para alongar o debate, pois ele e Hannah haviam passado semanas debruçados sobre o tema, sem jamais ter tido qualquer dúvida sobre o sexo da estatueta.

– De fato, *Frau* Prida, ainda há imperfeições, pois nos faltam algumas partes. Mas estamos seguros de que ela não tem seios femininos, muito menos uma vulva avantajada, como você sugere. E, para que fique claro: nosso artigo afirmará que o volume na região pubiana indica a intenção que o artista teve de representar um órgão sexual masculino.

O Dr. Fuchs subiu ao pequeno palco e educadamente pegou a estatueta das mãos de Hannah.

– É um homem com cabeça de leão, não temos mais dúvida. Para não atrasarmos nossa reunião, gostaria de contar logo a vocês que, após longa reflexão, Hannah Schneider e eu concordamos que seria adequado batizá-lo de Löwenmensch.

– Sim – Hannah concordou, um pouco aliviada. – A exposição internacional será intitulada "A volta do Homem-Leão".

– Espero que mais tarde não sejamos obrigados a passar a vergonha de rebatizá-la como Löwenfrau – Utta resmungou, impaciente, sem esperança de ser ouvida.

Mas Hannah ouviu e, sentindo-se muito mais confiante, resolveu rebater.

– Não se preocupe, se isso de fato acontecer, a estatueta da mulher-leoa se chamará Utta Prida. Caso contrário, continuaremos a chamá-la de Homem-Leão. Que tal assim?

Hannah demorou a perceber quão grosseira havia sido.

Algumas pessoas riram.

Utta fechou a cara.

Me aguardem!

Ela não sabia se pensava ou resmungava, mas queria vingança.

E Hannah retomou as explicações.

– Por fim, a estatueta ganhou em altura. Depois que descobrimos partes mal encaixadas nas costas, ficou com 31 centímetros e com a cabeça mais erguida.

Franz Fuchs e Hannah Schneider haviam pensado em fazer uma grande exposição no Neues Museum, em Berlim, e depois levar o Löwenmensch a outras capitais europeias. O perfeccionismo do Dr. Fuchs, no entanto, aliado ao fato de que as escavações haviam revelado novos pedaços de marfim, o fez decidir que a Mona Lisa da Pré-História ainda teria que receber novos ajustes antes de sorrir para o mundo.



Na semana seguinte, Fuchs estava no laboratório, reunido com Mathias, Utta e alguns outros paleontólogos, tentando decidir o que fazer.

– As peças encontradas nessas últimas semanas precisarão ser estudadas e digitalizadas por Hannah Schneider para que ela possa fazer alguns pequenos ajustes na restauração. Precisamos agir mais rapidamente desta vez! – disse Fuchs. – O mundo científico espera pelo nosso Löwenmensch. E essa expectativa já existe há algum tempo. Vocês lembram? Hannah começou a trabalhar na mesma época em que circulavam aqueles rumores sobre o *Homo neanderthalensis* levado para um laboratório na França.

– Não foi neandertal, professor... me permita a correção. – Quem falava era um dos jovens antropólogos da equipe. – O corpo que os cientistas franceses disseram ter sido encontrado na Sibéria era de um *sapiens*.

Mathias quis apoiar o Dr. Fuchs.

– A notícia falsa saiu nos tabloides. Disseram que dois médicos romenos ressuscitaram um *Homo neanderthalensis*, no que jamais acreditei, e que ele morreu em seguida. É tudo muito estranho. Então o corpo teria sido achado em 1987 e ressuscitado vinte anos depois? Não faz o menor sentido!

– É verdade que os jornalecos divulgaram informações erradas. Mas isso foi plantado pelo governo francês, que, pelo que eu soube, acabou ficando com o fóssil.

O jovem antropólogo tinha aquelas informações, certas ou não, porque acabava de voltar da França, onde estivera como visitante em seu projeto de doutorado.

– Não cheguei a ver nada – ele continuou. – O que me disseram em Paris foi que o corpo foi ressuscitado na Romênia, morreu e foi congelado outra vez antes de ser transferido para um laboratório em local não revelado. Desconfiei...

Poucos dias depois, ainda intrigado com o que lhe dissera o jovem antropólogo, Franz Fuchs receberia um telefonema esclarecedor. Quem o procurava era Antoine Lautrec, um antigo amigo, que parecia desesperado.

– Preciso de você, Fuchs, com urgência!

33

Foi preciso mentir um bocado e montar um esquema especial na Caverna de Chauvet para que não houvesse nenhum cientista transitando pelas galerias durante a visita de Ignatius. É claro que ninguém sabia de nada, mas muita gente ficou desconfiada, querendo descobrir quem poderia ser a celebridade que merecia tamanha atenção. Correu o boato de que era Leonardo DiCaprio, um ator muito famoso naquela época. Você certamente viu algum daqueles filmes antigos com ele, minha filha. Especulou-se que talvez fosse a belíssima atriz francesa Marion Cotillard, outra que andava em alta. E disseram também que seria um chefe de Estado latino-americano em visita à presidente da França. Confesso que nunca consegui saber direito o que inventaram para tirar todos aqueles pesquisadores e funcionários de dentro da caverna sem chamar a atenção de ninguém, nem mesmo de blogueiros, youtubers e dos finados jornalistas profissionais.

Ao permitir que Jacquemont tirasse Ignatius do hospital, Antoine Lautrec exigira que ele fosse acompanhado do enfermeiro e do fisioterapeuta.

Yoan foi chamá-lo.

– Venha, irmão! O chefe quer sair com você.

Ignatius estranhou, mas faria qualquer coisa para ver mais um pouco do que existia fora daquele lugar.

Pela primeira vez, entrou num carro.

– É isso que move a humanidade – disse Jacquemont. – O carro nos leva a qualquer lugar. Somos livres!

Livres? Desde quando eu sou livre?

Por ordem de Jacquemont, Pierre e Yoan foram num outro carro. Acompanhariam tudo a distância e só chegariam perto do paciente se houvesse alguma emergência.

Ignatius olhou com curiosidade para cada detalhe do velho Peugeot de Jacquemont. Passou a mão pela capota, aproximou-se para sentir o cheiro de óleo que saía do motor ainda desligado e ficou intrigado quando se agachou e viu

na frente do carro um escudo com a imagem de um leão que ficava de pé como se fosse humano.

Ficou algum tempo passando os dedos sobre aquele homem-leão, entrou no carro, cheirou o estofado e, seguindo instruções de Jacquemont, sentou-se no banco do carona. Tomou um grande susto quando ouviu o barulho do motor. E, em seguida, assustou-se ainda mais com o tranco da partida no momento em que Jacquemont acelerou desastradamente.

Ignatius segurou-se no assento e só algum tempo depois conseguiu se acalmar. Colocou o rosto para fora do carro e respirou fundo.

– Magnífico! – ele disse sorrindo enquanto o vento forte deformava suas bochechas.

O passeio de carro dava a Ignatius a impressão de que enfim estava conquistando sua liberdade. Ele ficou maravilhado com as paisagens rurais. O rio. A Ponte do Arco. Foram alguns minutos de uma alegria que ele não se lembrava de haver existido em sua estranha vida hospitalar. E quando ele quase se esquecia de que passava os dias trancado num hospital, quando lhe parecia que enfim conheceria o mundo, Fabrice Jacquemont parou o carro abruptamente.

– Venha, Ignatius, vou levar você por um lugar extraordinário!

Jacquemont ofereceu a mão para ajudá-lo, mas ele não quis.

Ficou sentado, frustrado com o fim da aventura.

Percebendo que não havia mais o que fazer, levantou-se sozinho.

Fora do carro, novamente se sentindo livre, Ignatius ficou maravilhado com a paisagem que via à sua volta. Morros, campos verdes floridos, rochas, terra... eram cheiros muito conhecidos, ainda que seus significados estivessem embaralhados em algum lugar de sua memória. Pela primeira vez, ocorreu-lhe concretamente a ideia de fugir.

E se eu corro?

Se ele saísse correndo, desapareceria facilmente no mato.

Pra onde?

Ele olhava ao redor e avaliava os riscos da fuga.

Por mais que o cheiro de terra molhada aguçasse seus instintos, inflasse suas narinas e o fizesse ter certeza de que o rio estava por perto, por mais que acreditasse que encontraria animais e frutas para comer, Ignatius sentia também o cheiro da morte. E aquilo o deixava desconfiado.

Naquele exato lugar, pesquisadores franceses haviam encontrado fósseis humanos praticamente inteiros. E com certeza os restos de muita gente estavam

enterrados ali.

Yoan... precisa ajudar!

Quando pensou em fugir, Ignatius procurou por Yoan e percebeu que ele estava distante, fumando e conversando com Pierre, cumprindo a ordem de esperar sem se aproximar da caverna.

Naqueles instantes de reflexão, quando conseguiu pela primeira vez enxergar o que poderia ser seu futuro, Ignatius concluiu que, se Yoan o acompanhasse, teria muito mais chances de sobreviver numa fuga. Precisaria convencê-lo.

Por mais de uma vez, Yoan demonstrara preocupação com o emprego. Mas, ainda assim, era preciso pedir sua ajuda. E, ao chegar a essa conclusão, Ignatius decidiu que seguiria as ordens de Jacquemont sem qualquer resistência. Estava, aliás, muito estimulado pelo universo maravilhoso que se abria à sua frente.

Ignatius seguiu o paleontólogo até a entrada da caverna e, ao colocar os pés descalços naquele lugar frio e escuro, travou. Ficou alerta, agachado sobre os calcanhares. Quis escutar os sons das goteiras e também outros sons inidentificáveis que ecoavam lá dentro.

Sentiu que conhecia o lugar.

Algumas luzes fracas sinalizavam os caminhos pelo chão.

Jacquemont usava sua lanterna para iluminar as paredes.

– Veja essas pinturas, Ignatius! Repare como algumas se parecem com os desenhos que você fez nas paredes do hospital. É possível que você tenha pintado também nesta caverna?

Jacquemont apontou para uma parede onde havia uma série de animais pintados com uma tinta vermelha. E, de fato, havia semelhanças com os desenhos de Ignatius.

– Essas pinturas são tão antigas quanto você! Pena não terem data nem assinatura – Jacquemont disse, sorrindo. – Mas se fosse assim tão simples, o mundo não precisaria de arqueólogos... nem de paleontólogos.

Ignatius olhou para as pinturas e viu nelas algo que parecia fazer parte de sua própria existência. Sentia-se, enfim, num lugar conhecido.

Fixou-se na imagem de uma pantera.

Deteve-se alguns instantes nos rinocerontes.

Parou na frente de um grande leão e começou a suar.

Como se sua mente estivesse distante, desequilibrou-se e se apoiou numa rocha para não cair. Ficou estático, novamente sobre os calcanhares, olhando para aquele leão vermelho.

– Você quer parar um pouco? – perguntou Jacquemont.

Ignatius respirou fundo, sentindo o ar da caverna.

Leões sempre foram um grande temor em seu clã.

O animal venerado era outro.

Só a *mamute...*

Ignatius abriu as narinas com força querendo interpretar os cheiros fortes.

– Caverna tem leão?

– É toda nossa, Ignatius. Está reservada para o nosso passeio.

– Leão mata!

– Não tem leão, Ignatius. Pode esquecer! Este lugar ficou fechado por milhares de anos. Faz pouco tempo que um grupo de espeleólogos o encontrou.

Era evidente que Ignatius não compreendia aquele discurso complicado. Ainda assim, Jacquemont seguiu, imaginando que aquele fosse um momento adequado para descobrir alguma coisa sobre o passado de Ignatius.

– Os leões costumavam viver nas cavernas com sua tribo?

Jacquemont esperou a resposta, mas Ignatius apenas respirou fundo, muito fundo. Seu coração começou a bater mais rápido e o olhar se perdeu na escuridão.

– Imagino que sim, pois foram encontrados muitos ossos de leões e ursos em cavernas pré-históricas – Jacquemont falava praticamente sozinho, andando pela caverna. – Mas as pesquisas mostram que eles não as ocupavam ao mesmo tempo que os humanos. Ou seja, você não convivia com os animais perigosos aqui dentro, certo?

Jacquemont ficou esperando que Ignatius lhe dissesse alguma coisa. Ele, no entanto, continuou com o olhar exaltado, nervoso, perscrutando a caverna. E, quando o paleontólogo enfim o deixou em paz, seus olhos fecharam-se e sua mente o levou de volta àquele lugar distante onde suas memórias dormiam.

– *Minhuii... mãan... im niami* – Ignatius murmurava enquanto girava de braços abertos em redor do próprio corpo.

Com a impressão de que um espírito encarnara em Ignatius, achando aquilo parecido com um ritual africano, atordoado e sem saber o que fazer, Jacquemont pegou o celular que trouxera na mochila e começou a filmar.

– *Ocúnyia dame... shmeká.*

Eram palavras incompreensíveis, exceto pelo nome de Shimeka, que voltava a aparecer.

A voz de Ignatius estava diferente, mais grave.

– *Im ingoniami... nani'ia im yoruniami.*

Jacquemont concluiu que estava se distraindo com a gravação e fixou o

celular em cima de uma pedra.

– *Im niami... naniia femmelle.*

Fêmea? Outra palavra conhecida acabava de surgir. Jacquemont começou a pensar que não havia um espírito dentro do corpo de Ignatius, mas que Ignatius misturava vozes do passado e do presente, vozes dele mesmo que se confundiam em seus neurônios desencontrados.

Ignatius seguia girando sobre o próprio corpo, revirava os olhos e tocava as paredes... e respirava fundo querendo sentir o cheiro daquele lugar. De repente, sua memória trouxe do passado distante, pela primeira vez, algumas informações compreensíveis.

– Comemos resto de cavalo. Eu e a mulher jovem... longe. Muito frio.

Enquanto ele girava, os pensamentos vinham como avalanches, transformavam-se em línguas que se misturavam e transportavam Ignatius para um lugar onde as paisagens eram sempre brancas. Levavam-no de volta ao tempo em que viajara por planícies nevadas com a moça cujo nome lhe escapava.

– Eu pintava... ela comigo.

Ignatius havia passado um longo tempo pintando. Talvez a caverna fosse outra... talvez fosse longe dali, mas aquele ambiente era muito familiar. E aquela pintura também: um leão sobrepondo-se a outro, como se fosse um único leão em movimento, ou como se muitos leões estivessem correndo na direção dos bisontes que os enfrentavam no mesmo mural.

– A tribo... homens querem matar... ela e eu.

Ignatius sentiu descargas elétricas pelo corpo e tremeu muito. Parou de girar. Ficou cambaleante. Jacquemont quis segurá-lo, mas achou melhor não interferir. Afastou-se. Compreendeu que era preciso deixar o homem pré-histórico completamente livre para voltar ao passado. Sentou-se numa pedra distante, deu um gole no leite que trouxera numa garrafa de plástico, tirou o caderno da mochila e começou a desenhar enquanto olhava atento para os movimentos de Ignatius.

– *Ocúnyia*... irmãos morreram... *ingoniami im a naniia*.

Ignatius revivia os acontecimentos e sentia um cheiro forte de sangue. Viu alguns de seus irmãos morrerem com lanças atravessadas no peito. Sentiu a ponta de sua lança atravessando o peito de um inimigo. Viu o *ocúnyia* correr para o fundo de uma caverna. Caminhou perto de pessoas mortas. Viu mamutes fugindo. Lembrou-se de que as mulheres haviam se escondido com as crianças.

Seria bom se ele pudesse colocar aqueles sentimentos todos para fora, mas havia ainda muita coisa, e Ignatius sentiu uma sobrecarga violenta no cérebro.

Uma trovoada.
Escureceu.
E ele ouviu um grito agudo que só existia em sua cabeça.
Naniiiiiaaaaaa.
E seu corpo tremeu outra vez.
A lembrança agora era de um outro momento trágico.
Neve.
Ela.
Nua baixo de gelo.
Crianças em gelo.
Ingoniami...
Fruta da árvore.
Ela e criança em alto.
Campo de árvores e frutas.

– As frutas... posso pegar – balbuciou, revirando os olhos, e virando o corpo, ainda fora de si.

Ele tremeu de um jeito diferente, como se um raio tivesse descido de seu cérebro em direção aos ombros, braços, coluna, mãos, bacia, pernas e pés. Como se tivesse despencado da tal árvore, Ignatius desabou no chão de terra da caverna, fazendo um estrondo imenso.

– Ignatius!

Jacquemont ficou apavorado e correu para acudi-lo.

– Você desmaiou?

Quando o viu tremer, e ele tremia incessantemente, Jacquemont pensou que fosse um ataque epilético.

– Não morra, pelo amor de Deus!

Jacquemont virou o corpo de Ignatius de lado para evitar que ele engolisse vômito, se vomitasse. Ele tremeu mais um pouco e a tremedeira, de certa forma, era um alívio.

– Eu sabia, Ignatius, é epilepsia... o imortal não podia morrer!

As pálpebras entreabertas mexiam-se velozmente e seus olhos continuavam desgovernados. Em seus pensamentos, Ignatius finalmente pegava os frutos gelatinosos da árvore com que vinha sonhando. Era aquilo uma visão do Céu imaginado pelos primitivos? Seria possível que, depois de serem engolidos pela neve, Ignatius, a mulher e as crianças tivessem subido a alguma espécie de paraíso? Ou eram só seus espíritos que passeavam por aquele pomar? O que você pensa disso, minha filha?

No sentido neurológico, o que posso afirmar é que a teoria da Dra. Charlotte acabou se comprovando: a cada fruto imaginário que Ignatius tocava, memórias antigas se reconectavam em seu cérebro. E, por mais agradável que fosse, aquilo aumentava a voltagem do curto.

Os olhos de Ignatius giravam, perdidos no infinito.

A boca deformada parecia cair em direção ao pescoço.

Braços e pernas tremiam ainda mais do que antes.

– Aguenta, Ignatius... Por favor, aguenta!

Jacquemont aproximou-se e começou a murmurar. Ao mesmo tempo que o segurava, dizia o que lhe vinha à cabeça, sem saber de onde tirava aquela superstição improvisada.

– Que os espíritos que habitaram esta caverna venham em nosso socorro... evoco todos os xamãs e feiticeiros que aqui fizeram seus rituais... evoco os deuses do passado... os deuses da floresta e dos animais. Resgatem Ignatius!

Ignatius viu-se outra vez subindo na árvore, querendo pegar um fruto que estava no galho mais alto. Jacquemont arregalou os olhos e mirou fundo nos olhos entortados que via. Ignorando os acontecimentos profundos que reorganizavam memórias no cérebro de Ignatius, o paleontólogo fazia gestos estranhos, como se quisesse expulsar um demônio.

– Se você ficar mais tempo assim, vai morrer! Pare de tremer agora! – Jacquemont olhou para o alto e viu estalactites apontadas para suas cabeças. – Seja o que for que estiver dentro de Ignatius, saia imediatamente!

Ignatius tinha Jacquemont à sua frente, mas enxergava o *ocúnyia*, o feiticeiro de seu clã. Sentia, de fato, como se algum espírito ou coisa parecida tivesse tomado conta de seu corpo. Mas a realidade era que seus neurônios trabalhavam numa velocidade impressionante, colocando cada memória em seu devido lugar.

Foi aos poucos que a tremedeira diminuiu.

E foi diminuindo até parar por completo.

As pálpebras de Ignatius apertaram-se com força.

Seus lábios cobriram-se de saliva.

Cuidadosamente, Jacquemont deitou a cabeça dele sobre a mochila e ficou um longo tempo abanando seu rosto naquela posição fraternal.

Quando Ignatius finalmente recuperou os sentidos e despertou, vomitou muito, e o fez por várias vezes, até sentir o gosto amargo da bile atravessando sua boca.

Jacquemont fez com que ele tomasse um pouco do leite que trazia na mochila e o ajudou a sair, como se arrastasse um corpo morto nos ombros até a entrada

da caverna. Conseguiu deitá-lo no banco de trás do carro.

Ignatius ainda estava ausente.

Entre o passado e o presente.

Caverna...

Leões...

Ocúnyia.

Árvore grande...

Frutos...

Gelo...

Crianças...

O nome dela, qual era?

34

Só depois de um novo telefonema de Antoine Lautrec, algumas semanas depois da chegada daquelas caixas, ao descobrir que Utta as havia deixado praticamente escondidas num depósito, o Dr. Fuchs trancou-se no laboratório para ver se o que havia ali dentro era de fato tão promissor como o paleontólogo francês lhe dissera. Ao abrir a primeira caixa, Fuchs encontrou um bilhete manuscrito com as explicações de Jacquemont.

Prezado senhor Dr. Franz Fuchs, caro colega paleontólogo,

Em nome do Instituto Francês de Paleontologia, com a aprovação do Conselho Nacional de Arqueologia e sob orientação do grande paleontólogo francês Antoine Lautrec, em caráter ultrassecreto, envio-lhe essas roupas e objetos pré-históricos para análise do laboratório que o senhor dirige no Escritório Nacional de Preservação, em Stuttgart.

É um material muito valioso, provavelmente originário do período Aurignaciano, que o senhor conhece como ninguém.

Gostaria de saber o máximo possível sobre cada uma das peças. Os custos serão pagos pela França diretamente ao seu governo. Não se preocupe, o Dr. Lautrec cuidará disso.

Conto com sua competência para chegar a conclusões acuradas, e certamente conto também com seu sigilo, insisto, pois essas roupas e objetos fazem parte de algo MUITO MAIOR.

Cordialmente,
Fabrice Jacquemont

Fuchs sorriu, pensando em como Lautrec havia sido ardiloso ao usar o jovem

paleontólogo para lhe pedir aquela ajuda secreta, e começou a abrir os sacos plásticos que estavam dentro das caixas. Usou uma pinça de madeira para não fazer pressão sobre as peças de roupa e as foi separando sobre a mesa de trabalho. Ficou atônito ao ver as pequenas esculturas amarradas às roupas de pele. Percebeu que Lautrec não as analisara em detalhe, pois o que lhe dissera por telefone demonstrava um conhecimento apenas superficial daquele achado arqueológico de valor inestimável. E não teve dúvida de que as roupas tinham vindo exatamente do período Aurignaciano que ele conhecia tão bem.

Depois de algumas horas sozinho, Fuchs reuniu sua equipe.

– É uma descoberta enormemente promissora! Tudo indica que essas roupas vestiram um homem que viveu na mesma época em que o nosso Homem-Leão foi esculpido. Vejam essas contas de marfim! São muito parecidas com as que foram encontradas aqui em Hohle Fels.

– Os franceses fizeram um achado importante – Mathias concordou. – As peças deles se encaixam no nosso quebra-cabeça.

– Penso que o nosso quebra-cabeça é que se encaixa nas peças deles – o Dr. Fuchs corrigiu. – Eles podem ter algo muito grande lá naquele laboratório onde o tal... Jack... como é mesmo o nome dele?

Por tudo o que conversara com Antoine Lautrec, o Dr. Fuchs sabia muito mais do que dizia à sua equipe, e jamais revelaria o acordo feito secretamente entre os dois. Bem, o nome do pesquisador ele realmente não lembrava, e Mathias foi ver o que estava escrito nas caixas.

– Está aqui. É isso mesmo, professor! Jack... Jacquemont... Fabrice Jacquemont, Hospital Nouvelle Vie, Ardèche, França.

– E ele me escreveu dizendo que tem algo “muito maior”. Mas eu pergunto a vocês: o que pode ser maior do que essas roupas pré-históricas praticamente intactas?

– Ele pode ter um fóssil – supôs um estagiário.

– Ou está com aquele corpo... o que foi encontrado na Sibéria e, dizem, ressuscitado na Romênia – Mathias especulou, aumentando a expressão de satisfação que o chefe trazia em suas rugas cinquentonas.

– Seja lá o que o tal Jack estiver guardando na França, o que está em nossas mãos é uma das maiores descobertas recentes sobre a Pré-História – disse Fuchs. – Eu jamais vi roupas tão bem preservadas. Muito menos com esses pingentes e estatuetas intactos.

– É como se tivéssemos escavado umas dez cavernas e em todas houvesse algo sensacional – Utta completou, surpreendendo a todos com seu entusiasmo.

Dessa vez ela não fez qualquer ironia, não debochou nem provocou ninguém. É difícil saber o que se passava na cabeça de Utta, mas eu acredito no instinto... ele dificilmente erra. E algo lhe disse para entrar de corpo e alma naquela pesquisa.

– Exato! – Fuchs prosseguiu: – Vamos catalogar tudo! Escanear cada segmento desses objetos para criar versões tridimensionais em computador, e depois vamos comparar com o que já foi encontrado por outros cientistas. Quero saber exatamente o que significa cada uma dessas peças de marfim, e quero também a data, urgentemente. Precisamos descobrir em que ano viveu o homem ou a mulher que usava essas roupas!

Fuchs já começava a imaginar o momento em que veria com os próprios olhos o *Suspicatus immortalem*, mas seguia fingindo não fazer ideia do que poderia ser aquilo que o tal Jack dizia ser "muito maior" do que as roupas pré-históricas.

– Talvez ele seja um gravetiano – Mathias atirou às cegas, querendo demonstrar conhecimento.

– Não creio, caro Mathias – o Dr. Fuchs rebateu, afiado. – Estou certo de que essas roupas e essas esculturinhas vêm do período Aurignaciano, exatamente como nosso Homem-Leão. Tudo me leva a crer que o *sapiens* que as vestia comungava dos mesmos valores, da mesma cultura e, provavelmente, da mesma religião que o escultor da estatueta que tanto estudamos. Realmente, Mathias, as peças do quebra-cabeça estão se encaixando e os franceses é que têm o jogo na mão!

– Gostaria de analisar as peças de marfim – Utta se ofereceu, manifestando um raro interesse por algo que não fosse uma de suas tão sonhadas vênus de vulvas avantajadas.

– Ficaremos honrados com sua ajuda, Utta Prida. Assuma a responsabilidade pelas peças de marfim – disse o Dr. Fuchs, de fato contente por ver que finalmente a bioantropóloga que lhe fora imposta queria mergulhar na pesquisa. – Mathias, você que é o mais experiente, junte-se aos mais novos da equipe e me ajude a decifrar de onde vem cada pedaço de pele. Quero saber o animal de origem e a idade de cada parte dessas roupas!

Sob o comando de um dos paleontólogos mais importantes do mundo, Mathias, Utta e outros jovens cientistas passariam as semanas seguintes enfurnados no laboratório fazendo comparações entre o material que receberam e o grande inventário das universidades e museus de toda a Europa. Ficariam em êxtase ao descobrir que o bracelete era feito de doze contas com dupla

perfuração, exatamente como outros encontrados na Caverna Stadel, que eles tanto estudavam. Descobririam também que, entre as joias daquele *sapiens* ancestral, havia uma pequena escultura com a figura de um mamute, com um furo numa das pontas, costurada ao couro da roupa.

– Temos um tesouro arqueológico nas mãos! – disse o Dr. Fuchs em mais um momento de exaltação, logo esforçando-se para demonstrar uma série de dúvidas que já não tinha. – Se os franceses realmente tiverem o fóssil do homem que usava essas roupas, estaremos diante de uma descoberta sem precedentes, algo jamais visto, jamais pensado sobre as origens da humanidade.

– Se os rumores estiverem certos – disse Mathias, mais uma vez tentando antever os pensamentos do chefe – é possível que o fóssil seja na verdade um corpo e que esteja até vivo... coisa que me parece deveras absurda.

– Seria realmente uma descoberta sem precedentes – Fuchs completou, com um sorriso suspeito debaixo de seu bigode imperial.

No meio de pelos perfeitamente preservados pelo congelamento, Utta descobriu uma pequena flauta costurada com fios de couro. Era muito semelhante às flautas encontradas em sítios arqueológicos alemães.

– O homem moderno só começou a tocar música quando chegou a essa região onde estamos – explicou Fuchs. – Mais especificamente, a música nasceu nos Alpes Suábios, pois só lá encontramos instrumentos musicais em quantidades significativas.

– Não foi por acaso que Beethoven, Brahms e tantos dos melhores compositores clássicos nasceram em solo alemão. – Mathias sentia-se quase na obrigação de apoiar o chefe. – E Wagner também, claro!

– Eles são herdeiros do homem que vestia essas roupas que estamos analisando – disse o Dr. Fuchs. – E é interessante você mencionar Wagner, pois, da mesma maneira como o anel de Nibelungo dava poder a quem o possuísse, penso que esses objetos de marfim emprestavam poderes a quem os usasse. Talvez fossem até mesmo poderes mágicos... ou pelo menos assim nossos ancestrais os entendiam. Basta ver o Löwenmensch: o que terá motivado a criação daquele corpo de homem com cabeça de leão se não a crença de que a união entre os dois seres produziria um imenso poder?

No dia seguinte, Fuchs ainda estava muito entretido com aqueles objetos quando Utta entrou apressada no laboratório.

– Você tem que ver isso! Venha aqui, por favor – ela gritou, eufórica. – Olhe o que eu encontrei. Entre esses dois pedaços de pele, não tínhamos visto... tem uma microestatueta. É um pequeno Homem-Leão!

O Dr. Fuchs pegou uma lupa e começou a analisar a miniatura, que era só um pouco maior do que uma unha. Ele não piscava. De fato, era uma réplica minúscula do Löwenmensch, e o chefe estava realmente surpreso.

– É incrível! O homem que usava essas roupas conheceu nosso escultor! Ou pelo menos viveu no mesmo clã, testemunhou os mesmos rituais... Utta, você tem ideia do tamanho da sua descoberta?

Ainda impactado pelo achado de Utta, o Dr. Fuchs escreveu um e-mail a Fabrice Jacquemont informando que havia recebido as caixas e que lhe enviaria um relatório assim que possível. Logo em seguida, telefonou a seu amigo Lautrec dizendo que estava pronto para cumprir a primeira parte do acordo feito secretamente entre os dois: enviaria dois cientistas de sua equipe para uma temporada no hospital onde o tal Jack fazia sua pesquisa. Avisou que, assim que se liberasse dos preparativos para a exposição do Homem-Leão, ele próprio viajaria para analisar o *Suspicatus immortalem* de perto, mas que, antes disso, seus representantes já poderiam fazer alguns avanços e preparar o caminho para a sua chegada.

– Meus caros cientistas, preciso de dois de vocês. Quem se dispõe a passar uma temporada na França? – o Dr. Fuchs perguntou, surpreendendo sua equipe e explicando que os escolhidos iriam a Ardèche, uma região muito bonita, com ótimos vinhos, onde teriam o privilégio de comandar uma missão ultrassecreta.

É incrível... incrível pensar que Antoine Lautrec tramara tudo aquilo sem contar a ninguém. Não prevenira nem Fabrice Jacquemont nem a Dra. Charlotte Dimanche e, muito menos, qualquer integrante do Conselho de Arqueologia da França, que em última instância era a instituição responsável por aquela pesquisa. Lautrec estava seguro de que precisava da ajuda de Fuchs, uma amizade feita no tempo em que os dois jovens sonhadores dividiam um dormitório na Universidade Yale, no estado americano de Connecticut, e reforçada quando passaram a dividir os palcos dos congressos mais importantes da paleontologia mundial. Pensava que só aquela estratégia orquestrada em segredo lhe permitiria passar por cima do Conselho e finalmente esmagar o pequeno poder concedido, indevidamente, ele não tinha dúvida, a Fabrice Jacquemont.

Os cientistas alemães enviados como visitantes poderiam agir debaixo dos panos sob a coordenação de Fuchs para dar um novo rumo à pesquisa que vinha sendo feita com Ignatius. E é bom que fique claro que o plano de Lautrec era entregar aos alemães só uma pequena parte de seu tesouro. Havia um acordo muito claro entre ele e o Dr. Fuchs: os alemães ajudariam Lautrec a montar a base científica para uma apresentação internacional de Ignatius e, em troca,

poderiam ficar com todo o mérito pela pesquisa sobre as roupas pré-históricas e as esculturas que haviam sido encontradas com ele.

Vamos concordar que Jacquemont estava indo muito devagar, e deixando passar muita coisa. Eu mesmo, se fosse o chefe ali, acho que o teria afastado. Não sei... mas há também um lado meu que sofre pelo pobre Fabrice, pois sinto cada vez mais a humanidade que havia dentro daquele cientista desafortunado.

Mas, ainda que fosse muito poderoso, Lautrec não conseguiria demitir Jacquemont sem ameaçar sua própria função de orientador daquela pesquisa, e, como andava muito envolvido com a política, dedicando pouco tempo às suas funções principais de pesquisador, além do fato de que não era um profundo conhecedor do período Aurignaciano, ele dependia de Fuchs.

35

Depois de ter a primeira imersão em seu passado, exausto como jamais havia estado, Ignatius dormia um sono profundo em seu quarto no hospital Nouvelle Vie. Os eletrodos que a Dra. Charlotte colocara em sua cabeça detectariam qualquer descarga elétrica anormal e, aparentemente, ele não corria grandes riscos.

Pierre ficara em choque com tudo o que tinha acontecido com Ignatius e a Dra. Charlotte achou melhor que ele fosse descansar alguns dias. Como não queriam nenhum estranho na ala secreta do hospital, ainda mais depois de tudo aquilo, Yoan assumiu as funções de enfermeiro.

– Yoan, não tire os olhos dele, viu? Basta um mínimo descuido pra gente perder o paciente. Eu até agora não sei por que Jacquemont escondeu de mim essa visita à caverna...

– Vaso ruim não quebra, doutora – Yoan disse sorrindo. – Pode deixar que eu tô colado no meu amigo.

– Charlotte... vem aqui! – Jacquemont sussurrou na entrada do quarto.

Enquanto os dois caminhavam pelo corredor da ala onde ficavam confinados, ele foi descarregando tudo o que sua ansiedade produzira desde os acontecimentos estranhos na Caverna de Chauvet.

– Ele voltou! Ele voltou no tempo e começou a falar coisas de seu passado.

– O que exatamente, professor? – Charlotte perguntou, ainda incomodada.

– Conforme ele via as pinturas nas paredes, suas memórias ressurgiam.

– Faz muito sentido para mim, caro colega. – Ela quis ser o mais formal possível, demonstrando sua irritação. – Ignatius é um artista, e a arte estimula seu cérebro de um jeito único.

– Ele falava como se não estivesse em nosso tempo... usou uma linguagem incompreensível, e mudou de voz.

– Então o senhor pode concluir que o *sapiens* do Paleolítico já tinha uma linguagem definida?

– É cedo pra uma conclusão, doutora. – Jacquemont retribuiu a formalidade.

– Temos que rever os vídeos que fiz com o celular, temos que analisar tudo, mas é incrível que ele tenha finalmente se comportado como um *sapiens* primitivo!

– E quando foi que ele saiu de si? – Charlotte ia se interessando cada vez mais pelo acontecido.

– No exato momento em que viu as pinturas dos leões...

– Talvez seja o contrário. Talvez, naquele momento, ele tenha finalmente voltado a si e recuperado as conexões perdidas. Ouso pensar que naquele momento Ignatius recuperou a consciência perdida no dia de sua morte... no dia em que foi congelado.

Os dois entraram no laboratório e Jacquemont mostrou os vídeos a Charlotte. Eram cenas impressionantes e, de certa forma, assustadoras. Normalmente, por tudo o que via como chefe da Neurologia do hospital, Charlotte não se impressionaria com nada. Mas aquele era um ser nascido quase 40 mil anos antes, e aquilo parecia ser parte de um documentário produzido por alguém que fez uma viagem ao passado para mostrar as origens da humanidade.

Pensando que precisava aliviar a tensão para voltar ao assunto mais tarde, Jacquemont começou a colar uns ossos enormes que haviam chegado pelo correio. Charlotte continuava fazendo perguntas, ignorando a ossada.

– Você acha que teve a ver com os leões ou foi simplesmente um esgotamento? Talvez o cérebro dele tenha chegado ao limite.

– Ele falava de mortes... e de uma mulher. Deve ser a mesma dos desenhos que ele fez na parede do quarto. Penso que você tem razão, que o cérebro dele refez as conexões entre memórias que pareciam perdidas num tempo distante, mas acredito que houve também uma conexão de todo o passado com a memória atual.

– A mistura de acontecimentos antigos e recentes é uma confusão recorrente no cérebro humano. É o que acontece, por exemplo, em pacientes que sofrem do Mal de Parkinson. Não que seja o caso...

O eletroencefalograma não havia detectado nenhuma anomalia no cérebro de Ignatius.

– Afinal, ele teve um ataque epilético?

– Eu considerei essa possibilidade, mas os exames, os vídeos e o relato que você fez indicam que não. Ele pareceu ter sofrido uma descarga elétrica dentro da caverna na hora em que começou a tremer.

– Epilepsia!

– Quase isso. Ignatius teve uma crise psicogênica, uma convulsão que se parece muito com um ataque epilético, mas que é causada por traumas

psicológicos. É como se o cérebro dele não suportasse a carga que lhe foi imposta e resolvesse dividir o desconforto com o corpo.

Fabrice Jacquemont sentia-se muito tenso e seguia montando a ossada de mamute que agora estava quase completa sobre a mesa. Só faltava encaixar a mandíbula na cabeça do fóssil.

Naquele momento, Jacquemont e a Dra. Charlotte tinham nas mãos praticamente todas as peças do quebra-cabeça.

– Primeiro, um homem quase morto, congelado na Sibéria... – ela foi relembrando. – Depois, por um acidente do destino, ele ressuscita, faz desenhos pré-históricos, aprende a se comunicar em francês, tem uma crise psicogênica gravíssima e, sem perder a consciência do mundo novo em que vive, começa a se reconectar com o passado perdido. Isso seria inacreditável se não estivéssemos aqui para testemunhar!

– Eu sei – disse Jacquemont, com certa soberba. – Tudo isso vai estar no meu artigo científico na *Science*, e será apresentado aos ministros e à presidente da República num grande evento. Ainda não parei para entender bem o motivo, nem quero, mas Lautrec disse que faremos isso às vésperas das eleições.

– Isso é populismo da pior espécie, Fabrice. Você não percebe? Não podemos compactuar com um absurdo desses!

Fabrice Jacquemont estava tão satisfeito com as descobertas que fizera, e tão entretido com a montagem do fóssil do mamute, que ignorou as preocupações de Charlotte.

– Tá difícil aqui... me ajuda com essa mandíbula, por favor. – Enquanto tentava concluir a montagem, Jacquemont seguia falando, como se pensasse alto. – Já decidi que vou telefonar hoje pro Lautrec, vou dizer a ele que estou pronto pra começar a escrever o artigo.

– Você ouviu bem o que eu acabei de dizer, Fabrice?

Ele parou de mexer com a ossada e foi buscar um papel, mostrando-se meio desconectado de tudo.

– Olha o desenho que eu fiz na caverna... Ficou bonito, né?

– Demais! Quase um artista. – Charlotte acabou se distraindo do que ia falar. – E, afinal, esse fóssil... onde você arrumou isso?

– Um amigo da Sibéria me mandou.

– E que amigo é esse que manda fósseis pelo correio?

– Digamos que tenho um informante numa geleira mágica e que, de vez em quando, ele me manda notícias de seu paraíso pré-histórico.

– E por acaso Ignatius veio desse mesmo paraíso?

36

Enquanto os bipes dos aparelhos anunciavam que seu coração pré-histórico estava fora de perigo, Ignatius dormia em sua unidade semi-intensiva na ala secreta do hospital Nouvelle Vie. Alternava momentos serenos com outros em que se mexia muito. Sentia que suas memórias estavam transbordando, como o leite fervido que espalha sua espuma pelo fogão.

Sem acordar, balbuciou algumas palavras que pareciam pertencer à mesma língua incompreensível que ele falara dentro da caverna. Yoan parou de ler o livro que sempre lia, ficou tentando em vão decifrar as palavras que ouvia e, quando enfim Ignatius despertou, ofereceu-lhe uma caneca de sopa.

– Você precisa comer bastante, irmão... nunca te vi tão abatido!

– Obrigado, Yoan, mas eu tô mais forte.

– *Alhamdulillah!* – o fisioterapeuta agradeceu a Deus, surpreso com o fato de que Ignatius falava de maneira muito mais compreensível do que antes, como se aquela crise o tivesse feito avançar meses e meses em seu aprendizado.

Ignatius falava também de maneira muito mais articulada, como se de fato seu cérebro fosse uma esponja e só agora tivesse processado tudo que vira e ouvira desde que fora ressuscitado.

Percebendo que, apesar da aparência, Ignatius estava muito bem-disposto, Yoan resolveu falar de algo que havia tempo o intrigava.

– A chefe disse que você é um homem das cavernas, que veio de outro tempo. É isso mesmo? Pode me contar, irmão, eu não converso com mais ninguém. Que história é essa?

Ignatius ficou em silêncio, e tremeu.

Lembrava-se.

E a gente lembra mesmo, memória é uma coisa que tem vontade própria.

Finalmente Ignatius teve consciência de que sua vida anterior havia acontecido num tempo muito, muito distante daquele em que ele estava agora com Yoan. Ficava claro para ele o que era presente e o que era passado.

– O mundo era diferente...

– Então tudo o que a doutora diz é verdade? Você veio de um outro tempo e tá perdido aqui nesse hospital?

Diante daquela constatação, na realidade uma confirmação de tudo o que Ignatius já vinha percebendo, as coisas todas ficavam muito mais claras e ele já não se sentia tão estranho àquele mundo em que passara a viver.

– Antes eu tinha dores pelo corpo, dor de cabeça, não pensava direito.

– E não falava bonito desse jeito...

– Sim, agora eu sei que vim de outro tempo... Posso enxergar coisas que não existem.

– Você tá vendo fantasma?

Ignatius olhou para Yoan um pouco confuso, deixou seu olhar se perder pelo quarto e ficou distante do mundo enquanto o fisioterapeuta apresentava sua conclusão.

– Ah, sim, você tem sonhado, é isso? Tá vendo coisas enquanto dorme? O nome disso é sonho!

Ignatius pareceu despertar outra vez.

– Sonho... sim... agora eu sei que a gente pensa dormindo e acordado. Vejo pessoas que são muito diferentes de vocês... pessoas antigas.

– É normal a gente ter lembranças de pai, mãe, irmãos... Eu também lembro sempre do meu povo lá da África. Se o pensamento quer sair de dentro de você, é porque alguém precisa te mandar uma mensagem. Aceite isso como um presente divino, irmão. Ouça o que as vozes te dizem!

– Eu vejo a mulher...

– Você tá vendo essa mulher agora, aqui?

– Não, ela não tá aqui. Não sei onde, mas vejo...

– Isso é amor, irmão. Você tem saudade de um grande amor, pode acreditar, porque eu sei bem o que é isso! Olha, no começo eu pensei que você fosse um imigrante, um fugitivo, alguma coisa assim. Mas, se você é mesmo um homem das cavernas, aí você tem que arrumar um jeito de sair deste lugar, porque os cientistas não vão te largar e vão acabar te matando.

– Eu consigo falar melhor, você tem razão. É estranho. Antes eu tinha uma nuvem no cérebro. Sinto que tô muito forte também, Yoan. Quero sair daqui!

– Vai pra Paris! – Yoan sugeriu, empolgando-se e momentaneamente esquecendo que Ignatius jamais vira uma cidade, um metrô, uma avenida lotada como a Champs-Élysées ou mesmo, simplesmente, um edifício que não fosse o do hospital. – Lá tem gente do mundo inteiro, tem muita mulher bonita. Aposto que logo vai arrumar uma jovenzinha argelina. Você é forte, bonitão, e agora,

falando francês, mesmo com esse sotaque... pode trabalhar de pedreiro!

Yoan percebia que Ignatius estava muito mais consciente de tudo, e interessado no que ele dizia, mas aquilo, obviamente, não garantia que o homem pré-histórico estivesse entendendo o que significava “arrumar uma jovenzinha argelina” ou “trabalhar de pedreiro” em Paris.

– Yoan... preciso de você... você tem que me ajudar a sair!

– Eu quero te ajudar, Ignatius, eu até te prometi isso, mas... não posso perder esse emprego, e se eu vacilar vão acabar me prendendo. Você sabe, esse hospital é do governo, tem militar de olho no que acontece aqui... – Isso era o que Yoan imaginava. – Se eu pisar na bola, eles vão atrás de mim. Posso te explicar direitinho como chegar a Paris. Eu fecho os olhos e até abro aquela caixa-forte pra você sair.

– Preciso ver animais, árvores, água, vida de verdade! Sonho todo dia que estou fugindo pra um lugar antigo.

– Nesse caso, eu diria pra você ir pra África, irmão. Eu amo aquele lugar!

– Ond...

– Por outro lado, lá é muito perigoso. Não vá pra África agora não. Em poucos dias alguém arranca esses teus olhos azuis.

Ignatius ficou confuso tentando imaginar por que razão alguém arrancaria seus olhos, mas estava ansioso, percebendo que Yoan tinha mais a dizer.

– Você também pode ir pra Amazônia. Lá você vai encontrar o que procura. É um paraíso verde, cheio de árvores e animais, com muitos macacos e pássaros, araras, rios cristalinos...

– Amazônia...

– É tudo muito parecido com a vida de antigamente, se é isso mesmo que você quer.

– Onde fica?

– Amazônia, a floresta amazônica... lá tem muitos macacos, tem índios também. Sei que você pode chegar lá viajando por alguns países da América. – Yoan falava e ao mesmo tempo coçava a cabeça, tentando encontrar uma resposta mais precisa. – Brasil! Vai pro Brasil que você consegue chegar à Amazônia.

Ignatius não entendia tudo, mas compreendeu que havia um lugar no mundo onde ele poderia experimentar a vida como a conhecera antes. E ficou repetindo mentalmente o que Yoan lhe dissera.

Amazônia... paraíso com macacos... rios cristalinos.

O fisioterapeuta ouviu a porta se abrir e parou de falar, fingindo que

arrumava o lençol da cama.

A Dra. Charlotte colocou uma luz forte nos olhos de Ignatius, analisou suas pupilas, checou mais uma vez a frequência cardíaca, verificou o nível de oxigênio nos pulmões e sentou-se na beira da cama.

– Você se sente bem, Ignatius?

Ele olhou para a doutora em silêncio, ainda pensando no que Yoan tinha acabado de dizer.

Um paraíso verde...

– Lembra de mim? Sou a Dra. Charlotte, a médica que cuida de você, a neurologista. Lembra, Ignatius?

Lembro, sim... com muitos macacos e rios... Brasil.

Ele continuou olhando nos olhos de Charlotte.

Rios cristalinos...

Desviou um pouco o olhar e viu seu reflexo na bandeja metálica. Assustou-se e derrubou o que restava da sopa. Quando as coisas se reorganizaram, Charlotte pediu que Yoan fosse ao laboratório buscar um espelho e fez Ignatius ver-se outra vez.

– Este é você! – ela disse.

Assim como acontecera no hospital militar em Paris, Ignatius teve dificuldade para compreender que aquela era a sua própria imagem. Pensou que estivesse vendo um dos irmãos que lhe apareciam em sonho. Quis tocá-lo e percebeu que tocava em algo duro. Ficou mexendo os olhos e a boca para certificar-se de que aquela pessoa era mesmo ele.

Conhecer melhor sua imagem seria fundamental para as decisões que Ignatius tomaria em seguida. Aquilo lhe daria confiança e, sem que ele imaginasse, completaria o processo de reconstrução de sua personalidade. E ele só pensava em fugir.

Floresta amazônica... macacos... Tenho que sair!

Pensava obsessivamente.

Rios cristalinos... macacos... Preciso ver o que tem lá!

Ignatius pensava naquelas coisas que Yoan lhe dissera. E olhava para aquele quarto, e para o fisioterapeuta, e para a médica, e com o olhar angustiado de quem precisa romper correntes de ferro para sobreviver.

Depois de algum tempo com a cabeça girando, ele dormiu de uma só vez. Ficou revirando os olhos. Debateu-se. E sonhou novamente com a fuga.

Acordou no meio da madrugada, agitado, suando muito.

Yoan pensou que fosse o começo de uma nova crise e, querendo protegê-lo,

injetou-lhe um calmante pelo tubo do soro.

Na manhã seguinte, Ignatius acordou tarde, muito mais calmo, e ainda mais seguro do que precisava fazer.

– Que bom que você melhorou, Ignatius. Ficamos todos preocupados – disse a Dra. Charlotte, logo pedindo que Yoan trocasse a bolsa de soro e a ajudasse a levar o paciente até o sofá.

– Doutora...

– Você esteve numa caverna com Fabrice e depois dormiu profundamente. Lembra?

– Vou embora.

– Pra onde?

– Eu preciso ir.

– Entendo. Entendo mesmo, Ignatius. Vou falar com Fabrice.

– Não com Fabrice. Vou sair. Aqui dentro, vou morrer. Quero ir pra floresta. Me ajuda?

– Vou falar com o Fabrice. Precisamos do consentimento dele, do Dr. Lautrec e de um monte de gente no governo da França. Mas deixa que eu falo! Ele pode ficar nervoso se você disser alguma coisa. Você vai precisar ter um pouco de paciência, está bem?

– Vou sair logo, não tenho mais paciência!

37

A Dra. Charlotte acordou tarde, ainda cansada depois da conversa com Ignatius e da insônia que se seguiu. Foi ao laboratório de Fabrice Jacquemont pensando em contar-lhe o que havia acontecido, mas, ao chegar, o viu sentado com a cabeça baixa, apoiada nas mãos, e uma caixa diante dos pés.

– O que foi, Fabrice? Você está pálido!

Jacquemont ficou em silêncio, olhando para o bilhete que estava em cima da caixa.

– Por favor, Fabrice, fale alguma coisa! Já basta eu ter que lidar com todas as crises do Ignatius.

– Olhe só isso aqui... olhe o tamanho da ousadia desse alemão!

Charlotte pegou o papel e começou a lê-lo em voz alta.

Caro senhor Professor Fabrice Jacquemont,

Estamos felizes que nos tenha confiado as roupas de seu homem pré-histórico e queremos ajudar vocês a desvendar esse mistério.

A análise do material enviado nos mostrou que nosso laboratório é de fato o mais indicado para estudar tudo o que vocês têm aí. Julguei que seria melhor devolver as roupas e objetos pré-históricos pessoalmente (o senhor deve ter recebido as caixas em mãos), assim como o senhor o fez quando os enviou a nós. E o senhor poderá ler o nosso relatório completo. Mas ainda há muito a fazer. Podemos estudar juntos o tesouro que o senhor tem em seu laboratório.

Já me encarreguei de organizar toda a parte burocrática com nosso

ministério, que já se entendeu com seu ministério e obteve sinal positivo do gentil Dr. Antoine Lautrec para que nossos paleontólogos especializados no período Aurignaciano possam ajudá-lo a compreender o que o senhor tem de "muito maior".

Mit freundlichen Grüßen,
Doktor Franz Fuchs

Os *freundlichen Grüßen* de Franz Fuchs no fim da carta faziam Jacquemont sentir a conhecida navalha perfurando seu estômago.

– É inacreditável, Charlotte. E ele ainda tem a cara de pau de me mandar "cumprimentos amigáveis"! Esses alemães agora querem se meter na minha pesquisa. Eu jamais vou aceitar uma invasão dessas!

– Calma, Fabrice! Talvez seja bom que a gente tenha mais paleontólogos para ajudar nas pesquisas. Talvez até mesmo Ignatius precise ver e ouvir outros especialistas. Um pouco de ar novo pode fazer bem a ele.

– Até você, Charlotte? Não está percebendo que esse tal Fuchs quer roubar minha pesquisa? E como é possível que Lautrec permita isso? Só falta você dizer que é uma boa ideia eles assinarem o artigo científico junto comigo!

– Não é nada disso! Aliás, se o tal Dr. Fuchs não estiver mentindo, e não deve estar, o Lautrec aprovou a vinda dos alemães. Talvez ele tenha motivos.

– Tenho um pressentimento muito ruim – ele disse enquanto caminhava pelo laboratório, pegando uma garrafinha preta de rótulo verde que estava em sua estante. – Me diz uma coisa: você gosta de Underberg?

– De quê?

– Underberg, essa bebida amarga e escura feita com não sei quantas ervas.

– Nunca ouvi falar disso.

– Que ótimo! É só mais uma coisa desagradável que vem de lá. Eu trouxe essa porcaria de Berlim porque não queria jamais esquecer do amargo que eu senti quando estava naquela cidade.

Enquanto falava, ele sentia, de fato, um amargo lhe subir pelo esôfago e rapidamente se aproximar da boca. E não era Underberg, claro.

– Fabrice...

Ele estava pálido.

Pegou leite na geladeira e bebeu a garrafa inteira de uma só vez.

– A vida não é sempre doce nem sempre amarga, Charlotte. Temos nuances, somos feitos de sutilezas. E você, uma neurologista que lida com pacientes terminais, não é capaz de entender isso? – ele disse, ressentido, ainda com a garrafa de leite na mão.

– Mas você não me deixa falar!

– Entenda uma coisa, Charlotte! Eu tive uma experiência terrível: sofri naquela cidade... fui desprezado apenas por não dominar o idioma alemão, apesar de meu bisavô bávaro. Eu podia ver isso nos olhos deles... Não vou ser obrigado a isso outra vez!

Jacquemont começou a arranhar a mesa com muita força, pressionando a unha do indicador sobre o compensado, e seguiu falando.

– Pra avançar nas pesquisas, eu preciso, no máximo, de estagiários! Você consegue entender isso? Não quero ninguém dizendo o que devo fazer, muito menos armando pelas minhas costas para roubar o que eu conquistei!

Àquela altura, Fabrice Jacquemont já estava socando a mesa e demorou a perceber que Yoan batia à porta do laboratório.

– Não quero saber, vá embora! – Jacquemont gritou.

Charlotte resolveu abrir.

– Tem dois alemães lá no estacionamento – Yoan disse, quase sussurrando.

– Meu Deus! – Virando-se para Jacquemont, Charlotte perguntou: – Você ouviu o que o Yoan disse, Fabrice? Eles chegaram... os alemães.

– Como é que é?

Jacquemont socou a mesa com tanta força que acabou deixando a marca dos dedos no compensado.

– É isso mesmo, chefe – Yoan falou alto, na entrada do laboratório. – Foram eles que trouxeram as caixas... e o bilhete que eu deixei na sua mesa.

38

Fabrice Jacquemont ficou tão fora de si que esbravejou com o fisioterapeuta como se fosse ele o culpado por seu infortúnio. Mandou que Yoan enxotasse os alemães e que os seguisse de carro até estar seguro de que haviam voltado para a estrada.

– Suma com eles daqui! Diga qualquer coisa, não me importa. E diga àquele vigia pra ficar de olho e jamais abrir a ala secreta a estranhos!

Yoan acompanhou os visitantes até o centro do vilarejo, mas eles não desistiram. Ficaram hospedados numa pensão esperando que Franz Fuchs resolvesse o problema. Algumas horas depois, o nome de Lautrec apareceu piscando na tela do celular de Jacquemont.

– Receba seus colegas de braços abertos, Fabrice Jacquemont! A ida deles a Ardèche é um desejo da nossa presidente. Não foi uma decisão minha...

– Mas eles podem roubar nossa pesquisa!

– Lembra o que eu disse? Vamos apresentar o *Suspicatus immortalem* ao mundo quando faltarem duas semanas para as eleições! A questão é que agora a presidente decidiu fazer isso em conjunto com os alemães.

Era óbvio que a presidente da França estava preocupada com os ganhos políticos daquela aliança com um governo populista, e que não sabia do acordo secreto entre Lautrec e Franz Fuchs para dividir os méritos da pesquisa. De qualquer forma, Lautrec era tão influente que praticamente qualquer coisa que ele fizesse teria autorização do governo. E a presidente queria mostrar aos eleitores que estava de mãos dadas com o chanceler Pauland.

– Então eles estão aqui por uma decisão sua? Vocês estão realmente querendo tirar a pesquisa das minhas mãos? E a França? Vamos entregar nosso tesouro para eleger um candidato populista?

– Já disse que não foi uma decisão minha, pelo amor de Deus, Jacquemont! Eu tentei resistir à ordem, também achei um absurdo... mas a presidente está convencida de que precisamos de apoio do chanceler para continuar governando. O que aconteceu nas últimas eleições na Alemanha teve impacto no

mundo inteiro... uma reviravolta, eu sei... e isso tem impacto aqui. Então, o que acontece é que a presidente quer posar ao lado de Pauland no dia em que apresentarmos o *Suspicatus* Ignatius ao mundo.

– Mas, Dr. Lautrec, isso não é aceitável. Eles vão...

– Não! Claro que não vamos deixar que o mérito maior fique com eles: a pesquisa do *Suspicatus* é nossa, eu vou assinar com você, não se preocupe. Os alemães se contentam em ficar só com o artigo sobre as roupas, e isso não faz a menor diferença para nós, concorda?

– Confesso que não estava preparado... – Jacquemont falava e andava de um lado para outro, desorientado.

– Fabrice, entenda: eu sou apenas um bispo nesse jogo de xadrez. Quem manda em mim é o ministro, e o ministro obedece aos desejos da presidente. Se você ainda assim não se conformar, posso mandar alguém para substituí-lo.

– Como?

– Esqueça, Fabrice! Esqueça a experiência ruim que você teve em Berlim num único período da sua vida! Lembre-se de que precisamos manter o apoio do nosso governo à pesquisa incrível que estamos fazendo! A presidente ama os alemães. Eles são nossos aliados no Conselho Europeu, no Parlamento e na Aliança Militar Europeia. A eleição é daqui a trinta dias... Você consegue entender essas necessidades, não é?

– Eu agora sou obrigado a resolver problemas políticos e garantir a eleição de um candidato? – Jacquemont disse baixinho.

– Hein? Escute, se Ardèche não fosse tão longe de Paris eu iria agora até aí para olhar nos seus olhos... mas vou dizer por telefone mesmo, com toda a franqueza: eu sei que você fez algumas descobertas, e isso é incrível, mas ainda não divulgamos nada, e tenho ordens do ministro para não abrir a boca antes da hora, entendeu? Preciso lhe informar que você virou piada entre os cientistas aqui em Paris.

– Mas isso... – Jacquemont não percebia até que ponto estava sendo manipulado e não fazia a menor ideia de que Lautrec tinha a pretensão de se tornar ministro no futuro governo.

– É injusto, eu sei. Mas o Conselho já me pediu para fechar seu laboratório e trazer o *Suspicatus* para cá, e eu vivo inventando um jeito de adiar essa decisão. Seja razoável, Fabrice! Estou do seu lado. Em poucos dias vamos começar a organizar a exibição pública. Estou pensando em chamá-la de "O Nascimento do Primeiro Imortal". O que acha? É o seu desejo, não é? Seu nome vai estar nos jornais. Falta pouco! Mas não deixe um orgulho tolo destruir sua conquista.

Agora, levante essa bunda da cadeira e abra a porta para os nossos amigos alemães!

Quando Jacquemont desligou o telefone, socou a mesa tantas vezes que partiu o compensado. A papelada espalhou-se pelo chão. Ele respirou fundo, juntou tudo e se levantou tão violentamente que esbarrou no fóssil de mamute e o derrubou. Dobrou as mangas e alisou a camisa na altura da barriga que quase não tinha. Ajeitou os óculos e, quando não havia mais jeito de adiar a saída, saiu.

39

– Tranque Ignatius no quarto! – Jacquemont ordenou ao enfermeiro Pierre quando os dois quase se chocaram no corredor. – E só tire ele de lá quando eu mandar! Os alemães vão usar apenas o corredor do fundo, entendeu?

Logo que chegou ao estacionamento, Jacquemont viu um carro preto com placa da Alemanha.

A porta abriu-se primeiro do lado do motorista, de onde saiu uma jovem magra de cabelos espetados cor de laranja com um piercing no nariz.

– *Hallo, Herr professor*, bom dia!

– Fabrice Jacquemont, prazer!

Ele se esforçou muito para dizer isso, e até deu um sorriso sem graça enquanto estendia a mão para cumprimentar a jovem alemã.

– Meu nome é Utta Prida, sou bioantropóloga com doutorado pela Universidade de Heidelberg. Originalmente, sou de Berlim.

Berlim! Com essa cara de punk você não deve nem saber a diferença entre um sapiens *e um neandertal.*

Logo depois de Utta, veio um jovem de quase 2 metros, cabelos escuros e óculos escuros, muito agradável no trato.

– Mathias Rotenberg, paleontólogo da Universidade de Tübingen... *It is very, very nice to meet you, Herr Professor* – ele disse, sorridente. – Como o senhor deve saber, fomos enviados pelo Dr. Franz Fuchs, o maior especialista no período Paleolítico de toda a Alemanha, um dos mais importantes do mundo. Ele mandou que eu lhe entregasse este relatório e também esta caixa de bombons.

Jacquemont viu Pierre passando e gritou.

– Pierre, me ajuda com isso, por favor!

Ele apertou a mão de Mathias, satisfeito por ver que todos o chamavam de professor, título que jamais tivera. Ainda assim, seguia irritado com aquilo que considerava uma invasão.

Fuchs, Fuchs... maldita raposa alemã!

E o jovem Mathias não parou de falar.

– Participamos da pesquisa com a estatueta do Homem-Leão, o senhor deve ter lido sobre isso.

– Acho que sim...

– Exato, acabamos de concluir uma nova restauração, o que nos permitiu finalmente conhecer seu rosto: agora sabemos que a escultura mais antiga da história da humanidade é um teriantropo, um homem com cabeça de leão.

Jacquemont sentiu a barriga latejar. Fazia tempo que não sentia aquela dor. Nem mesmo na conversa terrível com Lautrec sofrera com as navalhadas que costumavam rasgar seu estômago.

– A escultura mais antiga? Venha, vamos entrando...

Eles passaram pelo saguão do hospital Nouvelle Vie e começaram a percorrer os corredores enormes.

– Sim, foi datada de aproximadamente 40 mil anos atrás.

Uma acidez terrível começou a percorrer o esôfago de Jacquemont.

– Ah, certo... 40 mil anos é um bom tempo – ele disse, sentindo a queimação subir mais depressa.

– Pode ser um pouco menos... 38 mil anos, talvez – Mathias prosseguiu.

Não acredito. É praticamente a mesma idade do Imortal... Estão me testando. Já sabem, claro!

Jacquemont estava pálido, esforçando-se para continuar sendo gentil, mas já não conseguia se concentrar. Desviou o caminho para ir até a lanchonete do hospital, seguido de perto pelos dois alemães.

– Um copo de leite. Rápido, por favor!

– Você não leu o artigo na *Science*? – Utta Prida perguntou, sem imaginar que naquele momento teria sido melhor enfiar uma faca e rasgar o estômago inteiro de Fabrice Jacquemont.

– Venham comigo – Jacquemont disse, virando o copo de leite de uma só vez, imaginando que a bebida empurrava aquele líquido ácido de volta para o esôfago.

Em seguida, caminhou em direção à ala secreta do hospital.

– O leite é pra que mesmo? – Utta perguntou, irônica.

– Minha gastrite. Está num daqueles dias.

– Você não sabe que leite é terrível pra gastrite, professor?

– O leite é o que ajuda a revestir meu estômago...

– Não, de jeito nenhum. – Era a Dra. Charlotte, que acabava de encontrá-los. – Eu nunca soube que você tomava leite pensando em aliviar a gastrite. É justamente o contrário. Meu Deus... você só piora as coisas fazendo isso!

40

O primo Vladimir estava na taverna gastando os rublos que Fabrice Jacquemont depositara na conta de sua mulher, comemorando a venda do fóssil de mamute para "aquele panaca francês", virando mais um copo de vodca. Não percebeu quando dois policiais entraram. E só os viu quando já estavam segurando seus braços para algemá-lo.

– A boemia acabou, companheiro!

A atendente, que a meu ver estava ainda mais apaixonada pelo primo depois de todos aqueles anos, saiu correndo com um paninho na mão e foi se esconder na cozinha. Não queria ver seu Volódya naquela situação vergonhosa.

– Mas eu fui absolvido, camaradas... vocês sabem que eu não matei o Yuróchka.

O primo poderia ser espancado, mas não admitiria meu assassinato. Conheço bem o Vlado. Ele sempre foi um terrível mentiroso. Mas, veja só... aqui estou eu outra vez chamando o crápula de Vlado. Parece que vou me acostumando e me esquecendo do que ele fez.

– Sabemos, sim, perfeitamente – disse um dos policiais. – Sabemos que nosso chefe não conseguiu comprovar o crime porque nunca conseguimos encontrar o corpo do seu primo. Mas agora temos um mandado.

– O caso foi encerrado, vocês não podem me prender. – O primo Vladimir falou isso ao mesmo tempo que lhes mostrava os punhos atados, como se pudesse convencer os policiais a lhe abrirem as algemas.

– Contrabando. Você está preso por ordem da Justiça da Federação Russa pelo crime de exportação ilegal de fósseis. Está tudo documentado. Prisão preventiva... Anda!

Um dos policiais puxou o primo pelo braço, levando-o até a porta da taverna e empurrando-o para dentro do camburão.

A atendente correu até a janela e, com lágrimas nos olhos, viu seu Volódya partir.

No caminho, o policial continuou falando, vomitando uma fúria antiga sobre

o primo.

– Filmamos você enquanto comprava a ossada de mamute no quintal de Alexander... Você conhece ou não conhece Alexander, o caçador que mora perto de Novy Port?

– Não me lembro...

– Pois é. Você certamente não vai lembrar também, mas colocou aquela ossada e as duas presas de mamute dentro de uma caixa de madeira e entregou ao tripulante de um barco de bandeira francesa que estava ancorado lá em Novy Port. Lembrou agora?

– Não me lembro mesmo, camarada... Vocês vão se arrepender do que tão fazendo... prendendo um homem pobre como eu...

– Está tudo filmado. Só não impedimos a ossada de embarcar porque recebemos ordens de nosso chefe para não arrumar problemas com os franceses. E porque aquela ossada não valia grande coisa. Alexander não a teria vendido tão barato a você. Ele não é burro. Mas, enfim, acabou... assassino de merda!

A pena que o primo Vladimir teria que cumprir ao ser condenado pelo contrabando de fósseis era obviamente muito mais branda do que se tivessem comprovado que ele me matara e deixara meu corpo trancado naquela caverna. Mas, de qualquer forma, o chefe da investigação comemorou quando viu os dois policiais entrando na sala dele com Vladimir, terminando um caso que o atormentara por duas décadas, desde os tempos da finada União Soviética.

– Quanta alegria em revê-lo, Sr. Vladimir Timofei Temzrisovich. O senhor me conhece, não?

– Não faço ideia, chefe.

– Ainda nos bons tempos soviéticos, eu era o diretor da Administração Estatal aqui da península e o senhor veio me visitar. Foi trazido pelos colegas da saudosa Militsiya. Lembrou agora?

O primo apenas balançou a cabeça negativamente.

Se eu estivesse ali, mesmo que não soubesse de nada, seria capaz de dizer aos policiais que o primo estava mentindo, porque sempre que balançava a cabeça daquele jeito, ainda mais quando inflava as narinas, era porque estava mentindo.

– Pois bem... Do Yuri o senhor se lembra? Seu primo Yuri Pudako Temzrisovich, aquele que o senhor matou depois de achar o fóssil de um mamute...

Vladimir tremeu por dentro quando o delegado falou de mim com tanta convicção.

Se os policiais tivessem achado também os corpos pré-históricos que estavam

perto do meu, o estoque de tesouros do primo estaria esgotado. E ele ainda pensava em fazer dinheiro naquela caverna, por mais que soubesse o trabalho que seria para abri-la outra vez, e por mais que soubesse também do risco de, ao fazê-lo, entregar a prova maior do meu assassinato.

Enquanto aqueles pensamentos giravam na cabeça do primo, ele respirou fundo querendo ganhar tempo, fazendo cara de injustiçado. Respondeu ao delegado a primeira idiotice que lhe deu na cabeça.

– Sim, o primo Yurochka, ele morreu, coitado. E eu sinto a falta dele até hoje.

– Você vai ter tempo pra pensar no falecido Yuri. Se tudo ocorrer como previsto, você vai ficar oito anos trancado. É pouco para um assassino, mas foi o que conseguimos por enquanto. Agora, se quiser nos contar alguma coisa sobre suas relações com os americanos, temos muito interesse. Alguns casos estão em aberto. Temos interesse também em saber o que foi feito daquele Dimitri que o senhor diz que nunca viu, mas que sabemos que esteve em Yamal na época do assassinato do seu primo. Lembre-se: a prisão pode se tornar menos insuportável. Mande recado pelo carcereiro!

41

Fabrice Jacquemont estava tão atormentado com aquela invasão em seu laboratório que tomou uma decisão impulsiva e mandou colocarem placas de metal sobre o vidro da porta do quarto de Ignatius. Mandou também desativarem o sistema de abertura automática da porta, instalando uma fechadura com código digital. Só revelou o código a Charlotte, que achou tudo aquilo um absurdo, argumentou que Ignatius não era um prisioneiro e que, além de tudo, trancar a porta com um código secreto só iria gerar desconfiança, e que aquilo certamente chegaria aos ouvidos de Antoine Lautrec. Assim mesmo, ao ver-se obrigado a revelar o código também a Yoan e Pierre, Jacquemont deu ordem para que o quarto ficasse sempre trancado e que os alemães jamais entrassem sem sua autorização.

Naqueles dias em que Jacquemont estava uma pilha de nervos, pressionado por todos os lados, Ignatius ficou praticamente esquecido no quarto, sofrendo com o isolamento que lhe havia sido imposto. Chegou a arranhar as paredes durante a noite. Chutou e socou as placas de metal, mas a porta nem se mexeu. O sonho de fugir ficava quase impossível.

Durante aquele mesmo período, Utta e Mathias ficavam horas e horas no laboratório, em cima de Jacquemont, lendo relatórios e esperando por uma oportunidade de ver o que havia de "muito maior" naquele hospital. Era óbvio, no entanto, que os dois já sabiam de muita coisa. Franz Fuchs havia lhes explicado em detalhes o que deveriam fazer.

Pressentindo o que estava por vir, Jacquemont tratava aqueles jovens cientistas como se fossem agentes do serviço secreto alemão infiltrados em sua pesquisa.

– Se o senhor quiser, podemos explicar melhor o relatório que trouxemos. Naquelas roupas há muitas informações importantes – disse Mathias numa das vezes em que tentou se aproximar, percebendo o olhar desconfiado do paleontólogo francês.

– No momento não tenho tempo, obrigado – era a resposta padrão.

Mathias queria contar a Jacquemont, por exemplo, que as roupas de Ignatius eram feitas da pele de uma espécie de urso que vivia dentro das cavernas, que os sapatos eram especialíssimos e com uma costura ultramoderna para um período no qual os pesquisadores pensavam que não existissem agulhas, o que, segundo o Dr. Fuchs, só se explicava pela tese de que eram agulhas de madeira, etc., etc.

Mathias queria falar muitas coisas.

Queria contar a Jacquemont também sobre a pequena estatueta encontrada por Utta, a miniatura de homem-leão que estava presa à roupa, e sobre a suspeita de que o ser humano misterioso que o paleontólogo francês escondia dos visitantes tivesse, muito provavelmente, uma ligação próxima com a escultura mais antiga da história.

– O senhor realmente não quer que eu lhe conte os detalhes? – insistia Mathias.

Jacquemont respondia um vago "Obrigado" e saía de qualquer lugar onde os alemães estivessem, inventando reuniões e exagerando em sua gastrite mesmo quando não sentia nada.

Num desses dias que passou enfurnado no quarto, Jacquemont recebeu um telefonema irritado de Antoine Lautrec.

– ABRA ABSOLUTAMENTE TUDO AOS ALEMÃES! ABRA AGORA, FABRICE JACQUEMONT! – ele berrou.

Era óbvio que alguém o havia delatado.

Antoine Lautrec dizia que era para manter o paciente dentro da ala secreta do hospital, mas que não era admissível deixá-lo trancado no quarto atrás de placas de metal, que o *Suspicatus* Ignatius não era um prisioneiro e que Jacquemont acabaria sendo acusado de desrespeito aos Direitos Humanos.

– O senhor deveria saber que isso é uma coisa muito séria aqui na França, Sr. Jacquemont!

Lautrec estava furioso, pois as eleições se aproximavam e ele precisava que Jacquemont deixasse os alemães estudarem Ignatius. Estava seguro de que só com a expertise deles poderia obter as informações necessárias para a grande apresentação ao lado do candidato do governo à Presidência. Só a equipe de Franz Fuchs conhecia tão profundamente o período Aurignaciano da Idade da Pedra. Só eles poderiam esmiuçar a origem de Ignatius.

Até havia um grupo de cientistas franceses com o mesmo nível de conhecimento, mas Lautrec os via como concorrentes, além de serem contra as políticas consideradas extremistas do candidato que a presidente da França escolhera para substituí-la nas eleições que se aproximavam. E, bem, além de

tudo isso... havia um acordo entre Fuchs e Lautrec.

– Segure um pouco sua ansiedade... controle seus medos, Fabrice Jacquemont! – disse Lautrec, esforçando-se para ficar mais calmo. – Nossa campanha está indo muito bem e você pode ser incrivelmente beneficiado com isso. Estou organizando uma visita do nosso candidato aí ao hospital. Em mais uns dias irei com ele para conhecermos oficialmente o *Suspicatus* e os resultados parciais de sua pesquisa. Faça tudo como eu digo e em breve seu nome será importante na França!

42

– Que fome, hein? – Jacquemont já entrou falando na pequena cozinha da ala secreta do hospital.

E ele disse isso olhando para Utta, esperando alguma simpatia.

– Bom dia, professor – ela respondeu, com os olhos fixos em sua omelete.

Mathias levantou-se para cumprimentá-lo.

– Bom dia, chefe! Que bom vê-lo por aqui.

Quando estavam quase terminando o café, os visitantes receberam um convite inesperado.

– Gostaria que vocês fossem comigo até o quarto de Ignatius. Eu acho que vocês já sabem de tudo... não tenho nada mais a esconder.

Chegando ao quarto, Jacquemont digitou o código secreto e abriu a porta com tanta força que o metal bateu na parede fazendo um estrondo.

Você precisava ver a cara de espanto que Utta fez!

Não por causa do barulho. Não foi isso... O espanto foi porque ela não esperava ver aquele homem das cavernas vivo. Acreditava que a razão para fazerem a pesquisa num hospital era apenas despistar a comunidade científica e esconder o grande achado que, pelo que o Dr. Fuchs lhe havia contado, era um fóssil do período Aurignaciano. "Um homem completo, em perfeito estado", ele dissera, querendo que Utta só soubesse a verdade no momento certo.

– Cadê o fóssil? Quem é esse... homem? – Utta falava sem tirar os olhos de Ignatius, perplexa.

– É ele o que temos de "muito maior". Pare de ser irônica! – Jacquemont se indignou. – Por que foi, então, que você veio da Alemanha até aqui? Não foi pra ver o Ignatius?

– *Ignatz*... Não acre...

– Pois acredite – Jacquemont interrompeu, agora magnânimo. – *Ecce homo*!

– Um fóssil... vivo? – Utta continuava olhando para o homem das cavernas como se estivesse vendo um espírito.

– Sim, você não está vendo? Ele está aí na sua frente... Ressuscitado!

– Impo...

– Pare com isso! Você pode jurar que o Dr. *Raposa* não falou nada a vocês? – Jacquemont fez uma ironia com o significado do nome Fuchs em alemão. Percebendo que Utta continuava imóvel, prosseguiu. – O Dr. Franz *Raposa* Fuchs... ele não sabe de tudo? O Dr. Lautrec não contou tudo pra ele? Pois aí está: o Primeiro Imortal!

Utta sentou-se num banquinho com um olhar que parecia congelado. Ficou observando Ignatius, enquanto ele também assistia perplexo àquela cena, sem entender nada, pois os cientistas se comunicavam em inglês, e ninguém lhe dissera nada sobre aquela visita.

Mathias também estava de olhos arregalados, mas não porque tivesse descoberto alguma coisa. Ele sabia que Jacquemont escondia um *Homo sapiens* do período Aurignaciano naquele hospital. Fuchs confiava muito mais nele do que em Utta. Contara-lhe cada detalhe. Mathias só não podia imaginar que a criatura fosse tão estranha e tão normal ao mesmo tempo, como um homem moderno!

Quando Utta se recuperou do choque, voltou a seu estilo provocador.

– O senhor tem certeza de que ele é mesmo um homem do Paleolítico? Fez os exames todos?

– Claro que fiz, e fiz muito mais do que você imagina. Vocês mesmos estudaram as roupas dele, não foi? Ignatius está assim porque vem sendo muito bem tratado.

– Não sei o que dizer... Eu vim até aqui esperando um fóssil e você me apresenta um homem normal, um pouco diferente, mas normal... e você deixa o homem pré-histórico trancado como um prisioneiro?

Jacquemont ficou acuado pela postura desafiadora e virou-se para Ignatius, dizendo coisas a ele, querendo demonstrar naturalidade. Mas Ignatius olhou furioso para Jacquemont. E não disse uma palavra.

Desde que o trancaram naquele quarto, via o paleontólogo como um inimigo. Não o odiava, pois desconhecia o ódio, mas talvez pudesse matá-lo, por puro instinto de sobrevivência. Por outro lado, Ignatius estava muito interessado nas visitas. Analisava Mathias e Utta, reparando em seus corpos jovens. Aquele cientista alto e musculoso... aquela moça com tatuagem na perna, cabelos cor de laranja e um brinco atravessado no nariz... eram uma novidade excitante.

Depois de alguns minutos de perplexidade, os visitantes começaram a se acostumar à ideia. Afinal de contas, Fuchs não os teria mandado até ali se também não acreditasse no que aquele paleontólogo francês lhes dizia. E

Jacquemont voltou a se sentir confiante para seguir com a apresentação.

– Nosso paciente se exercita, faz caminhadas diárias e aos poucos está se adaptando à sua nova realidade, não é, Ignatius?

Ignatius seguiu em silêncio.

No alto-falante do quarto, ouvia-se uma canção sensual de Serge Gainsbourg. Jacquemont havia pedido a Pierre e Yoan que preparassem o ambiente para as visitas. Queria música francesa. Estava tudo cheirando a produto de limpeza. Lavanda. Ignatius foi se concentrando cada vez mais nas formas de Utta. Sem preocupar-se com nada, abaixou-se para ver e tocar a tatuagem de um beija-flor que ficava acima do tornozelo, abaixo da barra da saia da bioantropóloga alemã.

Jacquemont tentou demonstrar naturalidade.

– Bem, apesar de ele não estar muito comunicativo hoje, Ignatius fala francês. Nós já ensinamos muitas coisas a ele.

Utta deixou Jacquemont falando sozinho.

– *Bonjour*, Ignatius. Eu também falo francês – ela disse, transformada, com uma doçura incomum.

Ignatius levantou-se e olhou Utta bem de perto, respirando fundo, querendo sentir o cheiro de sua boca.

– Meu pai é alemão, nascido em Leipzig, e minha mãe era de Estrasburgo, aqui na França. Ela morreu quando eu era menina. Entendo você... sei o que é ficar sozinha no mundo. Portanto, se quiser conversar, pode conversar comigo.

Ignatius aproximou seu nariz do pescoço de Utta.

Cheirou-a e sussurrou.

– Me ajuda a sair daqui...

Só ela ouviu.

Mathias, no entanto, assustou-se com aquela proximidade e puxou Utta.

– Vem! Vamos deixar *Herr* Jacquemont terminar o que tem a nos dizer.

– Enfim... – disse Jacquemont, pigarreando. – Peço que, até segunda ordem, vocês só vejam o paciente quando eu ou a Dra. Charlotte estivermos por perto. Agora, me acompanhem!

Jacquemont estava mesmo completamente desconectado da realidade. A chegada dos alemães, e depois a fúria de Lautrec por causa de seu comportamento, tudo aquilo o deixara acuado e, de certa forma, delirante, querendo mostrar a todos que o trabalho que se fazia ali era brilhante, único no mundo. Ele indicou a saída do quarto, gesticulando para que os alemães o seguissem, fechou a porta e, com dedos velozes, digitou os cinco números do código secreto que trancava Ignatius.

Foi com Utta e Mathias até o laboratório, disse-lhes que estava escrevendo um artigo científico e que, por essa razão, os dois não deveriam dar informações sobre Ignatius nem mesmo ao chefe deles na Alemanha. Ao menos até que Antoine Lautrec decidisse fazer a divulgação do que, ele voltava a sonhar, seria apresentado com grande destaque nos meios de comunicação.

A descoberta mais importante da história sobre as origens da humanidade!

Por fim, Jacquemont cumpriu as ordens de Lautrec, dizendo a Utta e Mathias que eles poderiam ser muito úteis à pesquisa.

– Mathias, quero que você me explique os detalhes do relatório que vocês fizeram em Stuttgart. Estou marcando uma reunião para tratar disso na quarta-feira da semana que vem, às nove da manhã, está bem?

A Utta, o paleontólogo francês disse que acompanhasse a Dra. Charlotte Dimanche em seu trabalho.

– Como bioantropóloga especializada no período Aurignaciano, você poderá chegar a conclusões importantes sobre o passado dele, coisas que a doutora, preocupada com a saúde e a mente de seu paciente, pode não perceber.

Ainda estranhando a mudança súbita no comportamento de Jacquemont, Mathias foi dormir fascinado com tudo o que vira. E seu cérebro de cientista girava em alta velocidade buscando provas: seria possível comprovar que Ignatius era realmente um homem pré-histórico? Por que seu chefe, o Dr. Fuchs, não havia ido pessoalmente testemunhar aquela descoberta incrível?

Utta tinha também muitas interrogações, e uma certeza.

Preciso voltar...

43

Era evidente que Utta acompanhara criteriosamente os movimentos de Fabrice Jacquemont naquela visita a Ignatius. Era mais do que evidente, pelo menos para Mathias, que ela havia reparado com atenção no código eletrônico, pois o próprio Mathias também tinha memorizado aqueles cinco números. Se não estivesse dormindo, o jovem paleontólogo alemão talvez pudesse ter ouvido algum ruído quando Utta saiu de seu quarto calçando apenas meias, pisando levemente sobre o mármore do corredor, querendo visitar aquele ser raro que, ela tinha certeza, estava louco de desejo por ela.

Utta digitou a senha, abriu a porta tentando não fazer barulho e viu Ignatius deitado no sofá, aparentemente dormindo.

– Posso entrar? – ela sussurrou, deixando a pergunta no ar, trancando a porta por dentro.

Ignatius sentou-se na cama e olhou-a como da primeira vez, analisando seu rosto e, depois, seu corpo, sem cerimônia.

– Você veio me mostrar o caminho? – ele perguntou.

– Ainda não. Meu nome é Utta.

– Eu quero sair.

– Calma. Eu vou te ajudar, mas tenha calma.

– Você tem cheiro...

– E tenho uma tatuagem como a sua, quer ver?

Ignatius começou a cheirar o tornozelo de Utta. Cheirou sua perna e ficou ali sentindo aquilo que para ele era um cheiro extravagante de fêmea. Utta exalava odores intensos que aguçavam ainda mais seu olfato e o faziam lembrar-se da única fêmea que conhecera de perto, ainda que a outra tivesse cheiros ainda mais fortes e os exalasse de todas as partes do corpo. Ele estava num outro mundo, sentindo um grande prazer com os cheiros de Utta, quando ela o tirou do transe.

– Não quer ver as outras tatuagens?

Utta virou-se de costas para mostrar, escondida na nuca, embaixo dos cabelos, uma tatuagem com o desenho de uma vênus de peitos grandes e sem

cabeça, com a vulva avantajada. Era uma reprodução de uma das estatuetas pré-históricas que ela tanto gostaria de ter estudado.

– Você me excita, sabia? – ela disse, ainda de costas, segurando os cabelos para que Ignatius continuasse vendo a tatuagem.

– Ahn? – Ele estava inebriado com os odores de Utta e grudou seu nariz na pele dela quando ela se virou, quase encostando o nariz no dele.

– Seu rosto é um pouco bruto... Eu gosto.

– Eu gosto também – Ignatius repetiu lentamente, sem tirar os olhos dos olhos dela, cheirando sua boca com enorme prazer.

– Quer ver a tatuagem que eu tenho aqui? – ela disse tocando a virilha.

Ignatius segurou Utta pela cintura e a colocou no sofá. Ajoelhou-se para sentir de perto seus cheiros mais fortes. Ela abriu o zíper e abaixou a calça, mostrando-lhe a tatuagem de flores que subia da virilha até o começo da barriga. Quando ele quis grudar o nariz naqueles lábios molhados, Utta subiu a calça outra vez.

– Agora deixa eu ver a sua...

Ignatius ficou sem saber como agir e permitiu que ela fizesse o que queria. Utta sabia muito bem comandar aquele tipo de show. Passou os dedos em cada uma das nove linhas que formavam a tatuagem no ombro esquerdo de Ignatius e, enquanto o lambia, lembrava-se da estatueta do Homem-Leão. Era impossível não se distrair. Ela ficou em silêncio, abismada com a semelhança entre as duas tatuagens.

– É muito... muito... bonita.

– É um dente.

– Como assim... um dente? – ela falava devagar, enquanto pensava.

– A marca de um dente de mamute.

Utta demorou a compreender que Ignatius não se referia às presas, mas aos dentes que ficavam no fundo da boca dos mamutes. Sim, era exatamente como se a tatuagem de Ignatius reproduzisse a marca deixada pela mordida de um mamute.

Ela não tinha mais a menor dúvida de que estava diante de um homem pré-histórico. Aquilo criava uma confusão enorme em sua cabeça, mas era incrivelmente excitante.

Utta envolveu uma coxa de Ignatius com suas pernas e o abraçou, apertando-o sem soltar.

Seu corpo tremeu por inteiro.

Ela começou a sentir arrepios no ventre.

E os lábios ficaram ainda mais encharcados.

Ignatius colocou a mão na boca de Utta e passou o dedo sobre um de seus dentes do fundo, talvez querendo mostrar que era mesmo de um dente do fundo da boca de um mamute que ele falava com relação à sua tatuagem, talvez apenas querendo mapear aquele corpo por inteiro.

Ela sugou o dedo de Ignatius e o empurrou em direção à cama.

– Deita!

Ele estava sem camisa e se deixou cair de barriga para cima.

Ela saltou sobre Ignatius e sentiu que algo dentro da bermuda que ele vestia fazia uma pressão muito forte entre suas pernas. Tirou a blusa, encostou seus seios pequenos no corpo dele, passou a língua em seu peito e veio descendo com a boca até o umbigo. Pressionou a vulva com força na coxa de Ignatius e ficou ali se esfregando.

Ignatius puxou Utta, querendo deixá-la de quatro para penetrá-la, mas logo ela gemeu alto, muito alto, e rapidamente saiu de cima dele.

Ignatius ainda tentou puxá-la de volta, mas Utta, livrando-se de suas mãos, falou com firmeza.

– Me solta... agora! – Ela terminou de empurrá-lo. – Espera... espera! Eu volto amanhã.

Quando Utta terminou de falar, já estava vestida, digitando o código para abrir a porta.

Completamente absorvida por aquela experiência, evitando qualquer questionamento racional sobre o fato de ter gozado precocemente em cima de um homem pré-histórico, Utta ficou a noite toda rolando na cama e passou o dia seguinte sonolenta, sem prestar atenção em nada do que a Dra. Charlotte lhe dizia sobre questões neurológicas relacionadas a Ignatius.

Utta pensava que seria um sonho fugir pelo mundo com um homem primitivo como aquele. Poderia levá-lo a Berlim e viver com ele em Prenzlauer Berg, num squat, um daqueles prédios ocupados onde as artes floresciam livremente, onde ninguém notaria que ele era um pouco diferente. Poderia fazer um monte de coisas, e talvez as fizesse. Mas, primeiro, queria aproveitar o momento.

Na madrugada seguinte, foi direto ao que lhe interessava.

– Posso ver sua tatuagem outra vez?

Utta acariciou, cheirou e lambeu o ombro musculoso de Ignatius, e foi descendo pelo peito até a cintura. Ele a segurou pelos braços com força, colocando-a sobre a cama. Deitou-se sobre Utta. Cheirou a sua boca e quis

mordê-la. Ela o mordeu também e desceu com a língua sugando-lhe o pescoço.

Ignatius tirou o que restava de sua roupa, colocou-a na posição que ele sentia como natural e, enquanto Utta olhava para trás para vê-lo, os dois esfregavam seus corpos com força, como primitivos. Utta gemia com dores ao sentir Ignatius entrar em seu corpo magro. O empurrava, afastando-o para que não entrasse tão violentamente, mas ficava mais e mais excitada com aquela brutalidade natural.

Ignatius deu um rugido, sentiu a mão de Utta tapando sua boca e, quando terminou de experimentar aquele prazer do qual não tinha memória, simplesmente a jogou de lado como um macho saciado que só pensa em dormir. Antes de fechar os olhos, quando percebeu que ela se mexia para sair, ele murmurou.

– Me ajuda a sair daqui!

Utta sentiu um arrepio ao ouvir aquelas palavras. Estava com uma sensação que não conhecia. Não tinha referência de homem como aquele. Raramente transava com rapazes. Só vivera grandes experiências amorosas com garotas. Vestiu-se. Digitou o código para trancar a porta e saiu silenciosamente.

44

No dia seguinte, Ignatius amanheceu com uma febre muito alta e ficou praticamente imóvel na cama. Charlotte fez exames de sangue e concluiu que ele estava com uma infecção aguda.

– Os visitantes trouxeram um outro universo de vírus e bactérias, e isso pode ter enfraquecido Ignatius.

Jacquemont ouviu aquilo e ficou muito preocupado. Ajeitou os óculos sobre o nariz e falou irritado.

– Eu sabia que isso podia acontecer! Não era para ter recebido ninguém. Merda! – ele esbravejou, saindo irritado em direção ao laboratório.

Nos dias em que Ignatius esteve doente, Utta ficou aérea e distante de tudo. Sentia-se culpada, temendo que ele pudesse morrer por sua causa.

Mathias desistiu de tentar que sua colega lhe dissesse o que estava acontecendo e telefonou ao Dr. Franz Fuchs para relatar suas impressões.

Contou ao chefe alemão sobre seu encantamento com Ignatius, dizendo que depois da última visita, depois que a Dra. Charlotte lhe mostrou alguns exames laboratoriais, passara a ter certeza de que ele era um homem pré-histórico, ainda que achasse inexplicável toda aquela história de ressuscitação.

Fuchs pediu que Mathias analisasse Ignatius por mais algum tempo e voltasse a informá-lo sobre os acontecimentos envolvendo sua colega bioantropóloga. Estava ansioso para ir até lá, mas só poderia sair da Alemanha depois da grande apresentação pública da estatueta do Homem-Leão.

Completamente alheia ao que acontecia naquele hospital, ainda esperando pela melhora de Ignatius, Utta Prida resolveu sair um pouco daquele ambiente carregado. Não comunicou nada a ninguém. Apenas trancou seu quarto por fora e deixou uma garrafa de vinho no colo do vigia adormecido diante da porta de ferro.

45

Utta foi a um vilarejo próximo beber cerveja num bistrô. Depois de muitas canecas solitárias, voltou ao carro querendo encerrar a noite, com o pensamento sempre muito distante, e demorou a perceber que estava sendo fechada por uma caminhonete.

Buzinou, depois acelerou, tentando sair por cima da calçada, e freou bruscamente, quase batendo num poste. Dois homens abriram a porta do carro e arrancaram Utta. Um grandalhão segurou seus braços. O outro, um baixinho de pernas tortas, prendeu uma algema de plástico em seus pulsos e entrou com ela no banco de trás da caminhonete. Pegaram uma estrada de terra e foram dirigindo lentamente.

– Somos agentes do Profeta – disse o baixinho. – Eu e meu subalterno fomos enviados de longa distância e faz alguns dias que estamos escrutinando seus passos... desde que você aportou neste paradeiro.

– O chefinho ouve todas as suas conversas – o grandalhão falou, olhando pelo espelho retrovisor. – Sabemos de tudo!

– Pobre Mathias – completou o chefe no banco de trás. – Não faz ideia da ratazana que se trasladou com ele da Alemanha. Sabemos que a senhorita anda trocando amorosidades com o jovem imortal.

– Você acha que ele é seu namorado, não é mesmo? – o grandalhão falou e começou a rir.

– Agora, deixe a jovenzinha quieta – ordenou o chefe, olhando profundamente nos olhos de Utta. – Todas essas preliminares são para lhe dizer que o grande Profeta deseja falar com você. Vou colocá-lo no telefone. Espere, por gentileza.

– Não falo nem com profeta nem com Deus – disse Utta, cuspindo raiva. – Me soltem, anormais!

– Modere suas palavras, jovenzinha! – Os olhos do chefe foram ficando vermelhos. – Você pensa que é superior? Pensa que pode desafiar todo mundo? Esqueça! O Profeta não gosta de nenhuma forma de animosidade ou valentia.

Não tergiverse! E fique posicionada, porque estou telefonando ao Reverendíssimo.

Enquanto ele digitava o número no celular, Utta chutava o banco tentando acertar as costas do grandalhão.

– Vocês são macedônios, eu sei disso! – Utta blefou. – Sei de mais algumas coisas, e vou ferrar vocês.

– Silêncio agora, jovenzinha. Fale com o Profeta! – o chefe disse, colocando o celular na orelha de Utta.

Conforme ouvia o que o tal profeta lhe dizia, como se fosse sendo conquistada, talvez hipnotizada por sua voz, Utta parou de se debater e ficou atenta.

– Estamos avançando muito rapidamente em nosso projeto. Você pode imaginar, Utta Prida... Doamos cada minuto de nosso tempo e cada neurônio do nosso cérebro para a causa da imortalidade. Temos um enorme apreço pela vida humana... não gostaríamos de prejudicar a sua, certamente não. Queremos contar com sua capacidade ímpar, com seu conhecimento biológico e antropológico, com seu senso crítico aguçado, raro... Não vamos lhe fazer mal de jeito nenhum – o Profeta prometeu, e passou a falar de um jeito ainda mais envolvente. – A verdade é que eu estou precisando de você, Utta Prida.

– Não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo. Mande esses anormais me soltarem!

Mesmo irritada, Utta continuou ouvindo enquanto o chefe segurava o telefone em seu ouvido. Aquela voz sedutora lhe falava sobre um grande projeto científico com perspectivas para extensão da vida e promessas de imortalidade.

– Entendo tudo o que você diz. É fascinante, mas não vou fazer coisa nenhuma. E peça a seus agentes para me soltarem, por favor – Utta disse, muito mais calma do que no começo.

Depois do telefonema, ela tentou saber um pouco mais sobre aqueles homens estranhos e seu líder sedutor.

– Vocês são de uma seita religiosa que prega a imortalidade. Entendi certo?

– Ficou interessada? É só nos ajudar e você será trasladada ao Arquipélago da Imortalidade. Como lhe parece?

– Não falei que o Profeta era foda? Hahaha... A gente não falou pra ela, chefe? – O grandalhão gargalhava de alegria ao ver que Utta estava de fato interessada no que eles diziam.

– Escute, jovenzinha: você entendeu bem o que o Profeta mandou você fazer, não é mesmo? A gente vai continuar monitorizando você. Se não proceder da

forma que o Profeta ordenou, explodiremos seu dormitório, sua viatura...

– Explode até aquela médica gostosa! – o grandalhão falou, rindo alto mais uma vez.

Utta ouviu aquilo tudo com um misto de encanto e enjoo. Supôs que estivesse num daqueles dias, mas logo concluiu que não, que não menstruava. Os agentes finalmente voltaram até onde estava o carro dela e deixaram que fosse embora. Ainda ouvindo a voz do Profeta em seus pensamentos, confusa, sem saber qual era a razão daquela embriaguez repentina, Utta dirigiu lentamente até o hospital Nouvelle Vie.

O vigia cheirando a vinho destrancou a porta-cofre e ela caminhou silenciosamente pela ala secreta até chegar a seu quarto. Depois de muito tempo relembrando as palavras do tal profeta, sem conseguir dormir, pensando em Ignatius, ela tomou uma decisão.

Agora eu sei o que vim fazer nessa gaiola de ignorância!

46

Dias depois, quando ficou sabendo que Ignatius estava curado, Utta esperou que todos dormissem e foi ao quarto dele.

– Iggy... sou eu – sussurrou.

Ignatius não ouviu, continuou deitado na cama, repetindo uma palavra incompreensível para Utta.

– *Naniia... naniia.*

Ela passou a mão de leve no peito de Ignatius, fazendo com que ele despertasse assustado e a empurrasse para longe.

– Calma, sou eu!

Ignatius ainda estava semiconsciente quando Utta começou a acariciar seu corpo. Ele ficou com os olhos entreabertos, ainda recuperando o fôlego depois de muitos dias doente, deixando que Utta fizesse o que queria. Ela tirou a roupa, montou sobre o corpo nu de Ignatius e, antes que ele pudesse fazer alguma coisa, deu mais um de seus gritos agudos.

Utta deitou-se ao lado de Ignatius e ficou sonhando com a ideia que tivera depois da conversa estranha com o Profeta: fugiria daquele lugar e levaria seu homem pré-histórico a Berlim, onde poderia escondê-lo até ficar completamente segura de que aqueles "agentes anormais" não poderiam encontrá-los.

– Iggy, você está pronto pra ir embora comigo? – perguntou, sacudindo-o para que acordasse.

– Quero muito ir embora. Preciso de ajuda pra chegar no lugar que Yoan me falou.

– Mas você sabe que vai ser difícil, não sabe? O mundo mudou completamente desde que você o viu pela última vez. Além disso, tem muita gente de olho em você.

– Estou pronto – ele disse, sentando-se na cama.

– Calma... Se prepara que eu vou planejar tudo! Você vai sair desse manicômio.

– Maravilhoso! – Ele sorriu.

– Sim, o mundo é maravilhoso... e cheio de imbecis! E você não é propriedade de nenhum deles. Só precisa esperar que eu arrume tudo.

Utta voou mais uma vez para cima de Ignatius e sentiu um prazer enorme quando ele entrou nela com muita força e rosnou saciado.

– Eu volto. Me espera!

Utta estava decidida a fugir com ele o mais rapidamente possível. Passar pelo vigia seria fácil. Depois só precisaria driblar o grandalhão e seu chefe, que certamente estariam de prontidão do lado de fora do hospital. Fosse qual fosse o plano... seria na noite seguinte.

47

Na Alemanha, a equipe comandada pelo Dr. Franz Fuchs havia feito novos ajustes na estatueta do Homem-Leão. Hannah Schneider estava enfim segura de ter realizado um belo trabalho de restauração, ainda que continuasse tendo pesadelos, atormentada pelos fantasmas de Utta e da velha Mathilda. Trabalhava incansavelmente na preparação do Museu de Ulm para a primeira exibição pública de sua "Mona Lisa da Pré-História", marcada para a semana seguinte.

O Dr. Fuchs saiu no meio de uma reunião para atender ao telefonema de Mathias. Preocupado com as mudanças no comportamento de Utta, o jovem paleontólogo resolvera ligar para o chefe mais uma vez para que o aconselhasse. Mas, antes de ouvir qualquer coisa, Fuchs pediu a Mathias que lhe contasse detalhes do que havia visto no laboratório francês.

– Estou muito curioso. Me diga, o que você concluiu?

– Ignatius é realmente um aurignaciano – disse Mathias, categórico.

– Eu sabia! Assim que abrirmos a exposição no museu eu voo para aí.

– Por outro lado, Dr. Fuchs, há algo estranho. O Sr. Jacquemont até agora não quis ouvir nossas análises. É inacreditável que o governo francês tenha escolhido um cabeça-dura como ele para essa missão!

– Esqueça isso e prossiga. Prossiga, Mathias!

– Está bem. Claro que vou prosseguir, mas a urgência do meu telefonema é outra...

– O que é que Utta Prida fez agora? De novo a história das vulvas avantajadas? – O Dr. Fuchs estava sem paciência.

– Não é isso, não... Ela está muito ausente. Não acompanha a nossa rotina, jamais me diz o que está pensando... É como se tivesse deixado de ser cientista e fosse uma turista vagando pelo hospital.

– Isso é inaceitável, Mathias. Vou trazê-la de volta!

Fuchs sentia-se tolo por ter confiado em Utta. Quando viajasse a Ardèche, na semana seguinte, levaria um outro cientista para substituí-la. Mas, antes de qualquer coisa, preocupava-se ao perceber que o colega francês não estava

conduzindo as pesquisas conforme Antoine Lautrec lhe prometera e que estava colocando em risco o que poderia ser um patrimônio da humanidade.

O paleontólogo alemão não era um homem impulsivo, mas dessa vez não se controlou. Telefonou direto a Jacquemont para tomar satisfações. Sentia-se respaldado pelo acordo feito com Lautrec e exigiu que Jacquemont usasse protocolos científicos internacionais, que trocasse informações e deixasse os jovens cientistas que ele havia enviado a Ardèche fazerem as pesquisas que julgassem necessárias.

– A punk que o senhor mandou pra cá não tem condições de conduzir uma pesquisa nem se for pra determinar o sexo de um orangotango – disse Jacquemont, saindo de sua eterna posição defensiva. – Ela vive zanzando pelo laboratório e não é capaz de se comunicar conosco. Há, inclusive, uma seção aqui no hospital pra pessoas traumatizadas. Posso encaminhá-la pra lá...

– Não vou mais discutir esse assunto, o senhor tem razão. Vou substituí-la na semana que vem. Por outro lado, Mathias é um grande paleontólogo, Sr. Jacquemont. O senhor precisa abrir sua pesquisa para ele...

Diante do silêncio de Jacquemont, Fuchs foi ainda mais incisivo, antecipando o que de fato já havia decidido e comunicado ao Dr. Lautrec.

– Vamos fazer uma coisa. Eu mesmo vou até aí!

Jacquemont sentiu uma lança atravessar sua barriga e quis acabar logo com a conversa. Sem desligar o celular, começou a procurar uma garrafa de leite, mas não encontrou nada na geladeira do laboratório.

– Obrigado, professor, mas não preciso de ajuda nenhuma. Seus meninos já estão ajudando bastante, obrigado – ele concluiu, desligando apressado.

O Dr. Fuchs ficou irritado com a maneira como Jacquemont tinha se referido a seus assistentes e voltou a telefonar a Mathias dizendo que não fizesse nenhum comentário com Jacquemont, pois resolveria aquele assunto "pessoalmente, e com o apoio do chefe dele", logo depois da inauguração da exposição do Homem-Leão.

Assim que Fuchs desligou o telefone, Hannah Schneider entrou na sala dele com algumas dúvidas sobre os convidados que falariam no que anunciara para a imprensa local como "a maior noite da história do Museu de Ulm" e para os estrangeiros como "um marco na pesquisa sobre a história humana". Seria a primeira apresentação pública da escultura mais antiga da história da humanidade e jornalistas do mundo inteiro haviam sido convidados para conhecer "A Mona Lisa da Pré-História". Faltava apenas um dia. Hannah sonhava com uma inauguração em grandíssimo estilo. Entre as presenças ilustres já

confirmadas estava a do acadêmico italiano Umberto d'Alessandria. O trabalho de mais de uma década teria finalmente o reconhecimento internacional que merecia.

48

Depois de uma temporada estressante em que praticamente não conversaram, Jacquemont e Charlotte abriram uma garrafa de Châteauneuf-du-Pape e ficaram diante de uma pequena fogueira na entrada da floresta, alguns metros à frente do estacionamento. Utta desceu para arrumar suas coisas no carro, preparando a fuga, e ficou abaixada ouvindo a conversa dos dois.

– Comecei a escrever o artigo, Charlotte.

– Jura? Isso é muito bom!

– O título vai ser "O primeiro imortal e os segredos revelados sobre a origem da humanidade". O que você acha?

Um saco, sem o menor propósito, Utta respondeu em pensamento.

– Forte – disse a Dra. Charlote. – E ousado também! Pode ser que você seja um visionário, muito além de seu tempo, Fabrice. Pode ser. – Charlotte virou-se para ele. – Mas, me perdoe a honestidade, o título do seu artigo seria muito mais adequado a uma exposição no Museu do Homem.

– Pelo amor de Deus, Charlotte! Você quer me devolver pro meu empreguinho no museu? Esquece! Até o Lautrec concorda que ele é um imortal. Ninguém vai questionar isso.

Prometo que não vou questionar suas asneiras... nunca mais!

– Está bem. No seu artigo, você vai dizer que vocês foram resgatar o corpo numa megaoperação militar na Romênia sem a menor base em leis internacionais?

Você roubou Iggy dos romenos? Crápula...

Utta estava inquieta, esforçando-se para ficar em silêncio.

– Não, não posso revelar nada disso – respondeu Jacquemont. – Lautrec ainda não decidiu qual vai ser a versão que vamos publicar. Só sei que ele quer fazer uma apresentação com a presença da presidente da República e do candidato do governo.

– Não vou nem comentar esse absurdo! Você está indo em direção completamente oposta ao que entendemos como Direitos Humanos. Enfim,

Fabrice, é melhor falar desse assunto depois. E, já que estamos colocando algumas coisas em dia, aproveito pra contar que o Ignatius me relatou um sonho. Foi de repente... Sem que eu perguntasse nada, ele começou a falar.

Utta desequilibrou-se e só não caiu porque se apoiou num carro. Charlotte e Jacquemont assustaram-se ao ouvir um farfalhar muito forte vindo do hospital em direção ao bosque.

– O que foi? – Jacquemont perguntou.

– Pombos, um monte deles. Você não viu?

– Não estava prestando atenção.

– Eles voaram baixo. Me assustaram.

– Mas o que foi que Ignatius sonhou?

– Uma mulher de cabelos claros... Ele transava com ela.

Tem certeza de que foi sonho?

– Pelo menos não é você! Mas você acha que isso é um sinal de que um dia vamos ter que arrumar uma mulher pra ele? Só faltava essa.

– Não disse isso, e não acho isso, não, mas tenho certeza de que uma hora ele vai tentar satisfazer esse desejo.

Posso garantir que ele está bem satisfeito, cabaçuda!

– As hipóteses que conheço sobre a vida nas comunidades pré-históricas – Jacquemont assumiu um tom professoral – sugerem que eles viviam num sistema poligâmico em que os homens tinham várias mulheres.

Uma ele já está comendo... e bem gostoso.

– Pois é, e ele andou me olhando de um jeito diferente, Fabrice.

– Por que você não me falou isso antes? – Jacquemont fechou-se, irritado, olhando para o fogo. – Mas a verdade é que eu duvido de algum interesse dele por você, porque nas comunidades ditas primitivas havia uma forte preocupação com o incesto, e ele vê você como mãe, madrasta, alguma coisa assim.

Como você pode ser tão ingênuo, cuzão? Ele adoraria comer seu amorzinho! Pena que não vai dar tempo...

– O que estudei sobre o assunto me diz que os homens primitivos precisavam encontrar mulheres fora de suas comunidades pra que não corressem o risco de cometer incesto – disse Charlotte. – Não sabiam quem era mãe ou irmã porque era tudo misturado, então precisavam de alguém de fora.

– Sei. Isso se chama exogamia! – completou Jacquemont.

– A procura por uma mulher estrangeira...

– Repita isso, por favor!

– A procura por uma mulher estrangeira. O que é que tem isso? – Charlotte

disse, sabendo muito bem o poder explosivo de suas palavras.

– O sonho do Ignatius...

Sou eu, gênio!

– Com a mulher estrangeira? – Charlotte sorriu. – Eu, com meus cabelos cacheados, também sou estrangeira pra ele. Não preciso usar piercing nem ter cabelo laranja. O que você acha que eu sou?

Virgem!

– Mãezona. Você é meio mãezona. Eu me preocupo é com essa alemã! Os alemães são come-quieto. Eu preciso ser mais rápido. Tenho que escrever logo esse artigo, apresentar o Primeiro Imortal pro mundo e me livrar deles! Ainda mais agora, com essa punk suja nos rondando.

Utta queria ir embora, mas agora temia ser vista.

E os dois falavam sem parar.

– Ignatius precisa desabafar. Tem um monte de memórias e emoções reprimidas... Ele voltou a me pedir pra ir embora daqui. Você precisa dar atenção aos desejos dele!

– Vamos ficar de olho nele... e, principalmente, nela! – A irritação de Jacquemont aumentava. – Aliás, o Dr. Fuchs já me disse que vai levá-la de volta pra Alemanha.

Vou antes do que você imagina... não se preocupe!

A autoconfiança de Jacquemont estava em cinzas outra vez. E ele pisava nas brasas querendo apagar o que restara da fogueira. Num último ataque de raiva, jogou os óculos no chão e se levantou.

– Calma, *chéri*... as coisas vão mudar – Charlotte falou, pegando os óculos de Jacquemont e o seguindo, sem imaginar o caráter profético de suas palavras.

49

Naquela mesma noite, Yoan resolveu ir ao quarto de Ignatius para que os dois se divertissem um pouco. Levou uma televisão. Você sabe o que é uma televisão? Naquela época já era uma coisa das gerações mais antigas, mas ainda razoavelmente comum. Enfim... ele colocou o aparelho em cima de uma mesinha e trancou a porta por dentro.

– Eu não acredito que até agora não te mostramos isso, irmão! – Yoan disse, sorrindo. – Se eu fosse cientista, a primeira coisa que tinha feito era te mostrar uma televisão.

Ignatius acompanhou os movimentos de Yoan enquanto ele conectava o aparelho na internet. Espantou-se quando sentiu a luz forte em seus olhos. Ficou um pouco atordoado com todo aquele azul. Ao ver pessoas dentro da tela, assustou-se e sentou-se sobre os calcanhares, como costumava fazer diante de algo ameaçador. Ficou daquele jeito, olhando intrigado para aquilo que lhe parecia feitiçaria do fisioterapeuta.

– Isso que a gente tá vendo não tá acontecendo agora, não. É um filme. Eu escolhi esse, mas tem muitos outros aí dentro. Foi tudo gravado. Entende, irmão?

Por mais que Yoan tentasse explicar, Ignatius não entendia como era possível que houvesse tantas pessoas ali dentro. Espantava-se a cada corte de cena. E os dois ficaram sentados no chão, vendo *O Grande Lebowski*, dos Irmãos Coen.

– Esse filme é antigo, mas é engraçado demais!

Yoan ria alto e logo se policiava para não fazer muito barulho. Ignatius ria com ele, por puro contágio. Mas logo começou a querer entender quem eram aqueles homens estranhos que falavam coisas incompreensíveis... e um deles enfiou a cabeça do outro na privada... e um chamado Jesus rolou uma bola enorme para cima de uns pinos... e os homens na tela gargalhavam alto, e diziam "cara" isso, "cara" aquilo... "Eu sou o cara".

– Eu sei que é difícil pra você entender, *cara*... mas esse aparelho é o que me faz aguentar a solidão!

Ignatius pensava em como aquilo tudo era diferente da vida que ele conhecia,

mesmo a vida no hospital era muito diferente. Os humanos haviam ficado diferentes. E ele não entendia direito as explicações de Yoan.

– Comédia é aquilo que a gente faz todos os dias visto pelos olhos de alguém inteligente... É a nossa vida! Você consegue entender isso, *cara*?

Depois de perceber que a brincadeira não funcionava, Yoan se desculpou, disse que queria que Ignatius visse como era a rotina das pessoas modernas e mudou para um telejornal.

Ignatius ficou estático tentando decifrar o que o apresentador dizia. As imagens mostravam um mundo muito diferente do que ele vira no filme, mas igualmente estranho.

Greves.

Protestos.

Enchentes.

Um assalto a uma joalheria.

Era, então, naquele mundo que Ignatius iria viver?

Ele abraçou os próprios joelhos, encolhido sobre os calcanhares em cima do sofá.

– Eu sei, irmão, o mundo é perigoso – disse Yoan ao perceber a expressão assustada de Ignatius. – Você viveu na selva, sabe se defender dos animais. Mas aí fora é que o bicho pega!

50

Era de madrugada e quase todos os bichos dormiam no bosque e no hospital. Utta Prida foi ao laboratório de Jacquemont à procura da central que comandava as câmeras de segurança. Revirou os móveis e apalpou as paredes, procurando um fundo falso ou algo que pudesse esconder o equipamento. Lembrou-se de ter ouvido Jacquemont falar alguma coisa sobre um sistema de vigilância que fazia gravações, trancado num armário de metal. E só havia um armário de metal no laboratório: ali, no fundo da sala, onde estava escrito RELÍQUIAS DO IMORTAL.

Aposto que ele colocou a chave num lugar óbvio.

Utta revirou tudo o que viu pela frente. Não encontrou a chave no gaveteiro e logo passou a procurá-la numa parede onde havia uma pequena galeria de desenhos emoldurados, alguns deles retratando Ignatius, todos assinados pelo próprio Jacquemont. Acabou encontrando a chave em cima de um quadro com um desenho do rosto de Charlotte sorrindo.

Pode sorrir, querida... Você nunca mais vai ver a estrangeira na sua frente... nem o Ignatius.

Foi dentro do armário que Utta achou o equipamento de gravação. Apertou o botão de STOP e, quando já ia saindo, viu uma caixinha de madeira com algumas esculturas pequenas. Entre elas, a miniatura do Homem-Leão. Havia sido por causa daquela peça que Utta descobrira a conexão entre o projeto de pesquisa liderado pelo Dr. Fuchs e o tesouro arqueológico que estava muito mal parado nas mãos de Jacquemont. Tinha sido aquela miniatura o que despertara nela o desejo de se aprofundar na pesquisa e viajar até a França.

Depois do que vivera com Ignatius, no entanto, a pesquisa perdera sentido. Outras urgências haviam se sobreposto à sua ambição científica, mas, paradoxalmente, aquela esculturazinha tornara-se ainda mais valiosa.

Jacquemont, querido, me desculpe o pequeno furto!

Utta colocou a chave sobre o quadro, sorriu para o desenho de Charlotte e enfiou a miniatura no bolso de sua calça cheia de rasgos.

Quando ia sair do laboratório, ouviu um barulho e recuou.

Era uma porta se fechando.

E outra se abrindo.

Yoan atravessou o corredor, apressado.

Utta ficou escondida.

Até que, acreditando que o corredor estivesse finalmente deserto, ela fechou a porta do laboratório e correu até o quarto de Ignatius.

Tentou entrar, mas o código não funcionou.

Zero... sete... um... cinco... zero.

A porta não abria de jeito nenhum.

Quem está aí dentro a uma hora dessas? Charlotte? Você também?

Em silêncio, Utta voltou ao laboratório de Jacquemont e ficou observando o quarto de Ignatius pela porta entreaberta.

A luz estava acesa lá dentro.

E ela finalmente descobriu quem era o intruso.

Esse fisioterapeuta...

Utta ficou esperando.

Anda!, ela pensou, impaciente.

Sem a menor pressa, Yoan desligou a tevê.

– Agora deixa eu te mostrar algo mais moderno. Isso aqui é uma potência, irmão! O nome é celular. Lembra daquela *selfie* que eu fiz com ele?

Ignatius nem poderia ficar impressionado com aquela telinha de 7 polegadas. A tevê era muito maior, e ele já havia visto algo parecido nas mãos de Jacquemont, da Dra. Charlotte e do próprio fisioterapeuta.

Percebendo que Yoan não tinha pressa, Utta resolveu inverter a ordem do plano: foi até o quarto, pegou algumas coisas que já estavam separadas sobre sua cama e andou apressada até a porta de ferro que isolava a ala secreta do resto do hospital.

– Isso aqui é muito poderoso – disse Yoan. – E o que eu quero te mostrar é uma coisa que tem aqui dentro. Espera um instante...

Yoan procurava algo numa lista de contatos no celular.

Ignatius tentava acompanhar os dedos rápidos do fisioterapeuta movimentando-se pela tela.

– Tá aqui – Yoan disse a Ignatius. – Olha só esse vídeo que o Pierre me mandou!

A primeira imagem era um close-up da estatueta do Homem-Leão, muito iluminada, girando numa vitrine.

– O leão tem 40 mil anos – Yoan explicou. – Não é a mesma idade que o chefe diz que você tem?

Ignatius ficou imóvel e suas pálpebras pareceram congeladas. Em seguida, surgiu na tela uma mulher que falava numa língua que ele não conhecia. Era Hannah Schneider, com a estatueta na mão, anunciando a exposição numa entrevista a um repórter francês.

Quando o Homem-Leão reapareceu, Ignatius arrancou o telefone da mão de Yoan.

– *Ingoniami*... me dá, a *ingoniami* é minha! – ele gritou, muito nervoso, fechando-se como se quisesse esconder o celular.

Yoan tapou a boca de Ignatius e pegou o telefone de volta.

– Vai chamar a atenção, irmão... não pode gritar!

Batendo com força na porta de ferro, Utta conseguiu que o vigia do outro lado a abrisse e deu a ele uma garrafa de vinho. Tinha dissolvido alguns comprimidos de Lorazepan na bebida.

– Aqui está – ela disse. – Meu agradecimento por aquela ajuda que o senhor me deu outro dia! Tome esta taça. Ah... me desculpe... não achei uma de cristal.

Não era todo dia que o vigia podia degustar um Pomerol Grand Cru Classé. Ele sorriu e logo começou a beber.

Yoan abraçou Ignatius por trás dos ombros e, por garantia, manteve a boca dele tapada enquanto os dois terminavam de assistir à reportagem no celular.

> "Depois de uma nova restauração, a escultura mais antiga da história da humanidade será exibida ao público em sua forma completa pela primeira vez, no museu da cidade de Ulm, no sul da Alemanha. Os alemães a batizaram de Löwenmensch, o Homem-Leão. E amanhã, às sete da noite, durante a cerimônia de lançamento, revelarão ao mundo, enfim, o sorriso da estatueta que os cientistas dizem ser a Mona Lisa da Pré-História."

Ignatius tremeu.

E debateu-se tanto que Yoan não conseguiu segurá-lo.

Os dois caíram juntos no chão.

Yoan jogou-lhe um copo d'água na testa.

Ligou um ventilador.

Mas Ignatius estava fora de si.

Quando a crise passou, alguns minutos depois, ele voltou a falar, ainda deitado, com o celular apertado na mão.

– A *ingoniami*... fui eu que fiz.
– A escultura do leão?
– Ela é minha... do *ocúnyia*... Eu quero de volta.
– Irmão, isso é maravilhoso! Você tá se lembrando de tudo. Você era um artista das cavernas... Isso é incrível! Mas ela tá lá no museu na Alemanha.
– Eu sei, Yoan. Fui eu que fiz a *ingoniami* – Ignatius insistiu enquanto se levantava com a ajuda do amigo. – Me leva nesse lugar!
– É muito longe... A gente demoraria horas pra chegar.
– Não tem problema, Yoan tem carro?
– Tenho, irmão, tenho meu velho Citroën. Mas é tudo muito arriscado, não posso fazer uma loucura dessas. Eu sou imigrante... Vão me extraditar, pode ter certeza!
– Você não é irmão do Ignatius? – Ignatius colocou as mãos sobre os ombros de Yoan e o que disse em seguida veio do fundo de sua alma. – Eu quero ver o mundo, irmão... Vamos logo!
Yoan queria ajudar o amigo. Percebia que a estatueta era extremamente importante para ele e, acima de tudo, queria libertá-lo daquele hospital, mas temia consequências terríveis. Com certeza seria acusado de algum crime grave por tirar o homem das cavernas do hospital onde vivia trancado, e também poderia ser preso e deportado, acusado de cumplicidade no roubo de uma peça valiosa de um museu alemão. Sentou-se na cama ao lado de Ignatius e ficou refletindo, de cabeça baixa.
O plano estava avançando. Utta foi mais uma vez ao carro. Certificou-se de que tinha comida e água para passar ao menos um dia em fuga. Se esconderia com Ignatius numa floresta ou até mesmo numa das grutas que conhecia perto da fronteira entre a França e a Alemanha. Mas só se por algum motivo não pudesse seguir até Berlim.
Yoan teve poucos minutos para refletir. Fechou os olhos, meditou, rezou... E concluiu que aquilo não estava acontecendo por acaso, que só ele poderia salvar o amigo. Além do mais, fazia tempo que se sentia terrível por compactuar com aquela situação "desumana e humilhante". As peças todas se encaixaram em sua cabeça e, quando abriu os olhos novamente, ele tomou sua decisão.
– Vamos, irmão! Eu vou cumprir a promessa que te fiz no dia em que você ficou de pé pela primeira vez. Vamos pra Alemanha!
Yoan pediu que Ignatius esperasse enquanto ele buscava alguns pertences em seu quarto.
– Vou com você – disse Ignatius.

– Não, espera aqui. Eles não podem te ver. Só preciso de cinco minutos pra arrumar as coisas. Espera!

Ainda no carro, Utta não viu aquela movimentação no terceiro andar. Yoan preparou uma mochila com roupas, alguns pertences de Ignatius, entre eles um velho cobertor colorido, e todo o dinheiro que economizara nos últimos meses. Pegou também um casaco de pele de raposa-vermelha que a Dra. Charlotte deixara pendurado num cabide.

– Põe isso aqui, irmão, tá frio lá fora! Se arruma rápido! Se a gente vai pra Alemanha tem que ser logo, antes do sol nascer.

Ignatius colocou o casaco de pele por cima do peito nu, vestiu um par de tênis e saiu com Yoan.

– Não faz barulho! E diz logo adeus pra este lugar. O ser humano nasceu pra ser livre!

51

Num antigo celeiro cercado de macieiras, onde o vento que descia da baía de São Francisco soprava suavemente, uma mulher aparentando 50 anos, com cabelos longos e olhos reluzentes, dava as boas-vindas aos grupos de jovens que chegavam eufóricos para ouvir sua palestra. Os bancos de madeira, enfileirados como num templo, estavam ficando lotados com os seguidores de Amber Jones.

Seu amor por Danny Pearce não resistira aos três anos que eles passaram encarcerados no Arizona. Nem o dele por ela. Danny mudara-se para o norte do Oregon, onde meditava e plantava cogumelos medicinais. Amber vivia na Califórnia. Trabalhara como assistente de um guru indiano que ganhava fortunas com palestras motivacionais e, depois de algum tempo, começou a fazer suas próprias palestras para propagar as teorias que começara a desenvolver na prisão.

Nos tempos em que passou trancada, sem jamais esquecer aquele dia em que entrou numa caverna de gelo na Sibéria, Amber parou de beber e leu dezenas de livros que lhe foram emprestados por uma colega de cela. A mulher tinha sido executiva de uma empresa gigante da internet e lhe falava sobre as maravilhas que resultariam da união entre o cérebro humano e a computação – e aquilo parecia uma evolução perfeita do imortalismo que ela aprendera com Danny.

O celeiro californiano já estava lotado. Os jovens conversavam, bebiam sucos 100% naturais em garrafinhas de vidro e só se referiam a Amber como "guru Jones". Eram quase todos engenheiros e programadores especializados em desenvolvimento de software para a internet.

Amber subiu ao pequeno palco e começou a falar sobre um futuro em que seres humanos conectados a nanochips seriam elevados a um patamar de superioridade com relação à parte menos favorecida da espécie. Seriam pós-humanos, transumanos ou *Übermenschen*, como ela gostava de dizer, usando um conceito que adaptara da filosofia.

"Um humano superior, mais evoluído que os simples mortais... mais distante do homem que o homem do macaco... que desistirá das prisões impostas pela mortalidade e organizará o caos de suas paixões... um humano consciente dos

terrores a que estamos expostos, que afirmará a vida sem ressentimento e desafiará a morte para viver eternamente no plano terreno", ela costumava repetir, convenientemente alterando a teoria de Friedrich Nietzsche.

Amber não era um gênio da computação saído da Universidade Stanford, não inventara tecnologia alguma na garagem da casa dos pais, mas tinha conquistado aquela legião de seguidores pregando que todos eles eram candidatos naturais à imortalidade da qual ela se dizia testemunha e propagadora. Críticos denunciavam que Amber Jones era apenas uma ex-alcoólatra e ex-presidiária que havia fundado uma seita fanática. Num grande artigo no *New York Times*, um investigador dissera suspeitar que Ms. Jones estava "lavando a mente de seus seguidores para que eles cometessem suicídio coletivo".

Mas era justamente a sensação de que estavam vivenciando algo único que fazia com que aqueles jovens voltassem ao celeiro para receber as doses cada vez mais altas de serotonina e esperança que lhes eram oferecidas por Amber Jones. E o mero surgimento daquele grupo já demonstrava como o mundo estava mudando e tornando-se mais favorável ao imortalismo e suas variantes tecnológicas que, no fundo, queriam levar as pessoas ao mesmo lugar proposto por Nietzsche: a eternidade no plano terreno.

A internet avançava à velocidade dos gigahertz, o mundo se tornava pequeno outra vez e muitos daqueles jovens sentiam falta de algo que lhes preenchesse o vazio inevitável gerado por suas rotinas, escrevendo códigos inumanos para dar humanidade aos computadores.

Depois de mais de duas décadas, a Sociedade Secreta Imortalista havia decidido encerrar suas atividades. Fechara, em parte, por causa da descrença gerada pelo que julgava ter sido o fracasso do projeto "Primeiro Imortal". Mas seus integrantes continuavam pelo mundo, apostando em teorias parecidas com as que Amber apresentava aos jovens do Vale do Silício naquele sábado de sol.

– Um dia todos teremos nossos cérebros conectados a um chip, e esse chip vai estar ligado à internet. E essa conexão neural universal nos dará superpoderes. Não apenas para acender as luzes de casa ou abrir portas com o pensamento... Isso vai ser a coisa mais trivial que faremos... inclusive sem pensar!

Amber dizia que os superpoderes viriam de conexões entre o cérebro humano e uma nuvem com milhões de computadores que processariam as informações que desejássemos, devolvendo-nos os resultados em milissegundos. No extremo da tecnologia com que Amber sonhava, nossos cérebros estariam também conectados uns aos outros. E ela não estava muito enganada...

– Só assim multiplicaremos nossas potências intelectuais e viveremos em harmonia!

Quando Amber terminou o discurso, seguidores eufóricos aplaudiram e dispararam perguntas.

– Guru Jones, a senhora ainda acredita no imortalismo dos anos 1980?

– Meu caro, o imortalismo não é uma crença, é uma ciência. – Ela respondia caminhando pelo meio dos participantes e olhando em seus olhos. – Se por acaso este coração que eu trago atrás de meus belos seios parar de bater antes da hora, eu irei imediatamente para um tanque de nitrogênio nos arredores de Detroit. Já está tudo coordenado com meus assistentes. Vou voltar, no futuro, como uma transumana! E vocês? Vocês acreditam no transumanismo?

– Transumanismo não é crença, é ciência! – gritou um dos mais entusiasmados da plateia, repetindo o credo de Amber.

– E não é por acaso que estamos hoje cercados de macieiras neste celeiro. Pomares são ideais para nascimentos históricos... ou vocês preferiam uma manjedoura?

A plateia a aplaudia de pé, mas assim que ela recomeçava a falar o silêncio voltava.

– Estamos aqui dando à luz o nosso plano de salvação, pavimentando nosso caminho para o futuro. E neste lugar mais do que apropriado gostaria de anunciar o nascimento da Yearning for Eternity Society, a sociedade dos que verdadeiramente anseiam pela Eternidade, que será conhecida pelo nome simples de YES.

Amber caminhava depressa por entre os bancos.

– Pois sempre diremos YES à tecnologia, não é mesmo?

– Yes! – a plateia respondeu em uníssono.

– YES à eternidade, YES ao Übermenschismo de Nietzsche... E vocês, vocês também dizem YES? Também anseiam pela eternidade?

– YES! YES! YES! – a plateia gritou eufórica.

– *Yeah!* Compartilhem nossa reunião pelas redes de amigos no Facebook, postem fotos e vídeos no Instagram, LinkedIn, Twitter, Snapchat, nos grupos de WhatsApp! Mandem mensagens até para Deus se tiverem o e-mail dele! Contem a todos a boa notícia que estou lhes trazendo! Por favor, me digam: vocês querem ser super-humanos?

– YEEEEEESSSSSSSS!

Amber havia se tornado uma das vozes mais influentes do Vale do Silício. E tocava fundo no coração de seus seguidores.

– Num futuro próximo, seremos todos imortais. Seremos mais rápidos que Usain Bolt sem precisar de anabolizantes. Mais fortes que Anderson Silva, mais inteligentes que Marilyn vos Savant... ou mesmo Einstein! E, afinal, se temos a tecnologia a nosso favor, por que escolheríamos ser fracos? Por que escolheríamos morrer?

– Nunca vamos morrer, guru Jones! – gritou um jovem com sotaque indiano na primeira fila.

– YES! – ressurgiu o coro.

– Jamais se esqueçam do que o grande Ettinger nos ensinou: "A ciência está construindo a ponte que vai nos levar ao Novo Mundo, onde todos seremos super-homens e supermulheres, e viveremos para sempre!"

– Vamos aplaudir Robert Ettinger, nosso primeiro imortal! – gritou um jovem na primeira fila.

– Estamos trabalhando para isso, meu caro seguidor! Ettinger renascerá, em algum tempo não muito distante de agora, talvez usando um corpo jovem desenvolvido por vocês aqui no Vale do Silício, talvez com suas próprias células regeneradas pela tecnologia de reversão da senescência, e muito provavelmente com nanochips no cérebro, como todos nós!

– E nós viveremos para ver o dia em que ninguém mais morrerá? – gritou uma engenheira, montada em seu patinete elétrico.

– Esse dia está muito próximo! Redes neurais, neurociência, inteligência artificial, colonização do Universo... Vamos viver num tempo em que não haverá cemitérios, porque não morreremos. No máximo, ficaremos congelados aguardando a cura para qualquer coisa que venha a interromper nossas vidas. E, para acolher nossos filhos, construiremos cidades em outros planetas, começando por Marte, com o reaproveitamento da água que existe de sobra naquele belo planeta!

Não era difícil de perceber quanto Amber estava diferente daquela mulher lunática que viajara à Sibéria e à Romênia para ressuscitar um corpo congelado enquanto bebia licor de ameixa. Tornara-se uma líder carismática. Havia estudado milimetricamente a maneira como Steve Jobs subia ao palco para falar de seus Macs, lera inúmeros livros de autoajuda, frequentara igrejas evangélicas lotadas para aprender com os pregadores, estudara a linguagem corporal de cantores pop... e assim desenvolvera um estilo próprio de emocionar.

– Se não quiserem me ouvir, vocês podem tapar seus ouvidos. Guardem dinheiro para comprar um lote no lindo cemitério Forest Lawn, em Los Angeles! Sejam vizinhos daqueles que não tiveram a mesma oportunidade que nós! Mas

não... nós não queremos encher o mundo com cemitérios, não é mesmo?

A plateia irrompeu em aplausos e gritos. O culto havia terminado e Amber foi cercada de jovens que queriam *selfies* com ela. Quando finalmente se livrou de todo aquele assédio e entrou no carro acompanhada de seus dois assistentes, percebeu que tinha recebido mais de dez mensagens. Todas com o mesmo texto, em letras maiúsculas.

NOSSO IMORTAL FUGIU!

52

– Não é possível que ele tenha fugido!

O dia ainda clareava em Ardèche.

Fabrice Jacquemont esbravejava, socando e chutando o próprio carro.

O carro de Utta havia desaparecido do estacionamento.

– Não é possível que aquela filha da p... Utta... como foi que ela conseguiu burlar nosso esquema de segurança?

– Calma, Fabrice, eles podem voltar – disse a Dra. Charlotte. – Ela pode ter feito uma loucura... pode só ter ido levar Ignatius pra conhecer alguma coisa diferente.

– Onde você acha... onde ela levaria Ignatius de madrugada? E por que não me disse nada? Eu nem sabia que ela tinha acesso ao quarto dele.

– Me perdoe a franqueza, professor Jacquemont – interveio Mathias. – Eu sempre soube seu código secreto. São os cinco números do código postal do hospital.

– Merda! E o fisioterapeuta? Cadê o carro dele? – Jacquemont berrou, correndo pelo estacionamento.

Ao perceber que o carrinho verde de Yoan não estava em seu lugar habitual debaixo da última árvore do estacionamento, Jacquemont chutou a árvore por diversas vezes. E se machucou.

– Alguém viu o Yoan? Merda!

Charlotte correu de volta para o hospital.

– Yoaaan! – ela saiu gritando pelos corredores.

Entrou na ala secreta e não viu ninguém além de Pierre, que roncava em sua cama.

No quarto do fisioterapeuta, a Dra. Charlotte encontrou a porta entreaberta e a cama arrumada, como se ninguém jamais tivesse dormido naquele lugar.

Jacquemont foi procurar o vigia e o encontrou lavando o rosto no banheiro dos funcionários.

– Não, senhor. Não vi nada. Confesso que me aconteceu algo estranho essa

noite. Deus me perdoe... eu dormi profundamente – disse o velho de pálpebras caídas, ainda esforçando-se para abrir os olhos. – Mas eu digo ao senhor com toda a certeza: nunca acontece nada aqui. Estou nesse emprego há mais de um ano e ninguém estranho entrou ou saiu por essa porta de ferro.

– Hoje saiu, enquanto o senhor sonhava com dançarinas do ventre... E o que é essa garrafa de vinho aqui no lixo? Avise a sua central, mande um alerta procurando pelo carro de Utta e pelo carrinho verde do fisioterapeuta! O senhor tem as placas anotadas aí, certo?

– Devo ter, sim, senhor, tenho a ficha de todo mundo que entra no setor de vocês. Vou procurar.

– Merda! Quem sabe as placas dos carros deles?

Jacquemont saiu apressado em direção ao laboratório e começou a revisar as gravações da câmera que monitorava o quarto de Ignatius. Ficou todo vermelho quando viu Utta montada em seu imortal.

– E eu não percebi nada disso...

Pouco depois, a gravação foi interrompida.

– Aquele Yoan! O desgraçado sabia onde ficava o gravador. Os três fugiram juntos, só pode ser!

Ainda sem acreditar na cena que acabara de ver, Jacquemont telefonou para Antoine Lautrec. Era provável que ele roncasse em seus pijamas listrados, pois o aparelho tocava histericamente e ninguém atendia. Jacquemont desistiu e, por fim, resolveu avisar a polícia.

– Um carro preto... sim... uma alemã de cabelos laranja... sim... espetados... com um brinco no nariz. E um enfermeiro argelino... Yoan... o carro é um Citroën verde, daqueles bem antigos... sim... e eles saíram levando um homem pré-histórico... roubaram o homem do meu laboratório.

Jacquemont acabou confundindo a atendente do serviço francês de emergência e tentou se corrigir.

– Me perdoe, não é isso... é um homem normal... 1,60 e pouco... Acho que parece um aborígene... sim, mas tem olhos azuis... sim... não... mais pra escura... isso, a pele... ele tem marca sim, uma tatuagem no ombro, nove linhas horizontais... Eles saíram por volta das duas da madrugada daqui do hospital Nouvelle Vie, em Ardèche... Vou mandar uma foto... mas vocês não podem divulgar, não... ou melhor, não tenho foto de todos, vou fazer um desenho, um retrato falado da alemã e do primitivo, tenho foto do outro... mando por SMS, pode ser?

Enquanto falava, Jacquemont ia rabiscando o rosto de Utta.

A atendente quis saber que crime eles haviam cometido.

– Eles fugiram! Não, não são prisioneiros, isso aqui é um laboratório secreto de pesquisas paleontológicas... uma bioantropóloga, um fisioterapeuta e ele... ele é, sim, quer dizer, é parte de um experimento... Esqueça... ele é propriedade do governo da França, VOCÊ ESTÁ ENTENDENDO? Sim, propriedade... isso existe, claro... quem está falando aqui é o chefe... Nunca ouviu falar do Instituto Nacional de Paleontologia, em Paris? Pois fique sabendo que meu nome foi aprovado por um ministro da República! Ande com isso, por favor, faça o seu trabalho direito.

A atendente desligou o telefone sem dizer mais nada.

É claro que, com aquela conversa desencontrada e a incapacidade de Fabrice Jacquemont de provar que Utta, Yoan e Ignatius haviam cometido algum crime, o pedido não foi adiante.

Enquanto esperava pela chegada dos policiais e o sol nascia rasteiro por aquele céu de inverno, Jacquemont tentava fazer um desenho do rosto de Ignatius para enviar à delegacia junto com o de Utta e com a fotografia três por quatro da credencial de Yoan. Não conseguia desenhar Ignatius. Amassava o papel. Voltava a telefonar para Lautrec. Ninguém atendia. E Jacquemont só encontrava fotografias de seu imortal ainda barbado, com cabelos chegando aos pés, parecendo o homem das cavernas de um filme de terceira categoria.

Só por volta das nove da manhã, depois de mais de trinta tentativas, Antoine Lautrec atendeu. Estava num hotel no sul da Alemanha.

– Estou sem dormir desde as duas da madrugada – Jacquemont saiu falando. – O imortal fugiu! Utta, aquela desgraçada, ela sequestrou Ignatius... ou ele sequestrou ela... e o enfermeiro também sumiu... em dois carros... já não sei mais nada!

– Imbecil! – Lautrec gritou, sem deixar claro se falava de Utta, Yoan ou do próprio Jacquemont.

Depois de dar a Lautrec mais alguns detalhes sobre Utta e Yoan, e também sobre os carros, Jacquemont finalmente conseguiria disparar uma caçada aos fugitivos. Lautrec iria contatar o Ministério do Interior, e também o Ministério da Defesa, para pedir que fizessem uma operação de busca nas estradas. Avisaria também as autoridades de segurança dos países vizinhos, especialmente Espanha, Suíça e Itália, os mais próximos de Ardèche, e certamente era preciso mandar um alerta à polícia da Alemanha, para onde Utta teria facilidade em fugir.

– Mas você tem certeza de que eles não vão voltar? – Lautrec insistiu, sem acreditar no absurdo que ouvia.

– Eu continuo sem tirar os olhos daquela porta de ferro, mas perdi a

esperança. Utta sempre teve um comportamento estranho. E Mathias, o outro alemão que está aqui, ele disse que lá em Stuttgart ela também dava trabalho aos chefes. É uma menina problema, anarquista, punk, rebelde...

– E o vigia, o que diz?

– O vigia estava dormindo, o que é afinal que vigias noturnos sabem fazer? – Jacquemont concluiu, logo perdendo a cabeça outra vez. – Merda, Dr. Lautrec! Merda! Me desculpe, mas tudo isso é mesmo uma grande merda!

53

O profeta bufava como touro amarrado. Seus agentes haviam colocado escutas por todos os lados, seriam capazes de monitorar os carros de Fabrice Jacquemont e Charlotte Dimanche por uma semana sem precisar trocar a bateria dos equipamentos. Haviam monitorado tudo o que acontecera no laboratório, ouviram até os gritos agudos de Utta Prida quando ela esteve sozinha com Ignatius, e tinham ordens para não desgrudar do hospital. Mas não tinham nenhum monitoramento no carro dela, nem no do enfermeiro, e não tinham sido capazes de prever a fuga.

– Saímos rapidamente para comer num posto de gasolina. Era o que fazíamos todas as noites quando eles dormiam... E estavam todos em silêncio, o senhor precisa acreditar!

Enquanto os agentes falavam com o profeta, dois helicópteros da polícia francesa sobrevoavam suas cabeças.

– Vocês não tinham uma escuta lá dentro?

– Hein? – o agente chefe gritou, sem ouvir direito. E prosseguiu. – Ah... sim, sim, mas quando eles dormiam a gente ia comer, e tirar um cochilo.

O profeta ficou terrivelmente irritado com aquele “erro brutal”, aquela “falta de profissionalismo inaceitável” de seus agentes. Deu-lhes ordens para procurar Utta Prida e Ignatius em qualquer buraco onde eles pudessem pensar em se esconder.

54

O carrinho verde de Yoan viajava lentamente pelas estradas, passando por pequenas propriedades rurais e vilarejos da França. Ignatius ia de janela aberta sentindo o cheiro de tudo: o esterco dos cavalos, a madeira queimada nas lareiras, os queijos na ruazinha principal dos vilarejos... Aqueles muitos odores entravam por suas narinas com uma intensidade incomum, e ele os sentia como nenhum ser humano de Nova York, Paris ou mesmo aqui do Círculo Ártico seria capaz de sentir.

Ainda que soubesse que os dois já deviam estar sendo procurados e que poderia ser preso, Yoan teve praticamente a mesma sensação de liberdade que tomara conta de Ignatius no momento em que eles passaram pela porta de ferro e saíram do hospital sem que o vigia sequer se levantasse da cadeira onde dormia de boca aberta.

Utta havia saído logo em seguida e, como os dois não notaram que estavam sendo seguidos, ela não teve a menor dificuldade para acompanhá-los à distância de apenas alguns carros. Não tinha tido tempo de arrumar o dormitório e ficou pensando se poderia ter deixado alguma pista sobre tudo o que planejara.

Ignatius colocava o rosto para fora da janela e sentia o vento forte deformar seu rosto. Curtia um frescor que apenas algumas horas antes parecia inalcançável e voltava ao encosto outra vez para ouvir o que lhe dizia seu... cúmplice.

– Eu devo ter enlouquecido, irmão – disse Yoan, abrindo um sorriso sempre contagiante. – Vou pagar minha vida inteira por isso. Mas meu Deus vai me receber... Os justos serão recompensados.

Ignatius sorriu sem imaginar quem era aquele que Yoan chamava de "meu Deus". E continuou admirando a paisagem, querendo saber onde estavam os mamutes, os leões e os outros animais que ele se lembrava de ver pelos campos.

Yoan acendeu um cigarro. Era a primeira vez que Ignatius via alguém fumando, mas não foi isso que despertou seu interesse. Ficou eufórico com o que descobriu naquele instante.

– Você carrega o fogo no bolso. É o guardião da chama!

Yoan deu um sorriso largo. Sentiu uma felicidade enorme ao ver a alegria ingênua de Ignatius e entregou-lhe seu isqueiro prateado.

– Foi do meu pai. Pode ficar.

Ignatius ficou enfeitiçado, acendendo e apagando o isqueiro, feliz por finalmente descobrir que era possível dominar o fogo.

Pouco antes de chegar a Dijon, o carrinho verde fez uma curva lenta à direita, desviando-se do caminho de Paris.

Utta confirmou o que já suspeitava.

Estão indo pra exposição!

Jacquemont havia esperado tanto querendo falar com Lautrec antes de tomar uma decisão objetiva, demorara tanto a fazer as autoridades se mexerem que, quando finalmente a polícia francesa montou uma operação nas estradas, Yoan, Ignatius e Utta já estavam no sul da Alemanha.

55

Amber Jones não acreditava no que tinha lido no celular. E ainda tentava entender de onde aquela mensagem poderia ter vindo.

Como assim?

O Imortal fugiu de onde?

E quem sabe dessa história?

Como assim?

Amber ficou naquele redemoinho de interrogações até que resolveu ligar para o número que aparecia na tela.

– Amber, minha querida, que bom que você finalmente me respondeu...

– Quem está falando?

– Sou eu... o homem com quem você fez aquela viagem romântica à Sibéria!

– Dan... Dimitri? Uau... quanto tempo! Com esse vozeirão... Uau! Você desaparece por mais de vinte anos e chega com uma notícia dessas! Mas como você sabe que ele fugiu? Onde ele estava? Onde *você* está?

Dimitri estava no banco de trás de uma limusine, no centro de Moscou, vestido num terno Ermenegildo Zegna, com um notebook aberto na mesinha de cedro.

– Não vai nem perguntar como eu achei você?

– Todo mundo me acha, Dimitri, eu tenho 18 milhões de seguidores no Twitter, sou a mulher mais famosa da Califórnia! O que aconteceu com o imortal? Aliás, você nunca chamou ele de imortal. Bem, vamos lá, o que aconteceu?

– O que eu sei até agora é que ele fugiu de um laboratório na França e saiu de lá com um enfermeiro africano e uma cientista alemã.

– Uau... que história é essa? Ele está vivo, saiu andando por aí, e ainda por cima com uma mulher? E por acaso você virou escritor de ficção científica?

– Tenho muitos agentes. E há alguns meses botei dois deles atrás do homem que nós ressuscitamos. Faz tempo que tenho informações privilegiadas sobre ele. O fato é que os meus agentes esmerdalharam tudo na hora H, mas agora já estão

de novo atrás dele, e pode ter certeza de que irão encontrá-lo. E você... Bem, você está de parabéns pelo celeiro. É um belo templo da imortalidade! – Dimitri sorriu do outro lado da linha.

– Como é que você sabe que eu tenho um celeiro? Ah, sei... viu nas redes, claro...

– Sei de muita coisa, Amber Jones, muita coisa. Mas não quero falar por telefone. Temos um presidente que adora observação de pássaros, você sabe. Enfim, procurei você porque talvez você queira me ver... e reencontrar nosso ressuscitado.

– E o Danny, você falou com ele?

– Esqueça o pobre Pearce. A imortalidade para ele vem dos cogumelos mágicos! Você deve saber que ele se viciou em psilocibina e passa os dias abraçando árvores no Oregon. Esqueça o Danny! Agora somos só nós dois... e vamos recuperar nosso ser!

– Nosso? – Amber não entendia bem aonde ele queria chegar.

– Bem... no momento ele não é nem seu nem meu. Mas logo, logo vamos botar as mãos naquele espécimen valioso e conseguir o que queríamos.

– O que era mesmo que você queria? – Amber continuava intrigada com aquele novo Dimitri. – Você era um garoto. Além de me comer, o que é que você queria?

Amber não tinha a menor ideia do poder que Dimitri havia acumulado nos muitos anos em que os dois ficaram sem contato. Depois que o velho Fedorov foi descansar, com a herança milionária que recebera sozinho, Dimitri fundou um banco de investimentos e quadruplicou a fortuna do pai apostando contra bancos centrais no mercado de câmbio. Completou seus bilhões com investimentos em exploração de gás e tornou-se um dos homens mais ricos da Rússia.

– Eu continuo querendo a mesma coisa, guru Jones – ele disse e sorriu, irônico. – A mesma imortalidade que você prega no seu templo. Contudo, apesar de toda a tecnologia que desenvolvemos no Arquipélago, aquele corpo que nós ressuscitamos na Romênia é uma fonte inesgotável de informação. Precisa ser estudado pelos melhores cientistas do mundo, não por aquele francês mequetrefe nem pelo alemão ultrapassado. Não... nós vamos colocar cientistas de primeira linha para descobrir o que fez com que ele sobrevivesse 38 mil anos no permafrost.

– E como você sabe que ele tem 38 mil anos?

– Tenho acompanhado as pesquisas de Fabrice Jacquemont... Pobre

burocrata! Até hoje não conseguiu comer a namoradinha. E ainda deixou o nosso ressuscitado fugir! Aliás... ele aprendeu a falar francês e ganhou um nome de santo. Você acredita que os franceses o batizaram de Ignatius? Mas isso... bem, quando você chegar eu conto o resto.

– Eu não tenho planos de ir à Rússia, Dimitri. Minha vida está indo muito bem aqui na Califórnia.

– Eu sei que não tem nada mais instigante para você do que me rever, ainda mais com um bônus, podendo ver seu imortal... e se tornar imortal. Não é pra Moscou que você vem, guru Jones, não se preocupe. Você vai viajar novamente para um lugar romântico: o Arquipélago da Imortalidade!

56

Fabrice Jacquemont vasculhava o dormitório, revirava calcinhas usadas e meias, mas não encontrava nada que pudesse indicar o que havia sido feito de Utta Prida.

Ao mesmo tempo, enquanto fazia uma busca cuidadosa pelo laboratório, Charlotte percebeu que alguém havia mexido nas roupas pré-históricas de Ignatius, mas não chegou a conclusão alguma.

Enquanto preparava um café na cozinha da ala secreta, querendo ficar mais alerta para encarar aquele dia que prometia ser longo, Mathias ligou a tevê e descobriu que a notícia sobre a exposição merecia grande destaque na França. Teve certeza do que havia acontecido!

– Às sete da noite em Ulm... Claro, é isso!

Mathias correu ao laboratório onde estavam Charlotte e Jacquemont.

– Eles foram pra Ulm. – Mathias respirou fundo, tentando recuperar o fôlego. – É hoje à noite!

– O que é que tem hoje à noite? E que diabo é Ulm, pelo amor de Deus? – Jacquemont berrou, histérico.

– A exposição do Homem-Leão vai ser inaugurada em Ulm, uma pequena cidade alemã à beira do Danúbio. A notícia está em todos os jornais. Eu inclusive queria muito ter ido, mas resolvi ficar depois que o senhor marcou aquela reunião para quarta-feira. O Dr. Fuchs avaliou que era melhor eu ficar.

– E o que é que o Ignatius tem a ver com isso?

– O senhor nunca teve tempo de me ouvir, mas uma das conclusões a que chegamos em nossa investigação foi a de que Ignatius viveu exatamente no mesmo tempo e lugar que o escultor do Homem-Leão, aquela estatueta que nós estudamos há mais de meio século na Alemanha, que foi o tema da minha tese de doutorado, tema também de um artigo que saiu na revista *Science*... Enfim, tudo indica que a miniatura que Ignatius trazia presa à roupa de pele, aquele pequeno homem-leão, e a famosa estatueta foram feitas na mesma época, no mesmo clã... e talvez pelo mesmo artista.

– E por que é que você nunca me falou isso?

– A miniatura... peraí... – Charlotte vasculhava o armário das relíquias. – Não está aqui!

– Merda! – Jacquemont gritou, dando vários socos seguidos na mesa, sentindo o líquido amargo avançar pelo esôfago e logo colocando a mão abaixo do umbigo, sentindo a velha navalha a picá-lo por dentro.

– Eu tentei lhe falar disso algumas vezes – Mathias voltou a explicar. – Aliás, era uma das coisas que eu diria na nossa reunião, que seria na quarta-feira, conforme sua requisição.

– Me dê um copo de leite... Charlotte, por favor. Eu preciso de leite.

Sem tirar a mão da barriga, esperando que Charlotte fosse buscar seu leite, Jacquemont virou-se novamente para Mathias.

– Me diz sem ficar fazendo tese de doutorado: você acha que a Utta levou o Ignatius pra essa merda de exposição na Alemanha?

– Se por alguma razão ele tiver visto a estatueta na TV... se tiver se lembrado de alguma coisa... eu penso que ele pode ter desejado muito estar lá.

Quando percebeu que a coincidência era grande demais para ser apenas coincidência, virando o copo de leite de um só gole, Jacquemont decidiu partir.

– Vou pra Alemanha! Charlotte, vem comigo por favor.

– Eu também vou – Mathias falou apressado. – Posso?

– Claro, você vai ajudar. Você fala alemão e conhece o museu – Charlotte respondeu. – Vamos logo!

Estimando que seriam nove horas de viagem até Ulm, Mathias calculou que, se não perdessem mais tempo, eles chegariam ao museu praticamente na hora marcada para a exposição.

Assim que Charlotte ligou o carro e acelerou rumo ao norte, Mathias telefonou para o Dr. Fuchs. Como não conseguiu falar com ele, telefonou para Hannah Schneider e pediu que ela cancelasse a exposição.

– Não tem como cancelar, Mathias!

– *Frau* Schneider, me ouça: se não puder cancelar... ainda que seja um erro... ao menos reforce a segurança! Não sei o que Utta quer, nem se foi mesmo para aí que ela levou o aurignaciano, mas eu estou a caminho. Tem um enfermeiro argelino que deve estar indo com eles.

– Não tem como cancelar por causa de algo que você está imaginando que “talvez” possa acontecer – disse Hannah, muito incomodada, perdendo sua habitual serenidade. – Foram anos de preparação para este momento. O mundo inteiro está olhando para Ulm esta noite, Mathias. Vou reforçar a segurança, mas

não vou cancelar nada por causa de uma suposição. Me avise quando chegar!

57

Yoan deixou o carro nos fundos de um estacionamento subterrâneo no centro de Ulm.

Utta parou na fileira de trás.

Yoan e Ignatius entraram numa pensão.

Utta os seguiu a distância para se certificar de que eles subiriam para o quarto. Pediu uma caneca grande de cerveja, pegou um carregador de celular emprestado da atendente e ligou para os agentes. Eles estavam nervosos e transferiram a ligação para o chefe.

– Profeta?

Ele estava em seu apartamento, no andar mais alto de um edifício horizontal coberto por uma enorme cúpula de vidro que lhe permitia ver tudo ao redor: o céu colorido em tons suaves de azul e roxo, a espuma da cachoeira que descia de uma geleira e um urso-polar muito magro que parecia perdido sobre um bloco de gelo desgarrado da ilha. O profeta vestia pantufas e um roupão azul.

– Minha querida Isolda, que mal lhe fiz eu? Por que roubaste Tristão de mim?

– Profeta, eu...

– Me diga, meu amor, sem um milésimo de demora... onde está o homem?

– Ele não está comigo.

– Que interessante! Os dois pombinhos fugiram e não voaram juntos... Mudaram de rota na última hora?

Utta nunca pensara em entregar Ignatius ao profeta, de jeito nenhum, mas, depois de perder a chance de fugir com ele para Berlim, sentia-se enfraquecida e incapaz de tirá-lo de Yoan. Resolveu pedir ajuda. Depois pensaria num jeito de consertar o problema que estava criando.

– Não mudei. Ele está com o desgraçado do fisioterapeuta... Eles fugiram sem que eu soubesse.

– Utta Prida, você quer mesmo que eu acredite nessa historinha ridícula?

– Profeta, parece ridículo, mas foi o que aconteceu. Eu vou dar um jeito de

recuperar o Ignatius, só preciso que você me ajude.

– Como é que eu posso ajudar? Ofereci tudo o que podia para você cooperar... Ofereci até um lugar privilegiado no nosso panteão da imortalidade, e você nunca mais entrou em contato. Agora, de repente, Ignatius desaparece? *Nein, frau Prida, absolut nicht!* – ele gritou. – Você está me telefonando da Alemanha... Eu posso ver aqui... espere.

O profeta terminou de urinar, deu a descarga e foi até a pia.

– Que barulho... Profeta, você está me ouvindo?

Ele fez um gesto diante do espelho e um holograma abriu-se diante de seus olhos: um mapa com a localização de Utta.

– Sim, você está em... – o profeta mexia as mãos e a imagem ia se aproximando. – Perto de uma catedral enorme. Em Ulm. Fique...

– Calma, me deixe falar!

– Não tenho mais tempo, Utta. Espere um segundo.

O profeta fazia gestos diante do espelho e a imagem mudava. Ao lado do mapa, apareceram rostos em movimento, todos sorrindo. Eram ícones que o conectavam a uma dezena de assistentes. Ele encaminhou a localização de Utta para os dois agentes que, incrivelmente, conforme o computador mostrava, ainda estavam em Ardèche.

Ainda em silêncio, ele foi em direção ao closet.

– Você está me ouvindo? Me escute, profeta! Mande seus agentes me encontrarem, mas eles têm que chegar antes das sete da noite.

O profeta a ouvia pelos alto-falantes de seu closet enquanto trocava de roupa.

– Ignatius já está aqui com o idiota que o tirou de lá antes de mim. Eles pararam para dormir nesta pensão onde eu estou. Tenho certeza de que mais tarde vão ao museu.

– E você não fez nada para recuperar Ignatius?

– Estou grudada nos dois. Só podem ter vindo aqui por causa da estatueta do Homem-Leão. A noite de lançamento é hoje. Mas eu preciso de ajuda.

– Quanto tempo perdido... – disse o profeta, já terminando de se vestir com um blazer de veludo verde-escuro sobre uma camisa de seda branca. – O que você sugere agora, Utta Prida?

– Vamos recuperar Ignatius antes que ele entre no museu. Mande seus agentes me encontrarem às seis e meia da tarde na rua de trás do Museu de Ulm.

– Já passei sua localização para eles. – Ele falava e caminhava.

– Está bem. Vou esperar. Ignatius vai estar de casaco de pele de raposa-vermelha, provavelmente com óculos escuros.

– Isso é ridículo, *Frau* Prida! – O profeta entrou num elevador panorâmico e começou a descer.

– Foi assim que ele saiu de Ardèche.

– Se não me entregar Ignatius, vou enterrar você numa caverna de gelo. *Habe ich mich jetzt klar genug ausgedrückt?* Fui claro? – o profeta concluiu, profundamente irritado.

– *Ja, ja... alles klar, Herr Prophet!* Tudo bem. Não vou sair daqui até os seus agentes chegarem. Mas, depois que terminar seu trabalho, você vai me deixar ir embora com o Ignatius. Temos um acordo?

Quando desligou o telefone sem responder a Utta, o profeta já estava sentado em sua cadeira, no gabinete de onde comandava seu império tecnológico, esperando que os hologramas que se abriam à sua frente mostrassem o que faziam seus cientistas.

58

O pedido que Hannah Schneider fizera algumas horas antes da exposição levou o comissário de polícia a pensar que a diretora do museu estava um pouco delirante, sofrendo ainda mais de sua famosa megalomania. Hannah queria policiais na entrada de Ulm, especialmente à margem do rio Danúbio, para vigiar as pontes de acesso ao centro da cidade. Queria que houvesse vigilância também na torre da catedral, a 161 metros do chão.

– Do alto da catedral eles poderão ver qualquer movimentação estranha nos arredores do museu.

O comissário explicou que o pedido precisaria ter sido feito ao menos duas semanas antes, para que pudesse ser aprovado em outras instâncias da administração pública da Alemanha, pois seria preciso pedir reforços a cidades vizinhas e aquilo não era coisa que se fizesse sem muitos e-mails.

– Nada é tão simples, *Frau* Schneider. A senhora sabe muito bem como Berlim funciona!

Se Hannah tivesse contado ao comissário exatamente o que ouvira de Mathias, se dissesse que Utta poderia estar a caminho da exposição com um homem pré-histórico sequestrado de um laboratório, seria possível que o comissário tirasse os sapatos de cima da mesa e tentasse reforçar o policiamento ao redor do museu. Tudo o que Hannah Schneider conseguiu, no entanto, foram três policiais para acompanhar a chegada dos convidados.

Quando anoiteceu e o salão principal do Museu de Ulm lotou, começaram os discursos.

– Einstein, nosso filho mais ilustre, não ficou muito tempo em nossa cidade – o prefeito de Ulm falava do alto de um pequeno palco. – Por causa do nazismo, nunca mais pisou nesta terra, e Ulm foi esquecida. Mas, a partir de agora, nossa cidade tem o enorme orgulho de guardar um marco da história humana: a estatueta incrível que em breve vocês verão, a obra inaugural de toda forma de arte que existe neste planeta... o Homem-Leão!

Ainda durante os aplausos, Hannah Schneider acendeu o holofote que

iluminava a estatueta dentro de sua vitrine, provocando uma grande comoção entre os convidados. Quando os aplausos finalmente diminuíram, a restauradora e diretora do museu começou a discursar, realizando um sonho de mais de uma década.

– Guardaremos aqui, para a eternidade, esse tesouro da humanidade! A estatueta não só é a mais antiga, mas também a mais bela e intrigante entre todas da Pré-História que chegaram ao nosso tempo. Seu sorriso emblemático será reconhecido no mundo inteiro, e fará milhões de pessoas viajarem a Ulm apenas para ver de perto a obra que já está sendo chamada de Mona Lisa da Pré-História.

Entre as dezenas de convidados que a aplaudiam, Hannah percebeu os rostos preocupados de um casal que não conhecia. Charlotte Dimanche e Fabrice Jacquemont se espremiam tentando se aproximar da vitrine onde estava o Homem-Leão. Hannah não chegou a ver Mathias. Ele quis ficar no fundo da sala, olhando mais para a entrada do salão do que para a palestrante no palco.

– A estatueta é realmente muito parecida com a que estava presa à roupa de Ignatius – Jacquemont sussurrou no ouvido de Charlotte.

– Será que eles vieram mesmo pra cá?

Havia ali paleontólogos de diversas partes da Europa, jornalistas, críticos de arte e também acadêmicos, como o famoso professor italiano Umberto d'Alessandria, agora convidado a falar.

– Meus colegas, caros amigos e amigas, não preciso mais dizer quanto o Homem-Leão é importante para a compreensão dos primeiros passos do *sapiens* moderno, no momento em que ele começou a produzir e valorizar a arte como parte fundamental de sua experiência...

Jacquemont era fã do professor d'Alessandria, tinha lido o romance policial que ele escrevera, mas não conseguia prestar atenção no discurso. Olhava obsessivamente para a escultura dentro da vitrine.

– Tem algo dele nesse sorriso, algo que me lembra o Ignatius! – Jacquemont continuava sussurrando.

Parecendo ainda mais entusiasmado com a própria fala, o professor d'Alessandria aumentou o volume, despertando Jacquemont de seus pensamentos.

– A obra de arte é a memória... ela mantém vivo o processo de criação que a trouxe ao mundo!

Yoan ficou esperando no carro, pensando em tudo o que havia vivido desde que saíra da África, lembrando-se da noite em que naufragou no Mediterrâneo,

temendo que aquele fosse o fim de sua temporada na França.

Ignatius já estava na porta do museu.

– É verdade que, enquanto olhamos para este Homem-Leão, somos como o maestro que reinterpreta a partitura. Mas há algo que independe de nós: podemos ver aqui o próprio homem pré-histórico que a esculpiu.

E de fato, se olhassem para trás, os convidados daquela noite especial de inauguração poderiam ver o artista em seu casaco de pele de raposa-vermelha, de óculos escuros, entrando na sala. Era improvável, no entanto, que ele fizesse algum comentário sobre sua arte, pois se espremia pelo meio dos convidados, interpretando os cheiros fortes de axilas suadas e perfumes florais que invadiam suas narinas, com um único pensamento na cabeça.

Ingoniami.

Umberto d'Alessandria prosseguia em sua explicação.

– A forma de uma obra só fala sobre si mesma... ela é o próprio artista transformado em arte.

Ignatius não entendia nada de inglês, mas se especializara na interpretação de gestos e expressões faciais.

Esse homem tá falando de mim!

Ele continuou se espremendo por entre os convidados, aproximando-se da estatueta. Mathias não o havia visto passar. E o professor d'Alessandria seguia com seu discurso.

– O artista forma na obra a sua experiência, sua vida interior, sua espiritualidade única, sua reação pessoal ao ambiente em que vive, seus hábitos, suas aspirações... seus pensamentos.

Ignatius avançava como se alguma energia maior que ele o arrastasse até a *ingoniami*.

– O estilo da obra de arte é pessoal e irrepetível. E quando compreendemos uma escultura única como o Löwenmensch é como se estivéssemos, de certa forma, possuindo seu criador.

Ignatius se aproximou da escultura. Esbarrou no ombro de Lautrec, mas ele estava tão hipnotizado pelas palavras do professor D'Alessandria que nem sequer se virou para ver quem se aproximava.

Ignatius parou a poucos metros da estatueta.

Jacquemont sentiu um arrepio ao ver um rosto muito conhecido refletido no vidro.

– Fabrice! – Ignatius murmurou enquanto o encarava pelo reflexo.

Jacquemont sentiu sua garganta ser tomada por aquele eterno gosto amargo e

ficou sem ação. Não conseguiu se mexer quando, em poucos segundos, Ignatius tirou uma barra de ferro de dentro do casaco, empurrou alguns convidados e, com um único golpe, estraçalhou o vidro frágil que guardava a escultura.

Lautrec correu na direção de Ignatius e foi recebido com uma cotovelada no maxilar. Caiu desmaiado. E todos se atiraram no chão.

– É um atentado! – gritou o Dr. Fuchs, deitado, protegendo a cabeça com as duas mãos.

Ignatius arrancou a escultura de seu pedestal e deixou que ela escapulisse de sua mão. Com os instintos em máxima potência, conseguiu recuperá-la antes que tocasse no chão. Seus óculos escuros caíram. Ele foi saltando sobre os convidados que atrapalhavam seu caminho deitados no chão e desceu as escadas correndo, sem que policial algum viesse pará-lo.

– O homem de casaco de pele!

Os convidados começaram a se levantar.

– Não façam nada, ele é um doente mental! – Mathias gritou, querendo poupar a vida de Ignatius.

– Cadê o policiamento que eu pedi? – Hannah Schneider berrou, levantando-se e correndo em direção à escada para chamar os policiais.

– Perdemos a eleição... – Antoine Lautrec murmurou sozinho, ainda caído, retomando a consciência, passando a mão no queixo para sentir o inchaço, usando o lenço que trazia no bolso do paletó para limpar o sangue.

Fabrice Jacquemont sublimou a queimação e sentiu um impulso muito forte, algo que o mandou correr e correr para seguir Ignatius aonde quer que ele fosse. Não importava mais aquele amargo na boca.

– Pegue o carro e venha atrás de mim! – ele gritou para Charlotte, saindo em disparada.

Yoan saiu de carro seguindo Ignatius, como se tivesse uma importante missão a cumprir.

Ouviram-se tiros na rua.

Um dos policiais pensou ter acertado Ignatius, mas ele não parou. Correu como Bolt e desapareceu na escuridão de Ulm.

59

Aquele pequeno homem de olhos azuis e casaco de pele estava no auge de sua forma física. É possível pensar que estivesse mais forte até do que no tempo em que caminhava pela planície nevada com o vigor de sua adolescência, milhares de anos antes. Chegou à praça principal de Ulm tão rapidamente que ninguém ali no museu seria capaz de pegá-lo, nem mesmo os policiais sonolentos que o haviam perdido de vista e agora patrulhavam as ruas erradas.

Fabrice o seguia a distância, dando passadas barulhentas com seus sapatos de couro, esbaforido, até que foi resgatado de carro por Charlotte.

Ignatius viu uma porta de madeira enorme, entreaberta. Sem ter a menor ideia de onde estava, entrou. Correu entre bancos enfileirados, distraiu-se por um instante ao ver uma escultura grande com a imagem de um homem de braços abertos, ensanguentado. Não chegou a parar. Seguindo seu instinto, subiu por uma escada de pedra que lhe pareceu infinita. Enquanto fazia curvas, avançando pelos mais de setecentos degraus, quando a escada já estava quase tão estreita quanto seu corpo magro, ouviu Jacquemont gritar alguma coisa lá de baixo.

– Ignatius, você está querendo falar com Deus? Não tem saída aí em cima, desça logo. Você vai ser preso!

Percebendo que os passos de Ignatius se distanciavam ainda mais, Jacquemont gritou de novo.

– Você está sangrando, estou vendo manchas de sangue nos degraus... Desça de uma vez!

Ignatius passou a mão na batata da perna e finalmente entendeu que a agulhada que sentira enquanto se afastava do museu o havia ferido. Não doía, mas sangrava muito. Ele não se importou, continuou subindo por degraus cada vez mais estreitos e chegou ao topo da torre da catedral. Ao olhar para fora, viu a escultura de uma gárgula que lhe pareceu a encarnação de um espírito maligno, prestes a se atirar pelos ares. Desviou o olhar e viu outra gárgula aterrorizante. Desviou o olhar mais uma vez e viu a cidade em miniatura. Viu também que

havia um rio ali perto. Percebeu que seria possível caminhar pela margem, imaginou o trajeto que faria e desceu em disparada, saltando degraus até chegar de novo à nave da catedral.

Fabrice Jacquemont havia se recuperado do esforço que fizera ao correr até ali e conseguiu voar para cima de Ignatius quando ele surgiu no último degrau. Os dois rolaram no chão. Ignatius ficou por cima de Jacquemont, detendo-o com uma só mão, sem soltar a estatueta, parecendo um gigante.

– Eu só quero falar com você – Jacquemont tentou convencê-lo, com a voz embargada pela pressão que Ignatius lhe fazia na garganta. – Saia de cima de mim, por favor!

Ignatius deixou que Jacquemont se levantasse, e o empurrou.

– Você não vai me atrasar de novo mais nem um segundo!

– Eu fiz um esforço muito grande pra resgatar você daquele laboratório na Romênia! Tratei você como um ser humano...

– Eu *sou* humano, Fabrice! Não sou macaco... nem imortal.

– Dei tudo a você... e você quer fugir? – Jacquemont sentia o conteúdo ácido transitando por sua garganta dolorida e descendo outra vez pelo esôfago.

Ignatius deu as costas a Jacquemont, pretendendo ir embora.

– Espere... só mais um minuto – Jacquemont falou, tentando ganhar tempo. Pensou que Charlotte pudesse estar chegando com a polícia. – Você não está pronto para viver neste mundo, vai acabar morrendo!

– Sou livre. Adeus!

– Deixa eu arrumar um lugar seguro pra você...

– Você tem que parar de ser indeciso, Fabrice. – Era a voz de Yoan, caminhando apressado por entre os bancos enfileirados da catedral. – Ignatius conheceu um pouco do mundo. Aprendeu muito com você e com todos nós. Agora ele precisa ser livre! Ainda que você o veja como um rato de laboratório e queira fazer experimentos com ele, Ignatius é um ser humano e precisa seguir aquilo que o coração lhe diz.

Jacquemont parecia congelado, com uma expressão espantada no olhar.

– Foi o coração dele que resistiu ao tempo que passou no gelo – Yoan prosseguiu. – Foi também o coração dele que o tirou daquele hospital... e o coração dele quer que Ignatius, ou seja qual for o nome dele... que ele volte a viver em liberdade. Um homem deve morrer no lugar onde nasceu, você já ouviu isso, não ouviu, Fabrice? O planeta em que Ignatius nasceu não existe mais, está sendo destruído... Mas Ignatius é um sobrevivente, um artista, fez essa escultura e pode fazer outras... Talvez seja mesmo imortal!

– Também sou artista... entendo... o Ignatius. – Jacquemont falava com dificuldade, engasgando. – Entendo que ele queira... ser livre... mas ao menos a estatueta precisa ficar. – O olhar de Jacquemont se perdia, procurava Charlotte, um copo de leite ou um policial. – Os policiais vão perseguir vocês dois. E vocês podem acabar morrendo!

Yoan não havia terminado.

– Você desenha muito bem. Realmente, você poderia ter sido um artista. Por favor, Fabrice, entenda o que Ignatius entendeu: o caminho de uma pessoa é só ela quem faz. Ninguém vai atrapalhar você se você não invejar os outros nem desejar o que não lhe pertence. Você é um homem bom, eu acredito nisso. Siga o seu caminho, escreva o artigo que tiver que escrever, faça pinturas que possam estar nos museus, ame quem tiver que amar... mas deixe Ignatius viver o que ainda lhe sobra desta vida curta!

As palavras do fisioterapeuta tocaram fundo o coração de Ignatius, e seus olhos se encheram de lágrimas. Jacquemont seguia imóvel. Contudo, ele guardaria aquela cena para sempre na memória, sem imaginar que um dia seria a inspiração para seu primeiro quadro exposto em Paris.

– Agora sai, Fabrice!

Ignatius empurrou Fabrice Jacquemont contra a parede de pedras, jogou o casaco de pele sobre um banco e deu um abraço apertado em Yoan.

– Segue teu caminho, irmãozinho! – Yoan despediu-se, comovido, e entregou a ele a mochila que trazia no ombro. – Leva isso! Você vai precisar.

Ignatius jogou a mochila nas costas nuas, saiu andando pela porta lateral da catedral e logo voltou a correr.

Ao ouvir a sirene policial, Yoan apressou-se em tirar a camiseta, vestiu o casaco de pele de Ignatius e caminhou na direção de seu carro até ser preso, sem reagir.

– Pegamos o ladrão! – um policial anunciou pelo rádio. – Mas ele não está com a peça roubada.

Ignatius continuou correndo, segurando sua escultura com firmeza. Com o peito nu, ouvindo a sirene da polícia cada vez mais distante, foi em direção ao rio que vira do alto da catedral. Seguiu por algumas horas pela margem e passou a caminhar um pouco mais lentamente, sem saber aonde chegaria.

Com aquela escultura na mão, Ignatius sentia-se muito mais forte. Não era a musculatura, era o espírito. Pela primeira vez desde que ressurgira do gelo, sentia-se completo, como se as peças tivessem terminado de se encaixar em seu cérebro, como se ele estivesse enfim consciente da razão de sua existência e, além

disso, compreendendo melhor o mundo completamente estranho em que fora lançado depois daqueles 38 mil anos em que sua vida estivera interrompida no permafrost.

Tempestade de neve...

Mulher comigo...

Naniia...

É o nome dela!

Aquela nuvem, muita fumaça e muita neve.

Tudo pra cima de nós.

Queria ter salvado Naniia.

As crianças.

O chão se abriu...

60

Quando o dia começou a clarear, Ignatius chegou ao campo florido para onde seu coração o enviara. Correu, vigoroso, como se tivesse acabado de acordar, e seguiu em direção a um riacho.

Guardou o Homem-Leão na mochila que Yoan lhe dera e a deixou sobre uma pedra. Viu que havia ali dentro um papel com alguma coisa escrita à mão, um bilhete. Não sabia ler. Não seria capaz de saber o que estava escrito, mas resolveu guardá-lo com cuidado. Só podia ser coisa do irmão! Tirou os tênis e colocou os pés na água rasa. Conseguiu ver alguns peixes pequenos, assustados.

Eu assusto mesmo...

Ele sorriu e, sorrindo, molhou o rosto. Sentou-se na margem com os pés na água corrente. Nem percebeu como estava frio. Ficou algum tempo em silêncio. Olhou para o alto do morro. Lembrou-se de ver cavalos em lugares como aquele. Abaixou o olhar e o deixou perdido no horizonte, na parte baixa do vale.

A pastagem florida pareceu-lhe interminável, e lá no interminável ele pensou ter visto mamutes caminhando em sua direção. Estava tudo muito mais claro. Seus neurônios reconectavam-se ainda mais velozmente do que antes. E Ignatius intuía que na outra parte de sua vida havia passado momentos felizes naquele lugar. Sim, ali mesmo, no descampado que os alemães haviam batizado de Vale da Solidão. Sentiu liberdade. Solidão nenhuma: o clã inteiro estava por perto, mais de trinta pessoas emitindo sons e falando uma língua que ele aos poucos ia recordando.

Quando algo o fez se lembrar de que havia cavernas sob aquelas montanhas, Ignatius atravessou o campo e foi procurá-las. Sentindo o cheiro agradável das plantas molhadas pelo orvalho matinal, sentindo o cheiro da terra e desejando relembrar também o cheiro da madeira queimada pelo fogo, encontrou o lugar onde havia uma placa de bronze com dizeres que não significavam nada para ele.

Stadel-Höhle

Na entrada da Caverna Stadel, a mesma onde Robert Wetzel encontrara as primeiras partes da estatueta em 1939, onde depois as equipes de Joachim Hahn e, ainda mais tarde, de Claus-Joachim Kind voltaram para resgatar outras partes perdidas, onde Franz Fuchs estivera por inúmeras vezes procurando respostas para aquele enigma pré-histórico, Ignatius tentou acender o isqueiro que Yoan lhe dera. Frustrou-se. O isqueiro estava sem gás. Ele procurou pedras e gravetos e, com bastante esforço, seguindo seu instinto, conseguiu fazer um fogo a seus pés.

Acendeu a ponta de um galho mais grosso e foi levando aquela tocha em direção à caverna, com a estatueta na outra mão.

Ao entrar, sentiu algo muito forte. Mais uma vez era como se uma corrente elétrica atravessasse seu corpo. Foi dominado por aquela força, e caiu de joelhos e fechou os olhos e levantou as mãos.

Parecia louvar algum deus ancestral que só agora emergia de seu inconsciente. Mas poderia ser apenas uma forma de sentir o próprio corpo integrando-se à natureza, algo que abrisse suas vias respiratórias, abrisse sua mente e o conectasse aos espíritos ancestrais.

Ignatius sentiu mais uma onda de eletricidade atravessar seu corpo e deixou suas mãos tocarem o chão. Levantou-as outra vez. Respirou ainda mais profundamente. Lembrou-se de que um dia uma tempestade o levara para muito longe de seu clã.

Outra vez?

Não...

Ocúnyia, me ajude!

Como se voltasse a ser um jovem da Idade da Pedra, Ignatius chamou o feiticeiro do clã e pediu que o livrasse daquilo que, em tempos antigos, só poderia ser entendido como uma punição, uma manifestação da ira de um espírito superior.

Ignatius estava outra vez no passado.

Viu alguns membros de seu clã dançando e tocando tambores no interior da caverna. Eles imitavam sons de pássaros e faziam gestos sincronizados, como se tivessem asas. De fato, voavam. Ele se apoiou no chão e, ao se levantar, fez os mesmos gestos de pássaro que vira os outros fazerem, e começou a segui-los,

ouvindo seus tambores e suas flautas, dançando e indo com eles até a parte mais funda da caverna.

Numa galeria muito menor do que as outras, numa espécie de capela iluminada apenas pela luz de sua tocha, Ignatius voltou a ver o *ocúnyia*. Ele comandava os homens e as mulheres no que parecia um ritual de conexão entre os humanos e a natureza, entre o clã e seus deuses, os espíritos da floresta. A uma batida seca dos tambores, em um novo ritmo, todos passaram a imitar leões e seus movimentos e seus rugidos, dançando harmoniosamente. Ignatius viu sua escultura na mão de um dos antigos, que dançou como se fizesse uma oferenda e a colocou numa espécie de altar, um nicho talhado na pedra, onde o *ocúnyia* foi se ajoelhar e cantar sozinho.

Depois de algum tempo sentindo o corpo tremer no ritmo dos tambores, Ignatius ouviu uma nova trovoada e sentiu um raio atravessar seu corpo.

Caiu desmaiado. E, sem saber se estava sonhando ou no meio de um transe, lembrou-se de que havia esculpido a estatueta para que o *ocúnyia* a utilizasse nos rituais. A *ingoniami* era um ser humano que se transformava em leão e se tornava muito poderoso, curando doenças e prevendo o futuro do clã. Finalmente Ignatius estava pronto para compreender sua história. A história que ele vivera milhares de anos antes, num tempo em que, agora ele finalmente se lembrava, todos no clã o chamavam de Yoruniami: o homem-artista.



Os pelos em seu púbis haviam crescido muito na última estação. Haviam crescido também em seu peito e em sua barriga. Tudo em seu corpo havia crescido. E, depois de catorze estações secas, o menino que desenhava nas paredes tornou-se homem. Era um dos quatro rapazes à espera de uma mulher estrangeira para fazer filhos e perpetuar o clã.

Seria uma questão de tempo até que os anciãos encontrassem outro clã disposto a trocar uma fêmea por outra: uma estrangeira para Yoruniami, uma de suas irmãs para um estrangeiro. Assim, evitavam-se os filhos deficientes e respeitava-se a dura lei que punia com a pena de morte as relações sexuais entre jovens do mesmo clã.

Foi por aqueles dias, na temporada um pouco menos fria da estação molhada, quando bastavam algumas peles sobre o corpo para conter o frio aparentemente

eterno da Era Glacial, quando o clã vivia os dias mais alegres do ano, foi naquele momento descontraído que o *ocúnyia* lhe fez o pedido: precisava de uma estatueta diferente das outras, muito maior, para um novo ritual de cura.

Yoruniami saiu sozinho pela mata procurando presas de mamute. Algumas horas depois, quando chegou à beira do rio, encontrou uma carcaça ainda fresca, mas quase sem carne. Certamente as hienas já haviam passado por ali para comer os restos que os leões recusaram. Depois de pedir licença aos ancestrais dos mamutes para tocar no que havia sobrado do animal sagrado, ele pegou sua pedra mais afiada e separou da carcaça uma daquelas presas enormes. Uma lhe bastaria para a escultura.

De volta ao acampamento, enquanto os outros jovens tocavam flauta, enquanto as moças dançavam e balançavam seus seios descobertos, afastou-se para uma clareira entre as árvores e começou a analisar a forma daquela presa de mamute. Depois de compreendê-la, com uma pedra muito afiada grudada na ponta de um bastão de madeira, com aquilo que poderia se chamar de machado, partiu um pedaço que media dois palmos, sentou-se sobre um tronco de árvore e começou a esculpir.

Mexeu em seu cesto de pedras-facas, procurou uma bem pequena, com a ponta bem fina, e passou a talhar a forma de um corpo humano. Os homens do clã já não estavam mais tocando música, haviam saído para caçar. Yoruniami ficou em silêncio na clareira, a uma distância segura das mulheres, enquanto elas preparavam comidas, agora vestidas com peles, pois o sol começara a se esconder atrás das árvores.

O homem-artista ficou horas sentado naquele tronco coberto de musgo, talhando as pernas grossas de sua escultura, vendo as mulheres da tribo indo e voltando, reparando em suas maneiras de caminhar, tentando imprimir ao marfim o mesmo movimento que via à sua frente. Ao terminar de esculpir as pernas, percebeu que ainda havia um grande volume no púbis e preferiu deixá-lo como estava, temendo abrir uma rachadura na presa, sem jamais pensar se aquele volume era um pênis ou a vulva avantajada de uma mulher.

Naniia aproveitou que as outras moças estavam distraídas com suas comidas e correu por trás das árvores para ver Yoruniami trabalhando. Ela era um pouco mais jovem que ele, bonita em sua pele reluzente, moça prendada, sorriso de encanto, certamente valeria muito quando fosse negociada com os anciãos de outro clã. Mas, percebendo que já estava sendo preparada para partir e procriar noutros acampamentos, com outras gentes e outras músicas, e até, talvez, com outros espíritos de outras florestas, Naniia se apavorava. Não queria viver com

estranhos.

Quando ela se aproximou, os dois trocaram sorrisos tímidos. Yoruniami abaixou o rosto para esculpir. Naniia também abaixou a cabeça para que seus olhos não cruzassem por muito tempo com os dele. Os dois sabiam que jamais teriam permissão para uma relação que não fosse a de irmãos, ainda que soubessem que não o eram... ainda que não fossem nem mesmo parecidos. Naniia correu de cabeça baixa e se juntou às outras mulheres, torcendo para que não lhe perguntassem por onde havia andado.

No dia seguinte, depois de compartilhar a carne de um cavalo com os outros homens, Yoruniami pegou o cesto com as pedras afiadas e foi para a clareira continuar a esculpir sua *ingoniami*, a imagem sagrada encomendada secretamente pelo *ocúnyia*.

Yoruniami desejou que a escultura tivesse braços musculosos como os seus, e depois lhe deu as patas de um felino, misturando homem e leão, conforme o pedido do *ocúnyia*.

Os homens da tribo começaram a gritar por ele. Queriam ajuda para arrancar folhagens e fazer novas coberturas para as cabanas. Por causa daquela obrigação, e talvez por causa do ciúme daqueles que não aceitavam que alguém tão jovem tivesse o privilégio de ser "apenas artista", só no dia seguinte ele se sentiu à vontade para retomar sua arte.

Foi subindo com sua lâmina de pedra por aquele corpo humano musculoso que, antes de escurecer, teria a cabeça de um leão. Fez uma barriga lisa e talhou calmamente as costas fortes. Refez muitos detalhes do que antes lhe parecera pronto. Queria que, daquela vez, a escultura transmitisse a impressão de estar viva. Aliás, havia sido esse o pedido do *ocúnyia*.

"Ingoniami deve parecer viva!"

Quando finalmente chegou a hora de esculpir os detalhes da cabeça e do rosto, Yoruniami talhou as orelhas e pensou que haviam ficado bem-feitas, que ao menos pareciam as orelhas de um leão. Talhou demoradamente o focinho. Deu-lhe narinas largas que ficaram também parecidas com um nariz humano, com seu próprio nariz. Escavou ao redor dos olhos. Riscou-lhe uma juba que escorria como cabelo curto até encostar nos ombros. E decidiu esperar mais uma noite antes de terminar sua obra.

No quarto dia, quando o clã ainda dormia, ele foi com seu cesto até a clareira e sentiu uma alegria tão grande que resolveu transmitir aquele sentimento para a *ingoniami*. Deu ao rosto de seu leão, ou leoa, um sorriso sereno, a maior expressão de felicidade que alguém pode ter.

Ele sorri... e dança... como um espírito da floresta que ouve música.

Ignatius, Yoruniami – o homem-artista – ou fosse qual fosse seu nome naquele tempo em que ninguém pensaria em chamá-lo de imortal, transmitia seus sentimentos à escultura. Sentia-se protegido com as peles de urso que o agasalhavam. Sentia uma tranquilidade rara no mundo animal e uma grande felicidade por viver no clã para o qual todos os mamutes eram sagrados. Seu coração se apertava quando se lembrava de que Naniia havia sorrido daquele jeito doce para ele.

Quando enfim terminou de dar forma à escultura, fez riscos no ombro esquerdo para que ela tivesse uma tatuagem parecida com a que os anciãos haviam feito em seu ombro numa noite de lua cheia: uma tatuagem com nove linhas paralelas, parecida com a marca que o dente de um mamute deixava quando mordia algo bem no fundo da boca, mas que tinha um significado especial que ele não poderia revelar a ninguém. O *ocúnyia* lhe explicara que, por mais que fossem parecidas com a marca do dente, as nove linhas em seu braço tinham um significado maior.

"É a floresta sem fim, um caminho por onde se caminha sem poder voltar nem chegar. Eu mesmo não o conheço. Os espíritos da floresta desejaram esse destino apenas para você. E você precisa aceitá-lo sem questionar."

Yoruniami nunca entendera aquilo muito bem. Pensara que ainda era novo e que, se fosse para compreender, a vida se encarregaria de lhe ensinar.

A *ingoniami* estava pronta e ele a embrulhou num pedaço de pele de urso para que ninguém mais pudesse vê-la até que fosse apresentada durante um ritual.

O *ocúnyia* não acreditou no que viu.

– É exatamente como o espírito que me visita!

A partir daquele momento, a *ingoniami* passou a ser usada nos rituais na caverna, quando os anciãos e o *ocúnyia* se reuniam para tocar flauta, tambores e conversar com os espíritos da floresta.



Algumas luas depois, quando as noites estavam ficando claras outra vez, Yoruniami finalmente criou coragem para fazer Naniia saber que ele queria encontrá-la num lugar escondido. Enquanto ela fabricava um cesto, entregou-lhe

uma casca de árvore com alguns desenhos, como se fosse algo escrito, indicando que na hora em que a primeira estrela aparecesse ele estaria na beira do rio.

Os dois se encontraram, sentiram suas peles e seus músculos, e entraram juntos no rio, e juntos ficaram quanto puderam. Ela voltou primeiro. Ele chegou mais tarde e teve a impressão de que ninguém no acampamento havia notado sua ausência. Estavam todos, afinal, entretidos com a música, e depois com a comida, e pensando que ele se ocupava da arte.

Foram muitas luas e muitos encontros, mas, como em certos contos, um dia a chuva chegou.

Um rapaz ciumento havia visto um encontro e contou tudo para um homem mais velho. O conselho de anciãos se reuniu e deliberou: Naniia e Yoruniami precisariam morrer. Seriam sacrificados na frente de todos para dar exemplo e garantir a sobrevivência do clã. Morreriam envenenados durante um banquete.

Mas a lei dura do clã determinava que as sentenças de morte só poderiam ser cumpridas nas estações secas, quando o frio chegasse, e num dia em que a lua se apagasse no céu.

Tempos depois, ao entardecer, quando o céu ficou muito nublado, os dois foram amarrados, vestidos em suas roupas de pele animal, um de costas para o outro, para esperar o banquete e a sentença. Os homens mais velhos acenderam uma fogueira circular em volta dos amantes condenados e ali os deixaram, esperando a noite sem estrelas.

A tempestade inesperada chegou sem que ninguém percebesse.

Interrompeu o ritual.

O *ocúnyia* levou a *ingoniami* a uma caverna e, lá dentro, ajoelhado, depois de uma trovoada, ouviu a voz de um dos espíritos mais poderosos da floresta.

"Liberte os dois jovens, Ocúnyia! Há um propósito no que estamos fazendo com eles. Deixe que sigam pela floresta sem fim, atrás da estrela. E jamais revele por onde partirem. A ninguém!"

Ainda no meio da tempestade, o *ocúnyia* voltou à fogueira que já se apagara e comoveu-se: Naniia e o jovem artista choravam silenciosamente, amarrados do jeito que os anciãos os haviam deixado, de costas um para o outro, esforçando-se para que seus rostos se tocassem, demonstrando uma ternura que ele jamais havia visto.

O sábio feiticeiro cortou os cipós que amarravam os jovens amantes e os ajudou a saltarem os troncos queimados para se livrarem do castigo.

– Fujam em direção à estrela que não se move. Agora vocês não podem vê-la, mas só existe uma. Ela os conduzirá a um lugar seguro. – O *ocúnyia* foi dando as

instruções. – Andem rápido para que ninguém os veja! Nossos poderosos ancestrais disseram-me que vocês precisam ser livres... e que não devem morrer. Sigam para além da clareira e atravessem o rio. Sigam sempre na mesma direção, para jamais voltarem a encontrar nosso clã.

Quando os dois saíram apressados, de mãos dadas, apesar do barulho da tempestade e dos relâmpagos, ainda puderam ouvir o *ocúnyia* gritar.

– Obedeçam aos espíritos da floresta... Eles os acompanharão!



Quando amanheceu, Naniia e Yoruniami estavam abraçados, dormindo debaixo de uma árvore gigantesca e de copa muito larga, já longe do acampamento do clã. O barulho das hienas os fez acordar, e eles ficaram algum tempo em silêncio esperando que aqueles animais sem sorriso seguissem seu rumo.

Foram ver o que as hienas haviam deixado e encontraram uma carcaça de cavalo com alguns restos de carne.

Comeram.

Caminharam muito tempo pelas margens de um riacho, comeram peixes e esperaram anoitecer para encontrar a estrela que não se movia. Ao vê-la, Naniia apontou para o céu. Yoruniami apertou sua mão com força querendo dizer que também havia visto, e os dois fizeram marcas na areia para traçar o rumo que pegariam no dia seguinte.

Sentiram a estação seca terminar novamente.

Veio a molhada.

E os corpos dos dois caminharam quase nus outra vez.

Naniia fabricou um cesto.

Yoruniami construiu um arco.

Com pedras afiadas, fez uma faca e uma lança.

Quando sentiram que mesmo na estação molhada o frio aumentava, perceberam quanto estavam longe do lugar onde haviam passado as primeiras partes de suas vidas. Jamais voltariam a ver seus irmãos e irmãs, ou aquelas muitas pessoas a quem chamavam de mães e pais... e que os teriam deixado morrer... não fosse o *ocúnyia*. Mas na vida agitada da floresta não havia tempo para nostalgia ou saudade.

Enquanto caminhavam por um vale de pedras escorregadias, com muitos

cogumelos e musgos, Naniia e Yoruniami viram um mamute cair muito perto de suas cabeças. Correram para trás de uma rocha e ali se esconderam.

– Será que os espíritos da floresta estão matando os animais sagrados? Estão enfurecidos com a gente? – ele sussurrou, assustado, ao ver o segundo mamute cair lá de cima.

Foram muitos os mamutes que se arrebentaram nas pedras esverdeadas do vale. E os dois ficaram muito tempo em silêncio.

Quando enfim o barulho cessou, quando já havia um punhado de animais sagrados mortos na beira da água, Naniia e Yoruniami ouviram uma gritaria. Surgiram, de trás das árvores, alguns homens que conversavam numa língua incompreensível. Os estranhos corriam na direção dos mamutes para cortar suas carnes e retirar suas presas. Eram muitos. Muitos homens louros armados e vestidos de peles brancas.

Yoruniami sussurrou no ouvido dela.

– Nenhum som, Naniia!

Quando os homens estranhos finalmente pararam de gritar, juntaram os pedaços enormes dos mamutes desmembrados e começaram a arrastá-los. E eles iam justamente na direção da caverna.

Se já soubesse o que viria a aprender mais tarde com Fabrice Jacquemont, Ignatius, ainda chamado Yoruniami, entenderia que aqueles homens eram neandertais e não pertenciam sequer à mesma espécie de seu clã. Mas ele não precisava de ciência nenhuma para saber que os louros cabeçudos os matariam se os vissem.

Os dois espremeram-se debaixo da rocha e ficaram ali esperando os estranhos partirem, mas logo apareceram as hienas para comer o que havia sobrado, e eles continuaram quietos, até que finalmente se sentiram seguros para descer até o riacho. Suando muito apesar do frio, enfiaram suas cabeças no riacho e deixaram a água correr.

A jornada de Naniia e Yoruniami continuaria infinitamente, e sempre em direção ao norte do planeta, não fossem os acontecimentos que os espíritos da floresta haviam planejado para eles. Ao menos seria assim que eles compreenderiam as surpresas que o futuro estava prestes a lhes trazer.

Um tempo depois, quando só havia gelo e neve no chão por onde andavam, vestidos com roupas de peles ainda mais grossas, numa planície tão branca que os olhos quase cegavam, viram duas crianças encurraladas por um bando de lobos. Yoruniami matou um com sua lança. Os outros lobos viraram-se para trás querendo enfrentá-lo e as crianças correram até uma árvore, onde, com muito

esforço, conseguiram subir. Ele usou a lança novamente para acertar o peito de um lobo, e os outros fugiram, ganindo como cães tristes. Naniia, Yoruniami e as crianças comeram as vísceras do lobo assado ao redor de uma fogueira. Deixaram as outras carnes secar para comê-las nos dias seguintes.

As crianças não conseguiam se fazer entender. Eram de um clã distante. Tinham um pássaro como animal sagrado. E falavam uma língua tão esquisita que, além de articular palavras de sonoridade incomum, usavam os dedos para criar sons percussivos, como se tocassem tambores em seus pescoços. Eram diferentes também porque seus olhos, cabelos e corpos tinham outros tons de cor.

Naniia tentou dizer ao menino e à menina que voltassem para o lugar de onde haviam saído, que procurassem seu clã. A menina pareceu entender que era para se separarem, e olhou para Naniia em desespero. Yoruniami teve medo de andar com crianças de um clã desconhecido. Aquilo poderia atrair maus espíritos, ou mesmo os espíritos da morte que seus ancestrais conheciam tão bem.

Os dois deixaram um cesto com tiras de carne seca ao lado das crianças enquanto elas dormiam e ficaram alguns instantes de olhos fechados, desejando que, ao acordar, os espíritos bons da floresta as guiassem na melhor direção possível.

O sol subiu no céu azul e os dois caminharam pela neve na mesma direção de sempre, a mesma que, tempos antes, o *ocúnyia* lhes dissera para seguir. Não sabiam aonde chegariam. Achavam que em algum momento a planície do mundo poderia acabar, e que no fim do mundo havia um abismo como aquele onde os mamutes caíam. Assim mesmo, seguiram, pois não podiam voltar.

Já estavam longe do último local onde haviam dormido quando ouviram um barulho e uma respiração forte. Mais de uma. Respirações descompassadas. Yoruniami armou-se com o arco, colocou nele uma flecha pontiaguda e começou a procurar os inimigos entre as árvores sem folhas. Viu um pássaro de unhas grandes e esperou que ele se movesse, pensando que talvez o som tivesse vindo daquela direção. Se não houvesse nada além do pássaro, teria chance de matá-lo para comer. Mas Yoruniami ouviu novamente os sons ofegantes e acabou descobrindo o que era: as duas crianças os haviam encontrado. Haviam corrido por muito tempo seguindo as pegadas que ele e Naniia deixaram na neve.

Yoruniami pediu a Naniia que cuidasse delas e saiu para meditar. Quando encontrou uma clareira, agachou-se sobre os calcanhares e fechou os olhos. Depois de muito tempo em silêncio, finalmente conseguiu ouvir a voz de um

espírito, e o espírito lhe disse para levar as crianças na direção da estrela que não se move. Lembrou-se da voz do *ocúnyia*.

A essa altura, onde quer que estivesse o clã de pessoas mais claras com olhos mais escuros do qual as crianças haviam saído, eles já estariam longe. Perigoso agora era caminhar por um lugar desconhecido e gelado. Com as crianças, e numa terra estranha, Yoruniami e Naniia sentiam-se frágeis para enfrentar outros grupos de humanos ou de animais.

Quando os quatro se aproximaram de um morro coberto de neve, o céu fechou-se outra vez. Ventou muito e uma chuva de granizo caiu sobre suas cabeças. O menino, o menorzinho, machucou-se, ficou desmaiado e Yoruniami o puxou para debaixo da árvore onde Naniia e a menina os esperavam abraçadas. O granizo deu lugar a uma nevasca. E a ventania só fez aumentar. O chão começou a tremer e eles foram sugados para debaixo da terra.



Ignatius ouviu algumas pessoas falando, abriu os olhos e levantou-se. Era um grupo de turistas que chegava à entrada da Caverna Stadel.

Jogou a mochila nas costas, saiu discretamente por um canto e caminhou para fora até perder completamente a visão. Com os olhos cegos pela claridade, deitou-se no chão sentindo aquele colchão de folhas debaixo de seu corpo, sem largar a estatueta, ainda refletindo sobre tudo que acabara de reviver.

O ocúnyia *nos salvou, eu e Naniia.*

Os espíritos nos abandonaram na neve, e nos deixaram morrer.

Mas não morremos... eu não morri... minha alma voltou.

E ela, onde está?

E as crianças?

Quando recuperou a visão e viu a luz alaranjada do sol da manhã sobre o vale florido, caminhou mais um pouco, andou sem rumo, e chegou a um restaurante onde famílias alemãs tomavam café da manhã em grandes mesas de madeira cobertas por guarda-sóis.

Percebeu que ali não encontraria o mundo perdido que ressurgira em sua mente. Precisaria seguir viagem, ainda que não soubesse como chegar ao lugar maravilhoso de que Yoan lhe falara.

Sentou-se querendo sentir o cheiro das pessoas, e da comida, e aproveitou o

sol. Deitou a escultura sobre a mesa e pediu que lhe trouxessem comida.

Ele apontou para um prato de *spätzel* na mesa ao lado, sinalizando à garçonete que comeria aquela massa cheirosa. Não percebeu que alguém se aproximava por trás.

– Especulou que houvesse eternamente se libertado de seus grilhões! Estou raciocinando corretamente, Prometeu? Mas não se preocupe, foi um conhecido seu quem nos enviou em missão tão áspera nesta terra de desamores – disse o agente-chefe, com seu linguajar rebuscado, segurando no braço de Ignatius e levando-o em direção a uma caminhonete.

O agente grandalhão pegou a estatueta que ficara sobre a mesa, colocou-a dentro da mochila de Ignatius e correu para alcançá-los.

Ignatius foi jogado no banco de trás e engoliu em seco ao ver que Utta também estava ali dentro.

Eu tinha lembranças muito boas de você...

A caminhonete seguiu pela estrada.

– *Ils m'ont forcé*... Não tive escolha – ela falou em francês, imaginando que os agentes não entenderiam. – Segui você e Yoan até o museu ontem à noite, eles me viram e me forçaram a ficar com eles até agora pra achar você. Eu tenho água, você quer?

Ignatius não respondeu.

Indagava-se.

Você planejou tudo isso desde o começo?

– Eles viram quando você entrou na igreja – Utta tentou se explicar, pegando na mão dele.

Impossível!

Ignatius respondeu em pensamento, afastando-se.

– Eles viram quando Jacquemont foi embora e deixou você escapar. Viram Yoan sendo preso, fingindo que era você.

Yoan se entregou pra me salvar? Yoan, meu irmão... Mas como me acharam aqui se eu saí sozinho pela floresta?

– Viram você caminhando pelo Danúbio... Eu vi também, mas estava presa aqui na caminhonete... não pude fazer nada. Ao menos eu consegui atrasá-los, eles são meio estúpidos... e só por isso você conseguiu passar tanto tempo naquela caverna.

Você planejou tudo isso!

Mas por que é que só me entregou agora?

A caminhonete parou. Utta inclinou-se sobre Ignatius querendo uma

despedida. Ele ficou imóvel enquanto ela o beijou na boca e saiu do carro. Olhou para o lado e viu que ela entrava em algum lugar, uma estação de trem. Os dois homens levaram Ignatius por mais alguns quilômetros até um pequeno aeroporto privado.

– Normalmente a gente colocaria uma venda para obscurecer suas bilhas azuis – disse o agente baixinho, sem que Ignatius o compreendesse. – Você me deu um trabalho imensurável lá na França, mas eu não sou vingativo... e você não é um meliante. Além de tudo, o Profeta é um homem de coração enorme e tem muito apreço por sua admirável pessoa. Ele pediu um tratamento humano.

O piloto abriu uma escada e os agentes o conduziram em direção à porta do avião. Enquanto Ignatius subia, eles perceberam a mancha de sangue na parte de trás de sua calça.

Já no avião, o agente grandalhão cortou um pedaço da calça de Ignatius e enfiou o dedo na ferida querendo avaliá-la.

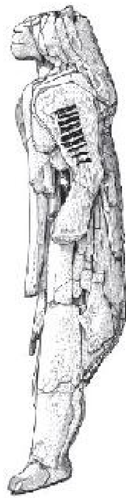
– Não é grave, chefinho... foi só de raspão.

Os agentes usaram a maleta de primeiros socorros do avião para limpar o ferimento. Deram a Ignatius algumas peças de roupa e um saco com duas salsichas.

– Agora degluta isso... para não piorar.

Deram-lhe também uma lata de cerveja, que Ignatius provou e cuspiu. Enquanto o avião taxiava na pista, Dimitri recebeu uma mensagem no celular.

tudo certo, Profeta! encomenda no legacy.
arrivamos svalbard 9pm aprox.



Caro A.,

Estou quase acabando a revisão, muito emocionada ao relembrar a história do Yoruniami e triste por sua prisão, mas temo que não consiga chegar ao fim. A coisa piorou muito e, como suspeitei antes de tudo, estou recebendo ameaças de morte. São anônimas, obviamente, e os covardes só usam mensagens retroencriptadas e autodestrutivas. Preocupo-me com a minha vida, com a vida de papai... e, lamento dizer, também com a sua.

Cuide-se muito e NÃO alerte as autoridades.

Yulia

– Terceira carta de Yulia Temzrisovich a seu editor,
encontrada depois da página 260
do manuscrito do Primeiro Imortal

61

O aeroporto de Ny-Ålesund, no arquipélago de Svalbard, era apenas uma pista de asfalto no meio de uma terra deserta coberta de neve, com uma antena parabólica gigantesca, uma pequena construção para acolher os viajantes e, por todos os lados, lembranças dos inúmeros humanos que morreram em expedições ao Polo Norte iniciadas ali, no vilarejo mais ao norte do planeta.

Enquanto o jatinho Citation se aproximava da pista, Amber Jones lembrou-se do dia em que desceu na Sibéria num monomotor Antonov ao lado de seu ex-namorado Danny Pearce e do quase desconhecido Dimitri Sergeievich Fedorov, na época um garoto de 17 anos que, como eles, pensava que, ao resgatar aquele corpo pré-histórico na caverna gelada, estaria escrevendo seu nome na história da humanidade. Amber lembrou-se também do primo Vladimir, aquele crápula que continuava telefonando para ela e mais ainda para Danny, insistentemente, dizendo que poderia levá-los de volta à caverna para resgatar os outros corpos. É claro que o primo não falava nada do meu corpo, que também estava lá dentro... a ideia de voltar a me ver era o que mais o atormentava na vida. Acho que ele tinha medo de que meu espírito pudesse assombrá-lo.

Uma rena atravessou a pista e obrigou o avião a fazer uma curva violenta, derrapando no gelo do asfalto antes de retomar o rumo e estacionar diante do que só com muito exagero alguém poderia chamar de Terminal de Passageiros.

Um guarda disparou contra a rena e acertou-lhe a cabeça.

Enquanto Amber descia do avião, o guarda arrastou o animal suculento, manchando a neve de sangue.

No terminal, uma placa dava boas-vindas aos visitantes.

Svalbard

Sua Casa no Polo Norte

Logo adiante havia uma outra placa.

É proibido morrer neste arquipélago!
Lei 1919-01

Uma moça alta, sorridente e com olheiras fundas estava à espera de Amber.

– Bem-vinda ao Arquipélago da Imortalidade, Sra. Amber Jones!

Amber cumprimentou-a e logo se incomodou com aquela voz anasalada e melosa. Mas havia tanto a descobrir sobre Svalbard que, enquanto as duas saíam, Amber quis ouvi-la para saber que história era aquela de "Arquipélago da Imortalidade".

– Isso é coisa do Dimitri?

– Não, senhora... é a lei! A senhora não leu a placa?

A moça não parava de falar.

– Antes que o Profeta começasse o projeto, já éramos um território internacional – ela disse enquanto colocava a mala de Amber na garupa de sua motocicleta de neve. – A senhora sabe, qualquer pessoa pode entrar e viver aqui sem necessidade de visto, mas ninguém pode morrer em Svalbard. Até mesmo porque, se morresse, o corpo não entraria em decomposição no gelo do permafrost... viveríamos num frigorífico de carne humana, não é incrível? É por isso que não temos cemitério. Os últimos enterrados aqui foram mineiros levados pela gripe espanhola, em 1918, antes da lei. Mas já nos livramos dos corpos.

– E se alguém morrer agora?

– Ninguém morre aqui, senhora... aliás, ninguém nunca mais vai morrer. Venha comigo, por favor! O Profeta Dimitri Sergeievich Fedorov pediu que eu a levasse até a hospedaria.

– Vamos, estou ansiosa pra ver aquele garoto!

A moça estranhou que alguém chamasse o grande profeta de "garoto", sentiu suas olheiras afundarem diante de tamanho insulto, mas não disse nada. Acelerou o snowmobile a mais de 100 por hora, atravessou um vilarejo com apenas nove casas e seguiu por mais alguns minutos até se aproximar de uma área completamente isolada onde havia uma construção enorme diante de uma geleira à beira do mar.

A empresa de Dimitri ficava num edifício ao mesmo tempo frio e exuberante, um bloco retangular de concreto aparente de 30 metros de altura sustentado por colunas azuis. No alto, acima de tudo, havia um setor de acesso restrito onde ficava seu apartamento, e, logo acima, o terraço coberto com uma bolha de vidro e uma vista estonteante de raras paisagens árticas.

A moça de olheiras e voz melosa parou o snowmobile para que Amber admirasse a construção.

– Chegamos às portas do paraíso! Mas, bem, vou avisar logo: nem pense em fazer uma *selfie* aqui ou lá dentro porque o Profeta não permite a divulgação de imagens de nada aqui!

– Graças a Deus. Já bastam meus seguidores fazendo *selfie* de tudo.

– Verdade... eu também estou me esforçando pra largar os vícios, quero sair até do Tinder, mas aqui a gente fica muito sozinha, entende? Somos só nós, o Profeta e a natureza... não tem Deus aqui em Svalbard, os religiosos foram todos aposentados... é o nosso Profeta quem vai nos levar à eternidade.

– E vocês não seguem alguma linha de transumanismo?

– Filosofia high-tech não é religião, querida! Mas, sim, claro que queremos ser transumanos, pós-humanos e super-humanos. Veja as letras azuis no alto do edifício quando você entrar.

E logo elas subiram por uma rua de asfalto impecável, avançaram por algumas dezenas de metros e chegaram ao hall de entrada da Dimitri Fedorov Immortality and Posthumanism.

– Pode deixar a mala comigo. Depois alguém vai levá-la até a senhora. Siga por este corredor e espere na recepção do gabinete do Profeta! Preciso comer porque ainda vou ter que voltar ao aeroporto. Dia agitado, hoje, Sra. Jones! Tem uma pessoa muito importante chegando.

– Uau! Mais do que eu? – Amber Jones riu sozinha.

Seguindo as instruções da moça, depois de caminhar alguns minutos apenas ouvindo os próprios passos pelos corredores vazios, Amber tomou um susto ao ver o professor Robert Ettinger sentado no sofá da sala onde ela deveria esperar por Dimitri.

Ficou confusa. Danny lhe dissera que Ettinger havia morrido... Ela mesma falara sobre o congelamento do corpo dele aos seguidores. Mas, apesar disso, correu para ver o homem que inspirara o começo de sua história no imortalismo.

62

– Fizemos duas versões...

Era a voz do profeta Dimitri Sergeievich Fedorov tomando conta do hall e assustando Amber Jones, pois ela não vira mais ninguém além daquele silencioso Robert Ettinger, que parecia esperar pacientemente pelo momento de ser atendido. Até que o gigante ruivo apareceu.

– Hein... Dimitri... você... – Amber não conseguiu esconder seu encantamento com a beleza daquele homem. – Por que... por que você demorou tanto?

– Vi você correndo na direção do professor. Ele chegou a falar com você?

– Eu ia...

– Não se preocupe. Fisicamente, ele parece mesmo real. Mas é apenas a versão 1.0. Foi esculpido por um grande artista norueguês. Por dentro é um ser robótico com uma rede neural no lugar do cérebro, tem até uma certa inteligência artificial, mas ainda rudimentar... não consegue mexer os braços nem andar com a nossa elegância. E, pior do que isso: reage muito lentamente quando conversamos com ele.

– Eu jurei que fosse o professor! Mas agora, vendo de perto... Se não estivesse muito cansada não teria me enganado! E você... você agora copia seres vivos? Mudou de área?

– Amber Jones... logo você? Não estamos vendendo antropodroides na Toys R Us. É só um experimento. Além do mais, esta versão do Ettinger, como já disse, é muito primitiva. Venha logo para a minha sala, querida, temos projetos muito mais avançados.

O antropodroide de Robert Ettinger percebeu que fora deixado, fechou os olhos e baixou a cabeça.

Dimitri finalmente cumprimentou Amber. E o fez à moda russa, com um beijo estalado na boca.

– Como é bom reencontrar você, querida!

– Você mudou demais, uau! – Amber ainda se recuperava da surpresa do

beijo, inebriada diante daquele homem maravilhoso. – Parece mais alto... ficou mais bonito... não sei... esse cavanhaque.

De fato, Dimitri havia mudado muito desde o resgate na Sibéria. Cuidava do corpo como quem pule um diamante e tomava doses diárias de metilfenidato para aumentar a potência de seu cérebro.

– Isso já tem mais de vinte anos, Amber Jones. Você acha que eu fiquei congelado?

Amber sentiu um vento frio nas costas e virou-se rapidamente para trás. Deparou com um cilindro de quase 3 metros de altura coberto com veludo azul. Dimitri puxou o pano e revelou uma cápsula de vidro e metal dourado com um líquido esfumaçado.

– Não acredito que você vai finalmente conhecer o papai!

O corpo do velho Fedorov estava dentro do cilindro, imerso em nitrogênio líquido, sem qualquer roupa, com um capacete transparente que encobria seu cérebro e o conectava a um computador.

Dimitri deu um comando de voz.

– Temperatura: menos 10!

Depois de alguns minutos, enquanto Amber assistia atônita à mudança no estado do corpo do velho, acendeu-se uma luz azul e Dimitri começou a falar com o pai.

– Papai, esta é a Amber Jones, a americana de quem lhe falei... Ela me acompanhou no resgate daquele corpo na Sibéria.

– Muito bem. E o que você quer, meu filho?

Amber notou que a expressão no rosto do velho Fedorov mudava, mas ele não mexia os lábios para falar. Ela parecia em choque. Por mais que tivesse anunciado um futuro parecido, não acreditava que viveria para vê-lo.

– Ela veio se juntar ao nosso projeto, papai.

Amber ainda não sabia quais eram exatamente as intenções de Dimitri, mas não reagiu. Estava hipnotizada pelo velho Fedorov.

– O que você acha, papai? Devo mantê-la conosco? Ela parou de beber...

– Eu nunca tive problema com os americanos. Nem com as americanas, especialmente quando elas bebem demais – ele disse, e os dois ouviram o som malicioso da risada do velho Fedorov.

– E então, vamos jogar xadrez?

– Podemos jogar, meu filho, é só você me dar um cobertor e me vestir logo com um corpinho novo.

Amber seguia em silêncio, ainda em estado catatônico, tentando descobrir

como aquilo era possível.

O pensamento irônico do homem que fora campeão mundial de xadrez era captado por uma membrana de material biológico com circuitos eletrônicos que se deitavam por toda a extensão de seu cérebro, debaixo do capacete transparente. O que passava por aquelas conexões era interpretado e transformado em voz por um computador embutido na base da cápsula. A máquina viajava na velocidade dos exaflops, armazenava dados na escala dos petabytes e assim fazia funcionar o software de interpretação de pensamentos desenvolvido pelos programadores de Dimitri.

– O tempo está acabando, papai, preciso vitrificar o senhor outra vez. Descanse!

Dimitri não podia deixar o corpo naquela temperatura alta por mais do que quatro minutos. A cápsula voltou a esfriar, o rosto ficou rígido e logo o velho Fedorov entrou novamente no modo VIDA SUSPENSA.

– Papai é o único que fica fora da área de preservação criônica. É muito mais caro mantê-lo a 196 graus negativos aqui em cima porque bate sol e, naturalmente, o ambiente é mais quente. Mas, se papai não tivesse acreditado em mim, nada disso existiria.

– É inacreditável. Não imaginei... – Ela pensou em fazer mil perguntas, mas não queria permitir que Dimitri se tornasse arrogante demais. Não naquele momento. – Mas o que você quer comigo, afinal?

– Você não lembra o que conversamos naquele dia no chão do laboratório do Tepes? Não lembra que você disse que ficaria comigo quando tudo acabasse? Preciso ter você por perto, Amber Jones.

– Mas aquilo faz muito tempo, e eu tinha bebido demais!

– Entendo perfeitamente tudo o que você viveu e sei que se transformou internamente, mas é isto: preciso de alguém com a sua sensibilidade e espiritualidade para estar a meu lado, para dar um sentido maior a tudo o que faço. Você pode passar uma parte do tempo comigo e a outra viajando pela Califórnia, acumulando mais seguidores na internet... Eu sei que isso vicia. Mas é mesmo importantíssimo que tenhamos embaixadores espalhados pelo mundo para que a sociedade global entenda que a imortalidade é para todos... para que deputados e senadores parem de fazer leis contra nós.

– Digamos que eu venha a considerar sua proposta... Qual é o caminho? Como vamos nos tornar imortais? Eu tenho dito aos meus seguidores que seremos pós-humanos, que nossos cérebros se fundirão às máquinas, mas o que acabo de ver... seu pai... se isso não for um truque...

– O que você testemunhou aqui é apenas uma das nossas criações – Dimitri falou, interrompendo-a. – E, sendo bastante honesto com você, guru Jones, os avanços são muito maiores do que seus belos olhos são capazes de enxergar.

Dimitri explicou a Amber que sua pesquisa mais ambiciosa era voltada para a criação de um corpo biológico sintético, e que para aquele projeto havia montado uma equipe de especialistas, a Assembleia dos Onze Sábios. Eram mulheres e homens vindos de várias partes do mundo, todos excepcionalmente inteligentes, com conhecimento extraordinário em diversas áreas de atuação: engenharia genética, clonagem, neurologia, astrofísica, engenharia aeronáutica, colonização interplanetária, física quântica, química, robótica, antropologia, biologia, fisiopsicologia, filosofia, linguística, budismo, hinduísmo e, não menos importante, yoga.

– Os sábios trabalham em conjunto, desenvolvendo uma série de projetos com o objetivo de permitir que meu cérebro, e depois o de papai, e os deles, espero que o seu também, e os da humanidade inteira... permitir antes de qualquer coisa que o meu cérebro possa ser colocado dentro de um novo corpo e conectado à Flopsys.

– Flopsys?

– A rede de inteligência artificial que criamos. E, assim, voltamos mais uma vez ao super-homem imortal imaginado por Ettinger. O verdadeiro, não aquela geringonça que quase fez você chorar na recepção.

Amber Jones estava confusa com o excesso de informações, mas, ao mesmo tempo, sentia euforia ao perceber que Dimitri apresentava algo muito mais avançado do que o mundo imaginário que ela vinha pregando na Califórnia como se fosse um atalho até o paraíso. A imortalidade estava realmente muito perto de ser conquistada, até mesmo sem que se precisasse de um casulo metálico como aquele onde haviam sido colocados os corpos dos primeiros imortalistas.

Mas Dimitri queria mostrar que a velha ideia de preservação de corpos em baixas temperaturas ainda era importante.

– Não podemos jamais nos esquecer dos fundamentos! O que nos levou até a Sibéria para resgatar aquele corpo? O que nos permitiu desenvolver a tecnologia que você está vendo? A criopreservação, aquilo que, muito acertadamente, a extinta Sociedade chamava de imortalismo!

– Então você segue com o projeto original do professor Ettinger... Isso é genial!

– Não é bem o projeto do professor Ettinger, mas é claro que ele nos apontou o caminho. Um profeta não deve ter sempre o direito a uma segunda vida?

Amber, entenda uma coisa: o imortal não é aquele primitivo que nós levantamos do gelo! Ele é um mistério, temos que estudá-lo pois seu genoma é de valor inestimável para a ciência. Mas entenda... o primeiro imortal sou eu! Eu vou viver para sempre, e posso levar você comigo se estiver preparada. Agora venha! Quero que você veja no que se transformou a sementinha do querido Ettinger.

Os dois vestiram roupas térmicas, feitas de um tecido azul-marinho poroso.

– São ainda mais leves e adequadas a temperaturas extremas do que as roupas de emergência dos astronautas americanos – disse Dimitri, orgulhoso, enquanto terminava de se vestir.

Os dois calçaram botas feitas daquele mesmo material resistente ao frio. Vestiram luvas com sensibilidade aumentada e capacetes que pareciam os escafandros dos mergulhadores de antigamente, deixando seus rostos inteiros à mostra dentro do visor transparente. Comunicavam-se por um sistema de som sem fio no interior dos capacetes.

Dimitri e Amber entraram num elevador com paredes de vidro, de onde viram um laboratório gigantesco onde estava escrito: INCUBADORA DE CORPOS E CONSCIÊNCIAS.

63

Na hora prevista, a moça das olheiras fundas arrancou com seu snowmobile em direção ao aeroporto de Ny-Ålesund. Daquela vez, foi seguida por uma van azul, a mesma em que eram transportados os corpos e cérebros que chegavam de outros países.

O jato Legacy pousou e os agentes do profeta desceram trazendo Ignatius de mãos atadas. Estava enrolado no velho cobertor colorido que Shimeka lhe fizera ainda na Romênia. Mesmo assim sofria terrivelmente com o frio de 12 graus negativos. O velho gordinho que desceu da van gritou lá de longe.

– Soltem ele! Estão me ouvindo? Ele não é um prisioneiro!

Os agentes deixaram Ignatius caminhar sozinho, mas ainda algemado. O grandalhão manteve a mão no cano da pistola que trazia no coldre. A moça das olheiras fundas o recebeu.

– Pode deixar que eu faço ele chegar ao Profeta – ela disse com sua voz enjoada. – Parabéns pela missão que vocês cumpriram, viu?

Os agentes voltaram ao avião e a moça conduziu Ignatius ao terminal, onde finalmente o deixou. O motorista da van correu para abraçá-lo.

– Há quanto tempo eu te espero, menino!

Ignatius não entendeu o que ele disse, mas sentiu um cheiro familiar e aceitou o abraço sem se mexer. O cheiro das axilas do homem era realmente confortável e deu a ele a sensação de que estava chegando em casa.

– Ah, claro, você não lembra de mim! Depois de tanto tempo, não iria mesmo se lembrar desse velho médico que trouxe você de novo pro mundo. Meu nome é Tepes Flamel... Dr. Tepes!

É o médico que cuidou de mim! Mas por que ele tá aqui?

Ignatius começou a pensar que o médico talvez estivesse ali para ajudá-lo.

– Minha Shimeka não pôde vir. Está lá no... no... bem, logo você vai vê-la, não se preocupe.

Ignatius enfim resolveu falar.

– *J'ai froid et faim* – disse, apontando para a barriga para que Tepes

compreendesse que sentia fome.

– Claro, vamos comer! Fique tranquilo que não vai faltar oportunidade de estarmos juntos. E que maravilha, você guardou o cobertor... Minha Shimeka vai chorar de alegria. Continue falando com o velho aqui. Mesmo que eu não entenda nada de francês, estou adorando te ouvir. – Tepes sorriu e abraçou Ignatius por trás do ombro, conduzindo-o até a van.

A moça das olheiras certificou-se de que as algemas estavam apertadas e colocou Ignatius no bagageiro da van do Dr. Tepes. Jogou a mochila de qualquer jeito ali dentro, bateu a porta e correu para o snowmobile para segui-los.

Ao chegarem à sede da empresa, Tepes tirou as algemas de Ignatius e o levou para um lugar que parecia o salão de um museu, com uma grande mesa redonda no centro, lustres banhados a ouro, velas em vez de lâmpadas, chão de mármore com rajadas de azul-claro e cortinas de veludo azul.

Tepes colocou Ignatius numa cadeira e fez sinal para que ele esperasse.

– Aproveite a música, meu filho! O Profeta já vem te ver.

Agentes vestidos como garçons ficaram em volta de Ignatius. Próximo a uma janela com vista para as geleiras, havia um piano Bösendorfer no qual um pianista de smoking começou a tocar uma versão instrumental de "Enough of Missing You".

64

A porta fechou-se e o elevador começou a descer. Pelo vidro, Amber Jones viu algumas dezenas de cientistas, cada grupo em sua ilha, conforme Dimitri explicava, buscando a cura para doenças e desenvolvendo tecnologias que de uma forma ou de outra poderiam ajudar os seres humanos a aproveitarem melhor a imortalidade.

Quando chegou ao andar térreo, aquilo que num primeiro momento pareceu um simples elevador começou a se mover de lado. Era uma cápsula transportadora que não dependia de cabos e podia muito mais do que apenas subir ou descer. Conduzia Amber e Dimitri por entre biólogos, químicos, programadores e um monte de gente que trabalhava em corpos deitados sobre mesas metálicas.

A cápsula transportadora voltou a descer.

– Estamos indo ao lugar que os antigos chamavam de inferno, quando ainda acreditavam na existência de um ser vingativo chamado Deus – disse Dimitri, divertindo-se. – Prepare-se, Amber Jones, vamos baixar mais de mil metros no interior do planeta.

Quando a cápsula entrou num túnel escuro, Amber lembrou-se do dia em que ela, Dimitri e Danny desceram até a caverna de gelo com o primo Vladimir para resgatar o corpo pré-histórico. O frio que Amber sentia ao lembrar-se da Sibéria, no entanto, era coisa de sua cabeça. Dentro da cápsula transportadora, e com aquele traje, a temperatura não havia baixado absolutamente nada. Posso lhe dizer que o que eu sofri quando entrei naquela caverna do permafrost foi infinitas vezes pior do que isso!

Amber viu o mostrador digital indicar que a profundidade chegava a 500 metros... e logo 600... e logo 800. Quando o mostrador atingiu 987 metros, a cápsula freou e passou a deslocar-se numa diagonal descendente, atravessando uma área onde as paredes eram tomadas por cristais de gelo. Amber lembrou-se da sensação de enjoo que teve ao ver meu corpo ensanguentado no chão da caverna lá na Sibéria.

– Você se lembra daquele primo que o Vladimir matou? – Amber disse pelo sistema de comunicação do capacete. – Nunca parei de ter pesadelos com ele.

– Lembro-me muito bem! Um dia ele poderá voltar à vida. Nós estudamos o caso. O nome dele é Yuri Pudako Temzrisovich. Vladimir o matou, e foi investigado por isso. A prisão dele, no entanto, foi por uma bobagem qualquer. Os investigadores não comprovaram o assassinato e arrumaram um jeito de pegá-lo. Meus experimentos poderão...

– Como você sabe de tudo isso? – Amber interrompeu.

A realidade é que, já naquele dia, o Dimi pensava num jeito de me resgatar. Só esperava por uma oportunidade de encontrar o Vlado e fazer com que ele o levasse até a caverna em que me largou.

– Meus decodificadores vasculham diariamente a *deep web*. Fiz essa encomenda aos jovenzinhos que trabalham comigo quando comecei a pensar em voltar à caverna. Adiei o plano ao saber que Vladimir ainda ficaria um bom tempo na cadeia. Afinal, só ele pode nos apontar o local exato.

O mostrador indicava que a cápsula havia chegado a 1.002 metros de profundidade.

– E o que você faria com o corpo daquele coitado?

Você imagina o que eu, o dono do corpo, senti quando encontrei esse diálogo entre as memórias que pesquisei? Não foi fácil... Não foi nada fácil saber de tudo isso e pensar que naquela época o meu corpo continuava deitado no chão gelado daquela caverna.

– Pois é, nossos experimentos confirmaram o que já imaginávamos: um corpo congelado imediatamente após o trauma tem uma chance muito grande de sobreviver. É bem possível que o pobre Yuri Pudako Temzrisovich esteja apenas em modo de vida suspensa lá embaixo. Mesmo tendo levado uma facada.

Você pode imaginar quanto estou emocionado ao relembrar essas palavras do Dimas. Não sei o que lhe dizer, minha filha. Mas, bem... deixa eu continuar!

O mostrador indicou 1.218 metros e a cápsula de transporte finalmente parou, fazendo um barulho seco que ecoou pela caverna.

– Venha, Amber, quero que você encontre algumas pessoas!

– E tem alguma alma neste inferno?

Dimitri e Amber entraram num corredor extenso onde havia algumas dezenas de cilindros de vidro enfileirados. Em cada um deles havia um corpo nu mergulhado em nitrogênio.

– Preservados para a eternidade! – o Dimas falou. – Descobrimos que é possível deixá-los em nitrogênio líquido dentro de casulos de vidro, sem precisar

daqueles cilindros enormes, e eles estão a exatamente 195,79 graus negativos. Aqui fora é mais quentinho: 20 graus negativos. Estamos dentro do permafrost.

– Mas por que os pacientes têm esses capacetes com fios saindo da cabeça? Não é igual ao que vimos lá em cima quando estivemos com seu pai.

Amber havia parado diante de um corpo e o admirava enquanto Dimitri dava suas explicações.

– Papai está um passo à frente, já tem uma biomembrana conectada a seu cérebro. Mas a tecnologia é parecida. E deixa eu corrigir: não são fios, são bioconectores. Praticamente paramos de usar materiais sintéticos. E cada uma das interfaces que você vê nas extremidades pode ser ligada a um computador que processa os pensamentos dos nossos pacientes. Há também uma série de sensores que monitoram pressão, temperatura e a concentração de crioprotetor nas veias deles.

– Ver seu pai conversando... ver que o espírito dele não abandonou o corpo... não paro de pensar nisso. Saber que ele não foi pra nenhum purgatório nem está vagando pelo planeta querendo reencarnar num feto para nascer outra vez... isso me traz um alívio muito grande, Dimitri. Eu pregava tudo aquilo na Califórnia como se fosse fácil, mas, você sabe... eu tive muitas noites de insônia pensando no que de fato aconteceria. A convivência com Danny me plantou esse temor. Conversávamos muito sobre as coisas da alma e eu comecei a ter meus questionamentos também. Quase enlouqueci com medo de que um outro espírito pudesse entrar no meu corpo quando eu fosse reanimada... tinha muito medo de ter que sair por aí procurando outro corpo pra encarnar... Aquelas coisas do Danny, você sabe... pegaram em mim. Mas o que você mostra é que a alma vive no cérebro... que corpo e alma são inseparáveis!

– E se forem uma coisa só? – Dimitri provocou.

A realidade é que nem o Dimas nem a Amber Jones compreendiam muito bem o funcionamento da alma. Com o passar dos anos ainda avançaríamos muito em nossa compreensão sobre essas questões do espírito e da consciência. Aliás, essa foi uma das razões que me levaram a querer contar esta história. E ainda há muita coisa para ser explicada...

– Mesmo em modo suspenso – agora, enquanto Dimitri falava, os dois caminhavam – o computador vai fazendo o download do cérebro deles. Já temos cópias de segurança de mais de cinquenta pacientes. Então, se qualquer coisa acontece aqui no laboratório... um ataque terrorista, invasão de hackers, bombardeio... tem tanta gente querendo tomar isso tudo de mim! O fato é que se qualquer coisa acontece eu posso resgatar tudo na nuvem eterna em que

armazenamos os nossos dados. É a garantia de que todos seremos imortais. Quer dizer... quem puder pagar não terá com que se preocupar.

O profeta jamais tivera as questões espirituais que atormentavam Amber Jones e seu ex-namorado Danny Pearce, as mesmas questões que eu teria mais tarde e que percebo que tocam você também profundamente, minha filha. Ele sentia que já havia imortalizado aquelas pessoas, mesmo que ainda não soubesse como fazer para devolver-lhes a consciência e reconectar seus cérebros a novos corpos sem precisar de energia elétrica para induzir pensamentos. Continuava investindo boa parte dos bilhões que acumulara no mercado financeiro para resolver aquelas questões que, como dizia, eram "pequenos problemas".

– Venha, quero que você encontre uma pessoa!

– Viva ou morta?

– Amber, querida, logo você... a guru que prega a imortalidade e o transumanismo melhor do que qualquer pastora... Quando é que você vai aceitar que ninguém mais precisa morrer para se salvar?

– Eu sei disso muito bem, Dimitri, mas uma coisa é pregar... Quando estou no culto falando sobre tudo em que acreditamos, eu estou imaginando aquilo tudo, e posso imaginar qualquer coisa, e o digo com tanta confiança que todos acreditam em mim. Agora é diferente. É como se eu estivesse vendo Jesus Cristo ressuscitado na minha frente!

Dimitri tirou o capacete e sugeriu que Amber fizesse o mesmo para admirar os pacientes classificados como ESPECIAIS: uma mulher loira de corpo escultural morta num acidente de carro; um ex-campeão do Ultimate Fighting nocauteado; um gênio da física que passara a vida numa cadeira de rodas descobrindo buracos negros; um cachorro da raça pitbull; uma velha decrépita; um menino de 3 anos morto por afogamento; um ator e uma atriz de Los Angeles que, prevendo seus assassinatos, haviam pedido para serem colocados no mesmo casulo. Dimitri também mostrou a Amber o corpo vitrificado de uma princesa britânica que, por exigência da família real, não tinha seu nome nem mesmo no sistema interno dos laboratórios. Em seguida, eles passaram por um cantor pop americano com pele escamada e Amber se emocionou.

– Me desculpe por tantas lágrimas, Dimitri, você está me mostrando um mundo incrível, estou me sentindo humana outra vez. E estou também me sentindo terrível. Tudo o que eu vinha fazendo... pregando maravilhas completamente distantes da realidade... dessa realidade que você criou.

Dimitri pensou que isso não passava de uma demonstração de fraqueza.

– Fizemos um antropodroide do Mike, mas ele não dançava direito, ficou

ridículo. Vai servir para o museu, mas sem dançar.

Em seguida, os dois ficaram diante de um corpo que Dimitri apresentou como uma conquista pessoal, um amigo que ele conseguira resgatar da UTI de um hospital escocês, ainda com o coração batendo.

– Ele e a filha foram envenenados. Coloquei os dois em vida suspensa antes que morressem.

– Mas isso é permitido aqui em Svalbard? Você os matou...

– Amber, por favor, você precisa evoluir. Esqueça aqueles mandamentos que os *sapiens* do período Neolítico receberam de seu deus possessivo! Podemos continuar com nossas religiões, mas precisamos atualizá-las. Eles iam morrer... eu os salvei. O que você quer mais?

– Mas...

– Mas você não sabe que é muito melhor fazer os procedimentos de criopreservação antes que a pessoa morra? Ignatius é a prova viva!

Foi quando o Dr. Tepes apareceu diante deles, vestindo o mesmo traje térmico azul, já sem o capacete. Abriu um sorriso caloroso e irônico e puxou Amber para abraçá-la.

– Garotinha espevitada! Eu não fazia a menor ideia de que veria você outra vez – ele disse, finalmente soltando Amber. – Me perdoe, sujei um pouquinho a sua roupa. Como vão as coisas lá na Califórnia?

O traje de Amber ficou completamente tomado por um pó preto que parecia carvão.

– Dr. Tepes! Que bom reencontrar você! Pensei que estivesse preso, ou morto.

– Ah, menina, esquece isso! Faz muito tempo... Me soltaram um dia desses... e eu fiquei sabendo que o Dimas tinha se tornado o maior bilionário da Rússia. Você acha que eu ia fazer o que depois que acabaram com meu asilo? Liguei pro querido Profeta e pedi pra ele ajudar o nosso centrinho de imortalidade, que, graças a um bom funcionário, continuou razoavelmente em ordem debaixo da terra. Mas você conhece bem... Dimas tem um coração gigante. Depois de algum tempo, mandou um jatinho me buscar... eu e minha Shimeka. Aliás, vá falar com ela depois! Ela tá costurando umas peles lá no fundo...

– Mas você trabalha aqui?

– Ele é o diretor do Departamento de Criopreservação – Dimitri interferiu. – Tepes comanda tudo o que acontece nessas galerias subterrâneas. Dizem que expulsou o diabo daqui de baixo!

O Dimas e o Tepes riram.

Amber ainda estava atônita com tudo o que via naquele lugar e ficou olhando para Tepes sem saber o que dizer ou pensar.

– Ah, garotinha de ouro, como é bom revê-la! – O Tepes ficou sério outra vez, mas sempre com aquele sorriso no canto da boca. – E a prisão, foi dura com você?

– Nem tanto. Eu...

– E o seu garoto, vocês se casaram?

– Nada. Ele está agora...

– Vem, vem aqui pra eu te mostrar uma coisa!

Tepes foi conduzindo Amber pelo braço em direção a uma outra galeria, onde havia uma placa: Sala dos Neuros.

Lá dentro, ela ficou mais uma vez impressionada. Havia um monte de cápsulas de vidro e metal, parecendo máquinas de lavar roupa, numeradas, com cérebros flutuando em nitrogênio.

– Temos 742 neuros aqui, e a toda hora chega mais um. É gente do mundo inteiro que não quer perder a viagem! Ah, e tem um que você conhece. Vem ver!

Enquanto falava, o Dr. Tepes arrastava uma daquelas máquinas de lavar sobre rodinhas com a cabeça de um homem muito velho. Arrastou-a até o centro da sala, onde havia alguns monitores e inúmeros botões. Ficaram todos em silêncio enquanto Tepes comandava o equipamento. Até que a luz azul se acendeu.

– Papai! – disse Tepes, olhando para a cápsula e logo voltando-se para Amber. – Papai não fala muito... tá cansadinho.

– Me dá um remédio... A cabeça, meu filho!

Tepes desligou a máquina depressa e o velho ficou outra vez com cara de espanto.

– Papai já sabe que o caso dele é complicado. Se eu tivesse imortalizado ele ainda vivo seria diferente. Tadinho! Ainda pensa que tá na Romênia. Deixamos ele ficar muito velho, morreu de câncer, e ainda demoraram a me avisar... Isso complicou muito a vida de papai aqui embaixo.

Tepes devolveu o casulo do pai para a posição de número 16, afastou-se de Amber e foi falar com Dimitri.

– Agora chega disso, Dimas... – sussurrou. – Eu sei que você quer impressionar a moça, mas faz algum tempo que o menino imortal chegou do aeroporto... faz uma hora que ele tá te esperando no restaurante!

65

No salão luxuoso, quando foi informado de que o profeta se aproximava, o pianista fez um arpejo qualquer no piano e voltou ao começo de “Enough of Missing You”.

– *Welcome, Ignatz*! – Dimitri falava muito alto, querendo abafar o som do piano. – Este é um novo mundo, eu sei, mas não se assuste. Estamos muitos anos à frente do nosso tempo.

Tepes precisou gritar para adverti-lo.

– Dimas! Esqueceu que o menino só fala francês?

– *Ah bon? Oui, monsieur Flamel. Vous avez raison! Alors!* – Dimitri gritava e falava com perfeição em francês. – Aqui será também sua casa, aproveite cada instante em que você estiver vivendo este sonho! Ah, você deve estar se perguntando quem é este homem ruivo, alto e forte que fala mil línguas... e fala gritando. Mas você me conhece, não?

Ignatius apenas o olhava aturdido, e não sabia de quem se tratava. Até que alguém teve a brilhante ideia de pedir ao pianista que tocasse mais baixo, e Dimitri parou de gritar.

– Bem, agora sim. Você não tem como se lembrar, era um troglodita semimorto quando eu o resgatei na Sibéria... De qualquer forma, seja bem-vindo ao Arquipélago da Imortalidade!

Tepes sorriu largamente, muito orgulhoso, sem imaginar o que Ignatius enfrentaria já a partir do dia seguinte. E Dimitri seguiu com sua apresentação.

– *Ignatz*... Ignatius? É assim que chamam você, não é? Esta bela mulher é Amber Jones, ela me acompanhava naquele dia histórico na Sibéria quando resgatamos seu corpo. Este é o Dr. Hiroshi Sauerion, um dos pais do transumanismo no Japão. Eu o trouxe para cá recentemente para se juntar à Assembleia dos Sábios.

Hiroshi Sauerion curvou-se num sinal de reverência. Amber sorriu de modo gentil, ainda muito sem jeito e oprimida pela situação. Dimitri fez um gesto sugerindo que Ignatius poderia cumprimentá-los, mas ele não se moveu.

– Se você não quer conhecê-los agora, não há problema. Venham, vamos comemorar este encontro!

Enquanto orientava Ignatius a se sentar à mesa, sem deixar de sorrir por um único instante, Tepes sentia um aperto no coração e inquietava-se pensando que Dimitri estava passando dos limites. Hiroshi Sauerion mantinha seu olhar científico, interessado em estudar cada movimento de Ignatius. Garçons serviram champanhe e o maître anunciou o cardápio da noite.

– Começaremos degustando caviar âmbar de esturjão. De entrada teremos um carpaccio de beluga e, como prato principal, um *côte de boeuf* de rena selvagem. O cozimento sugerido pelo nosso chef é *segnon*, a carne praticamente crua. Alguma restrição?

Tepes sorria o tempo todo para Ignatius. Admirava-o como se estivesse diante do filho pródigo. Procurou um garçom que falasse francês e pediu que traduzisse o que dizia.

– Meu menino, você deve adorar essa carne, não é? Era isso que você comia nas cavernas?

O garçom traduziu e Ignatius respondeu, impaciente.

– Eu comia carne humana.

– Ei, calma lá, menino, eu sou apenas um paizinho com saudade. Não vai querer jantar o velho, né? – Tepes sorriu e logo ficou sério outra vez. – Então, você comia muita carne crua, não era? Fazia assim com os dentes? – Tepes mordeu o ar com os dentes de trás e Ignatius o achou esquisito.

– Nada incomum – disse Ignatius, pegando a bisteca de rena com as mãos para mordê-la.

– Ah, tá vendo? Nós nos entendemos perfeitamente! – Tepes comemorou, comendo a rena também com a mão e tentando, em vão, um brinde com o vinho tinto que lhes fora servido. – Aliás, você ainda se lembra do que me disse quando acordou?

– Como poderia? Faz muito tempo, não faz?

– *Ápa... ápa...* Você pediu água. Caramba, como faz tempo! Você já aprendeu a beber vinho?

Ao mesmo tempo que o achava tolo, Ignatius percebia que o velho gordinho era um aliado, principalmente se fosse de fato o homem que cuidara dele naqueles vinte e poucos anos que passou em coma.

– Na Idade da Pedra você não bebia coisas com gás, não é? – disse Tepes, chamando um outro garçom. – Água sem gás pra ele, por favor!

– Por que vocês me prenderam?

– De maneira nenhuma, ninguém prendeu você – Dimitri interferiu, estalando os dedos para um assessor que o vigiava a distância.

O assessor trouxe o casaco de pele de Ignatius.

– Tome, você é um homem livre aqui dentro! Isto é seu. Meus agentes conseguiram libertar seu amigo fisioterapeuta e pegaram seu casaco com os policiais alemães. Bem, na verdade, se confundiram, pensaram que o fisioterapeuta fosse você e deram um jeito nos policiais! – Dimitri riu alto. – Você está vendo quanto esforço fizemos para salvá-lo? Nós vimos exatamente como você sofreu com aqueles diletantes... e aquela mocinha, *Frau* Utta Prida – Dimitri carregou no sotaque alemão – vimos como ela se aproveitou de você. E o tal monsieur Jacquemont... ele não ia soltar você daquele hospício jamais. É um cientista cartesiano, completamente ultrapassado. Isso acabou, *Ignatz*! Aqui você vai ser tratado como merece. Vamos começar logo as pesquisas. E assim que possível você segue seu rumo, está bem?

– Eu tenho essa cara, mas não sou idiota – Ignatius falou baixo, e o garçom traduziu as palavras para o Dr. Tepes.

– Claro que não, meu menino! Aliás, esses seus olhos azuis são duas joias – Tepes quis acalmá-lo. – Mas veja que bom: aqui você vai estar em casa. Este complexo de laboratórios é o berço da imortalidade. Você vai ver que lugar bacana o nosso Profeta criou!

O garçom seguia traduzindo e Ignatius respondeu a Tepes, evidentemente nervoso.

– Eu não sou imortal!

– Sei muito bem disso – Dimitri deixou Sauerion falando sozinho e entrou na conversa. – Na verdade, fui o primeiro a dizer que você era apenas um caso extraordinário de ressuscitação. Mas até isso nós podemos resolver! Vamos cuidar muito bem de você e de sua estatueta. E você poderá finalmente se tornar imortal. Só precisa ter paciência. Há uma fila, é claro.

Ignatius parou de comer. Deixou no prato mais da metade da bisteca de rena sangrenta e se levantou.

O profeta foi atrás, abraçando-o como a um amigo.

Ignatius ficou ainda mais irritado e, sem olhar para trás, deu uma cotovelada no queixo do Dimas. Os dois agentes que os seguiam vestidos de garçons prenderam Ignatius pelos braços e o conduziram. Dimas se recuperou e começou a dar ordens, exasperado.

– Não o deixem solto... andem depressa!

As boas-vindas terminavam ali.

Entraram todos na cápsula transportadora e atravessaram os laboratórios. Mesmo à noite havia muita gente trabalhando: em corpos vivos que pareciam mortos, em mortos que pareciam vivos. A cápsula seguiu por um trilho como se fosse um carrinho de parque de diversões, conduzindo-os pelo primeiro andar do laboratório. Parou diante de uma porta de ferro.

– Você vai ficar aqui – Dimitri informou, ainda muito irritado.

Ignatius ameaçou escapar, mas os agentes-garçons o detiveram e o jogaram para dentro de um estúdio, um pequeno apartamento. Era um ambiente mobiliado com sofá e cama e, ao fundo, uma pequena cozinha aberta.

– Mandei arrumar este apartamento para você passar uma temporada conosco – Dimitri falou da entrada do estúdio. – Acalme-se, *Ignatz*! As coisas vão funcionar bem se você souber se adaptar, e eu sei que você é mestre em adaptação. Você está perdoado, mas não volte a me desafiar!

Ignatius ainda estava muito confuso quando o deixaram trancado naquele lugar. Olhou para o alto e percebeu que o teto do apartamento era de vidro e que lá em cima havia muitos andares e parapeitos que se voltavam para o vão central onde ele estava. Viu inclusive a cápsula transportadora indo e vindo por cima de sua cabeça.

– E essas câmeras? – Ignatius pensou que falasse sozinho, mas Dimitri o ouvia por uma janelinha na porta de ferro.

Lembrava-se muito bem das câmeras de Jacquemont no hospital francês.

– Esqueça as câmeras e viva sua vida normalmente! – Dimitri gritou pela janelinha. – Aqui não vai lhe faltar comida, mulher... Se precisar de alguma coisa é só chamar pelo interfone, esse aparelho colado aí na parede. Você não vai ver minhas assistentes, mas elas farão praticamente tudo o que você pedir.

– Só quero ir embora.

– E pra onde você gostaria de ir?

Ignatius enfiou a cara na janelinha.

– Não importa!

Dimitri afastou-se.

– Tudo bem...

Trancou tudo e foi falando enquanto se afastava.

– Descanse! Amanhã começam os trabalhos.

66

Quando despertou depois de algumas horas de sono profundo, ainda atordoado em sua nova prisão, Ignatius comeu as frutas que estavam sobre a mesa e começou a procurar alguma brecha nas paredes. Usou uma colher para raspar o gesso em volta do interfone, conseguiu arrancar o aparelho e logo descobriu que atrás dele havia uma parede de metal. Mesmo dependurado, o interfone funcionava, e ele resolveu testá-lo.

– Tem alguém aí? Quero sol!

Depois de algum silêncio, uma voz feminina respondeu.

– Claro, Ignatius, isso é simples.

Imediatamente, uma bola de sol foi projetada na parede do apartamento. O aquecimento central foi colocado no máximo e Ignatius começou a suar.

– Sol de verdade! – ele gritou ao interfone.

– Podemos trazer qualquer coisa que você deseje, mas ainda não lhe deram permissão para sair de casa.

– Casa? Não tenho casa.

– Acalme-se, Ignatius, o Profeta virá. Na hora certa, ele virá lhe falar sobre sua imortalidade.

Dimitri tinha escolhido a voz de uma jovem sensual no sistema de inteligência artificial que atendia ao interfone entre seis da manhã e seis da tarde. Queria acalmar Ignatius e fazê-lo pensar que havia uma mulher linda à sua disposição. No período noturno, a voz mudava. Para que Ignatius se acalmasse e desejasse dormir, quem falava com ele era uma velha rouca. E o sistema só levaria aos supervisores do laboratório algum pedido que identificasse como realmente importante. Se não houvesse nenhuma urgência de saúde, Ignatius ficaria conversando com a máquina por horas e horas sem perceber.

A primeira refeição do dia chegou por um gavetão que se abriu automaticamente, como num presídio.

Pouco depois, a porta de ferro foi destrancada e o cirurgião biogeneticista Hiroshi Sauerion entrou, seguido de seis assistentes japoneses.

– Comecem os procedimentos! – ordenou, falando em japonês. – Trata-se de um primitivo. Não entende absolutamente nada do que estamos fazendo ou falando. Manipulem, manipulem!

Ignatius pulou em cima de um assistente, apertou seu pescoço e esteve perto de matá-lo com uma mordida na jugular. Tentou resistir quando o agarraram, mas logo injetaram tranquilizante no músculo de seu braço, ele desabou e ficou deitado no chão.

Um assistente usou uma espátula para tirar material genético do fundo da língua, outro cortou uma mecha de cabelo. Eles pegaram também amostras das unhas e dos pelos do corpo. Sauerion ordenou que o retirassem dali.

Ao chegar à Unidade de Cuidados Imediatos, os cientistas japoneses deram uma anestesia geral em Ignatius. Fizeram-lhe ressonância magnética, tomografias e ultrassonografias. Em seguida, a primeira cirurgia.

Sauerion coordenava muitos projetos e vinha trabalhando com dedicação especial na pesquisa para aperfeiçoar o processo de vitrificação do sangue em corpos imortalizados. Nos anos 1970, na época dos primeiros seguidores de Robert Ettinger, os corpos eram simplesmente congelados, e isso fazia com que o sangue se cristalizasse, causando danos irreparáveis às veias, aos órgãos vitais e, sobretudo, ao cérebro. Os pacientes mantidos nos laboratórios de Dimitri já vinham sendo vitrificados havia alguns anos, mas a técnica ainda não chegara à perfeição. Nem todos os pacientes tinham a sorte do velho Fedorov ou da cabeça do pai do Dr. Tepes, que podiam ser até desvitrificados por alguns instantes para, como Dimitri dizia, "lubrificar o cerebelo". Ainda que o profeta não permitisse o assunto, muitos ali sabiam que de tempos em tempos algum paciente apresentava problemas neurológicos graves e eventualmente lhes acontecia aquela coisa proibida, sobre a qual ninguém no arquipélago ousaria falar.

– Este homem das cavernas deve ter sofrido uma mutação genética. Pode ter sido algo recorrente em seu grupo familiar, algo que tenha impedido a cristalização do sangue em suas veias e órgãos. Suponho que tenha sido apenas por esse fato raríssimo que o primitivo sobreviveu – Sauerion disse aos assistentes, que apenas murmuraram, concordando.

O cientista japonês usou um laser para cortar o couro cabeludo de Ignatius e abriu uma parte de seu crânio para acessar o cérebro.

– É uma peça rara – disse Sauerion, com a tampa do crânio de Ignatius na mão. – Um cérebro com 38.452 anos de existência em perfeito funcionamento. Precisamos entender tudo o que há aqui dentro, saber como funciona cada um dos 90 bilhões de neurônios que iluminam este cérebro. Bem, talvez seja um

pouco menos, pois os primitivos não eram tão inteligentes. Por outro lado, seres humanos que puderem absorver as melhores características deste *sapiens* serão mais fortes, voltarão a usar os instintos que perdemos vivendo em cidades e se tornarão transumanos mais poderosos.

Depois de quase uma hora com aquele crânio aberto, Sauerion ordenou que seus assistentes finalmente o fechassem e fizessem um corte na barriga de Ignatius, para arrancar-lhe o apêndice.

– Não vai fazer nenhuma falta a ele, mas para o nosso estudo é fundamental.

Quando o cientista começou a mexer no interior do abdômen de Ignatius, descobriu que, além do apêndice, ele tinha um órgão desconhecido conectado ao estômago, algo que parecia um pequeno coração. Na verdade, muito parecido com um coração de galinha.

– É, provavelmente, mais uma parte inútil que nossa evolução descartou. Mas não o arranquem, apenas coloquem uma nanocâmera próxima a esse órgão – ordenou Sauerion.

Ignatius passou um longo tempo desacordado à disposição dos cientistas japoneses, sem que jamais viesse a saber se haviam sido horas, semanas ou meses.

No relatório que enviou ao profeta, Sauerion explicou os procedimentos adotados e suas conclusões.

不死 – 最初の手術

Estudamos minuciosamente o primitivo chamado "imortal". O cérebro passou por processo completo de download. Ocupa 732 terabytes. Não é muito, como sabemos. Temos dados e material biológico suficientes para construir cópia idêntica no momento em que aperfeiçoarmos a técnica de Clonagem de Crescimento Acelerado e pudermos duplicar seu corpo. Colhemos material suficiente para qualquer outra técnica que venhamos a desenvolver para gerar um corpo já adulto.

Analisando todos os aspectos desse ser com 38.452 anos de existência, encontramos um órgão desconhecido que denominei "lóbulo instintivo", por estar ligado ao estômago. Suponho que desempenhe função relacionada ao instinto de sobrevivência e isso nos será profundamente útil para descobrir se perdemos alguma capacidade importante ao longo de todos esses anos de evolução.

Questiono-me se tal órgão servia, entre outras coisas, para regular o instinto assassino dos primitivos ou, talvez, para aguçar-lhes as capacidades de sobrevivência, algo que o ser humano praticamente perdeu depois que passou a depender de telefones celulares para tudo.

Vamos analisá-lo através da nanocâmera e de uma futura biópsia. Analisaremos também o material biológico de outros órgãos. O próximo passo é estudar o conteúdo do cérebro. Nos dará informações inéditas sobre os primeiros *sapiens*. Podemos ter surpresas.

魔法使い

67

Depois de tomar conhecimento das conclusões de um dos gênios de sua equipe, o profeta convocou uma reunião extraordinária com seus onze sábios no lugar que ele gostava de chamar de *Magischer Raum*.

Poderia, de fato, ser visto como um lugar mágico: com suas paredes escuras, apenas doze cadeiras organizadas em círculo e um palco no centro, onde as grandes ideias eram apresentadas, discutidas e aperfeiçoadas.

Dimitri mandou que seus agentes trouxessem Ignatius e ele apareceu sem roupas, dentro de um cubo de vidro sobre rodas cercado de grades. Foi colocado no centro da Sala Mágica, iluminado por holofotes e filmado por câmeras conectadas a telões para que os sábios pudessem vê-lo em detalhes. Ele se debatia.

– É certamente um espécimen musculoso. Mas o que são essas cicatrizes todas? – uma paleotransumanista perguntou, intrigada.

– Posso notar que sua cabeça é disforme. Temos análise sobre isso? – questionou um outro sábio.

– Repare nos dedos compridos... e esses olhos azuis... Tem algo de neandertal nele! – observou uma sábia italiana.

– É realmente um *sapiens*? – perguntou um sábio paleontólogo.

Enquanto aqueles cérebros supercapacitados murmuravam suas impressões, o profeta subiu ao palco e ficou um passo à frente da jaula de Ignatius para discursar.

– Esta criatura que venho perseguindo há mais de duas décadas, recentemente batizada de Ignatius, é um *sapiens* praticamente igual a nós, exceto por alguns detalhes que vocês já notaram, e por alguns outros que verão no relatório esplêndido de Sauerion. Este espécimen único, como as senhoras e os senhores sabem, contém informações essenciais para o nosso projeto de imortalidade.

Dimitri caminhou pelo palco, criando expectativa.

– Vejam vocês, senhores: é algo inédito! Há exatos 38.452 anos, este

primitivo, agora com idade cerebral estimada em 50 anos, foi surpreendido por uma nevasca e ficou congelado na camada permanente de gelo no subsolo da Sibéria. Antes mesmo de papai, ele já havia comprovado que a imortalidade não era um sonho, mas algo naturalmente possível ao ser humano. Ele não é imortal, como faço questão de esclarecer, mas é o mais perto que um *sapiens* já chegou da imortalidade sem as tecnologias que desenvolvemos aqui. É fato que ele venceu a morte uma vez! No entanto, se quisermos tê-lo como grande *showcase*, teremos que fazê-lo realmente imortal.

Dimitri foi interrompido por um estrondo. Ignatius começou a socar o vidro dentro da jaula, que balançava, ameaçando cair. Os sábios assustaram-se. Quatro agentes do profeta seguraram a jaula para que não tombasse.

Os golpes de um *sapiens* nu, enfraquecido e desarmado jamais quebrariam aqueles vidros, mas Ignatius havia perdido qualquer sentido de razão. Continuou demonstrando sua fúria e produzindo sons guturais que ficavam apavorantes aos serem amplificados nas caixas de som. Quando se cansou, sentou-se no chão e ficou ali bufando, olhando para cada um dos sábios como se quisesse matá-los.

O profeta prosseguiu.

– Desculpem-me o incômodo. Deixem-me retomar o que lhes dizia. Enfim, temos que mantê-lo vivo e, depois que fizermos todas as pesquisas...

Um sábio levantou a mão, querendo falar, mas só Dimitri tinha um microfone.

– Ah, sim, Mr. Raywood, teremos tempo para discutir seus projetos no final. Então, continuando... depois disso ele deverá ser apresentado ao mundo como um caso de imortalidade natural para que parlamentares ignorantes parem de fazer leis prejudiciais a nós. *Ignatz* é uma das coisas mais importantes que temos aqui nestes laboratórios. Mesmo ainda não sendo imortal, é a chave para que a humanidade inteira atinja esse objetivo.

Os aplausos foram demorados. E o profeta finalmente sentou-se no círculo ao lado dos sábios para admirar aquela criatura nua e enfraquecida que ainda bufava dentro da jaula. Amber acompanhava tudo de pé, no fundo da sala, angustiada com o estado degradante em que Ignatius se encontrava. Uma islandesa, paleoantropóloga geneticista, pediu permissão para fazer experimentos com a memória de Ignatius.

– Concedido – deliberou o profeta.

O sábio Raywood, conhecido inventor e futurista do Vale do Silício, pediu permissão para usar as amostras de tecido do cérebro de Ignatius retiradas por Sauerion. Em parceria com a equipe de outro sábio especializado em

bioengenharia, ele planejava criar um novo cérebro à imagem e semelhança daquele que alguns ali, sem que o profeta soubesse, já chamavam de "primeiro imortal".

– Imaginamos que em alguns anos seremos capazes de trazer outro Ignatius à vida – disse o americano. – Mesmo que o Profeta decida manter o corpo original com o velho Tepes na galeria dos vitrificados.

– Jamais, Raywood! Não vamos deixar que ele adormeça! Sua pesquisa é singular. Tem meu consentimento.

O profeta negou alguns pedidos, mas permitiu que a bioengenheira transumanista Alice Wang, vice-presidente daquela Assembleia, implantasse um conjunto de nanochips no cérebro de Ignatius. A tecnologia que Alice vinha desenvolvendo era uma alternativa à membrana usada no velho Fedorov, e poderia dar ao paciente a capacidade de interagir com máquinas através do pensamento, para controlar ou ser controlado por elas.

– Teremos algo raríssimo, um transumano naturalmente resistente à morte – ela disse, agradecendo ao profeta.

– Será praticamente um *Übermensch*, como previsto tão brilhantemente por Nietzsche e pelo professor Ettinger. Um super-homem das cavernas – acrescentou o profeta. – Sua pesquisa, Sra. Wang, tem total prioridade!

Quando a reunião parecia terminada e os sábios preparavam-se para sair, Amber resolveu finalmente se aproximar do palco e falar. Estava furiosa.

– O que vocês estão fazendo aqui é o começo do sepultamento da humanidade! Não posso acreditar no que os meus olhos viram e no que meus ouvidos ouviram. O esforço que fiz com Danny Pearce, tudo o que sonhamos quando começamos o nosso projeto de imortalidade na garagem da casa dele, no Arizona, era para dar um sentido maior à nossa existência. Não era para criar *sapiens* anômalos tratados como camundongos. Vocês enlouqueceram e estão cometendo absurdos que nem nos meus piores dias na prisão eu fui capaz de imaginar. – Amber voltou-se para o profeta, que olhava para ela espumando de raiva. – Dimitri, quando conheci você, aquele menino franzino que só existia montado nos ombros do papai, eu o achei um pequeno idiota sonhador, mas inofensivo. Você venceu, é verdade! Tornou-se um homem lindo, conquistou fortuna e poder, e agora faz o que todos os ricos e poderosos fazem: diverte-se às custas dos outros... brinca de manipular a vida humana. Sou incapaz de salvar Ignatius, mas ainda posso me salvar. O que eu pregava na Califórnia era um mundo justo, em que todos seríamos transumanos com oportunidades iguais. O que você quer é a perpetuação da maldade humana. Morram, todos vocês!

Amber disse aquilo e correu, aos prantos, em direção à saída da *Magischer Raum*. Dois agentes a escoltaram pelos corredores e, sem que ela percebesse, levaram-na até uma sala de concreto sem móveis, sem cama e sem janelas. Amber Jones foi trancada mais uma vez.

68

Você também pode ir pra Amazônia... lá tem muitos macacos... é parecido com a vida de antigamente...

As palavras de Yoan repetiam-se na mente de Ignatius.

Ele sentiu algo estranho, e levou a mão à cabeça.

Tem uns fios aqui.

Uma cicatriz dava a volta em seu couro cabeludo. O cabelo tinha falhas. Ele mal tinha forças para se levantar da cama naquele cárcere de concreto e vidro. E pensava que sua vida estava perto do fim. Aguentara milhares de anos congelado, aguentara tudo, mas sentia que aqueles cientistas não teriam o menor constrangimento se precisassem fazê-lo definhar ali dentro.

Era preciso sair.

Minha alma talvez seja imortal, mas meu corpo não...

Vou acabar morrendo aqui dentro.

Ignatius voltava inúmeras vezes à mesma ideia.

Não sou imortal...

Preciso voltar à natureza que me criou!

Atordoado por aquela cápsula de transporte que ia e vinha sobre sua cabeça, lutando para não enlouquecer em seu cubículo, ocorreu-lhe a ideia de usar o interfone para pedir que lhe trouxessem algo em que pudesse desenhar.

– Fique tranquilo, vou lhe mandar folhas bem grandes! – respondeu a voz de mocinha sensual que o atendia no período diurno.

Quando a encomenda chegou, Ignatius começou a fazer desenhos com pedaços de carvão. Desenhou uma mulher nua, a mesma que desenhara no hospital Nouvelle Vie, mas agora era um desenho mais complexo, numa paisagem cheia de árvores e animais.

Naniia... cadê você?

Imaginava os dois sem roupa, caminhando de mãos dadas, descendo pela margem de um rio para tomar banho em águas cristalinas... Ignatius suava em desespero e sentia que, mais uma vez, o mundo desabava sob seus pés.

O tempo passou tão lentamente que ele evitou a loucura vivendo mais no passado que no presente, como se os sonhos fossem sua vida real e a realidade do laboratório, apenas um pesadelo.

Alice Wang o visitou algumas vezes.

Era estranho que Tepes nunca mais tivesse aparecido.

Shimeka continuava sendo apenas uma memória quase apagada dos tempos em que estivera na Romênia. Nunca fora vê-lo.

Ignatius já não tinha noção das coisas.

E quase perdeu a esperança.

69

Anos depois de sua chegada a Svalbard (e ele jamais saberia quantos), numa madrugada silenciosa que lhe parecia perdida como as outras, Ignatius viu a porta de ferro abrir-se lentamente. Sentiu um cheiro feminino forte e se assustou ao ouvir uma voz familiar.

– *Fiul! Sunt eu... stai calm.*

Enquanto tentava entender o que aquela voz lhe murmurava em romeno, depois de revisitar suas memórias olfativas e concluir que aquele cheiro só poderia ser de Shimeka... depois de finalmente compreender algo do que ela dizia, Ignatius começou a chorar.

– Meu filho! – ela prosseguiu, agora segurando na mão de Ignatius. – Sou eu, *Shimeka.* Quanto tempo esperei pra poder vir até aqui. Me desculpe, pelo amor de Jesus! O Profeta jamais me deu autorização pra visitar você. Ele dizia que poderia te fazer mal. E eu chorei todo esse tempo pensando que você vivia trancado do meu lado e que eu iria morrer sem te ver! Sofro pelo que fizeram com esse seu corpo frágil... e essa cabecinha de criança!

Shimeka falava como se Ignatius ainda fosse um jovenzinho tomando sopa em seu quarto na Romênia.

– *Shimeka* – Ignatius disse, com sua voz grave. – Nunca esqueci de você. Sei quanto você cuidou de mim, nunca vou esquecer.

Shimeka sorria e chorava, e Ignatius enxugava as lágrimas que escorriam do rosto dela. Quando ela enfim se acalmou, sussurrou:

– Vamos tirar você daqui... o Tepes tá chegando!

As lágrimas escorreram ainda mais caudalosas e desceram até a boca de Ignatius. Ele sorria compulsivamente. A mulher que ele sentia como se fosse uma de suas mães havia reaparecido depois de uma eternidade e prometia salvá-lo.

– Leve a sua mochila! O Tepes me pediu pra guardar e eu a deixei escondida por todo esse tempo no meu armário de costura. Foi aqui nesse bolso que encontrei uma mensagem, não sei quem escreveu... acho que não foi você. Diz que você quer ir pra Amazônia, no Brasil. É isso mesmo, não é?

Mesmo confuso, Ignatius assentiu. Não sabia se o que havia entendido era aquilo mesmo: que Shimeka encontrara o bilhete que Yoan deixara em sua mochila e que ele iria viajar para aquele lugar cheio de macacos onde os humanos viviam como antigamente. Talvez estivesse delirando, mas já não tinha dúvida de que sua vida mudaria radicalmente... outra vez.

Shimeka prosseguiu.

– Aqui dentro tem dinheiro suficiente pra você encontrar um lugar e viver por algum tempo. Tem um sanduíche, seu isqueiro recarregado, umas roupas e um passaporte com seu novo nome, romeno como o meu. Eu coloquei aqui também o seu cobertor, aquele que eu fiz na nossa casa, meu filho... e que você guardou! – Shimeka sorriu, orgulhosa, com os olhos molhados. – E a sua estatuazinha do leão também está aqui dentro. Você vai chegar aonde sonhou, mas precisa ser rápido... e assim que possível muda de roupa, muda tudo! Se não fizer isso, o Profeta vai encontrar você!

A porta se abriu novamente.

– Meu menino! Queria te abraçar por muitas horas, mas não vai ser dessa vez. Vamos!

Tepes havia conseguido desligar o sistema de monitoramento dos corredores por onde eles passariam. Trazia consigo uma chave eletrônica que driblaria o controle das portas e permitiria a Ignatius chegar a um dos poucos pontos vulneráveis daquela caixa de concreto e metal onde ficava a Dimitri Fedorov Immortality and Posthumanism.

Tepes, Shimeka e Ignatius caminharam muito e chegaram a uma porta de ferro pequena onde havia um cheiro terrível de lixo.

– *Fiul meu...* – Shimeka falava sem parar de chorar. – Queria ir com você, mas já tenho quase 80 anos... não tenho força pra viver escondida, e iria acabar atrapalhando você.

Ignatius estava comovido, nervoso, sem saber o que aconteceria em seguida.

– Nunca vou me esquecer de você, minha mãe. Sei de todo o amor que você me deu. E também agradeço ao senhor, Dr. Tepes. É a segunda vez que vocês salvam minha vida!

– Não se preocupe, garoto. Agora você precisa ir! Tá tudo combinado com aquele rapaz ali – disse Tepes, fazendo com que Ignatius olhasse por uma fenda na estrutura de ferro. – Tá vendo o snowmobile, a motocicleta de gelo? O rapaz vai te levar até o porto e lá tem um sujeito com um barquinho que vai te levar até uma plataforma de petróleo.

Tepes entregou uma machadinha a Ignatius e apontou para as correntes de

ferro que trancavam a porta do lixo.

– Anda, meu filho, quebra. Eu não tenho mais força!

Com uma pancada fortíssima, Ignatius rompeu as correntes. Espremeu-se pela passagem estreita e chegou à rua. A mochila veio logo em seguida e caiu sobre sua cabeça. Sem dizer uma palavra, subiu na garupa do snowmobile, olhou para trás uma última vez e seguiu para o porto.

O rapaz do snowmobile entregou um pacote com dinheiro ao barqueiro, e ele imediatamente saiu levando Ignatius pelo mar à procura de uma plataforma de petróleo com a bandeira do Brasil.

Ao encostar no flutuador da plataforma, tocou a buzina seis vezes até que um petroleiro de uniforme laranja lançou uma corrente com um gancho na ponta.

Ignatius prendeu-se e foi içado ao convés, onde estava escrito o nome da plataforma: DASAPENA-36. Ele entregou um envelope ao petroleiro e depois o seguiu até uma espécie de porão onde havia tubos de ferro empilhados.

– Você vai passar a primeira noite aqui embaixo – disse-lhe o petroleiro numa língua incompreensível. – Amanhã eu venho te buscar.

O gesto do homem indicava exatamente o que ele estava querendo dizer.

– Não tente sair!

A porta fechou-se com um estrondo.

Estou preso outra vez?

Quando veio o cansaço, ele se enrolou no velho cobertor colorido de Shimeka e dormiu no chão úmido e duro do porão da plataforma.

70

A poucos metros da Torre Eiffel, na Rue Benjamin Franklin, dois caminhões estavam parados na porta do Museu do Homem esperando que carregadores descessem com pedaços enormes de gesso e concreto embalados em panos brancos para montar uma exposição. Fabrice Jacquemont dividia sua atenção entre os carregadores e um grupo de funcionários do museu, orientando-os para que pendurassem quadros e fotografias enormes nos cabos de aço que desciam pelo vão central do salão de exposições. Seria a primeira vez que exibiriam ao mundo os desenhos atribuídos a um homem desconhecido e, conforme explicava o texto na entrada do museu, desaparecido – apresentado apenas como "O primeiro artista da história".

Fabrice Jacquemont estava de novo no lugar de onde saíra alguns anos antes para comandar a pesquisa que terminara com a fuga de Ignatius. Não era mais funcionário. Era o curador da exposição e também um dos artistas, ainda que seu nome não tivesse destaque nos cartazes. Além de paredes de gesso arrancadas do hospital Nouvelle Vie com os desenhos de Ignatius, o público veria algumas fotografias de temas paleontológicos e uma coleção de pinturas que Jacquemont fizera depois de voltar desempregado a Paris. Eram quadros de vários tamanhos, alguns com mais de 3 metros de largura, óleo sobre tinta, e retratavam cenas impressionantes, como a noite de lua cheia em que Ignatius saiu do Museu de Ulm levando a estatueta do Homem-Leão em direção ao rio Danúbio.

Jacquemont estava concentrado, orientando a arrumação, quando seu celular começou a tocar. Ao ver o número que aparecia na tela, saiu apressado para um canto do museu e finalmente atendeu.

– *Helloooo, monsieur*...

– Não, não... É você mesmo?

– *Moi méme, chéri*, sou eu, acertou. Saí da prisão no último Natal. Cansaram de mim.

– Pois se cansaram de mim também. O imortal desapareceu e eu perdi tudo o que tinha conseguido. Agora, finalmente, estou recomeçando minha vida. Me

deixe em paz! – disse Jacquemont, sem tirar os olhos dos funcionários que movimentavam as obras de arte.

– E você não quer nem saber por que é que eu tô te ligando, *monsieur*?

O primo Vladimir estava de novo numa taverna, mas não naquela que costumávamos frequentar. Pediu mais um copo de vodca. A atendente, claro, não era mais a gordinha apaixonada que eu conheci antes que tudo acontecesse. Ele estava em Moscou e quem o servia era uma velha mal-humorada com cara de nojo.

– Não me invente mais nada, Vladimir! – disse Jacquemont. – Não tenho dinheiro para comprar nem meio fóssil, e não tenho onde enfiar osso nenhum. Estou no museu, muito ocupado.

– Você tá estressadinho, hein? Ah, e voltou pra vidinha no museu? Que chato. Bem, vamos lá: eu tenho uma informação muito, muito valiosa pra você. Aliás, duas... tenho duas notícias que podem mudar sua vida!

– Não, Vladimir. Nada mais tem o poder de mudar minha vida!

Charlotte estava em casa cuidando do recém-nascido e Jacquemont pensava que ter um filho já era uma mudança suficientemente complicada em sua vida. Por mais que sentisse arrepios imaginando que Vladimir talvez tivesse mesmo algo interessante para lhe oferecer, não queria confusão.

– Nem se eu disser que tenho outros imortais?

– Me esquece, Vladimir!

Jacquemont desligou, foi à lanchonete do museu tomar um copo de leite e logo em seguida o telefone tocou outra vez.

– *Jackito, chéri*, você não vai ter outra chance dessas! Agora eu sou bem conectado. *World* wild *web... deep web...* você conhece essas coisas, né? Mudei pra Moscou, tô trabalhando com o primo. E os negócios vão muito bem, sabia?

– Seu primo está morto, canalha!

– É outro primo, *mon chéri*. Yuri, coitado, morro de saudade dele... Meu primo Mikhail fez faculdade de Engenharia de Computação. É um exímio abridor de portas digitais, trabalha também pro grande Vladimir!

– Sim, e vocês hackearam meu computador pra descobrir o quê? Que eu me tornei um artista?

– O seu computador não teria nada, *mon chéri*... foi o de um magnata russo que sabe muito mais do que você sobre imortalidade... e sobre o teu imortal.

– Adeus, Vladimir!

– Ignatius tá vivo – ele gritou apressado, temendo que Jacquemont desligasse de novo.

– Então, azar. Quero que ele morra congelado!

Ainda com o telefone no ouvido, Jacquemont voltou ao salão principal do museu, preocupado com as peças que estavam pendurando.

– Coloquem isso aqui, em cima dessas colunas – ele indicou a dois funcionários do museu que erguiam um pedaço de parede com uma espécie de empilhadeira.

– Sabia que não foi a alemãzinha arrogante que roubou ele? – o primo tentava de todo jeito capturar a atenção de Jacquemont.

– Aquela desgraçada...

– Não foi ela, foi o enfermeiro. Aliás, ela já partiu pra outra... desimortalizaram ela – disse Vladimir, sorrindo e fumando um cigarro eletrônico.

Jacquemont ficou em dúvida. Não acreditava completamente no primo. Mas ele insistia.

– Agora, me diz, como é que você acha que eu sei dessas coisas?

– Não sou criminoso, Vladimir. Vende isso pros chineses!

– Ah, é? Mesmo se eu te contar quem tá com o teu imortal? – o primo fez uma pausa, mas Jacquemont ficou em silêncio. – Bem, entendi, você não quer ter sucesso nessa sua vidinha de merda. Não tem problema. Então, tchau. *Prochai*, camarada!

Vladimir desligou o telefone. Ficou fumando e esperando que seu cliente remoesse aquelas coisas para logo retornar a ligação. Mas a mente de Fabrice Jacquemont havia passado por uma enorme transformação, especialmente depois do nascimento do pequeno Thierry. Ainda que continuasse recorrendo aos copos de leite nos momentos de ansiedade, ele não sofria mais de dores no estômago.

71

Ignatius acordou cedo e continuou enrolado no cobertor. Passou ainda algumas horas trancado no porão da plataforma até que ouviu o barulho da chave na porta de metal. O petroleiro que o recebera na noite anterior trazia uma marmita de alumínio.

– É feijão com arroz. Come tudo, porque a comida aqui é contada, e você não tá na conta! Depois veste esse uniforme. Você tem que trabalhar na plataforma como se fosse um de nós.

– Pra onde? – perguntou Ignatius com o pouco inglês que conseguia falar.

O petroleiro não entendeu. Então Ignatius pegou na mochila o bilhete que Yoan escrevera pensando justamente numa situação como aquela, o mesmo bilhete que Shimeka descobrira.

Ignatius need to go Amezon rainfrost, Manus, Brazil

– Manaus, eu sei! O rapaz que fechou negócio comigo lá em Svalbard me falou que era pra te deixar lá. Mas a plataforma vai pra Macapá, entende?

Ignatius esforçava-se, mas não entendia nada. Percebeu, no entanto, que talvez não chegasse à tão sonhada Amazônia. O petroleiro falava alto e pausado, e gesticulando esperando que Ignatius o compreendesse.

– Depois que acabar o meu período embarcado eu vou pra perto de Manaus. Se der, eu te deixo em algum lugar. Tá entendendo, mano? Mas vai demorar. E você tem que fingir que é um de nós, porque a gente não vai dividir esse dinheiro com os caras do rebocador que tá levando essa plataforma.

Enquanto falava, o petroleiro balançava na mão um dos maços com notas de cem dólares que havia recebido como pagamento pela viagem.

– Esse agrado aqui é só pro povo que rala, entendeu?

Ignatius pensou que houvesse algum problema, que o petroleiro pudesse estar reclamando do valor que lhe fora pago. Jamais compreenderia o esquema

que havia sido montado para que ele pudesse fazer aquela viagem.

– O pessoal que vai no ar condicionado lá no rebocador já tá nadando em propina, o capitão Badaró mesmo, com aquela cara de coitado, aquele olho torto... ele já ganhou uma puta grana pra ficar calado sobre essa sucata de plataforma que eles compraram. Entendeu, mano? O Badaró vai acabar no jato da Federal! Até os ratos aqui sabem que essa plataforma podre não vale nem um décimo do que pagaram! Se a gente chegar no Brasil, já tá bom demais. Vai por mim, *Inácio*!

Ignatius percebia que havia muita coisa errada, sem entender exatamente o quê. Seu instinto de sobrevivência, no entanto, mandava que fizesse o possível para ficar bem com aquele homem de macacão laranja.

– *Je suis Ignatius* – ele se apresentou, dessa vez em francês, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

– Tô sabendo. *Inácio*! Nome de santo e de colégio. Meu nome é Marcelo mesmo. O teu esquema tá escrito aqui no envelope do dinheiro. Tem tudo aqui, entendeu? *"Ignatius Flamel, Romênia, born in 1970, destination Manaus, wants to go Amazon rainforest."* – Marcelo apontava para a mensagem em caligrafia perfeita escrita por Shimeka. – Agora... com essa cara de mendigo enrolado num cobertor velho você vai morrer no Brasil! Basta um fazendeiro pensar que tu é um sem-terra pra te meter um fuzil na cara.

Ignatius e Marcelo ficariam próximos durante toda a viagem.

Os outros petroleiros gesticulavam tentando se comunicar e Ignatius respondia apenas com gestos simpáticos e sorrisos tímidos. Mesmo em silêncio, acabou sendo aceito no grupo e trabalhou muito.

Marcelo era o gerente e dava a ele as missões mais difíceis para que continuasse sendo aceito pelos outros petroleiros. Certa vez, pediu que ele subisse numa torre altíssima por onde passavam dutos de gás para consertar um vazamento. Quase sempre, Ignatius ia dormir cansado de tanto trabalhar. E acordava no meio de muitas noites sem saber se estava claro ou escuro do lado de fora.

Num daqueles dias intermináveis, depois de comer, Ignatius ficou enjoado. A plataforma balançava muito mais do que o normal. Além disso, o cheiro de petróleo estava forte demais. Ele vomitou no convés e ficou deitado num canto esperando que o enjoo passasse.

Enquanto isso, o comandante do navio rebocador tentava desviar a rota. Até que se ouviu um barulho fortíssimo e a plataforma parou.

Depois de um longo tempo sem saber o que havia acontecido, ainda se

recuperando num canto, Ignatius viu Marcelo chegar afobado.

– Um homem nosso morreu... o Assis Baiano! Tá uma merda danada lá embaixo, o capitão Badaró não pode saber que ele morreu. Me ajuda... agora eu realmente preciso de você!

Assis Baiano morrera tentando desencalhar a plataforma. Oferecera-se para a missão perigosa de cortar o que parecia ser uma rede de pesca enorme enroscada numa das hélices do navio rebocador que viajava alguns metros à frente. Descera mais de 30 metros pela coluna da plataforma, dependurado num cabo de aço. Quando estava se aproximando da hélice do navio, o cabo se rompeu e Assis foi sugado pelo mar violento. O capitão Badaró estava lá no alto, na cabine do rebocador, tentando se comunicar com a Guarda Costeira da Groenlândia, e, por isso, não vira o acidente. Se soubesse da tragédia, Badaró certamente iria inspecionar a plataforma e descobriria Ignatius.

– Deixa eu cortar logo essa tua cabeleira... Você tem que ficar igual ao Assis!

Com uma faca, Marcelo deixou o cabelo de Ignatius bem curto e conseguiu que ele ficasse razoavelmente parecido com o petroleiro levado pelo mar. De macacão laranja e cabelo cortado, ao menos para quem o visse de longe, Ignatius era o próprio Assis Baiano. Como raramente saía da cabine do barco que rebocava a plataforma, o capitão mal conhecera Assis e não perceberia que seus olhos estavam pintados de azul.

– É o seguinte, Inácio, ninguém mais quer descer lá na hélice. Os mano tão apavorado com a podridão dessa plataforma. Me segue!

Marcelo caminhava e falava depressa.

– Você tem que descer pra liberar as pás da hélice, entende?

Marcelo ia mostrando com as mãos o tipo de conserto que era preciso fazer lá embaixo. Ignatius não tinha medo, pelo contrário, sentia-se preparado para qualquer missão. Precisava apenas compreender as instruções.

Quando chegou ao convés, Ignatius viu dois homens de laranja discutindo, gritando coisas que ele não entendia. Ao perceberem que ele havia chegado, fizeram silêncio. E Marcelo tomou a frente.

– Tá aqui o Inácio. Podem fazer gesto que ele entende!

– Então arruma logo ele pra descer, Marcelo!

Os petroleiros prenderam um cinturão ao redor da barriga, nos ombros e também em cada uma das pernas de Ignatius. Levaram-no até um lugar onde havia uma enorme escadaria de ferro, de onde se podia ver lá embaixo o mar azul-escuro com uma espuma branca que revelava quanto estava agitado.

Gesticularam muito, e de maneira muito confusa, querendo mostrar a

Ignatius o que fazer na hélice do rebocador. E, quando se convenceram de que ele havia entendido, apontaram para um monitor de vídeo.

– Nós tamo vendo tudo aqui pela câmera e vamo gritando pelo rádio – disse um dos petroleiros. – É só cortar a rede pra gente acabar com isso!

– Mas ele não tá entendendo nada – reclamou o mais afobado, aos gritos. – Vai dar merda de novo!

Os petroleiros deram a Ignatius o alicate hidráulico que ele deveria usar para cortar a rede e o que mais estivesse prendendo a hélice do navio. Usaram um mosquetão para prender o cabo de aço ao cinturão e, sem qualquer aviso, começaram a empurrá-lo pelas costas, rumo àquele azulão imenso.

O outro petroleiro apertou o botão que liberava a roldana com o cabo de aço e Ignatius foi descendo lentamente até um dos flutuadores da plataforma, de onde pularia para o navio rebocador. Marcelo falava com ele pelo rádio, ainda que soubesse que Ignatius não entenderia muita coisa.

– Vai lá, mano, força... entusiasmo!

Aquela última palavra Ignatius conhecia bem. Yoan a usara muitas vezes durante a viagem até a Alemanha. Entusiasmo, afinal, soava parecido em português e francês.

Entusiasmo, Ignatius, você deve sempre buscar aquilo que te faz sorrir!

Durante aquela descida perigosa, as palavras do fisioterapeuta voltavam.

Lute por tua liberdade... se entusiasme com a beleza da vida.

E Ignatius não sentia medo algum.

O entusiasmo alimenta o espírito e mantém você vivo, irmão.

Quando chegou perto da água, Ignatius viu muito mais do que uma simples rede de pesca: havia uma montanha de plástico travando a hélice. Ele colocou a máscara de mergulho e soltou-se do cabo de aço que o prendia.

– Prende o cabo, Inácio! Prende o cabo! Você ficou maluco!

Sem ouvir coisa alguma do que lhe gritavam pelo rádio, Ignatius deu um salto impressionante da plataforma para o convés do navio rebocador. Marcelo e os outros petroleiros não acreditavam no que viam pela câmera de segurança. Comemoraram quando Ignatius conseguiu se prender ao navio rebocador para não ser levado pelas ondas.

Como um alpinista, ele desceu pelo casco do navio e ficou com metade do corpo mergulhada no mar agitado.

– Esse cara vai morrer!

– Pelo amor de Deus, volta! – Marcelo gritou, sabendo que seu grito era inútil.

Ignatius começou a puxar os pedaços de plástico duro que travavam a hélice. Havia muito plástico preso na rede e tudo aquilo embolara-se numa das pás. Ele não entendia muito bem o que era aquele lixão que o cercava, mas não pensava nisso.

Os petroleiros assistiam a tudo lá de cima e comunicavam-se pelo rádio com o capitão Badaró.

– Guenta aí, capitão. O Assis é um herói, tá quase conseguindo!

Ignatius refez todo aquele percurso arriscado e voltou ao convés para buscar uma ferramenta. Quando desceu outra vez em direção à hélice, uma onda forte o empurrou contra o navio. Ele viu tudo girar. Vomitou o pouco que ainda trazia na barriga. Respirou fundo. Recuperou-se. Segurou firme no cabo que o prendia ao navio e com a outra mão conseguiu cortar o último pedaço grande de plástico que ainda travava a hélice.

Fez um gesto de positivo com a mão.

Marcelo viu pela câmera e pediu ao capitão Badaró que aproximasse o navio rebocador. Ignatius desenganchou o cabo de aço do navio, saltou para o flutuador da plataforma e conseguiu prender-se à coluna de ferro. Os petroleiros lançaram o cabo de aço outra vez. Ignatius o segurou e, daquele jeito improvisado e perigoso, foi içado de volta. Quando ele chegou ao alto, Marcelo estendeu-lhe a mão para puxá-lo até o convés.

– Puta que o pariu, caboclo! – Marcelo gritou, eufórico. – Você salvou a porra toda!

– Esse cara não é humano! – disse um outro petroleiro.

Marcelo abraçou Ignatius como se fosse um velho amigo. Ele sorriu timidamente, ainda esbaforido. Não estava acostumado com manifestações de afeto.

– Bora dar cachaça pro homem-aranha! – gritou alguém.

Pelo rádio, o capitão Badaró avisou que estava seguindo viagem: “Parabéns, Assis, vai ser promovido quando a gente chegar ao Brasil!”

Enquanto bebiam cachaça no convés da plataforma, os quatro homens de uniforme laranja riam muito. Ignatius apenas acompanhava a agitação dos outros, com um sorriso agradável no rosto. Ficou alcoolizado e encostou-se na primeira cama dura que lhe apareceu pela frente. A partir daquele momento assumiria a identidade de Silas Assis “Baiano” do Rosário e com os documentos dele conseguiria passar pela Polícia Federal na chegada ao Brasil.

72

Depois de entregar a plataforma no porto de Macapá, quando o capitão Badaró dispensou o grupo, Marcelo levou Ignatius para comer num restaurante diante da foz do rio Amazonas. O homem que viera da Idade da Pedra jamais vira um rio tão caudaloso. No continente onde vivera a primeira parte de sua história, nem mesmo antes de toda a destruição causada pelo homem, não havia uma enormidade de água como aquela. Tomou cerveja, comeu um tambaqui inteiro assado na brasa e assim repôs um pouco da gordura perdida durante os mais de quarenta dias de viagem.

Um grupo grande fazia fila para subir num barco.

ROTA MACAPÁ-SANTARÉM-MANAUS, estava escrito.

Ao perceber que Marcelo estava cumprindo o acordo feito com o Dr. Tepes, Ignatius sentiu um frio na barriga.

Os dois subiram no barco e passaram dois dias viajando por águas fluviais. Dormiram em redes. Marcelo falou muito. Ignatius aprendeu mais algumas palavras em português. Bebeu muita água de coco, provou açaí com farofa e, pouco antes da chegada, seguindo o conselho de Marcelo, desfez-se de suas roupas de petroleiro para tornar-se um novo homem.

Mais ou menos...

Trocou o macacão laranja pelo casaco de pele de raposa-vermelha. Não era difícil entender que um homem nascido no tempo das cavernas preferisse jogar uma pele sobre o peito nu em vez de qualquer roupa moderna. Afinal, era assim que ele se vestia antes de ser congelado. Fizesse calor ou frio, era assim que se sentia seguro. Mas quem sabia que aquele homem tinha vindo de um tempo tão distante?

– Só assim não dá, Inácio! Quem anda com o pinto balançando e sem sapato é índio.

Por insistência de Marcelo, ele vestiu também uma calça jeans que lhe ficou justa nas pernas e botas de couro que lhe ficaram largas.

Ao desembarcar no centro de Manaus, Ignatius tossiu engasgado ao sentir os cheiros fortes dos óleos e dos peixes que saíam das embarcações.

Não era isso que eu esperava...

Viu montes de lixo numa rua.

E os animais?

Um aparelho de televisão e um sofá vermelho misturavam-se às garrafas plásticas e aos restos de comida deixados pelas calçadas.

As pessoas estranhavam Ignatius.

Pensei que estivesse na floresta, mas o animal sou eu.

E diziam-lhe frases incompreensíveis.

– Você não tá com calor, abestado?

– Pra que essa roupa de madame no meio desse inferno?

Um rapaz abusado que vendia crack pensou que aquele homem barbado e com cabelo desgrenhado, ainda por cima vestido de maneira tão estranha, só podia ser um ladrão.

– E aí, bicha velha... roubou o casaco duma gringa?

Ignatius entendeu que as pessoas se incomodavam com seu casaco de pele. Teve certeza de que não se misturava à paisagem local, mas assim mesmo seguiu caminhando contra o vento e observando aquele lugar estranho.

Marcelo comprou-lhe bananas.

– Pra viagem. Você vai precisar.

E o levou até um barco-táxi em que estava escrito Alto Rio Negro.

– Você tem que pegar este barco e descer no rio Uapés, mas dessa vez eu não vou.

– Obrigado, irmão! *Tu vas me manquer* – Mesmo sabendo que Marcelo não entenderia, Ignatius precisou falar em francês para se expressar: o amigo lhe faria falta.

– O brasileiro não se despede de um amigo sem um abraço apertado. E você é meio francês, meio estranho... meio doido. – Marcelo sorriu. – Mas agora é meio brasileiro também! Me dá um abraço, Inácio!

No barco, viajando por aquele rio de águas escuras, Ignatius viu uma índia jovem e admirou sua beleza. Algum tempo depois, ela desceu numa área de floresta fechada onde não se via nem sombra de cidade.

Ignatius desceu no mesmo lugar e pensou em segui-la, mas a moça desapareceu como onça apressada. E ele logo foi distraído por animais que pulavam no alto das árvores e que o fizeram esquecer-se da vida. Não se lembrava de ter visto um macaco, e achou aqueles animais tão parecidos com os

humanos que temeu que pudessem querer atacá-lo.

Os macacos gritavam muito e ele se agachou perto de um arbusto para esperar que fossem embora. Por alguns instantes, ficou em silêncio, sentado sobre os calcanhares, tentando compreender o que os animais falavam entre si. E eles não desistiram. Desceram e cercaram Ignatius. Atiraram-lhe coisas. Gargalharam como se debochassem do estranho. E, quando Ignatius finalmente abriu a mochila, comeram as bananas como se fossem crianças.

Em sua primeira caminhada pela floresta amazônica, o homem nascido mais de 38 anos mil antes não viu os mamutes com que tanto sonhara. Não encontrou leões nem ursos nem hienas, mas sentiu uma alegria muito grande ao pisar nas folhas, ao molhar os pés nas águas de córregos e saltar raízes para encontrar caminhos pela mata densa. Os cheiros daquele lugar... ele sentia que eram os espíritos bons da floresta que lhe entravam pelas narinas, e também pelos ouvidos. Segurou-se no cipó que despencava da copa de uma árvore e atravessou um trecho alagado. Bebeu água num riacho cristalino. Tirou o casaco de pele para nadar com os peixes. Enfim sentiu que estava num paraíso parecido com o que ele se lembrava de um dia haver existido.

O mundo ainda não morreu.

Enrolou o casaco, o colocou na mochila e seguiu viagem.

Yoan estava certo.

Viu marcas de patas que lhe pareceram de um pequeno leão. Não chegou a ver que a onça-pintada, verdadeira dona das patas, o espreitava a distância. Seguiu pegadas humanas. Caminhou instintivamente por aquela trilha, mesmo quando choveu.

E choveu muito.

Sem parar de caminhar, Ignatius viu o sol sair outra vez e chegou a um lugar completamente novo. Pareceu-lhe um acampamento, e ele ficou distante, querendo ver o que havia.

A aldeia tinha sido plantada numa clareira de terra batida, com cabanas cobertas de folhas de palmeira. Nove malocas enormes. Malocas eram casas de palha de palmeira, bem diferentes das cabanas temporárias em que ele dormia quando acampava com seu clã no tempo distante em que fora um adolescente.

Os primeiros sinais de vida que Ignatius viu foram mulheres com os seios à mostra. Andavam apressadas. Carregavam raízes de mandioca para fazer tapioca e não perceberam que ele caminhava pelo meio da aldeia.

Ignatius resolveu seguir sem medo e ao entrar no pátio principal viu homens pelados divertindo-se ao redor de uma espécie de ringue onde dois deles

lutavam. Parou a certa distância temendo que pudessem vê-lo e, talvez, atacá-lo. Percebeu que tinham os corpos e os rostos pintados. Usavam ornamentos de penas coloridas nos braços e nas pernas. Eram bonitos.

Sentiu-se invisível, pois ninguém o olhava.

Será que me tornei um espírito da floresta?

Ignatius realmente pensou que poderia estar morto, que talvez fosse apenas seu espírito que vagasse por aquela floresta. Era possível também que sua imaginação estivesse criando aquelas pessoas. Haviam mexido muito em seu cérebro. Ele estava confuso. Mas voltou a si quando um índio jovem e muito forte derrubou um índio gordo, fazendo o chão da aldeia tremer.

Os índios se alvoroçaram.

Imitaram sons de pássaros.

Gritaram para homenagear o vencedor.

E alguém finalmente notou Ignatius, apontou.

– *Caruhua! Caruhua!*

Os homens correram para pegar suas armas.

As crianças também correram, mas foram cercar o “estrangeiro” e começaram a passar a mão em seus braços, querendo sentir seus pelos. Ele se agachou sobre os calcanhares para vê-los de perto e os indiozinhos quiseram alisar seus cabelos, tão diferentes dos cabelos deles. Suspeitando que houvesse uma luz por trás de seus olhos azuis, meninos e meninas grudaram seus rostos no rosto de Ignatius querendo ver o que havia no fundo.

Os homens também o cercaram, mas não o tocaram.

Apontaram suas flechas.

Interrogaram.

– O que é que o *caruhua* quer? – perguntou-lhe um índio que parecia sangrar de tanta tinta vermelha que tinha no rosto.

Ignatius falou a língua que conhecia melhor.

– *Ignatius... moi Ignatius* – ele disse, apontando para o próprio peito e só por isso sendo compreendido.

– De onde você vem? – um índio perguntou-lhe em português.

– Ignatius – ele continuou dizendo, sem compreender.

O índio que vencera a luta fez uma série de gestos bruscos e bateu no peito indicando que queria enfrentá-lo. Outros dois índios começaram a amarrar as mãos de Ignatius com uma corda, mas o cacique os afastou com autoridade.

– Larguem o *caruhua*!

Ao analisar o estrangeiro, como se analisasse um cavalo recebido numa troca,

o cacique ficou muito curioso: aquele homem não era como os índios, nem como os brancos da cidade, nem como os poucos pretos que havia visto. A cabeça larga não combinava com os olhos azuis. Os olhos azuis não combinavam com a pele. Nada nele fazia muito sentido.

O cacique mandou que Ignatius tirasse a mochila das costas para que pudesse vê-lo melhor. Os homens o estranharam tanto que quiseram tocar seu corpo. E logo a atenção voltou-se para a tatuagem que Ignatius tinha no ombro. O cacique apontou para sua própria tatuagem e mostrou a Ignatius que as linhas pintadas em seu braço eram parecidas com as dele. Os índios amontoaram-se ao redor.

– Escama de serpente – disse um deles, apontando para a tatuagem que trazia no próprio braço.

O cacique afastou os outros índios, como se os espanasse para abrir caminho, e se apoiou sobre os ombros de Ignatius fazendo com que ele se sentasse em um tronco de árvore.

Os índios falavam muito entre si, riam do estrangeiro e, de tempos em tempos, um deles se aproximava para escrutinar seus olhos. Um menino usou os dedos para abrir as pálpebras de Ignatius. Riu e saiu.

Quando tiveram certeza de que Ignatius não estava a serviço de madeireiras, que também não era o capataz de um temido fazendeiro e que não vinha tentar convencê-los a abrir mão de suas terras em nome do progresso da nação pecuarista, os índios baixaram os arcos e flechas. Sabiam, afinal, diferenciar os *caruhuas*. E valorizavam os bons visitantes.

Os mais velhos tinham convivido com antropólogos franceses, botânicos alemães e naturalistas holandeses que ali estiveram algumas décadas antes para estudar a floresta e seu povo. Tinham aprendido um pouco de cada uma daquelas línguas, e também algumas palavras em inglês com cartógrafos americanos enviados pela CIA na época em que o Brasil vivia sob uma ditadura militar.

Depois de algum esforço, juntando as palavras que cada um sabia, os índios conseguiram entender que aquele homem havia viajado muito tempo para chegar até eles, que não era de nenhum dos países cujos nomes eles sabiam e que sequer tinha uma nacionalidade. Pareceu-lhes um andarilho, talvez um filósofo, pregador ou profeta.

Quando tudo se acalmou, o índio de cara vermelha notou um volume pontiagudo na mochila de Ignatius. Fez uma expressão assustada, provocando uma discussão entre os índios, e eles quiseram ver o que havia ali.

Abriram a bolsa, não deram atenção à escultura e começaram a tirar algumas

coisas de dentro. Tiraram o isqueiro de Yoan e logo foram tirando maços de dólares presos com elásticos. Depois de mais alguma discussão, pediram ao estrangeiro que lhes desse uma parte do que tinha. Ignatius deu-lhes muito dinheiro, pediu que lhe devolvessem a estatueta e o isqueiro e foi convidado a ficar.

Enquanto Ignatius comia com os mais velhos ao redor de uma fogueira, alguns índios jovens chegaram da floresta trazendo animais abatidos numa caçada.

O mais falante era Toroyuku, filho do cacique com uma antropóloga canadense que já não vivia mais ali. E ele era diferente dos outros. Não só na aparência, pois lembrava muito sua mãe, mas também por alguns hábitos aprendidos na cidade. Quando a mãe decidiu se separar do cacique, Toroyuku viveu um tempo com ela em Québec e lá aprendeu francês. Apesar de andar nu como os outros, tinha um relógio e um celular muito moderno.

– Me chamam de Ignatius, mas um dia eu fui chamado de Yoruniami, porque eu era um artista. Não sei de tudo. Minha memória vai me contando minha história pouco a pouco. Não sei de onde exatamente eu vim. Sei que nasci num tempo muito distante. Eu pintava e fazia esculturas. Fiz a *ingoniami* – disse, mostrando aos índios a escultura do Homem-Leão, que passaram de mão em mão.

Toroyuku traduzia tudo.

– Naquele tempo, eu tive um amor. Não sabia o que era o amor. Caminhamos por muito tempo até que o chão desabou debaixo de nós e ficamos presos no gelo.

– A água muito fria que fica dura – Toroyuku explicou aos outros índios, pois eles não conheciam gelo. – O *caruhua* disse que caiu numa caverna e que ficou preso lá dentro.

– E um dia, muito tempo depois, nos encontraram, mas só eu fui tirado de lá. Naniia ficou junto de duas crianças que não eram nossos filhos.

Ignatius seguiu contando sua história.

Contou também o que viveu no hospital francês, emocionou-se ao lembrar de Yoan, explicou que ficou trancado por muito tempo com o profeta Dimitri e que passou anos sonhando com o dia em que conheceria um lugar como a Amazônia.

– Estou feliz. Quando eu era criança, todos os homens e mulheres eram animais da natureza, como vocês. Os espíritos da floresta nos protegiam.

Ao ouvir aquela história tão impressionante, depois de meditar em silêncio, o

cacique resolveu falar.

– O cacique disse que acredita em sua história porque vê a verdade nos seus olhos – Toroyuku explicou. – Uma verdade que ele não encontrou em nenhum outro estrangeiro. Meu pai quer contar a nossa história.

Fez-se silêncio novamente, e o cacique começou.

– Um dia todas as gentes do universo foram como os animais. As gentes se comunicavam com sons, eram como os bichos, exatamente como você falou. E todas as gentes eram da mesma família.

– Fabrice disse isso, que um dia fomos todos filhos de uma mesma mãe e que a cor da gente não fazia diferença.

– Quem?

– O cientista na França... ele achava que os humanos eram todos iguais.

– O cacique tá dizendo isso mesmo, que éramos todos de uma mesma família, sem diferença de cor, que éramos todos irmãos e falávamos uma só língua.

Então o cacique começou a contar como havia surgido a diversidade entre os irmãos.

– Foi num momento em que os Umuri Mahsã, as Gentes do Universo, estavam à procura de cunhados para serem os maridos de suas irmãs. Mas o líder, naquela época em que as gentes ainda eram espíritos, percebeu que os cunhados não poderiam falar a mesma língua deles, pois, se falassem, seriam parentes e não nasceriam filhos saudáveis daqueles casamentos. Também não podia fazer sexo com irmã.

– E se um irmão amasse uma irmã? – Ignatius perguntou. Coçou o ombro, na altura da tatuagem, e depois a cabeça.

– Era expulso, pra sempre.

Ignatius baixou a cabeça, percebendo que seu crime também seria punido se ele e Naniia tivessem nascido na aldeia dos índios.

– E como eles fizeram pra encontrar pessoas que falassem outras línguas? – perguntou Ignatius.

– Sob efeito mágico do caapi, uma erva conhecida também como ayahuasca – Toroyuku seguiu traduzindo e explicando – os homens começaram a dançar e cada um inventou uma língua. E foi assim que nasceram as línguas que nós falamos hoje: o tuiuca, o tucano, o desana... e imagino que tenham vindo daí também o inglês, o português, o francês e assim por diante. Por um tempo ninguém mais se entendeu. Mas o importante era que nenhum homem podia se casar com uma mulher que falasse a mesma língua que ele. E até hoje a gente não

pode casar com irmã de língua.

– Mas, se eram espíritos, por que os Umu...

– Umuri Mahsã.

– Por que eles precisavam se casar e fazer filhos se não eram humanos?

O cacique esperou que Toroyuku traduzisse a pergunta de Ignatius e prosseguiu.

– Os espíritos embarcaram numa canoa, que na verdade era uma grande cobra sucuri. Deixaram os animais pelo caminho, nos rios e na floresta, e seguiram viagem até chegar a essa região da Amazônia, onde se transformaram em humanos.

Depois de terminar sua história, o cacique pediu que Ignatius lhe explicasse como sabia que sua primeira vida havia sido realmente milhares de anos antes.

– Fizeram muitas pesquisas comigo. Vejam... – ele disse, mostrando as marcas de cirurgias no corpo e na cabeça, deixando os índios assustados. – Os cientistas pensam que tem algo diferente no meu sangue. Dizem que sou imortal como os espíritos dos Umuri...

– Mahsã.

– Sim, dos Umuri Mahsã. Dizem isso porque eu sobrevivi depois de muitos anos congelado na caverna. Me usaram para descobrir como poderiam viver mais tempo. Em seus sonhos doentios, eles querem se tornar imortais. Especialmente o profeta de quem eu falei...

– O cacique disse que você é um mahsã Uenê Massedigue... um homem que não sabe morrer. Mas ele explicou que só os espíritos são imortais, que um dia o corpo do homem precisa morrer. E o corpo da mulher também.

– Não fiz nada disso de propósito. As coisas foram acontecendo na minha vida. O seu pai tem razão. Eu até agora não soube morrer, ou não me deixaram. Mas talvez esteja na hora de aprender.

– Você não é muito jovem, mas é forte – disse o cacique. – Mesmo que não acredite, eu estou vendo que vai viver muito, é o que está escrito no seu ombro...

Ignatius passou a mão na tatuagem, espantado por ouvir do cacique o mesmo que o *ocúnyia* lhe dissera.

– Talvez você não saiba mesmo morrer. – O cacique olhava agora para a brasa que se formava na ponta de um pedaço de madeira, como quem revela o que lhe foi dito por um oráculo. – Você ainda pode trabalhar muito, Uenê Massedigue! Pode ter mulher. Pode ter filho.

– Sinto que passei aqueles anos todos esperando para renascer, pois esse era o desejo dos espíritos da floresta, donos de uma força muito maior do que

qualquer coisa que exista dentro de mim. E, depois que despertei daquele sono profundo, quando fui descongelado e meu espírito acordou, vivi em muitos lugares e por muito tempo, mas não tive uma vida feliz. Comecei a pensar que o mundo não existia mais... até encontrar vocês.

– Nós também não vivemos no mesmo mundo dos nossos antepassados. O homem da cidade veio aqui nos tirar muitas coisas e continua à nossa porta. O homem que gosta de ouro e madeira não conhece o mundo dos espíritos. Você é forte, Uenê Massedigue, pode nos ajudar aqui. Não teria problema de encontrar menina que fala outra língua. – O cacique sorriu e acendeu um cigarro de palha na ponta de um graveto em brasa.

– Meu pai só acende cigarro na frente de um estranho quando está em paz. Você pode se sentir especial. Depois que minha mãe foi embora, é a primeira vez que eu vejo o cacique sorrir para um estrangeiro – explicou Toroyuku. – Ele quer que você fique com a gente.

Ignatius ficou aquela noite.

Dormiu numa rede, na maloca do cacique, no mesmo canto onde ficavam Toroyuku e outros rapazes solteiros.

E foi ficando.

73

Ignatius aprendeu a atirar com arco e flecha. Demonstrou uma habilidade incomum com a zarabatana. Rapidamente aprendeu a ser caçador e guerreiro como os índios. Durante as caçadas, comia peixe em fogueirinhas de folhas secas que, ainda maravilhado, acendia com seu isqueiro. Mergulhava nos igarapés de águas cristalinas. E, por mais de uma vez, juntou-se aos companheiros para tirar de dentro d'água os peixes compridos que os índios chamavam de cobra traiçoeira: pirarucus de mais de 2 metros que se debatiam, incansáveis, antes de serem derrotados. Era comum que o dia terminasse com a cobra traiçoeira na brasa e a tribo em festa.

Ignatius sentia na aldeia a liberdade com que tanto sonhara nos tempos em que fora objeto de experimentos científicos. E pensava em Naniia: como seria bom se pudesse estar ali com ela... se aquela fosse sua tribo... se fosse sua vida.

Certo dia, uma parte da aldeia despertou em chamas. Enquanto as mulheres e as crianças corriam para buscar água e apagar o fogo, os homens pintaram seus corpos, pegaram seus arcos e flechas e saíram pela floresta atrás do inimigo.

Ignatius foi ao lado de Toroyuku e do cacique no grupo da frente. Eles seguiram o rastro deixado pelos cavalos e, sem sair de suas terras, chegaram a um lugar onde havia caminhões e muitos homens com serras elétricas derrubando árvores. Os índios fizeram um círculo em volta dos invasores e o cacique começou a fazer sons de pássaros.

Estamos em guerra?, Ignatius pensou, pegando uma flecha para atirar.

Moryuku, irmão mais novo de Toroyuku, foi o primeiro a cair.

Mais quatro índios foram atingidos pelos tiros.

Invasores também caíram, com flechas no peito.

Quando um deles acelerou o trator na direção dos índios, Ignatius subiu numa árvore alta. Os índios atiraram suas flechas nos pneus, mas o trator não parou. Lá do alto, Ignatius mirou... e disparou uma flechada certeira no peito do invasor. O homem caiu sobre o volante e o trator parou. Os outros invasores fugiram nos caminhões.

Ao voltar, em silêncio, os índios queimaram os corpos dos mortos da aldeia.

Agora me lembro... deixávamos os mortos em cavernas... vestidos em suas peles para que não passassem frio.

Na aldeia dos índios, as cinzas dos mortos foram colocadas num caldeirão, misturadas a um caldo que todos beberam. E enquanto bebiam, sentiam as cinzas da floresta que ainda queimava ali perto caindo sobre eles.

74

Depois de perder as contas de quantas temporadas secas havia passado entre os índios, quando parecia que o instinto nômade havia adormecido em seu coração e muita gente na aldeia pensava que ele viveria para sempre entre eles, Ignatius, a quem todos ali conheciam como Uenê Massedigue, bebeu pela primeira vez o caapi. Viu um mundo mágico na floresta e sentiu-se ainda mais próximo de tudo o que o cercava. Fechou os olhos e viu seus antepassados de uma forma nítida como jamais havia visto depois de ressuscitar no laboratório do Dr. Tepes. Viu manchas brilhantes que se transformavam em mamutes. Abriu os olhos e viu todas as cores saltarem. Maravilhou-se. Viu animais gigantes que soltavam fogo pelo pênis e viu mulheres de peitos enormes e bundas grandes que vinham agarrá-lo. Reparou que algumas não tinham cabeça.

Dormiu.

Acordou.

Foi sentar-se à beira de um igarapé.

Lembrou-se das cirurgias feitas pelo gênio japonês. Passou a mão na cabeça e sentiu a grande cicatriz onde o cabelo já não crescia. Não se lembrava direito o que, afinal, aquela mulher de olhos puxados fizera com ele.

Foi se banhar numa parte rasa do igarapé.

Bebeu muita água.



– Antigamente nós não falávamos, éramos iguais aos outros animais – disse-lhe o cacique alguns dias depois. – O índio ainda é muito próximo deles. O tucano é o animal sagrado do índio, você já sabe. O uiara é o protetor.

– O que é uiara? – perguntou Ignatius.

Toroyuku explicou.

– É o boto, aquele peixe cor-de-rosa que os estrangeiros pensam que é um golfinho.

O cacique prosseguiu.

– O uiara tem poderes. À noite, ele se transforma em humano e sai da água, e engravida mulheres. Ele adora uma festa. Quando eu era jovem, ia nadar com eles, mas agora que sou velho eles é que vêm conversar comigo quando estou dormindo.

– Como foi que os humanos deixaram de ser como os outros animais? – Ignatius quis saber.

– Muito tempo atrás, no Primeiro Universo, nós aprendemos a falar e os espíritos se transformaram em instrumentos musicais para que a gente pudesse fazer música – o cacique explicou. – Nós agora vivemos no Segundo Universo.

– Sinto que eu também vivi em dois universos... que tive duas vidas. E talvez existam outros universos, não sei.

Os índios estavam numa sessão de música e a flauta que eles usavam, parecendo ser mágica, fez Ignatius mais uma vez transportar-se ao passado distante. Em seu clã, as flautas também eram sagradas e faziam as pessoas se comunicarem com os espíritos da floresta. Ou com os deuses, como agora lhe diziam os índios.

Ainda na época em que viveu no hospital Nouvelle Vie, na França, Ignatius ouviu de Fabrice Jacquemont que os humanos de seu tempo haviam sido os primeiros a tocar música com melodias, e não apenas com tambores. Ignatius agora refletia sobre tudo e compreendia o ritmo inseguro do coração de Fabrice.

Não tenho tristeza.

Pensou que seus irmãos e suas irmãs, seus pais e suas mães, que seu clã poderia ter convivido perfeitamente com a tribo indígena que o acolhera. Lembrou-se de que as flautas de seu tempo eram mais finas, feitas de ossos de abutres, e não produziam aquele som grave das flautas que faziam os índios da Amazônia dançarem de maneira tão bonita. Mas, igualmente, simbolizavam os órgãos genitais masculinos, e por isso não podiam jamais ser vistas pelas mulheres.

O cacique contava histórias sagradas que falavam de acontecimentos sobrenaturais, como o caso do bebê que assumiu a forma de um pênis e foi canibalizado pela tribo. Ignatius encantava-se ao ouvir aquelas coisas, sem perceber as noites passando e a estação molhada chegando.

Num dia chuvoso, em volta de uma fogueira dentro da maloca, o cacique lhe disse que já havia passado da hora de encontrar uma mulher. Não era possível

um homem forte como ele ficar desacompanhado por tanto tempo.

– Isso pode criar ilusões na cabeça das mulheres, mesmo nas que têm homem. Você é um grande guerreiro, homem bonito – disse o cacique, logo relembrando uma lenda sobre cunhadas taradas. – Você sabe, Uenê Massedigue, as cunhadas queriam namorar os homens com quem haviam dançado, mas, como eles fugiam delas e desapareciam atrás das árvores, elas esfregavam seus montes peludos nas árvores, faziam aquilo incansavelmente até sentirem uma cachoeira escorrer pelas pernas. Uma delas ficou grávida e teve um filho da árvore.

– E o filho nasceu com galhos pelo corpo?

– Sim, Uenê Massedigue. – O cacique sorriu. – Mas agora me escute: eu tenho uma moça guardada para ser cunhada de você! Amanhã você vai conhecer essa moça, está bem?

Quando amanheceu, o cacique levou Ignatius a uma cabana onde algumas moças moíam mandioca. Apontou para uma índia de seios pequenos e olhar sereno.

É a menina do barco!

Ignatius sempre evitara olhar para as índias e talvez por isso jamais tivesse percebido entre elas a menina que o fizera saltar naquela parada e encontrar a aldeia.

Ela é mesmo bonita... O que fazia naquele barco?

O cacique levou os dois para a floresta e quis que ficassem sozinhos. Eles se olharam sem dizer coisa alguma. Por mais que a desejasse, Ignatius não tinha sentimentos pela menina. Temeu as consequências de uma união. Sabia que, em algum momento, seu coração nômade o mandaria partir.

– Vamos preparar a cerimônia de casamento – disse o cacique, sem esperar que nenhum dos dois respondesse.

Naquela mesma noite, Ignatius começou a sentir o cérebro arder, corroendo-se.

Sauerion...

Meditou à beira do igarapé e voltou decidido.

Pegou a estatueta do Homem-Leão e foi ao encontro de Toroyuku.

– Guarde a *ingoniami* com você, irmão índio. Ela tem poderes.

– Mas por quê?

– Não pergunte. Apenas guarde a *ingoniami* com você. Um dia você vai entender.

Os dois abraçaram-se.

Toroyuku ficou feliz com o presente.

Ignatius entregou-lhe também a mochila.

Toroyuku estava ainda meio dormindo e não viu que a mochila estava cheia de dólares nem percebeu que era uma despedida.

Ignatius levou sua rede para a entrada de uma clareira, amarrou-a entre duas árvores e deitou-se muito mais cedo que de costume. De olhos fechados, notando que as dores na cabeça diminuíam, voltou a sentir Naniia a seu lado.

Era uma cunhada que falava a mesma língua que eu.

Ignatius começou a sentir os pingos de chuva em sua pele.

Antes de nos libertar, agora lembro... o ocúnyia *fez um feitiço para que o nosso amor adormecesse, cantou e esfregou ervas em minha cabeça, esfregou ervas no monte peludo de Naniia.*

A chuva aumentou e o transportou outra vez para o momento da fuga, milhares de anos antes, pois fora justamente numa tempestade que ele e Naniia fugiram da sentença de morte decretada pela lei rigorosa do clã.

Quando nos libertou, o ocúnyia *disse que o feitiço nos faria viver para sempre, conforme estava escrito na tatuagem, mas que ficaríamos muito tempo separados para pagar pelo que havíamos feito.*

Embalado pelo som das gotas grossas de chuva que batiam nas folhas, ouvindo aquele rufar que parecia vir de tambores, sentindo o rosto e a pele completamente molhados, Ignatius teve a impressão de que sua alma saía do corpo.

Sentiu que estava revivendo uma certa noite, durante a caminhada em direção à estrela que não se move, quando um grupo de caçadores estranhos quis levar Naniia. Os neandertais eram humanos, mas com cabeças grandes e sobrancelhas pesadas, fortes, pequenos e atarracados. Ignatius lembrou-se de que conseguiu matar um deles com uma pedrada na cabeça e que depois lutou por muito tempo com outro até que lhe enfiou uma pedra pontuda num olho, forçando-o a fugir. Correu com Naniia na direção da estrela.

Ignatius lembrou-se de que a paisagem branca na Terra da Estrela era belíssima e que no começo cegava seus olhos habituados à luz branda das florestas.

Quando chegamos àquele lugar onde tudo era branco, pensamos que fosse para lá que o ocúnyia *nos mandara ir. Começamos a chamar aquela planície gelada de Terra da Estrela, sem saber que seria também nosso túmulo.*

Naniia estivera mais vagarosa naqueles dias.

Sentia dores.

Ignatius ficou muito agitado e mexeu-se tanto na rede que acabou caindo na terra.

75

A lua iluminava a aldeia enquanto os índios dormiam em suas malocas. Ignatius ainda estava na clareira, na rede molhada pela chuva que finalmente terminara. A luz forte que refletia no igarapé não o deixava mais dormir. Ou era a inquietação que lhe tirava o sono? Não queria casamento. E, mesmo que sentisse que os índios eram seu novo clã, já fazia algum tempo que o coração o mandava partir.

Levantou-se. E, sem levar nada consigo, nem mesmo os ornamentos de penas de ave que usava na aldeia, saiu na direção da lua imaginando que aquele seria o recomeço da caminhada interrompida milênios antes, no dia em que o chão os engoliu, Naniia, ele e as crianças, e os deixou preservados, entre mortos e vivos, naquela camada de gelo que só muito mais tarde se chamou permafrost.

Ignatius caminhou a noite inteira pela floresta. Sentiu-se leve e pareceu flutuar sobre as plantas iluminadas. Sentiu cheiros tão intensos, e os respirou tão profundamente, que sua consciência se dissipou, como nos dias em que bebeu o caapi, como nos rituais em que o *ocúnyia* o levava até a caverna escura para conectar-se com as divindades.

Seguiu caminhando sem sentir sono ou cansaço, sem sequer pensar em parar. Só quando o dia nasceu foi que ele sentiu os pés tocarem o chão outra vez e percebeu que estava na beira de um rio de águas escuras, o mesmo Negro por onde navegara quando Marcelo o deixou em Manaus. Mas era uma outra parte do rio. Ou era ele que não o via da mesma forma que no dia em que chegou, muito tempo antes. E não via também a si mesmo da mesma maneira. Chamava-se Ignatius ou Uenê Massedigue? Era o artista Yoruniami ou o Primeiro Imortal, como queria Fabrice? Nada definiria perfeitamente um ser humano que vivera por tanto tempo, e tantas vidas diferentes, que vira a humanidade se transformar e transformar o planeta.

Depois de tudo o que vivera, não precisava de um nome.

Poderia chamar-se Ele, apenas...

E ele foi caminhando pela margem, o sol forte queimando sua cabeça, e foi

caminhando até que chegou a um lugar onde o rio era ainda mais largo e profundo, onde havia botos cor-de-rosa nadando.

Os uiaras são os protetores... como as *mamutes.*

Fazia calor, um calor muito úmido que dava a ele a sensação de estar derretendo em suor. Mas não se pode dizer que estivesse ali de corpo presente, como o povo costuma dizer. Ou, ao contrário, o corpo nu estava tão firme no chão que era o espírito que já não estava. Não pensava em nada. Apenas olhava para os botos sem jamais os perder de vista.

Diz-se que é por impulso. Mais precisamente, que é por impulsos elétricos involuntários que o cérebro humano toma suas decisões. E se diz também que só depois de já haver tomado uma decisão é que o cérebro busca razões para explicar a si mesmo o que o levou a decidir de tal maneira.

Ele decidiu entrar na água para ficar com os botos.

O fez, digamos, sem pensar.

Ao menos não pensou em nada que explicasse aquela mudança tão repentina em seu plano original de seguir caminhando até a Terra da Estrela em busca de Naniia. Ou, talvez, agora já soubesse onde encontrá-la.

Mergulhou, como se fosse para sempre.

Mergulhou na água escura.

E depois flutuou.

Os botos se aproximaram.

Nadaram à sua volta.

E ele sorriu. E segurou-se na barbatana de um deles. E passou a outra mão naquela cabeça escorregadia. Deixou que o levasse. Segurou-se também no outro boto e deslizou pela superfície, e depois para baixo, como se fosse o terceiro boto.

Sentiu que o rio entrava em seu corpo.

Suas narinas soltaram as últimas bolhas de ar.

Lembrou-se de Yoan, Shimeka, Toroyuku, até mesmo de Utta... e viu o rosto de Naniia outra vez, como se ela também estivesse mergulhada no rio. Sentiu uma enxurrada de peixes escorregando por seu corpo nu.

As águas escuras do rio Negro uniram-se às águas claras de um rio que nascia do descongelamento da neve dos Andes. Um rio que ele não chegara a conhecer.

Estranhavam-se, aquelas águas.

E suas agitações obrigavam ele e os botos a descerem mais fundo, entrando numa espécie de cápsula, um rio dentro do outro, o Negro no Solimões.

Pouco depois, o escuro e o claro finalmente começaram a se unir. E ele sentiu que as águas eram como os humanos: estranham-se, mas, ao se conhecerem por

dentro, misturam-se.

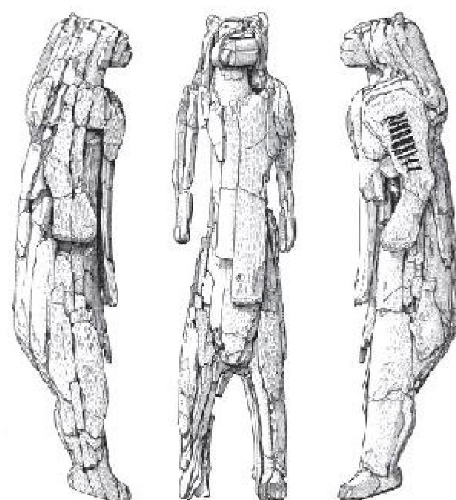
Os dois rios se haviam feito num só, e tinham um novo nome, e uma nova cor. Aquele rio mestiço, do tamanho do universo, era chamado Amazonas.

Havia finalmente chegado o momento de sua transformação.

Não num transumano, certamente não.

Os botos subiram à superfície sem trazer o corpo.

E o homem de botas que olhava da margem não percebeu nada. Viu botos. Continuou lançando sua rede de pesca sem reparar que a humanidade inteira havia passado à sua frente. Sem perceber que, naquelas águas misturadas, humanos e peixes eram como os deuses, ou como os espíritos da floresta, que não dependiam de corpos para serem imortais.



Caro A.,

Escrevo esta carta um tanto confusa, ainda muito emocionada ao saber da decisão tomada por Ignatius e profundamente abalada sem saber para onde levaram papai. Faz uma semana que a polícia está usando rastreadores e outros métodos tentando encontrá-lo, mas tudo indica que quem o levou tem inibidores de sinal para mantê-lo indisponível e o escondeu muito bem.

Mesmo angustiada e temendo por todos nós, conforme prometido e para que você possa publicar com urgência o primeiro volume, relato abaixo como foi que papai descobriu tanta coisa. Não acho que seja o caso de revelar tudo, tudo aos leitores. Confio no seu discernimento.

Para ser mais fidedigna, transcrevo nosso diálogo:

"E como foi que você descobriu tudo isso, papai?"

"É o meu trabalho, minha filha. Depois que fui resgatado daquela caverna e recobrei a consciência, tornei-me arquivista de memórias secretas nos laboratórios do Arquipélago. Mas, como os riscos eram enormes, nunca pude revelar minha verdadeira ocupação, nem mesmo a você."

"Mas como você sabe o pensamento de cada um?"

"Você precisa mesmo saber disso?"

"Vamos, papai, me conte..."

Papai hesitou durante muito tempo e tive até que parar o gravador, mas, temendo que alguma coisa acontecesse, ele resolveu me revelar seu segredo.

"Sou responsável por catalogar as memórias relevantes dos cérebros que temos em nosso sistema. Alguns anos atrás, tomei coragem para finalmente investigar também o que havia nos arquivos da minha própria memória. Enfrentei forte oposição, o que não tem sido fácil. Mas, ao perceber que nada de grave acontecia, porque ao menos no começo nada acontecia, fui cada vez mais fundo em minha pesquisa."

"Então, estão todos no arquivo?"

"Os corpos? Não. Não todos. Alguns desapareceram, outros estão imortalizados."

"Entendo, mas e..."

"As memórias, como você viu, estão todas no arquivo. Precisei da ajuda de uma engenheira de software que criou um algoritmo para acessar apenas aquilo que me interessava. Se não fosse o trabalho dela, eu passaria muitas décadas analisando memórias desimportantes, começando pelo parto de cada um." – Nessa parte o papai riu. "Para compreender as questões da alma, é muito importante que a humanidade conheça a história do Primeiro Imortal, o que, na verdade, é parte da sua história também, minha filha."

Molho este papel com minhas lágrimas angustiadas, caro A., ainda com esperança de que encontrem papai e pensando na história que finalmente acabo de revisar, e que lhe entrego apressada, temendo que possam vir atrás de mim... e de você também, meu caro confidente.

Faça cópias de segurança desse manuscrito e me envie um exemplar do livro assim que puder. Mas, enquanto papai não voltar, para qualquer comunicação comigo, use aquele endereço secreto que lhe enviei.

NÃO MANDE NADA PARA A MINHA CASA!

Yulia

– Carta de Yulia Temzrisovich a seu editor,
encontrada rasgada na caixa onde estava
o manuscrito do Primeiro Imortal.

Agradecimentos

A Nicole Ebinger-Rist, chefe de restauração do Escritório Estadual de Preservação de Monumentos no Conselho Regional de Stuttgart, agradeço pelas explicações detalhadas e fundamentais sobre seu magnífico trabalho na restauração do Löwenmensch.

Ao arqueólogo Prof. Dr. Claus-Joachim Kind, consultor de arqueologia no Escritório Estadual de Preservação de Monumentos de Baden-Württemberg, um dos responsáveis pelas descobertas recentes de novos fragmentos do Löwenmensch, obrigado por me abrir as portas da Caverna Stadel e compartilhar comigo um pouco de seu vasto conhecimento – além de me apresentar a deliciosa culinária tradicional dos Alpes Suábios.

Agradeço também a Kurt Wehrberger, curador e responsável pelo Departamento de Arqueologia do Museu de Ulm (Ulmer Museum), pelas informações preciosas e recepção calorosa diante da magnífica estatueta.

A André Delpuech, conservador-geral, a Marion Devys, do Departamento de Comunicação e a toda a administração do Museu do Homem (Musée de l'Homme), em Paris, agradeço por me apresentarem a bela coleção, além de permitirem o acesso a áreas restritas ao público para que eu pudesse ambientar uma parte importante deste livro.

Meu agradecimento e carinho à tribo Kamayurá, no Alto Xingu, especialmente ao cacique Kotoki Kamayurá por me acolher em sua aldeia com tanta gentileza e me ensinar tanto sobre sua cultura e suas tradições. Obrigado ao cacique desana Toalamã Domingos e também ao Fortunato, da etnia Tariano, e ao peruano-brasileiro Eduardo Venegas pelas aulas proveitosas no interior da Floresta Amazônica.

A Roberto Carminatti e Rune Bjerkestrand, da Piql, por me apresentarem os caminhos de Svalbard, onde vocês plantaram seu incrível arquivo digital.

Sou especialmente grato àqueles que tiveram participação direta na criação deste livro. A Tomás Pereira e Marcos Pereira, timoneiros da Sextante/Arqueiro,

o agradecimento pelo entusiasmo e pela determinação de fazer, sempre, o melhor livro possível. Às editoras Taís Monteiro e Virginie Leite, meu reconhecimento à importância que tiveram ao apresentarem suas análises e propor que eu fizesse uma última e decisiva revisão nos rumos da história de Ignatius. Meu agradecimento se estende a todos os que participaram deste projeto na Editora Sextante: os revisores Hermínia Totti e Luis Américo Costa, a designer Ana Paula Daudt Brandão, a equipe de Produção liderada por Ana Paula da Silva, a equipe de Marketing liderada por Mariana de Souza Lima, a equipe de Comunicação liderada por Marcela Cerqueira e, tão fundamental, a equipe Comercial liderada por Neyde Côrtes.

Meu obrigado aos amigos da produtora Studio Fly que emprestaram sua imaginação sem limites ao book trailer de *O primeiro imortal*, especialmente ao Matheus Ruas, ao Thiago Schenk e ao Aurélio Figueiredo.

A história do Imortal começou a ser criada em 2011, pouco depois de meu encontro com Robert Ettinger, a quem agradeço postumamente. Foi fundamental para mim também a leitura de *A grande história da evolução*, de Richard Dawkins, uma referência que não poderia deixar de mencionar.

Agradeço imensamente aos editores e produtores do programa *Fantástico*, ainda no tempo em que era dirigido por Luís Nascimento e agora sob a direção de Bruno Bernardes, pela oportunidade de contar histórias incríveis que de muitas formas me ajudaram a me preparar para este livro. Especialmente agradeço a Luiz Petry, Cadu Salgueiro, Gustavo Vieira, Tadeu Schmidt e Frederico Neves.

E ao longo desse tempo, mais intensamente depois de janeiro de 2017, quando escrevi o primeiro capítulo, muitas pessoas de alguma forma contribuíram para este livro.

Martha Ribas, Leila Name, Izabel Aleixo e Rodrigo de Almeida, obrigado pelo apoio contundente.

Registro meu agradecimento afetuoso aos leitores-escritores Ernani Lemos e Cristiano Gualda, que dedicaram seu tempo a ler e compartilhar suas impressões sobre a história durante o processo criativo. Obrigado a Mario Camera, Albert Steinberger, Luciana Rangel, Abir Nassee, Rafael Dapuzzo Souza, Paulo Nasciutti, Maria Cristina de Godói, Ana Cristina Schmidt, Humberto Curado e Denise Curado pelo apoio fundamental.

Agradeço muito ao querido Euler Matheus, meu tio, pelo exemplo de vida que em tudo está. A Vanitas, minha mãe infalível, todo agradecimento será pouco.

A Ana Cristina, minha companheira inseparável e primeira leitora de cada página, registro mais uma vez aqui meu agradecimento, sempre com amor.

Sobre o autor



Rodrigo N. Alvarez nasceu no Rio de Janeiro e passou duas décadas viajando pelo mundo como jornalista. Visitou mais de 50 países e morou nos Estados Unidos, na Europa e em Jerusalém.

Durante suas viagens, muitas vezes por lugares pouco explorados, obteve

inspiração e colheu informações para escrever *O primeiro imortal*.

Já vendeu mais de 800 mil livros, que foram publicados no Brasil, no México, na Colômbia e em Portugal.

Atualmente mora com a família nos arredores da floresta de Fontainebleau, ao sul de Paris.

 rodrigonalvarez.com

 rodrigo.n.alvarez

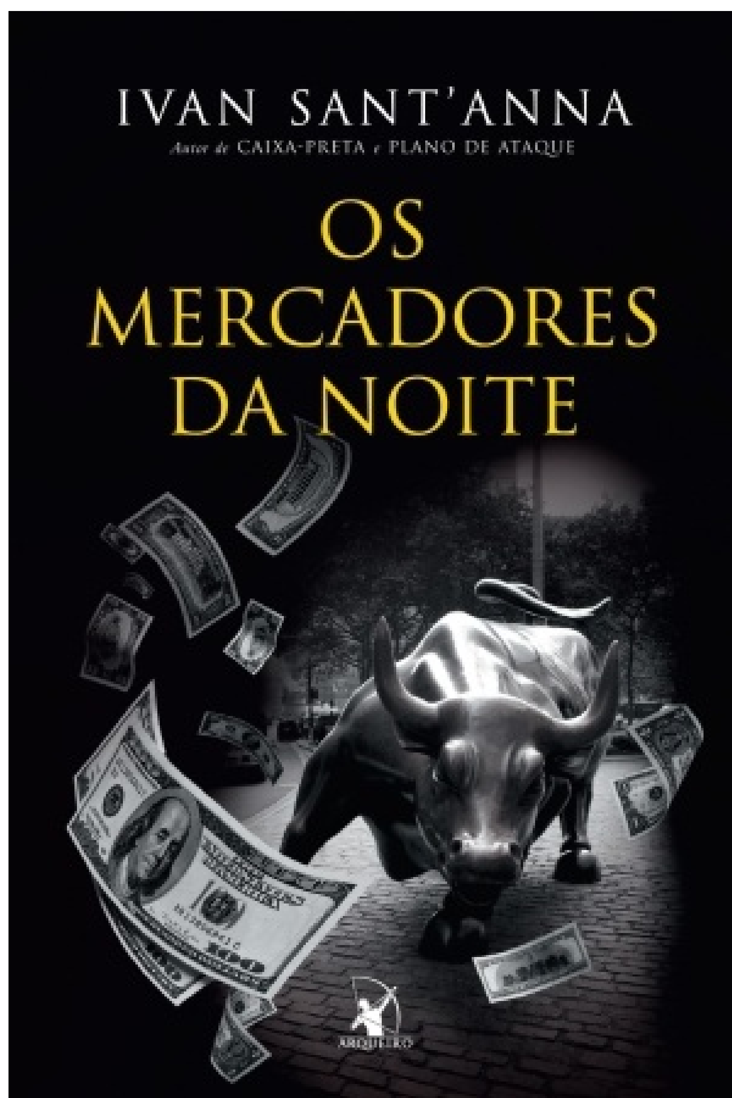
 @rodrigoalvarez

 @rodrigoalvarezoficial

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br





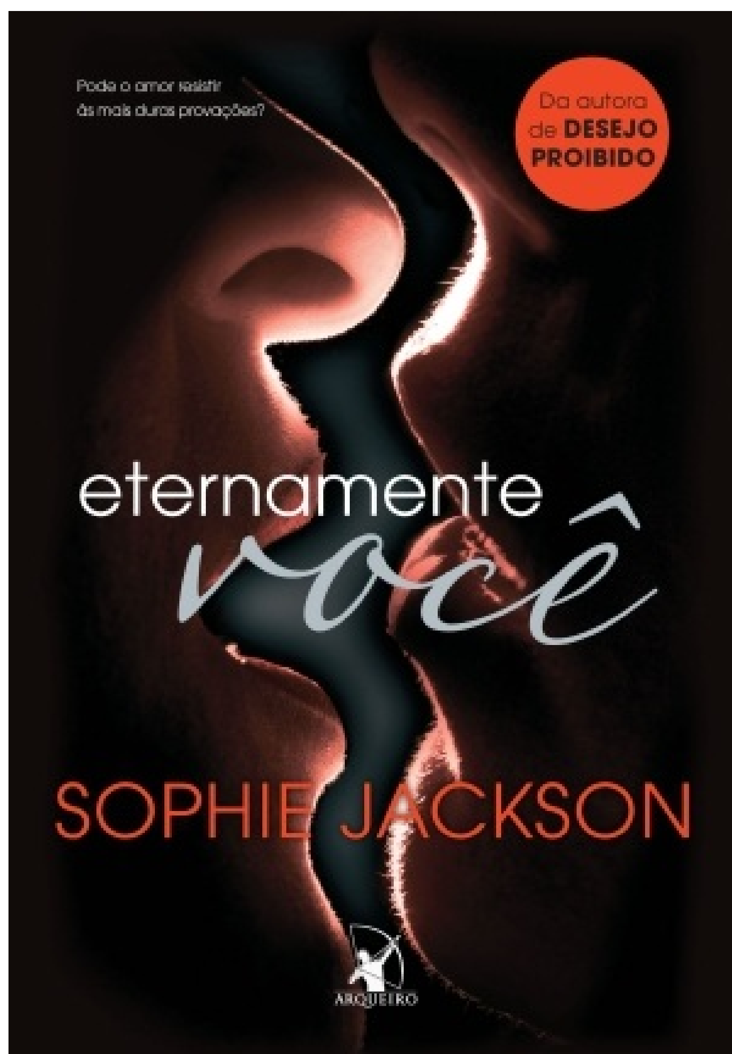
Os mercadores da noite

Sant'Anna, Ivan
9788580414158
488 páginas

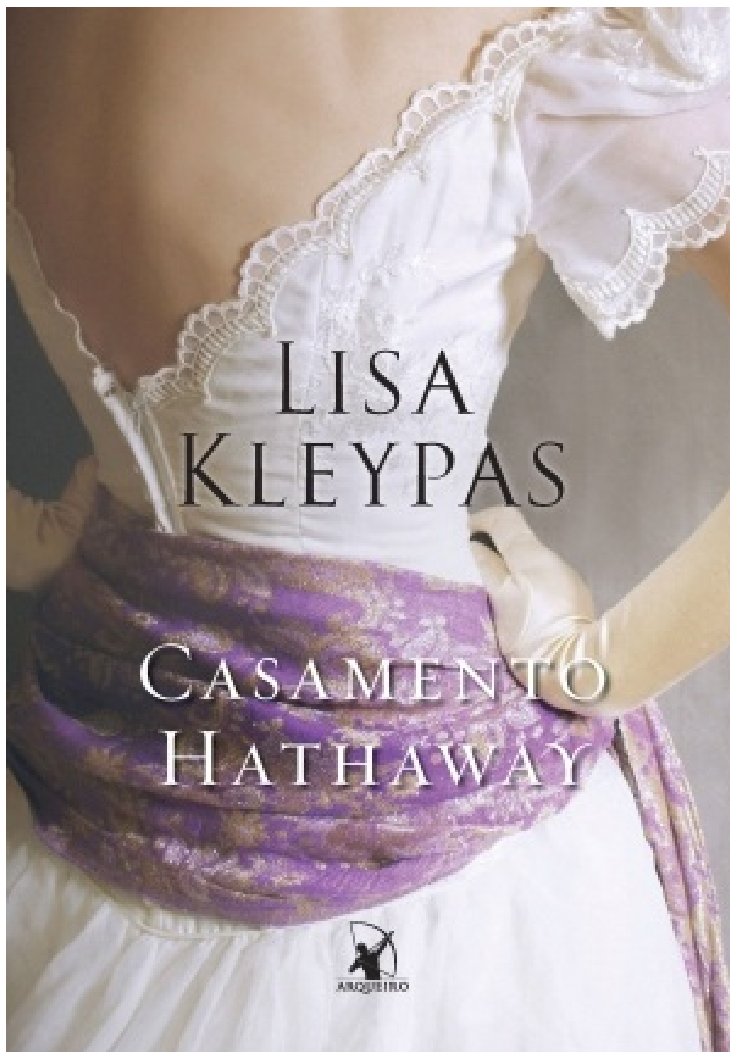
Compre agora e leia

Com a experiência de quem atuou na área por mais de 30 anos, Ivan

Sant'Anna criou um thriller surpreendente e emocionante, que tem o ritmo nervoso dos pregões das grandes bolsas de valores.Julius Clarence é um operador financeiro extremamente bem-sucedido que deixou a Bolsa de Mercadorias de Chicago para conquistar Wall Street e várias empresas. Mas, num mercado tão competitivo, tamanho sucesso vai lhe render, além de uma grande fortuna, um grande inimigo: Clive Maugh.Após muitos anos de disputa entre esses dois gigantes do mercado de capitais, Julius cria um plano para destruir o rival e provocar um colapso na economia mundial, mesmo que para isso seja necessário sacrificar sua própria empresa.Julius está prestes a dar a cartada final em um jogo eletrizante, repleto de traições e chantagens, onde o mais importante não é ganhar, mas quem vai perder."Os mercadores da noite tem um enredo que supera, e muito, os 'romances de homens de negócios' lançados às dúzias. Por dois motivos básicos: primeiro, consegue dar uma perspectiva real do que acontece num dos cenários mais fascinantes do mundo, o mercado financeiro global – sem deixar o leitor entediado; segundo, foge do padrão estereotipado de tantas obras do gênero." – Gazeta Mercantil


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

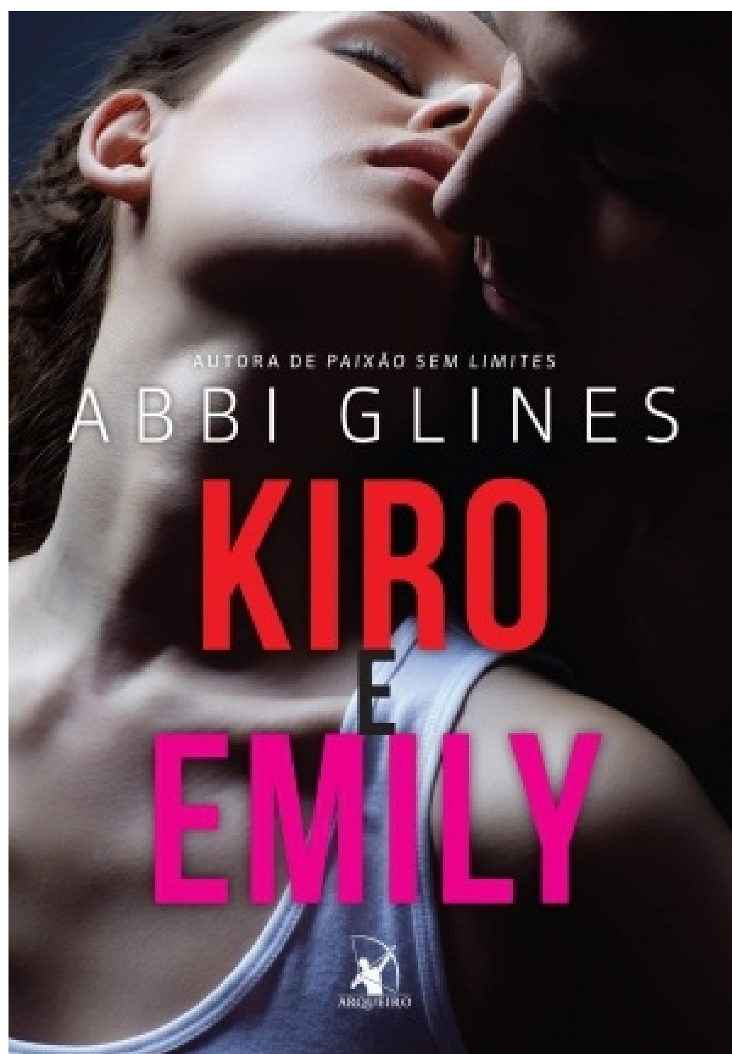


Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa
9788580418484
36 páginas

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém

imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa.Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.



Kiro e Emily

Glines, Abbi
9788580416107
120 páginas

Compre agora e leia

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com

ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock.Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show.Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado.Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade…Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com